Espere Resistência

um guia de campo

Se você nunca duvidou da integridade dos seus superiores
ou do direito deles de exigir que você obedeça, nem sentiu aquela
pontada de desejo por algo
que não pode ser encontrado nas lojas de departamentos
nem nas urnas eleitorais;

Se você nunca se apaixonou de forma tão profunda
que parecia que você vivia sonâmbulo até aquele momento, nunca
sonhou acordado de uma maneira desesperada
em uma reunião ou aula de matemática,
nunca foi levado aos extremos da emoção
enquanto todas pessoas ao seu redor permaneciam
frias e distraídas;

Se você nunca suspeitou que a verdadeira vida
deve estar em outro lugar, um lugar além das lojas
e condomínios, fora da estrada,
sobre os campos e oceanos...

...então talvez isto não seja para você.

Mas se você tem um lado da sua vida
que fica escondido, continue lendo.

A revolução não vai passar na televisão.
Nada vai passar na televisão.
...ou se passar, ninguém vai ver.

A revolução não vai te dar influência política, carros de luxo, ou antidepressivos de grife. Ela vai tornar tudo isso supérfluo.

A revolução não vai te ajudar a ganhar massa muscular ou tonificar suas coxas flácidas. Ela vai possibilitar que você se sinta bonito *no* seu corpo, não por causa dele.

A revolução não vai te dar superpoderes nem criatividade, audácia ou solução para conflitos. Ela vai remover os obstáculos que te impedem de exercer os poderes que você já possui.

A revolução não vai acabar com a violência, com as desavenças ou com as lutas interpessoais. Ela vai te oferecer a chance de finalmente lutar pelos teus próprios interesses, e deixar que as peças caiam onde elas devem.

A revolução não somente vai dar oportunidades iguais
a todos gêneros, etnias e nacionalidades —
ela vai acabar com as fronteiras que os separam.

A revolução não vai te tornar autossuficiente. Ela vai te deixar apto a cuidar dos outros, e os outros a cuidar de você.

A revolução não vai te dar o homem ou mulher dos teus sonhos. Ela vai mostrar a beleza única daqueles ao seu redor.

A revolução nem sempre vai te nutrir, te abrigar ou te curar, mas fome, sede e frio vão te preocupar muito menos.

A revolução não significa que tu finalmente vai receber o que merece. Ela vai te dar tesouros que ninguém jamais vai merecer, e ela vai te infligir uma dor para a qual nada te preparou.

A revolução não será simples, limpa ou fácil. Ela vai te ajudar a encontrar significado nas coisas difíceis, a ser corajoso ao encarar complexidades e contradições, a sujar as mãos e gostar disso.

A revolução não vai
acontecer amanhã —
ela nunca vai acontecer.
Ela está acontecendo agora mesmo.
Ela é um universo alternativo
que existe paralelo a este,
esperando que você troque de lado.

Espere Resistência

um guia de campo

Crimidéia é a brisa de um mundo que está por vir, contrabandeada através de todas fronteiras, dentro das mentes e corações de uma nação de milhões de dissidentes, arremessada nas vitrines em bilhetes fixados a tijolos. É tudo aquilo que foge ao controle — o dia livre na praia graças a uma doença fingida, o almoço grátis compartilhado quando o gerente não está, a rua livre de carros por uma hora durante uma manifestação, o sonho que se rebela e se torna realidade.

CrimethInc. é a ferrovia subterrânea que leva deste mundo ao próximo. Sobe aí.

Nã c! Publicado em português em 2013.

Coletivo CrimethInc de ex-trabalhadores, sobrevivendo para desafiar probabilidades e adversários. Venham nos pegar seus filhos-da-puta.

Traduzido colaborativamente no site *protopia.at*

Todos textos e imagens foram plagiados e manipulados por um processo coletivo. Qualquer coisa construída em qualquer linguagem é obviamente fruto do esforço de milhões de pessoas que desenvolveram as palavras e idéias que a constituem, não apenas dos especialistas listados nos créditos. Por favor, reproduza, traduza e ajuste este e todos outros livros de acordo com a sua vontade, citando ou não as fontes.

Esta não é nem uma história verídica, nem um trabalho de ficção. Esta é uma crônica de coisas que irão acontecer.

Este e outros materiais estão no site do CrimethInc. Extremo Sul
crimepensar.noblogs.org

A versão original deste livro e materiais
em outras línguas podem ser encontrados em:
www.crimethinc.com

"Quando o grande explorador estava morrendo, seus amigos se reuniram ao lado de sua cama e imploraram que ele removesse as partes do seu livro nas quais eles não conseguiam acreditar — que diluísse seus milagres com omissões criteriosas; mas ele respondeu que não tinha contado nem metade do que havia de fato visto."

Eles dirão* que nós recusamos tudo para fazer uma negação bela mas utópica — como se fosse uma obra de arte que estivéssemos criando. Eles dirão, como as gerações de niilistas que nos antecederam, que nós pronunciamos aquela negação grandiosa e então fomos levados por ela até as terras ermas do esquecimento e da aniquilação, que "o ar das crimidéias é irrespirável para as massas da humanidade". Eles irão louvar o produto — sendo esta sua especialidade — e negar a evidência. Eles irão afirmar que nós *não podemos ter vivido* — mas nós vivemos, *nós estamos vivos!* — e assim lhes damos estes fragmentos, estes registros precariamente catalogados, para cuspir em seus rostos... ou sussurrar em seus ouvidos enquanto dormem.

Um livro como este é apenas o pó dispersado pelas explosões na vida de estranhos, anotações feitas apressadamente de dias passados quando se lutava pelas liberdades, e as conquistava. Como todo pó desse tipo, estas brasas e cinzas podem reter um pouco do seu calor, capaz de ajudar a precipitar explosões em outras vidas. De outra forma, elas são inúteis. Não mexa nelas, a menos que você tenha interesse em criar incêndios.

* Eles dirão isso, ao menos, se nós falharmos.

{Prelúdio}

Marshall está raspando restos de espaguete de pratos, contando os minutos para o final do seu turno.

Pablo está lendo um livro no aeroporto, esperando o vôo para encontrar seu editor.

Samia está atrás de um balcão de recepção, trocando SMS com seu amigo Daniel.

I. A Fantasia Se Rebela...

Sim, e outros também.

Tudo começou quando Kate voltou de Seattle e jurou que não pagaria mais aluguel. É claro, tudo começou muito antes disso — quando Elias me mostrou como esconder um hambúrguer de frango embaixo da salada já que eu não podia pagar por uma refeição completa na cantina da escola, quando o pai de Kate telefonou para a companhia de energia elétrica e pediu que o cortassem a sua luz, quando Pablo saiu às pressas do aeroporto ao invés de pegar o avião para encontrar seu chefe — mas essas revoltas pessoais não tinham nada em comum até que nos conhecemos no acampamento.

Kate não era estudante; depois do ensino médio, ela teve vários empregos como vendedora. Com o passar do tempo, descobriu uma paixão por jardinagem ecológica e acabou indo morar em casas coletivas com estudantes e ativistas ambientais que tinham muito mais dinheiro que ela. Ela quase morria tentando pagar as contas que os outros mal notavam. Ela já tinha conhecido pessoas que tinham jurado não pagar mais aluguel, mas a maioria delas era de famílias mais ricas e podiam contar com uma grande rede de sofás mantidos por outras pessoas como elas. Kate ter decidido que poderia fazer a mesma coisa foi pura loucura.

Um dos estudantes com quem Kate morou estava envolvido na campanha contra a exploração de trabalhadores por empresas contratadas pela universidade, e a administração ainda estava enrolando para cumprir os acordos do ano anterior. O assunto surgiu na festa de aniversário de alguém, e Kate sugeriu que os estudantes montassem um acampamento de protesto que podia também funcionar como mora-

dia. Eu nunca achei que eles chegariam a fazê-lo, mas três dias mais tarde Kate montou sua barraca no pátio com uma grande faixa do lado e estudantes ativistas passavam lá no intervalo das aulas para segurar placas e distribuir panfletos.

Duas semanas depois, estava claro que a administração não tinha a menor intenção de cumprir suas promessas; eles estavam simplesmente esperando que os manifestantes retornassem aos seus dormitórios. Pouco sabiam o que estava fermentando lá no pátio. Quando começaram a surgir indícios de que o acampamento iria durar, outras pessoas apareceram, trazendo com elas uma empolgante mistura de idéias e determinação. Os novatos tinham uma noção de política diferente dos estudantes ativistas — eles não estavam apenas interessados em mudar a política da escola, mas também em mudar suas próprias vidas e o que mais estivesse ao seu alcance. Como Kate, eles estavam mais interessados em continuar com a ocupação do que chegar a um acordo com a administração.

Eu e meus amigos estávamos esperando para fazer algo com as sobras da cidade, a comida, os móveis e os materiais de construção que juntávamos em nossas incursões em seu ventre macio; nós transformávamos isso em refeições e equipamentos para camping que levávamos para o campus como nossa contribuição. Nós convidamos outras pessoas para ir conosco em nossas saídas, e logo estávamos trazendo mais coisas do que o necessário. Começamos a dar sacolas para os funcionários da cantina e da manutenção levarem para casa, e depois passamos a fazer entregas nos seus bairros.

Na semana seguinte, representantes da escola abordaram os organizadores da campanha contra o trabalho escravo, oferecendo-se para negociar se eles acabassem com a ocupação. Quando eles vieram nos consultar, nos recusamos a ceder; os estudantes tinham que anunciar que a ocupação iria continuar, ou então se saberia que haviam pessoas infiltradas na ocupação que não eram estudantes. Finalmente, a administração ameaçou remover o acampamento com ou sem a cooperação dos estudantes.

Eles esperaram tempo demais para agir. Foram publicados artigos sobre o acampamento em todos os jornais; se a escola mandasse a polícia contra nós, eles teriam que responder em rede nacional. Mais importante, nós fizemos conexões com as pessoas invisíveis que mantinham a infraestrutura que dava vida à faculdade. A idéia de uma greve crescia entre os trabalhadores do campus; nós já tínhamos dado

garantias àqueles que conhecíamos de que poderíamos ajudá-los com comida e apoio durante a greve.

O acampamento se tornou um nervo central para uma comunidade que não existia até o momento em que começamos a levantar nossas cabeças. Eu e meus amigos começávamos os dias na biblioteca, utilizando uma falha do laboratório de informática para imprimir centenas de panfletos e filipetas. Nós os levávamos ao acampamento e os colocávamos em uma mesa de literatura grátis. Toda a tarde discutíamos política, economia e libertação com os estudantes que apareciam. À noite, nos encontrávamos com os trabalhadores do campus e com outras pessoas do local. Esses encontros às vezes terminavam em amargos conflitos sobre o quão longe poderíamos ir, quais eram nossos objetivos e quais acordos valia a pena aceitar; nem todo estudante, manifestante ou trabalhador estava pronto para um confronto direto com as autoridades, mas aqueles que estavam se encontraram e fizeram planos. Diego e eu terminávamos as noites dirigindo, passando em todos os mercados da cidade; os empregados de alguns deles começaram a separar grandes caixas de comida para nós.

Juntos viajamos ao limite extremo das nossas noções do que era possível; nosso acampamento estava na extremidade mais distante delas. Graduandos de ciências políticas começaram a se preocupar mais com os aspectos práticos da luta contra o poder hierárquico do que com objeções teóricas a ela levantadas pelos seus professores. Estudantes de antropologia começaram a enxergar suas próprias vidas como experimentos de socialização subversiva. Criminosos e marginais imaginaram um sindicato de ladrões que poderia coordenar ações por toda a cidade para dar poder a uma economia alternativa baseada em presentes. Chefs de cozinha fantasiaram sobre serem capazes de cozinhar tudo que quisessem para as pessoas e somente o que tinham vontade; lavadores de pratos, como eu, descobriram como era mais gratificante lavar de graça os pratos dos nossos amigos do que lavar os de estranhos em troca de dinheiro. Nosso olhar ia além de nossas barracas, para os prédios que as cercavam: eles também podiam ser nossos.

Quando era criança, eu tinha uma fantasia na qual um mensageiro vinha me resgatar. Ele aparecia sem avisar e sussurrava, em uma voz que só eu ouvia: *"Pegue suas coisas, eu vim para te levar para casa."* Algum tempo depois, sempre que passava por um carro vazio, com a ignição ligada, eu me imaginava entrando nele e dirigindo para muito, muito longe. E mais tarde, eu contemplei o suicídio, que é o que os

adultos fazem quando eles não conseguem mais agüentar suas vidas e não sabem como mudá-las. Diego e eu estávamos voltando de um prédio em obras, com o porta-malas cheio de material para construir barricadas quando me dei conta de quanto tempo já fazia que eu não tinha tais pensamentos. Meu companheiro atrás do volante era o mensageiro; o veículo em que andávamos era aquele carro roubado; minha antiga vida estava atrás de mim, e eu ainda estava vivo.

Quando eles finalmente nos despejaram, nós pensávamos que ninguém poderia nos deter. Kate e eu estávamos apaixonados, estudantes estavam largando a faculdade, os trabalhadores estavam em greve, e todo o campus estava em reviravolta. Nós ríamos como bêbados na traseira do camburão, brincando sobre o que faríamos a seguir. Ainda iríamos descobrir a enormidade dos nossos oponentes.

Ao sair da delegacia naquela noite, nós tremíamos no ar gelado, e todas as coisas no mundo que nunca tínhamos notado antes de repente ficaram evidentes. Havia nuvens de tempestade à frente, amontoados de neve branca refletiam as luzes da cidade quando passavam por nós; eles nos falavam de outras terras, coisas por vir, dias à nossa frente quando tudo seria muito diferente do que conhecíamos — principalmente nós mesmos.

Este mundo, o chamado "mundo real", é só uma fachada.
Puxe as cortinas e você verá que as bibliotecas estão cheias de fugitivos escrevendo romances, as estradas estão cheias de foragidos e simpatizantes, recepcionistas e mães sensatas estão forçando as correntes por uma chance de mostrar como elas ainda estão cheias de vida... e todo aquele papo sobre pragmatismo e responsabilidade são apenas ameaças e blefes para evitar que a gente estenda as mãos e descubra que o paraíso está ao nosso alcance.

HÁ UM MUNDO SECRETO ESCONDIDO NESTE.

Você pode sentí-lo no choque e no brado de um inesperado primeiro beijo, ou no sangue na sua boca naquele instante após o acidente quando você percebe que está vivo. Ele flutua na brisa que você sente sobre os telhados em uma louca noite de aventuras. Você o ouve na magia de suas canções favoritas, como elas o fazem flutuar e o transportam de formas que a ciência e a psicologia jamais poderão explicar. Talvez você tenha visto provas dele rabiscadas nas paredes de banheiros num código que você não conseguiu decifrar, ou você conseguiu distinguir um pálido reflexo dele nos filmes que supostamente devem nos manter distraídos. Ele está entre as palavras quando falamos dos nossos desejos e aspirações, oculto em algum lugar embaixo dos limites do que acreditamos ser possível e permissível.

Quando os poetas e radicais ficam acordados até o nascer do sol, quebrando suas cabeças para conseguir a perfeita seqüência de palavras ou feitos que irão incendiar os corações das cidades, eles estão tentando encontrar uma passagem secreta para ele. Quando crianças fogem pela janela para passear tarde da noite ou defensores da liberdade procuram por um ponto fraco nas fortificações do governo, eles estão tentando invadí-lo — pois eles sabem melhor do que o resto de nós onde as portas estão escondidas. Quando adolescentes vandalizam um anúncio publicitário para provocar perseguições com a polícia que durarão a noite inteira ou quando anarquistas interrompem um protesto ordeiro para quebrar os vidros de um banco, eles estão tentando arrombar os seus portões. Quando você está fazendo amor e descobre uma nova sensação ou região no corpo do seu amante, e vocês dois se sentem como exploradores descobrindo um oásis no deserto ou a costa de um continente desconhecido vocês estão mapeando

as suas fronteiras.

Alguns o encontram na sensação de perigo: o sentimento de que, por um momento que parece eclipsar o passado e o futuro, algo real está em jogo. Para outros, é um lugar de segurança e refúgio em um mundo de insensata brutalidade e destruição.

Talvez você tenha tropeçado nele por acidente, maravilhado com o que encontrou. O velho mundo se despedaçou atrás e dentro de você, e nenhum físico ou metafísico jamais poderá montá-lo novamente. Tudo antes disso parece trivial, irrelevante, ridículo enquanto os horizontes se expandem ao seu redor e novos caminhos jamais sonhados se oferecem a você. E talvez você tenha jurado que jamais voltaria para o lugar de onde veio, que viveria o resto da sua vida eletrificado por essa urgência, essa emoção da descoberta e da transformação — mas você voltou.

O bom senso dita que esse mundo só pode ser vivenciado temporariamente, que ele é apenas o choque da transição e nada mais; mas os mitos que compartilhamos ao redor de nossas fogueiras contam uma história diferente: nós ouvimos falar de mulheres e homens que ficaram lá por semanas, anos, que nunca voltaram, que viveram e morreram como heróis. Nós sabemos, porque o sentimos naquela parte ancestral dos nossos corações que guarda a memória de liberdade de um tempo antes do tempo, que este mundo secreto está por perto, nos esperando. Você pode vê-lo no brilho dos nossos olhos, em nossas danças e casos amorosos, no protesto ou na festa que foge de controle.

Você não é o único tentando encontrá-lo. Nós também estamos aqui — alguns de nós estão inclusive lá na frente, te esperando. Por favor, saiba que tudo que você já fez ou pensou em fazer para chegar lá não é loucura, mas é belo, nobre, necessário.

Quando falamos de revolução, a idéia é entrar nesse mundo secreto e nunca mais sair — ou que possamos destruir este mundo, para revelar completamente o que está abaixo dele.

Também pode acontecer, se você andar ao longo dos densos muros desta cidade, e quando menos espera, você vê uma rachadura se abrir e uma cidade diferente aparecer. Então, um instante depois, ela já desapareceu. Talvez tudo dependa de saber quais palavras falar, quais ações executar, e em que ordem e ritmo; ou talvez o olhar, a resposta, o gesto de alguém seja o suficiente. Basta alguém fazer algo pelo puro prazer de fazer, e que o seu prazer se torne o prazer dos outros: nesse momento, todos espaços mudam, todas alturas, distâncias; a cidade fica transfigurada, se torna cristalina, transparente como as asas de uma libélula. Mas tudo deve acontecer como que por acaso, sem dar muita importância a isso, sem insistir que você está executando uma operação decisiva, lembrando-se claramente que a qualquer momento...

...a velha cidade vai retornar e lacrar o seu teto de concreto, neon e fuligem sobre nossas cabeças.

Antes que a primeira flecha saísse zunindo de um arco, os seres humanos já sonhavam em voar. Sem asas, eles deitavam de costas em campos espinhentos, observando os pássaros. Os seus descendentes trocavam histórias de tapetes voadores, cavalos alados e sandálias, bruxas em vassouras, mulheres que vestiam casacos mágicos e viravam cisnes. Feiticeiros e xamãs procuravam elevação através de experiências místicas; cientistas populares faziam planos de roubar as asas dos anjos, assim como Prometeus roubou o fogo dos deuses.

Há onze séculos, Abbas Ibn Firnas, um dos primeiros pioneiros da aviação cujo nome nos é conhecido, se jogou de uma montanha com um planador feito em casa. Ele tinha sessenta e cinco anos de idade. Inspirado, um monge inglês projetou asas de acordo com a descrição de Ovid das asas que Dédalo construiu; elas o carregaram por duzentos metros pelo céu, mas ele quebrou ambas as pernas quando aterrissou. Marco Polo voltou à Europa para relatar que os chineses estavam mandando pessoas aos céus em pipas; Leonardo da Vinci desenhou esquemas de um helicóptero; três séculos antes do famoso vôo em Kitty Hawk, um cientista turco voou centenas de metros no céu e pousou com segurança no Bósforo. Centenas, se não milhares, de pessoas morreram em tentativas semelhantes de chegar um pouquinho mais perto do céu. Era uma obsessão mundial.

Algumas gerações mais tarde, eu estava sentado em um aeroporto esperando por um vôo atrasado, um viajante anônimo em meio a uma multidão irritada. Fechei o livro e coloquei-o de volta na minha pasta,

ponderando que o caso amoroso da minha espécie com o ato de voar tinha esfriado. Talvez fossem as longas filas para passar nos pontos de segurança: havia novas restrições a líquidos na bagagem de mão, e os passageiros tinham que passar por vários grupos de homens mandões em uniformes formais apenas para encontrar um assento. Talvez fosse o tom estridente da voz nos alto-falantes seguido de avisos de ainda mais atraso; talvez fosse o incômodo do ar estagnado, viciado, ou a idéia bizarra de que em algum lugar lá fora existiam pessoas que queriam arremessar aviões contra prédios conosco dentro.

Há muito tempo, alguns declararam que as viagens aéreas uniriam as pessoas, apagando as fronteiras e os preconceitos para inaugurar uma nova era de amizade e de compreensão universais; eu refletia sobre isso enquanto meus companheiros de viagem mexiam em seus celulares, meticulosamente evitando o contato visual com outras pessoas. Futuristas haviam alardeado que a velocidade e o brilhantismo do vôo iria inspirar uma felicidade transcendental. Esperando na pista de decolagem, onde os corações dos irmãos Wright saltitavam, os outros passageiros folheavam catálogos preguiçosamente e baixavam as cortinas para tapar o sol. O desafio de voar havia comandado as paixões dos mais corajosos e bravos dos meus ancestrais; quando nosso avião decolou, depois de ignorar a apresentação robótica dos procedimentos de segurança, seus herdeiros dariam uma breve olhadela na paisagem escultural pela minúscula janela antes de se acomodarem para assistir... um filme! Dez mil gerações sonharam em voar, e nós precisamos de filmes para anestesiar o nosso tédio no ar!

Talvez voar simplesmente não fosse tão bom, no fim das contas. Algumas maravilhas que foram caçadas por muito tempo acabaram sendo decepções; talvez a maioria delas seja. É claro, esta explicação ignora o fervor dos escritos de Antoine de Saint Exupéry, ou as forças que levaram ele e outros a continuar voando em situações cada vez mais perigosas até que a sua sorte acabasse. Também ignora as experiências de pessoas que eu mesmo conheci: afinal, a Chloe não conta que roubar a asa-delta de seu tio foi a experiência mais empolgante da sua juventude?

A alternativa não era tão óbvia, e suas implicações eram mais dramáticas. E se voar, como conhecemos, não era voar? Isolados emocionalmente da aventura de subir no ar, fisicamente isolados da paisagem abaixo, privados de toda sensação de estar voando exceto por uma leve náusea, nós poderíamos igualmente estar amontoados na câmara de

um tanque de isolamento. Meus companheiros aeronautas iam desembarcar em um aeroporto idêntico àquele no qual embarcaram, impacientes para continuarem suas vidas ocupadas; não havia nem mais o fingimento de que eles eram parte de algo glorioso, que tinham algo em comum com os intrépidos e viajantes de tempos idos. Talvez os xamãs da pré-história soubessem mais sobre voar do que os homens de negócio com seus cartões de milhas jamais saberão.

E se voar não fosse realmente voar, assim como as próprias viagens, jantares, sexo, trabalho, amizades, romance, vida? E se eles, também, não fossem eles? Todas pessoas à minha volta estavam com olhares vazios voltados às televisões que pendiam do teto. Alguns segredos estão escondidos à vista de todos.

Será que eu nunca tinha vivido? Tinha viajado, mas em todo lugar onde fui as pessoas falavam a minha língua, aceitavam o meu dinheiro, afirmavam as minhas afirmações. Morei em apartamentos alugados, construídos e mantidos por pessoas que nunca encontrei; não sabia como construir uma casa, nem mesmo como consertar o meu encanamento. Comprava produtos alimentícios de supermercados sem a menor idéia do que havia neles ou de onde eles vinham; não sabia como era caçar e matar um animal ou ter que depender de uma horta para sobreviver. Fazia doações à caridade, mas nunca fiz nada sério para corrigir injustiças ou mesmo interagir com quem as sofria. Votei em políticos e assinei petições, mas nunca organizei nada na minha comunidade, nunca parei uma retroescavadeira ou comecei um tumulto. Tinha sonhos e aspirações, mas parecia que tinha visto mais filmes de ação na televisão do que tido aventuras na vida real. Havia coisas que adorava fazer, objetivos que esperava alcançar, mas eu passava muito mais tempo trabalhando para pagar o aluguel, a comida, a caridade, a televisão.

Vinha refletindo sobre essas questões há meses antes de chegar no balcão de check-in, mas a situação no Portão Dez deixava tudo muito nítido. Queria viver tão sinceramente, o que quer que isso significasse, mas estava encasulado em uma sociedade que parecia tornar isso impossível, que tinha se vendido aos seus cidadãos dizendo justamente que tornaria isso impossível.

Eu era como todos os outros só que não tinha uma hipoteca para pagar, uma família para alimentar, ou um vício em remédios tarja preta para sustentar. Talvez pudesse encontrar uma saída. É claro, eu não tinha idéia do que fazer ou onde ir; tudo o que eu tinha para continu-

ar era a vaga noção de que deve haver algo mais lá fora. Não importa como eu olhasse, certos fatos da vida não pareciam ser negociáveis: sem uma renda, por exemplo, imaginei que nunca iria andar de avião de novo a não ser que fosse deportado de alguma forma.

Considerei a possibilidade. Quantas pessoas podem dizer que foram deportadas? Muitas, mas não muitas do meu círculo social. Essa era outra forma de isolamento, outra camada do casulo.

Será que eu estava realmente tão desesperado para saltar de um precipício sabendo que iria aterrissar em algum lugar ou deixar de existir? Não podia negar que uma parte de mim simpatizava com a idéia. Que ironia: o vôo real que a minha civilização oferecia não me atraía nem um pouquinho, mas o proverbial salto no vazio fazia o meu pulso acelerar. Ao saltar, eu poderia ser um explorador como os meus ancestrais, um pioneiro como Abbas Ibn Firnas.

Se eu o fizesse, todo mundo que conhecia me acusaria de voar para fora do mundo, iludido, como Ícaro. Eu teria que lutar contra a convicção, incutida em mim desde a infância, de que aqueles que não fazem a sua parte na sociedade são fracassados, parasitas. Por outro lado, se...

Mas, depois de muita espera, o avião finalmente chegou no portão. Fizemos fila obedientemente para embarcar em ordem de status econômico. Aquele avião nunca cairia no Bósforo nem voaria perto demais do sol. Se eu quisesse algo além do futuro que já estava escrito para mim, teria que partir sozinho.

Até que nossas exigências mais fantásticas sejam satisfeitas, a fantasia sempre estará em guerra com a realidade.

Ela seqüestra aulas de história e funerais, arma emboscadas para secretárias no caminho para a máquina de café, transforma trilhos em tobogãs e shopping centers em parquinhos — ela deixa a vida girando *fora de controle*. Diretores de cinema tentam aproveitá-la, agentes de viagens tentam vendê-la, partidos políticos tentam recrutá-la; mas a fantasia, assim como aqueles que a buscam sinceramente, não serve a nenhum senhor.

Agora que todos os continentes foram conquistados e todas as terras exploradas, nada é mais precioso do que passagens para novos mundos. Fés produzidas em massa são assombradas por milhares de sonhos de fuga — e a ilusão tece melhores asas para a juventude ansiosa por voar do que o pragmatismo jamais ofereceu aos nossos ancestrais.

Como revolucionários, *é claro* que estamos lutando pelos nossos sonhos! Quando não podemos agüentar mais uma hora *disto*, tomamos o partido dos momentos em que surpreendemos a nós mesmo, dos lampejos em que tudo parece possível, experiências intensas que podem durar só alguns instantes — e portanto de todo impulso reprimido, prazer proibido, sonho inexplorado, todas as canções sufocadas que, livres, poderiam criar uma reviravolta jamais vista. *E depois, quando a poeira assentar, vamos tomar o seu partido de novo.*

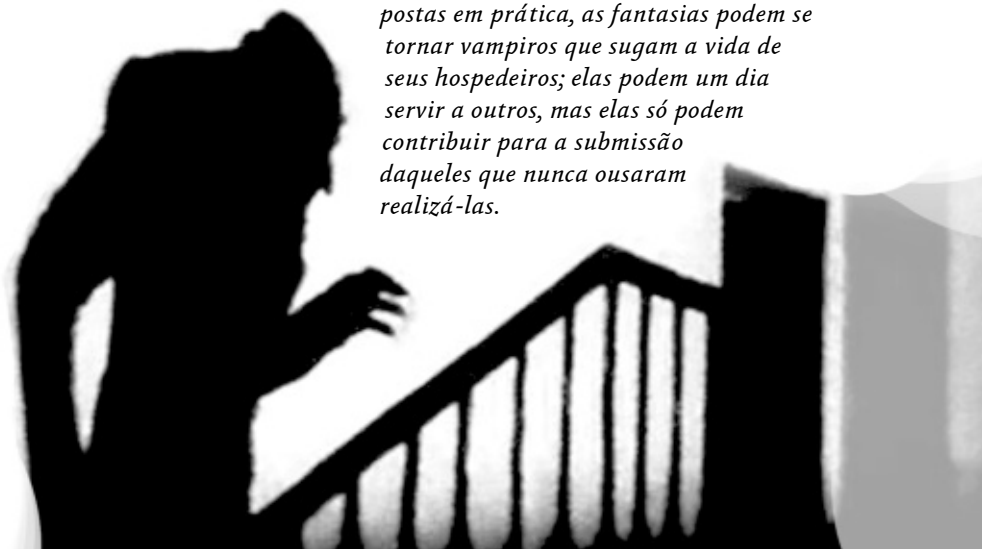
Chame isto de escapista — talvez seja; mas que tipo de pessoa é mais assombrado pela ideia de escapar? Prisioneiros. Certo ou errado, egoísta ou generoso, possível ou impossível, nós vamos *sair daqui*.

O convite a um novo mundo pode levar uma vida ou mais para se estender; o status autoimposto de excluídos pode ser estabelecido de

forma a receber as transmissões, para dar o solo no qual as sementes possam brotar. Aquele que fizer isso não está se arremessando da vida no final das contas, mas dando a ela uma porta de entrada — silenciosamente metabolizando o lixo do velho mundo para o novo, assim como outros "parasitas" fazem.

Alguma vez já reclamamos de sermos malcompreendidos, injustiçados ou ignorados? Esse destino é o que nos diferencia: nós não nos levaríamos suficientemente a sério se desejássemos que fosse de outro modo. Tudo o que é grandioso acontece longe do mercado e da fama; inventores de novos valores e arquitetos de novos paradigmas sempre se esconderam nas margens, passaram fome nos guetos, agiram nas sombras. Ainda não há espaço nas ruas ou nos jornais para os pacotes que temos para entregar.

Mas cuidado — se não forem postas em prática, as fantasias podem se tornar vampiros que sugam a vida de seus hospedeiros; elas podem um dia servir a outros, mas elas só podem contribuir para a submissão daqueles que nunca ousaram realizá-las.



Todo o tempo, ele achou que estava recém no começo da grande narrativa da sua vida, e que tinha tempo de sobra antes de partir para as aventuras que descrevia com antecedência tão apaixonadamente para mim. Só no fim descobriu que tinha sido um personagem periférico em uma história muito diferente.

Desde o princípio, a morte só estava esperando o momento certo para mandar o seu corpo se rebelar. A tripulação abandonou os seus postos, apagaram suas lanternas, atearam fogo à embarcação e se dispersaram no vento.

Ainda tinha coisas que eu gostaria de lhe perguntar, conversas que esperava continuar, mas era tarde demais. Ele havia se tornado uma memória, uma espécie de modelo que existia somente nas pessoas que ele assombrava; o mistério daquelas discussões inacabadas estava gravado no mundo para sempre. Eu ainda tinha seus e-mails no meu computador, só que não havia mais ninguém do outro lado.

O que qualquer um de nós não daria por uma audiência com um de nossos arquétipos! Alguns deles partiram para a eternidade sem nem precisar morrer.

A morte acaba com os abismos que nos separam uns dos outros — e de nós mesmos e dos nossos passados. Ela interrompe a história que projetamos para nossas vidas, removendo as conexões entre os momentos isolados da nossa experiência — deixando-os aprisionados, mudos, na eternidade.

Esse vazio não apenas rodeia a nossa existência, mas também cerca e isola todos os momentos, tornando-os irrevogáveis e extrema-

mente preciosos. Nós tememos só de pensar nele porque ele nos força a reconhecer que nunca poderemos voltar para nenhum único momento de nossas vidas.

Eu nunca tinha pensado muito sobre a morte antes do Daniel morrer. Ainda estava em choque quando fomos à missa de sétimo dia. Era inquietante se sentir tão triste e ainda assim tão entorpecida, incapaz de lidar com a minha tristeza. Mesmo cercada por outras pessoas de luto, eu me sentia isolada, sozinha com meus pensamentos e com minha tristeza, sem nenhuma válvula de escape para o desesperador sentimento de urgência que me possuía. Se já houve um momento para chorar e se arrancar os cabelos, para pular em cima da mesa e cantar aos berros canções em sua memória, para jurar vingar a sua morte absurda através de nossas próprias vidas, esse momento havia chegado. Mas essa tarefa estava além de nós. Os rostos ao meu redor pareciam indiferentes, até mesmo entediados.

Eu nunca tinha pensado muito sobre a morte até esse momento, apesar de que sempre soube que iria morrer, desde criança. Ou seja: *eu já estava entediada com o fato da minha mortalidade desde que me conheço por gente*. Será que eu estava em negação, ou será que estava apenas tão entediada com tudo mais que isso não importava?

Na manhã seguinte, eu estava de volta ao quarto andar com uma vista do prédio idêntico do outro lado da rua, remexendo nos faxes que haviam chegado no fim-de-semana. Meu café-da-manhã seguia na mesa, intocado, e o telefone continuava tocando. Nem sempre estive entediada; mesmo naquele escritório, eu sorrateiramente lia os livros que ele me emprestava e tínhamos boas conversas por telefone ou pela internet.

Uma mensagem eletrônica chegou: a máquina de café tinha quebrado e cabia a mim consertá-la. E se ele soubesse que ia morrer? Teria feito uma contagem regressiva até o dia fatídico, teria vivido de forma diferente? Teria ele se paralisado frente a esse conhecimento horrível?

De alguma forma, derramei café por todo balcão; o pacote dos bolinhos estava encharcado. Eu peguei o pacote, já ia jogá-lo fora, quando congelei com ele em uma mão e um punhado de guardanapos na outra — eu estaria encrencada se não houvesse mais bolinhos, será que conseguiria salvar algum? — apenas tempo suficiente para o telefone começar a tocar.

Deixei tocar e joguei os bolinhos no lixo. E se eu soubesse com antecedência o momento da minha morte? Ela estava me esperando no futuro, como a de Daniel o esperou, assim como a de todo mundo. Se alguém pudesse observar o tempo de cima, olhando toda a história de uma vez só, nós pareceríamos todos mortos-vivos se movendo inconscientemente por trilhos, rumo a um fim inevitável.

Imaginar isso não exigia muito esforço, afinal, eu já sabia o meu cronograma de trabalho para todos os dias até o final de dezembro. Dez anos atrás, um verão era uma eternidade; agora, anos inteiros passavam voando em um grande borrão interrompido apenas por mortes, casamentos e outras catástrofes. Não existe observação mais lugar-comum do que esta, mas até onde sei ninguém estudou ainda por que crianças e adultos vivenciam o tempo passar de forma tão diferente.

Desliguei a máquina de café da tomada e levei-a comigo até o elevador. Em incontáveis outros prédios, incontáveis outras secretárias estavam lutando com incontáveis máquinas de café; incontáveis elevadores levavam incontáveis empregados para incontáveis banheiros; incontáveis telefones tocavam e tocavam e tocavam. Eles eram como uma manifestação física da inevitabilidade das nossas vidas e mortes, uma máquina nos empurrando a uma velocidade máxima por nossos caminhos pré-definidos. Apertei o botão para o último andar.

A morte é a maior das imposições sobre a nossa liberdade e a maior barreira a ela, mas ela apenas formaliza as renúncias que nós mesmos fazemos, momento a momento, durante toda nossa vida. Imaginei todos ocupantes desses prédios comerciais se levantando num motim como as células do corpo de Daniel.

Desci do elevador no último andar e caminhei para o local onde o zelador às vezes vai para dar uma fumadinha. Não havia ninguém lá. Abri a janela e balancei a máquina de café pelo seu fio, onze andares acima da calçada. Soltei-a. Ela encolheu à minha frente até que se ouviu um estrondo distante; um pedestre deu um pulo para trás, surpreso.

Foda-se, eu disse a mim mesma. *Observem, o primeiro alvorecer que o mundo jamais viu.* Esta é a rebelião dos mortos.

Você treme um pouco
ao passar pela porta.

Hoje você nasceu,
da tristeza abismal e
do conhecimento inútil,
de palavras, aparelhos,
instrumentos de cálculo e destruição;
de ódios e holocaustos,
de terríveis fantasmas
e destinos, crimes, visões,
do desastre...

...e do desespero,
que agora é seu amigo.

Naquele dia eu pedi demissão, joguei minha carteira no lixo e parti para quebrar todas regras que conhecia. Levou muito tempo.

Ah, se isso fosse verdade! Eu não fiz tal coisa. Mesmo saindo do aeroporto, eu estava mais é representando um papel; eu não ia construir um planador e me lançar no abismo. Já era difícil o suficiente fazer esse gesto desafiador, parecia uma ruptura no próprio tecido da realidade. Eu nunca fui o tipo de pessoa que cancela uma viagem de negócios depois de ir até o aeroporto! Foi só bem mais tarde que desenvolvi a habilidade de quebrar as rotinas sem piscar.

Lá dentro, eu ainda era um espelho da minha sociedade. As forças que me compunham, apesar de se confrontarem, estavam organizadas em uma hierarquia estritamente regimentada; eu cultivava ressentimentos, vontades ilícitas, impulsos de me rebelar, mas todos eram mantidos sob controle. No meu coração, bem como na cidade onde vivia, havia uma polícia sempre vigilante, guetos inquietos, inúmeros tiranos, florestas dizimadas, tesouros acumulados enferrujando dentro de cofres. Minhas associações com as outras pessoas eram como relações diplomáticas entre nações: pactos de não-agressão, maquinações por trás dos panos, poderes autoritários negociando acima das massas oprimidas separadas por fronteiras bem policiadas. Havia momentos em que uma facção renegada precipitava um levante, como o caso amoroso com Chloe, que destruiu meu casamento, e tudo tinha

que ser retrabalhado; mas a ordem básica, e sobretudo os acordos que a salvaguardavam, sempre ficaram inabalados.

A mudança fundamental que aconteceu naquela tarde era invisível, apesar de no final ter tido efeitos espetaculares. Dali em diante, eu me identificava com as correntes insurgentes dentro de mim e contra a sociedade que as rejeitava. Eu sempre as enxerguei como algo estranho e perigoso, flertava com elas mas as mantinha sob os panos; porém no aeroporto, quando permiti que elas tomassem as rédeas em plena luz do dia, o mundo não acabou. Eu cruzei a linha entre o flerte e a indulgência, descobri que havia algo além, e queria mais. Se os meus próprios hábitos e obrigações obstruíam o meu caminho, azar o deles.

Eu sabia que havia salto-livre profissional para pessoas como eu, turismo de aventura e drogas de recreação e todos os tipos de válvulas de escape, mas eu estava disposto a me guardar para a coisa real. Todas as opções de carreira e os símbolos de status que eu trabalhei minha vida toda para acumular estavam começando a parecer obstáculos e charadas. Eu deixaria as camadas selvagens dentro de mim se aprofundarem e se espalharem até que pudesse dar início, com minha própria selvageria, a uma reação em cadeia que tornaria o mundo um lugar hospitaleiro para elas.

Toda revolução é a revolta de um povo contra si mesmo. As mãos que constróem arranha-céus são as mesmas que montam barricadas. Como um corpo em convulsão, dolorosamente se transformando em outra coisa, as pessoas dominadas por desejos de insurreição se destacam de tudo o que elas conhecem e tentam se reconstituir como uma nova sociedade.

Toda luta que acontece numa sociedade acontece dentro de cada indivíduo dentro dela. O mesmo espaço vazio que se abre numa avenida entre a tropa de choque e os manifestantes se abre nas vidas privadas de cada policial e dissidente. Se um número suficiente deles conseguir vencer seus conflitos pessoais contra a servidão, vício, medo e inércia — ou seja, se aquilo que é oprimido dentro de cada indivíduo triunfar — então, da mesma forma, toda a sociedade poderá se reconstruir.

Então, eu fiquei no meu emprego — por um triz, depois de cancelar aquela viagem — mas quando antes eu me focava em evoluir na minha carreira, agora enxergava minhas buscas em momentos de lazer como a minha verdadeira vocação e aspirava aumentar a abrangência delas de acordo. Antes, eu investia meu dinheiro na bolsa, poupança, até mesmo em clubes de golfe; agora, contrabandeava todos recursos que eu podia para fora do meu local de trabalho e procurava um novo chamado para investir em mim mesmo. Minhas atividades extracurriculares se tornaram o centro da minha vida. Nesse processo, eu me juntei a uma nação de estudantes que rabiscam seus cadernos esperando que a campainha toque, de internos em asilos esperando o próximo dia de visitas, de esposas ansiando por um romance proibido, e de empregados que, como eu, chegaram à conclusão que suas profissões não eram caminhos para a realização pessoal, mas sim obstáculos que impediam o seu acesso a ela.

Ou seja, eu era como essas pessoas, mas não sabia como começar a me conectar com elas. Meus colegas não ousavam dar nenhuma indicação dos seus verdadeiros sentimentos; eu mal via os meus vizinhos; me sentia separado de velhos amigos e da minha família por um abismo insuperável. Eu estava num impasse, um insurgente sem aliados lutando uma guerras sem frontes. Tudo aquilo mudou quando me deparei com a ocupação.

No começo éramos como lobos, estávamos sozinhos. Nós descobrimos pequenos crimes — roubar de lojas, golpes, grafite, vandalismo — e os praticávamos da mesma forma que outras pessoas praticam religiões, esportes ou drogas. Como Pablo, nós pensávamos estar em guerra, mas era uma guerra particular, nós seis contra seis bilhões deles. Como a maioria dos empregados do setor de serviços, nós odiávamos nossos chefes, mas não havíamos elaborado uma crítica à autoridade; nos ressentíamos de nossos professores na escola da mesma forma instintiva, assim como nossas mães se ressentiam de nossos pais sem usar palavras como patriarcado. Eu não me via como um opositor ao capitalismo, pois, para mim, era algo muito mais específico: eu queria fugir da esteira que levava pilhas de pratos sujos à pia da cozinha, e o cheiro de detergente industrial misturado com o ranço da gordura. De noite, eu acordava raspando a sujeira de pratos fantasmas nos meus sonhos.

Se a delinqüência não me tornasse capaz de escapar de tudo isso, pelo menos ela demarcava um território diferente. Pela primeira vez roubei um par de sapatos, eu estava tão condicionado ao meu lugar na base da pirâmide social que roubei os mais baratos da loja. Um ano mais tarde, estava acostumado a comer o melhor da cozinha orgânica,

produtos selecionados apenas para os consumidores mais ricos: por que não pegar os itens mais caros, se a acusação seria a mesma?

Essa mudança na dieta foi acompanhada por mudanças radicais na minha autoestima, o que levava a novas linhas de raciocínio. De uma forma muito concreta, as comidas que eu era permitido por lei a comer refletiam o meu valor na sociedade. Como um lavador de pratos, eu literalmente não poderia comprar os produtos que roubava; será que isso significava então que não os merecia? Meu gerente, que nunca sujou suas mãos, tinha certos luxos que eu tinha que arriscar um tempo na prisão apenas para experimentar. Os conselheiros na escola nos diziam que as pessoas acabavam em empregos como os nossos porque não tinham educação suficiente, mas eu sempre pude ver através disso: onde quer que houvesse restaurantes e cafeterias, alguém teria que lavar os pratos, e certamente não seriam os proprietários. Alguns dos meus colegas de trabalho tinham freqüentado a faculdade e não tinham conseguido nada além de dívidas.

Quando refletia sobre a pobreza que vi enquanto eu crescia e os séculos de destituição que devem ter ocorrido antes, me indignava o fato de alguém dizer que roubar é imoral. Alguém realmente podia argumentar, com consciência limpa, que toda aquela privação já não era o bastante, que as pessoas pobres de toda história deveriam ter sobrevivido sem o que elas roubaram também?

Então nós desenvolvemos uma análise mais ampla do que estávamos combatendo, mas nossos motivos ainda eram esquizofrênicos: desprezávamos os ricos, seus privilégios e seu sentimento de merecimento e sobretudo as injustiças que eles infligiam aos outros, mas eu invejava seu estilo de vida — mesmo que isso os deixasse moles e dependesse da exploração de outras pessoas. Viver em constante conflito com a lei aguçava os nossos sentidos e apimentava a nossa rotina que de outra forma seria extremamente desmoralizante, mas isso não deixava as coisas melhores para ninguém da nossa classe social — na melhor das hipóteses, eu levaria comida para a casa da minha mãe, mas eu não tinha idéia do que fazer pelas outras pessoas da sua rua.

Depois das primeiras prisões, tivemos que procurar uma abordagem mais sustentável. Alguns partiram atrás de carreiras como criminosos barra-pesada; o resto desistiu das atividades mais arriscadas e aumentou todas as outras. Nos focamos mais e mais nos excessos de nossa sociedade — não eram tão bem guardados. E que fartura! Por que encher os nossos bolsos dentro das lojas com um olho no segurança quando po-

díamos encher um caminhão inteiro nos fundos da loja?

Foi assim que passei a questionar o meu próprio materialismo. Fui ensinado a querer o que eu nunca poderia ter — carros esportivos, relógios de ouro, mobília e óculos de marca. Todo mundo estava atrás da mesma miragem, e de alguma forma havia lixões transbordando com todas essas coisas — um não era muito longe do meu antigo bairro. Em distribuidoras, eu revirava caçambas cheias de suco em perfeito estado e balançava minha cabeça em reprovação. Escravos assalariados como eu jogavam fora suas vidas trabalhando para produzir coisas que eles nunca poderiam possuir, e nossa sociedade estava despejando elas, pelas nossas costas, direto no lixo. Eu não queria ter nada a ver com isso, mesmo como ladrão.

Rodando pela cidade à noite, catando cobre ou mercadoria que danificamos durante o dia para vender, Diego e eu tirávamos sarro dos outdoors onipresentes. "Olha aquele," ele apontava, "Belo chapéu de cowboy, gringo! E pra finalizar é chamado 'Colt 45' — você já viu como toda companhia de licor tem um nome desses? Supostamente devemos nos identificar com o nome das marcas, nos sentirmos durões e poderosos enquanto acabamos com o nosso fígado — mas a arma está apontada para nós".

"E o mais louco é que eu quero isso. O que mais vou fazer no resto da noite?" Isso foi alguns meses antes de conhecermos os estudantes que nos convidaram para o acampamento. "Eu sei como conseguir tudo de graça, mas eu não tenho idéia de como me libertar."

"Para isso, vamos precisar de uma gangue maior", Diego terminou com o assunto.

RENDA-SE...

Você já reparou como todos os estímulos para que você ceda aos seus desejos são sempre seguidos de *sugestões?* Os proselitistas procuram pontos de apoio para conquistar território dentro de você, vendedores procuram por alças para mover você de um lado para outro... de profetas new age a publicitários, de pornógrafos a radicais, todos incentivam você a "perseguir os seus desejos", mas a dúvida permanece: *quais desejos?* Os desejos "reais"? Quem decide quais são eles?

É uma guerra pela sua alma em todos os frontes. E, de qualquer forma, aqueles desejos muito disputados são todos *construídos* — eles mudam, são dependentes de fatores externos, da cultura, de todo contexto e história de nossa sociedade. Nós "gostamos" de fast-food porque temos que correr de volta para o trabalho, porque a comida processada dos supermercados não tem um gosto muito melhor, porque a família nuclear — para aqueles que possuem uma — é pequena e tensa demais para agüentar toda festividade de cozinhar e comer. Nós "temos" que checar nosso e-mail porque a fragmentação da comunidade levou nossos amigos e familiares para longe, porque nossos chefes preferem não falar conosco, porque a tecnologia que nos "poupa tem-

po" seqüestrou as horas que antes eram usadas para escrever cartas — e, além disso, matou todos os pombos-correio. Nós "queremos" ir para o trabalho porque nesta sociedade ninguém leva em consideração aqueles que não trabalham, porque é difícil imaginar formas mais agradáveis de passar o tempo quando tudo à nossa volta está destinado ao comércio e ao consumo. Toda vontade que sentimos, toda idéia que formamos, está enquadrada na linguagem da sociedade que nos cria.

Isso significa que iríamos querer outras coisas num mundo diferente? Sim, mas não porque seríamos livres para sentir nossos desejos "naturais" — não existe tal coisa. Além da vida que você vive, você não tem um "verdadeiro" eu — você *é* exatamente o que você faz, pensa e sente. Essa é a verdadeira tragédia para o homem que passa sua vida falando no seu telefone celular, freqüentando reuniões de negócios e brincando com o controle remoto: não é que ele negue a si mesmo os seus sonhos, mas que ele faz seus sonhos responderem à realidade e não o contrário. O contador visto com tanta pena por adolescentes apaixonados que fugiram de casa pode na verdade estar feliz quando ele chega em casa depois do trabalho a tempo de assistir seu seriado favorito — mas é uma felicidade muito diferente da que eles sentem na estrada.

Se nossos desejos são construções, se nós somos produtos do nosso ambiente, então nossa liberdade é uma questão de quanto controle nós temos sobre esse ambiente. É absurdo dizer que uma mulher é livre para se sentir como ela bem entender sobre o seu corpo quando ela cresce rodeada por anúncios de dietas e cartazes de modelos anoréxicas. É absurdo dizer que um homem é livre para viver como lhe convém quando tudo que ele precisa fazer para adquirir comida, abrigo, companhia e sentir-se realizado já está determinado e tudo que lhe resta é escolher entre opções pré-fabricadas. Nós devemos *fazer* a nossa liberdade forjando as realidades que, por sua vez, nos influenciam.

Pode parecer que isso é pedir muito. Mas mudança, mudança revolucionária, acontece em todo lugar, o tempo todo — e *todos* tem um papel nela, de forma consciente ou não. Nossas vidas hoje são muito diferentes do que elas eram a apenas uma década atrás. A questão é

simplesmente se assumimos responsabilidade por nossa parte na transformação contínua do cosmos, agindo deliberadamente e com consciência de nosso próprio poder, ou se enquadramos nossas ações como reações, participando acidentalmente no desenrolar dos eventos como se fôssemos meras vítimas das circunstâncias.

Não fique pensando se "a" revolução vai acontecer algum dia — a melhor razão para ser um revolucionário é que é uma maneira melhor para se *viver*. Ela lhe oferece uma chance de levar uma vida que *vale a pena*, lhe dá uma relação com a injustiça para que você não tenha que negar o seu descontentamento e indignação, ela o mantém consciente do troca-troca que está sempre acontecendo entre indivíduo e instituição, ego e comunidade, um e todos. Nenhuma instituição pode lhe oferecer liberdade — mas você pode vivê-la desafiando e reinventando as instituições. Quando crianças inventam suas próprias letras para as músicas que lhes ensinam na escola, quando pessoas surgem às dezenas de milhares para interferir em uma reunião de economistas a portas fechadas discutindo as vidas de *todos*, elas estão redescobrindo que a auto-determinação, assim como o poder, pertence somente àqueles que a exercem.

Se podemos realmente criar o mundo que quisermos, como idealistas como nós insistem, então talvez também seja verdade que podemos nos adaptar a qualquer mundo. Mas passar sua vida reagindo e se adaptando, correndo para alcançar o que quer que já esteja acontecendo, significa estar sempre um passo atrás, à mercê da história como ela vier. Isso não é jeito de perseguir os seus próprios desejos, seja quais forem os que você escolher perseguir.

Não seja tão duro consigo mesmo a respeito dos fragmentos da velha ordem que ficarem dentro de você. Você não pode se separar da cadeia de causas e efeitos que o criou — por mais força de vontade que você tenha. O truque é encontrar maneiras de satisfazer sua programação que ao mesmo tempo a subvertam — que criem, no ato de satisfazer os velhos desejos, condições que gerem novos desejos. Se você precisa seguir líderes, encontre líderes que ajudarão você a tirá-los do pedestal no qual você os colocou; se você quer liderar os outros, encontre pessoas iguais que ajudarão a o depor; se você tem que lutar contra outros, encontre guerras nas quais você possa lutar para o be-

nefício de *todos*. Quando tudo se resume a evitar os imperativos do seu condicionamento, você descobrirá que *render-se e sabotar* é um plano muito mais eficiente que a velha tradição de "renunciar e lutar" herdada de um cristianismo sem senso de humor.

Uma das minhas primeiras descobertas decepcionantes foi que eu desejava muito pouco. Depois de tanto tempo sem usá-las, minhas paixões estavam atrofiadas como bonsais: banais, comuns, chatas. Eu esperava me lançar à sua mercê, seguir a sua ditadura tirânica e assim, mesmo abandonando o caminho tão pisoteado, ficar com algo para me guiar por essas terras selvagens. Sem isso, eu estava completamente à deriva.

Os limites do meu desejo eram uma espécie de jaula, nada diferentes das limitações impostas pela sociedade. Mesmo depois que segui a máquina de café para fora do escritório, não tinha idéia de por onde começar. Será que deveria pegar minhas poucas economias e ir para o Equador? Visitar a minha família no sudeste asiático? Me mudar para o Novo México? A vida realmente seria mais imediata e autêntica lá? Será que eu deveria começar a escalar montanhas, me matricular numa faculdade ou me dedicar a algum trabalho voluntário? Eu estava cercada pela banalidade, tentando escolher entre clichês. Queria estar acesa, eletrificada pelo mundo a cada momento — mas para isso ser possível, tanto o mundo quanto eu teríamos que mudar.

Da mesma forma, se eu quisesse compartilhar aventuras com outras pessoas, cabia a mim infectá-las com novos desejos. Do jeito que as coisas estavam, eu não conhecia ninguém com quem poderia tentar algo mais audacioso do que sair para dançar. Tentei me imaginar como uma provocadora, inspirando amigas e antigos colegas de trabalho com fervor hedonístico da mesma forma que as outras pessoas levam seus pretendentes à distração, ao suicídio e à fanfarronice. Não conseguia imaginar algo para o qual estivesse menos apta.

E mesmo assim eu estava determinada que minha vida seria algo fora do ordinário; se não pudesse desfazer a morte de Daniel, pelo menos vingaria a minha. Eu contava os dias, minhas economias se esvaindo enquanto esperava pelas oportunidades e companheiros certos que me acompanhariam. Baseando-se na minha experiência em deixar o escritório, eu supus que seria capaz de reconhecê-los pelo terror que inspirassem em mim.

A história não é algo que
acontece às pessoas —
ela é a atividade das pessoas.
A cultura não dita o
comportamento humano —
ela é a soma do
comportamento humano.
O progresso tecnológico
não é uma força da natureza.
Não há civilização sem
que nós civilizemos, não há
capitalismo sem nós para
capitalizarmos
e capitularmos.

Essas são coisas difíceis de lembrar quando estamos no escritório do nosso chefe, pior ainda quando estamos trabalhando como caixa no Wal-Mart. A grande mídia nos encoraja a nos sentirmos sentimentais sobre "nossos" feitos: o ônibus espacial decola, a doença é curada, o galã fica com a garota no fim do filme.

Mas nós podemos fazer nossa própria música, mitologia, ciência, tecnologia, tradição, psicologia, literatura, história, ética, poder político. Até que façamos isso, estamos presos comprando filmes produzidos em série e discos gravados por mercenários corporativos, sentados inexpressivos e imobilizados em mega-concertos de rock e em eventos esportivos, lutando com as invenções, programas e teorias de outras pessoas que fazem menos sentido para nós do que feitiçaria para os nossos antepassados, encabulados aceitando o julgamento de padres, colunistas e apresentadores de programas de rádio, censurando a nós mesmos por não alcançarmos padrões estabelecidos pelo vestibular e por revistas glamourosas, dando ouvidos a nossos pais, conselheiros, psiquiatras e gerentes que nos dizem que nós é que somos os problemáticos, comprando nossas vidas dos mesmos especialistas e empreiteiros para quem as vendemos — e cerrando nossos dentes abafando nossa fúria enquanto eles derrubam as últimas árvores e heróis com o dinheiro e autoridade que *nós* lhes demos. Estas coisas não são tragédias inevitáveis, inescapáveis — são conseqüências da passividade à qual nos relegamos. Nas filas dos caixas no supermercado, discando e atendendo chamadas 0800, nos vestiários antes da aula de educação física e do turno na lanchonete, nós ansiamos em ser os protagonistas de nossos *próprios* épicos, mestres de nosso próprio destino.

Se queremos nos transformar, devemos transformar o mundo — mas para começar a reconstruir o mundo, devemos nos reconstruir. Hoje somos todos território ocupado. Nossos apetites, atitudes e papéis foram todos moldados por este mundo que nos volta uns contra os outros, e contra nós mesmos. Como podemos tomar e compartilhar o controle de nossas vidas, e não temer nem titubear, quando passamos nossas vidas sendo condicionados a fazer exatamente o oposto?

Indivíduos não podem ser autônomos — somos feitos de relacionamentos:

sem eles não existimos. Não podemos criar significado no vácuo — mas também não podemos ser nada se estamos alienados e à mercê de um significado que vem de cima. Devemos criar o significado com os outros, cooperativamente, para que ele signifique algo. Liberdade não é ficar sozinho, o homem contra a humanidade — aqueles que partem para "perseguir seus desejos" como individualistas esquecem que até mesmos esses desejos foram construídos socialmente. A liberdade também não é encontrada na obediência cega à lei: um ser humano livre não é um seguidor de leis ou um violador de leis, mas um inventor e reinventor de leis, parte de uma tribo*. Quando queremos nos rebelar contra os limites impostos por uma cultura, a chamamos de "ideologia" ou "conformidade"; mas não podemos escapar da cultura em si — nós a levamos conosco quando fugimos, deixando rastros dela por onde passamos.

A cultura é feita de linguagens — de palavras e números, de conceitos e suposições, de convenções e expectativa, de problemas e soluções, de respostas e perguntas. Linguagens escrevem nossas vidas: elas definem as opções sempre que fazemos uma escolha, por mais livre que sejamos ao escolher. Ao mesmo tempo, é o nosso uso que faz delas o que são e as reproduz. Os termos nas linguagens só funcionam porque os temos em comum; criar linguagens é a maior das atividades coletivas, o denominador comum de todas atividades sociais. Ser livre da linguagem é impossível nas relações humanas — o universo como o conhecemos não é apenas descrito pela linguagem, mas existe *como* linguagem.

Linguagens impõem seus limites sobre nós — isso quer dizer, essas limitações *somos* nós — mas cada vez que ajustamos um conceito ou subvertemos uma expectativa, nós nos refazemos. É nesta constante redefinição dos termos, na contínua criação e negação de formas e suposições, que a liberdade se torna possível.

Um câncer, da cultura pré-fabricada, impessoal, produzida em série, ameaça a nossa espécie. Uma criatura não morre "de" câncer — ela morre ao *se tornar* câncer, quando as suas células começam a reproduzir a igualdade às custas da diversidade. Uma cultura que abre um milhão de franquias com trabalhadores em uniformes idênticos

* Na antigüidade a cultura era desenvolvida em grupos tribais, ou em escala pequena o suficiente para que todos participassem.

executando tarefas iguais é um câncer fora de controle, um monstro que leva a humanidade que a criou para uma morte precoce. Precisamos de uma cultura que seja um diálogo, uma interação entre nós e as linguagens que pensamos, falamos e vivemos — não um monólogo vindo através de um alto-falante.

Lutando por isto, nós atacamos o mediano, negamos o universal e alimentamos o anômalo.

Como eu disse, o verdadeiro momento decisivo veio quando me envolvi com o acampamento. Cresci mais durante aquele mês do que tinha crescido em vários anos. Finalmente, nossa raiva e marginalização, sem mencionar nossas habilidades duramente conquistadas, eram bens ao invés de barreiras; finalmente, nós podíamos travar abertamente a nossa guerra secreta, de uma forma que nos conectasse a outras pessoas ao invés de nos isolar.

Eu e meus amigos éramos muito diferentes da maioria das pessoas lá, mas era uma experiência tão intensa que uniu todos; aqueles que a compartilhavam como um ponto de referência comum estavam conectados através dos anos que viriam mesmo que seguissem por caminhos diferentes. Eu não tinha tido muito interesse em estudantes universitários antes, e aqueles com que cruzei pelo caminho deixaram claro que não tinham interesse em mim; foi só quando todas as barreiras de classe e hábito foram removidas que nos unimos em um projeto comum no qual podíamos interagir como seres humanos ao invés de representar papéis sociais. Já tinha estado do lado oposto daquela mesma dinâmica com trabalhadores mais velhos — culpava-os, injustamente, por não terem conseguido escapar do destino que eu temia me esperar pela frente, e imaginava que eles se ressentiam pela minha juventude e mobilidade — mas no acampamento não havia jovem e velho a não ser em termos de há quanto tempo as pessoas estavam envolvidas.

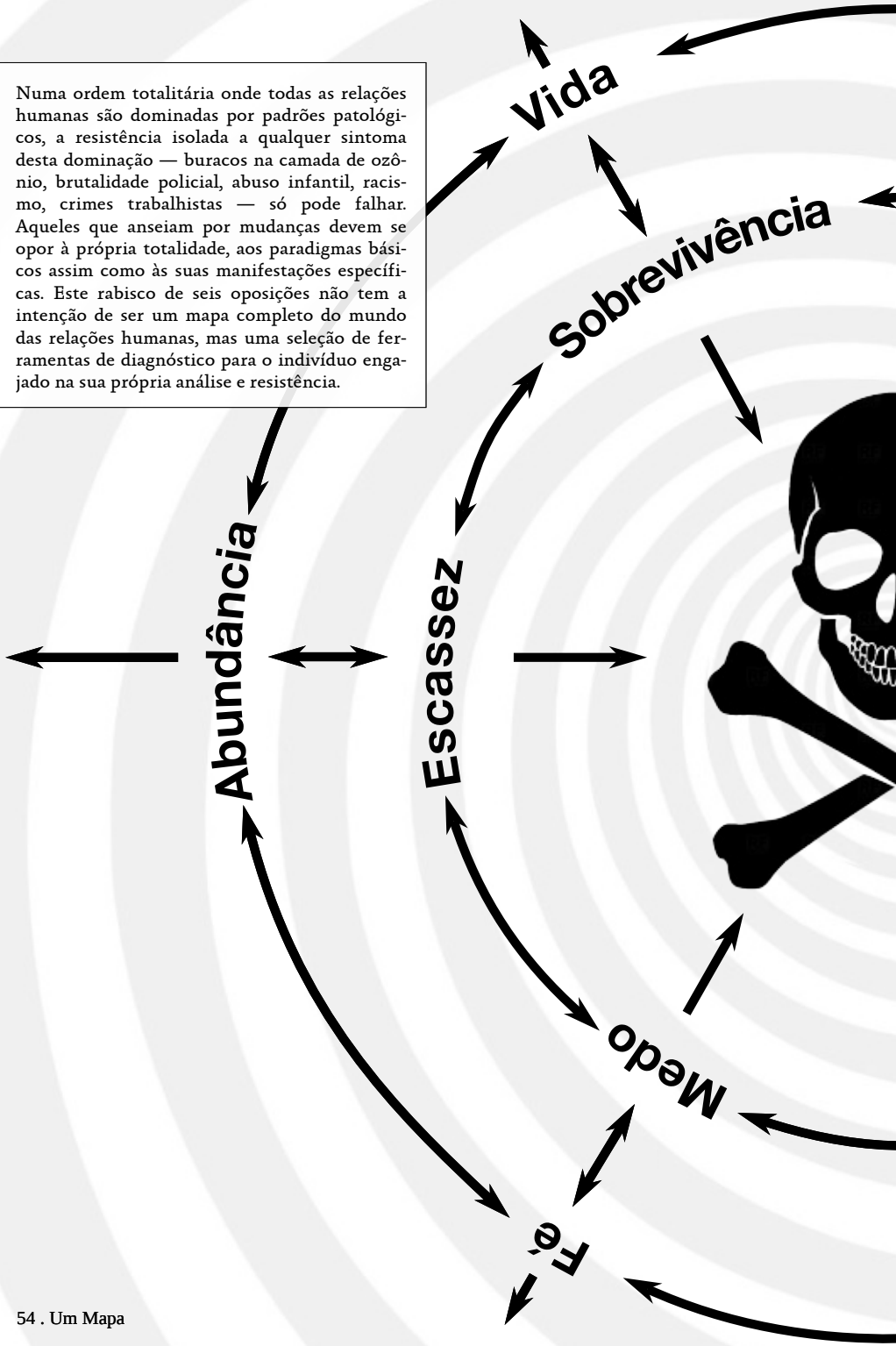
O próprio tempo passava de maneira diferente. Como eu nunca sabia o que iria acontecer em seguida, freqüentemente, quando me deitava no final do dia, tinha a sensação de ter vivido uma semana. No

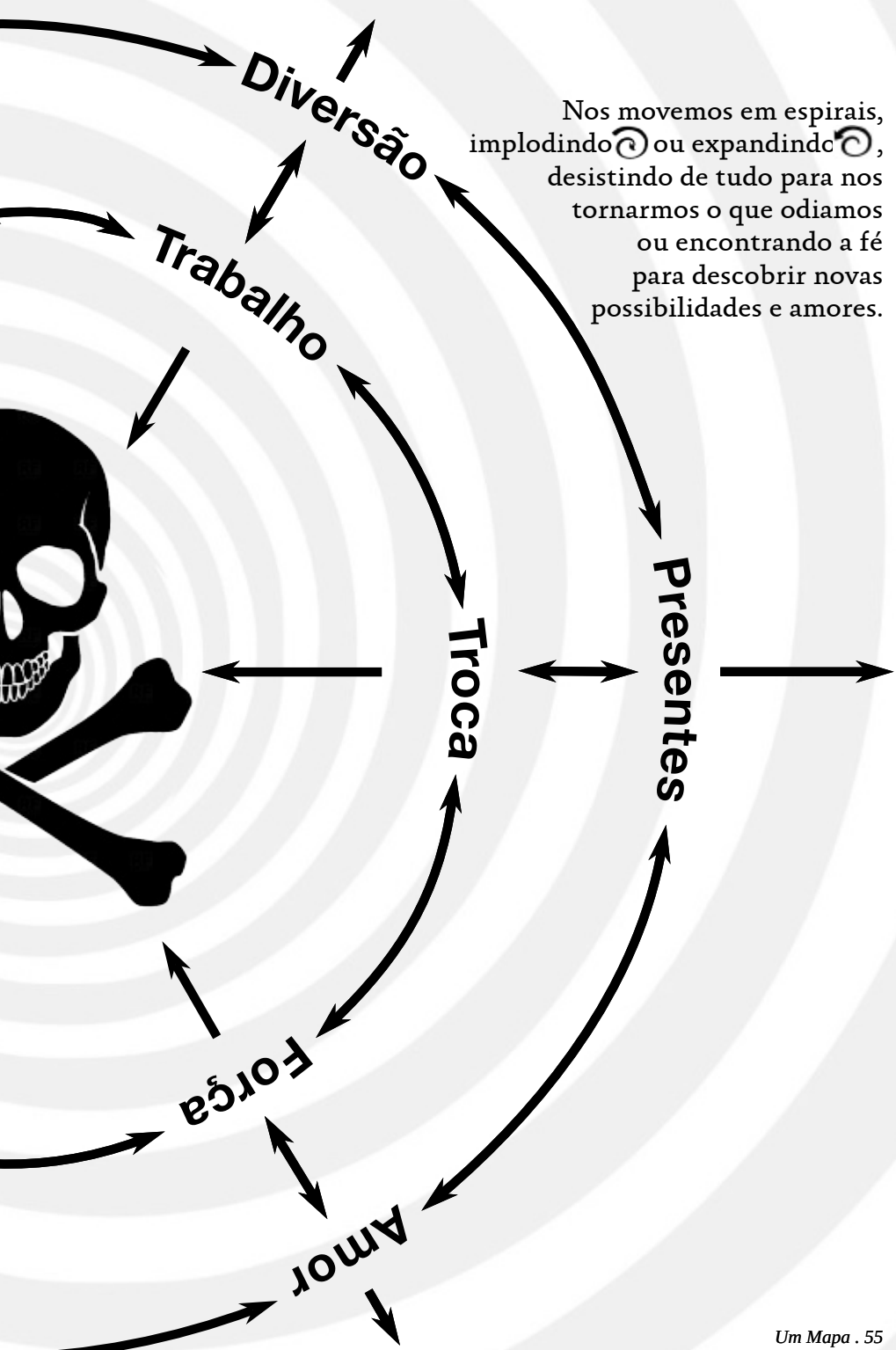
calor daquela urgência, nossos passados diferentes e futuros incertos desabavam e tudo o que restava era a corrida concentrada do presente. Coordenando-se para prover para todos no acampamento, ficando acordado até tarde se preparando para supostos ataques da polícia, compartilhando o triunfo diário de manter a ocupação contra todas as dificuldades, nós crescemos em um único organismo.

Antes, nós avaliávamos as atividades de acordo com o valor que éramos pagos por elas; agora, as víamos em termos de quão recompensador era vivê-las e quão benéficas elas eram para os outros. Antes, nós íamos atrás dos nossos próprios interesses materiais, tendo por certo de que não havia o suficiente do que queríamos para todos; agora vamos atrás de interesses sociais, e descobrimos que mesmo quando havia quatro pessoas espremidas em uma barraca, nos sentíamos mais ricos do que antes. Antes, eu só queria sair da frente da pia da cozinha, agora, estávamos falando em uma ruptura total com a civilização ocidental e em construir uma nova sociedade no meio dela. Os medos que me imobilizavam, os maus hábitos que me amarravam, as suposições nocivas que desenvolvi sobre a natureza humana e sobre o meu potencial — todos ficaram em pleno foco quando descobri o que significava viver sem eles.

Dia-a-dia, passo-a-passo, estávamos mapeando uma forma completamente nova de viver. O acampamento era o laboratório no qual nós começamos esse experimento, mas também era uma praia na qual poderíamos estendê-lo.

Numa ordem totalitária onde todas as relações humanas são dominadas por padrões patológicos, a resistência isolada a qualquer sintoma desta dominação — buracos na camada de ozônio, brutalidade policial, abuso infantil, racismo, crimes trabalhistas — só pode falhar. Aqueles que anseiam por mudanças devem se opor à própria totalidade, aos paradigmas básicos assim como às suas manifestações específicas. Este rabisco de seis oposições não tem a intenção de ser um mapa completo do mundo das relações humanas, mas uma seleção de ferramentas de diagnóstico para o indivíduo engajado na sua própria análise e resistência.





Nos movemos em espirais,
implodindo ou expandindo,
desistindo de tudo para nos
tornarmos o que odiamos
ou encontrando a fé
para descobrir novas
possibilidades e amores.

Abundância

Quanto mais você consegue reconhecer as oportunidades que a vida oferece, mais você pode tirar vantagem delas.

Quanto mais plena e livre for a vida, mais fácil é para reconhecer todas as oportunidades e os tesouros que ela oferece.

Vida

Quanto mais a vida está sob o seu controle, mais ela é uma experiência de liberdade e prazer.

Quanto mais você encara a vida como uma brincadeira, mais livre e plena ela se torna.

Diversão

Quanto mais prazer você obtém das suas atividades, mais livremente você compartilhará os frutos.

Quanto mais livremente você der e receber, mais sua vida será um jogo ao invés de uma luta.

Generosidade

Quanto mais você compartilha com os outros, mais eles compartilharão com você, e mais gratos vocês serão pela existência um do outro.

Quanto mais você ama, mais livremente você dá.

Amor

Quanto mais você ama, mais você confia.

Quanto mais você confia, mais você pode amar.

Fé

Quanto mais você confia no mundo, mais coisas maravilhosas você percebe nele.

Quanto mais você reconhece os tesouros que a vida tem a lhe oferecer, mais fé você tem nela.

Abundância

Quanto mais você consegue reconhecer as oportunidades que a vida oferece, mais você pode tirar vantagem delas.

Quanto mais plena e livre for a vida, mais fácil é para reconhecer todas as oportunidades e os tesouros que ela oferece.

Vida

Escassez

Quanto menos você confia no mundo, menos você vê o que ele tem a oferecer.

Quanto menos você vive, menos você vê o que o mundo tem a oferecer.

Sobrevivência

Quanto mais você pensa que precisa sobreviver, mais você tem que trabalhar.

Quanto mais você trabalha, menos você vive.

Trabalho

Quanto mais você trabalha, mais você sente que precisa ser compensado pelo seu sacrifício.

Quanto menos livremente você dá e recebe, mais você tem que trabalhar para prover para si mesmo.

Troca

A força está sempre presente onde a troca tem que ser negociada, onde não existe a prática de dar.

Quanto mais você depende da força, menos você pode dar e receber livremente.

Força

Quanto mais você depende de força, mais você tem a temer.

Quanto menos você confia, mais você depende de força.

Medo

Quanto mais você teme o mundo, menos você percebe o que ele tem para lhe dar.

Quanto menos você percebe o que o mundo tem a oferecer, menos você confia.

Escassez

Quanto menos você confia no mundo, menos você vê o que ele tem a oferecer.

Quanto menos você vive, menos você vê o que o mundo tem a oferecer.

Sobrevivência

Abundância

Todos podem ser ricos...

Abundância e escassez não são apenas medidas dos recursos que existem para suprir as necessidades — são formas diferentes de olhar tanto os recursos quanto as necessidades, e que se refletirão *no mundo*.

Recursos abundantes excedem a demanda por eles; eles podem até mesmo se multiplicar quando utilizados. A maior parte das coisas que separam a vida da mera sobrevivência — amor, amizade, confiança, imaginação, coragem, aventura, experiência — estão disponíveis em abundância: quanto mais você os partilha, mais está disponível para você e para todo mundo mais.

Abundância e escassez são acima de tudo manifestações de modos opostos de encarar a vida: ingenuidade ou inércia, fé ou medo. Se reestruturarmos nossos valores e suposições a respeito do que o universo nos oferece, podemos entrar em um novo mundo de abundância.

Escassez

...nem todos podem ser ricos.

Recursos escassos existem em quantidades limitadas, e pode não haver o suficiente deles para compartilhar. Uma economia de escassez é orientada por considerações necessárias a essas condições: as "leis" da oferta e procura são impostas acima de tudo por uma escassez, real ou percebida, de bens necessários.

Pode parecer que a escassez é simplesmente um fato inevitável da vida, mas não é tão simples. Nem toda escassez é imposta pelas circunstâncias — muitas vezes, nós as impomos sobre nós mesmos pela maneira com que avaliamos e aplicamos nossos recursos. Em nossa civilização pós-industrial, tecnologicamente avançada, ferramentas e comodidades das quais nunca se tinha ouvido falar são abundantes, e mesmo assim a maioria das pessoas sente que há uma escassez das coisas que precisamos. Isso não deveria nos surpreender, pois nossos sistemas sociais e econômicos *dependem* de não haver o suficiente para todos. Todos podem ter uma vida plena — mas nem todos podem ter uma carteira cheia. Nossa sociedade institui a escassez e a privação, ao enquadrar a vida como um corrida desesperada pela limitada riqueza

material e status.

Costumava-se dizer que os únicos homens livres são o vagabundo e o rei. Eles são de fato os únicos que podem alegar ser os senhores de tudo que vêem — embora por razões bem distintas: o primeiro possui o mundo todo ao abrir mão dele, enquanto o segundo possui tudo o que ele pode conquistar. Assim podemos ver os paradigmas da abundância e da escassez em ação como filosofias de vida. Da mesma forma, a pessoa que vive do lixo que prospera nos excessos da sua sociedade vê oportunidade e aventura onde o executivo vê apenas fome e pobreza; o amante não-monógamo enxerga o amor como algo que só aumenta em profundidade e riqueza ao ser compartilhado livremente, enquanto o marido possessivo o enxerga como um prêmio precário obtido através do sacrifício e do trabalho duro, que deve ser acumulado e enjaulado; o aspirante a astro do rock ou estrela de cinema precisa de um milhão de fãs observando suas ações para validá-las — até mesmo o egoísmo é objeto de escassez numa sociedade de espectadores — enquanto a mulher numa comunidade igualitária e solidária geralmente alcança a autoconfiança e a felicidade à medida em que ela ajuda os outros aos seu redor a fazer o mesmo.

Eis aqui uma história: há muito tempo, os seres humanos viviam uma relação de confiança com a terra, enxergando-a como uma fonte de abundância.* Nós comíamos frutas, que cresciam livremente ao nosso redor, naturalmente embaladas em uma casca biodegradável e contendo sementes das quais mais árvores frutíferas cresceriam depois que a fruta fosse comida. Hoje em dia comemos doces, pelos quais devemos dar o nosso trabalho em troca, cujos estoques são estritamente limitados — e quando jogamos fora as embalagens, das quais muitas são feitas de plástico e outros químicos estranhos à natureza, podemos ter certeza que estamos contribuindo com a lenta acumulação de lixo que torna as árvores frutíferas cada vez menos abundantes. Nossos ancestrais viviam em condições de grandes banquetes ou de grande fome, comemorando quando suas taças transbordavam e se agüentando em pé em tempos de menos fartura, nunca perdendo sua fé na terra generosa medindo o que ela tinha para lhes dar; para nós, tudo é uma transação, uma ocasião para a computação e o cálculo.

Vida,

Liberdade e a Busca da Felicidade

A vida é a existência pela qual sentimos que vale a pena acordar de manhã. Escreveu-se sobre a vida em poesias épicas, canções de amor, nas peças e sonetos de Shakespeare; fala-se de sobrevivência em livros de medicina, relatórios de urbanismo e apresentações de ergonomia. A vida é gloriosa, de partir o coração, extravagante; a sobrevivência, sem vida, é ridícula, pesarosa, absurda.

* "O homem Paleolítico [sic, todo texto], um caçador/coletor que compreendia o valor do compartilhamento e do apoio mútuo, não 'possuía' nada — por que acumular coisas quando o mundo todo é seu? Mais tarde, o homem Neolítico, que trabalhava nos campos, às vezes produzia um excedente, que ele trocava com os outros — e então para ele aconteceu uma mudança de estar *no mundo* para possuir *coisas*, meros pedaços do mundo. Os caçadores e coletores nunca subjugaram seus impulsos materialistas — mas eles também nunca os transformaram em instituições. O Homo Economicus é uma construção, o resultado de milhares de anos de 'subjugação': isso quer dizer, etimologicamente falando, a vida em rédeas curtas." — Finnegan Bell em *Hunters and Gatherers through the Ages*.

Sobrevivência

Segurança e a Busca por Popriedade

Sobrevivência é a vida reduzida a imperativos, sejam eles biológicos *(consiga ar para respirar! consiga comida para comer! faça sexo!)* ou culturais *(compre um ar-condicionado para ficar fresco! arranje uma televisão para ficar atualizado! arranje um carro esportivo para descolar uma gata!)*. É muitas vezes ambíguo a qual categoria esses imperativos pertencem, como no caso do programador de computadores que não consegue se alimentar sem um abridor de latas; mas o caráter essencial dessas necessidades é que aparentam ser inegociáveis.

Recursos para a nossa sobrevivência geralmente são vistos como escassos — só existe uma quantidade limitada de comida, de água, de habitações e de remédios no mundo; mas como o famoso vagabundo respondeu à pergunta do burguês ("você tem que comer, não tem?"), "sim, mas não tanto quanto *você* come."

Nossos tempos são marcados pelos padrões de sobrevivência em constante elevação. O padrão mínimo de vida para participar na sociedade está sempre subindo, e é preciso um emprego de turno integral para alcançá-lo: adquirir o novo formato para assistir vídeos, aprender a usar o novo computador, tratar-se com os novos remédios... Essa constante aceleração tecnológica e cultural é a conseqüência de um sistema econômico baseado na competição, no qual a inovação contínua é necessária tanto para vender novos produtos como para alcançar todos que os usam.

Muitos antropólogos acreditam que hoje as pessoas gastam mais tempo trabalhando para suprir suas necessidades "básicas" do que em qualquer outra época da história. Seres humanos pré-históricos passavam a maior parte do dia no ócio criativo, enquanto nós, com todos aparelhos que deveriam reduzir nosso trabalho, gastamos a maior parte de nossas vidas ganhando dinheiro para pagar por esses aparelhos, usando-os para cortar a grama, ficar preso no trânsito para comprar mais pilhas para eles... e é claro, quanto mais tempo gastamos provendo para a mera sobrevivência, menos tempo temos para viver.

Diversão

Rumo ao horizonte...

Os jogos tomam conta de nossas vidas quando todas as questões de sobrevivência foram solucionadas e ainda temos tempo e energia disponíveis. Jogos e brincadeiras não são influenciados por exigências externas — o jogador estabelece seus próprios objetivos e significados durante a ação. A brincadeira aparece em condições de liberdade — ou seja, ela *é* a condição da liberdade. Quando brinca, o indivíduo interage com as forças ao seu redor ao invés de reagir a elas, cria o contexto para suas ações enquanto age ao invés de ser moldado passivamente pela situação: e é assim que a autodeterminação é possível. Você pode ver jogos hoje nas colagens nas paredes dos quartos de adolescentes, nos móveis excêntricos de prédios ocupados, no intervalo entre batalhas quando os insurgentes dançam, nos movimentos dos corpos dos amantes juntos.

Os recursos para brincar estão disponíveis em abundância. Quanto mais brincamos, mais os outros são capazes e encorajados para fazer o mesmo, pois a verdadeira diversão é contagiosa. Uma pessoa não pode brincar por muito tempo às custas dos outros — ser "livre" a tal preço acaba dando muito trabalho, como no caso do executivo bem sucedido, e não se presta a muita diversão verdadeira e espontânea, como nos demonstra o tédio típico do playboy acionista.

É de se questionar se muitas das coisas que hoje em dia são chamadas de "brincadeiras" e "jogos" realmente merecem o título. É um jogo quando o trabalhador de um escritório vai jogar golfe com seu chefe? E quando um grupo de homens joga futebol de acordo com um conjunto rígido de regras, com a luta pela dominância como um subtexto sempre presente? E quando um jovem chega em casa do trabalho tão exausto que ele não tem energia para nada além de "jogar" videogame?

As crianças chegam neste mundo já sabendo tudo sobre brincadeiras — pelo menos antes que tenham passado alguns anos enfiadas numa sala pequena com a televisão ligada. Nós podemos reconquistar essa inocência perdida, por eles e por nós mesmos, vendo tudo o que fazemos como brincadeiras ao invés de uma luta ou de responsabilidade — criando ambientes nos quais possamos *correr livres*.

O segredo mais bem guardado pelo capitalismo é o de que atividades lúdicas também podem prover para nossas necessidades de so-

Drooker

brevivência: pense em todos os aposentados que começam a fazer jardinagem e a construir estantes! Exceto em situações extremas, trabalho é *desnecessário*.

Trabalho

...não a destinos.

O trabalho provê para a sobrevivência, nada mais. Ele sempre aparece como uma resposta à necessidade, quer seja a necessidade por comida, abrigo, seguro de vida, estabelecimento de status social, ou obrigações da ética de trabalho. O trabalho responde a imperativos; o jogo cria suas próprias regras.

Economia da Dádiva

Nós sabemos que tudo não tem preço...

Em grande contraste com o comércio de trocas, presentear é a sua própria recompensa. Numa economia da dádiva — que existe toda vez que algo é compartilhado livremente e ninguém anota os pontos — quanto mais os participantes recebem, mais eles dão. Todo mundo que já compartilhou uma amizade verdadeira ou uma manhã fazendo amor de formas incríveis sabe intuitivamente que quando a oportunidade aparece, os seres humanos retornam a essa relação natural.

A própria vida é o maior dos presentes. Em primeiro lugar, é absurdo imaginar que alguém mereça a vida em toda sua complexidade e magnitude — muito menos sorte ou azar, o momento de quietude ao nascer do sol, o sabor dos abacates, a sensação de descer um morro de bicicleta! Toda pessoa que viveu e *prestou atenção* sabe que as melhores e piores coisas que a vida oferece são coisas que ninguém jamais poderá fazer por merecer.

Minha libertação, meu prazer, meu próprio mundo começa onde o seu termina. Ninguém pode comandar os meus serviços porque eu jurei, de minha própria vontade dar tudo — e gratuitamente, pois é a única forma de dar.

Economia de Trocas

...eles dizem que tudo tem seu preço.

A liberdade termina onde começa a economia. Você consegue o que o seu dinheiro conseguir pagar — arranje dinheiro — não existe tal coisa como almoço grátis: economias de troca fazem da vida um jogo de soma zero entre negociadores que manobram para serem mais espertos e lucrarem mais que os outros, para obter o controle sobre pedaços de um mundo fragmentado. Comércio livre, mercado livre — são oxímoros: nos quais a competição sistematizada fica livre para subjugar toda a humanidade às suas prerrogativas, mas basicamente ninguém é livre para se concentrar em qualquer outra coisa.

A economia de trocas pressupõe uma escala mono-dimensional de valores, de acordo com a qual tudo pode ser avaliado: se um abacate custa um real, e um carro esportivo zero custa R$50 mil, então um carro esportivo deve valer exatamente 50 mil abacates. Mas tais equações são absurdas. Você pode calcular o valor financeiro de uma amizade, a taxa de câmbio de uma piada inteligente por uma refeição gostosa, o valor comparativo do som de pássaros cantando nas árvores em oposição ao atual valor de mercado da madeira? Aqueles que se dispõem a medir tais coisas não sabem apreciar tudo o que há de belo e único nelas; uma vez que se reconheça isto, se torna claro como tais cálculos são patológicos em qualquer que seja o contexto. Para avaliar

o valor comercial de experiências e sensações, e ainda mais para comercializar as próprias vidas dos seres humanos ao seu redor de modo a tirar proveito, é achatar o mundo só para você e para aqueles em que você toca.

O maquinário do sistema de trocas come qualidade e defeca quantidade, escraviza o processo para produtos desprezíveis, ensina que necessidades práticas e momentos de alegria e redenção espiritual devem ser merecidos. Percebe-se algo da velha teologia Cristã de culpa e salvação quando pessoas que se beneficiam da economia de trocas falam sobre trabalho duro e merecimento. Aos seus olhos, qualquer coisa de graça é no mínimo suspeita — nada obtido sem sacrifício, sem uma troca, pode valer alguma coisa — e o ato de pagar por coisas, com a compensação que recebem por abdicarem de suas vidas, é em si mais importante do que qualquer coisa que eles possam comprar. É através dele que se compra a passagem para fora do inferno da inutilidade ao qual estão condenados os vagabundos e fracassados, que no fundo são um pouco invejados. Para tais pessoas, seres humanos não "merecem" felicidade, conforto, ou mesmo a própria existência, a não ser que tenham pago por isso com sofrimento.* Não deveria nos surpreender o fato de que alguns empregados vejam as coisas dessa forma: se não o fizessem, teriam que cogitar a possibilidade de estarem *desperdiçando suas vidas*.

Aqueles que recusam esse sistema de trocas são, da mesma forma, acusados de serem imprestáveis *por seus próprios corpos*, quando descobrem-se incapazes de conseguir comida ou um lugar confortável para dormir se não derem uma parte de si em troca. Uma vez que algumas pessoas em uma sociedade comecem a acumular e comercializar para o seu próprio benefício, todos que interagem com eles têm que adotar a mesma postura avarenta e egoísta para sobreviver — e, inevitavelmente, os mais impiedosos acabarão com mais poder, ao mesmo tempo em que a generosidade é punida. O mundo agora espera por uma generosidade capaz de *se defender*.

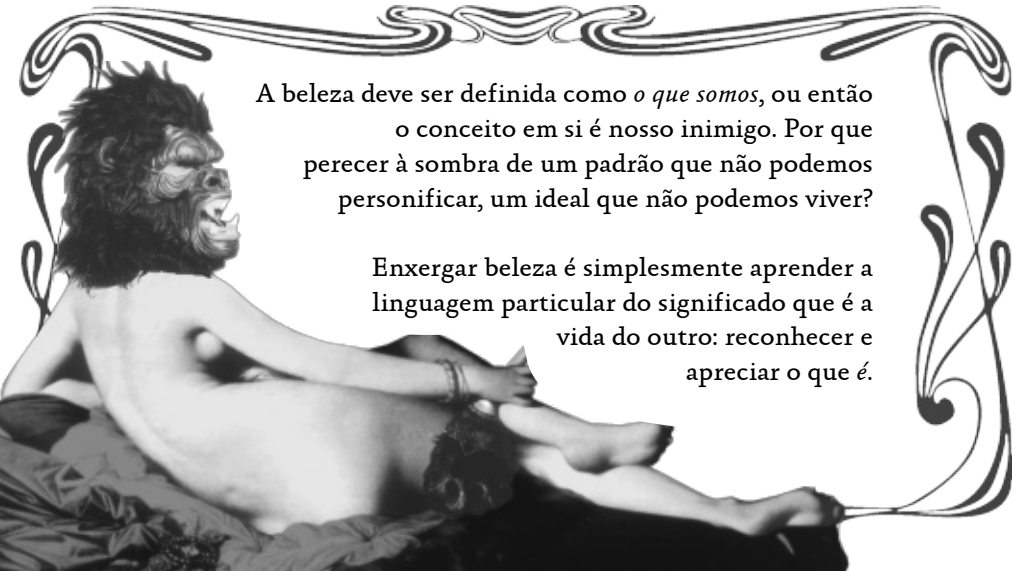
* Nós, pelo contrário, abandonamos palavras como merecer; nós pedimos, que em vez disso, o que for melhor para todos, e deixe assim. A vingança não nos interessa — é apenas mais uma forma de troca.

Relações de Amor

Coopere e comemore...

O amor tem autoconfiança, é destemido e generoso. O amor não faz exigências nem julga de acordo com padrões — o amor comemora, consagra o único, torna belo e bonito. Sentir amor é ser grato pelo passado, presente e futuro, sentir por um momento que há significado na existência. Amar não é se iludir ou estar necessitado, mas ganhar um sexto sentido com o qual se percebe o verdadeiro esplendor do universo. Vivenciar o amor é estar conectado diretamente com a tragédia da existência — que não significa a falta de coisas belas na vida, mas sim que nenhum de nós tem o fôlego, profundidade de ser, ou tempo neste planeta, para saborear plenamente a magnificência que o mundo esfrega em nossa cara.

O amor declara guerra a qualquer paz que na verdade seja guerra disfarçada e sistematizada, pois o amor é um inimigo impiedoso de conflitos absurdos e desperdícios absurdos. É o amor pela liberdade, quando não por outros seres, que torna possível para nós coexistirmos na busca pelos nossos próprios desejos ao invés de definharmos na escravidão da velha gorda deusa da Discórdia. Quem está apaixonado identifica as necessidades dos outros como as suas próprias, sem fazer nenhuma distinção e passando por cima da dicotomia outro/eu que está nas raízes da alienação Ocidental. Logo, quando amamos encontramos formas de nos superarmos, de exaltar um ao outro e a nós mesmos enquanto vivemos.



A beleza deve ser definida como *o que somos*, ou então o conceito em si é nosso inimigo. Por que perecer à sombra de um padrão que não podemos personificar, um ideal que não podemos viver?

Enxergar beleza é simplesmente aprender a linguagem particular do significado que é a vida do outro: reconhecer e apreciar o que *é*.

Relações de Força

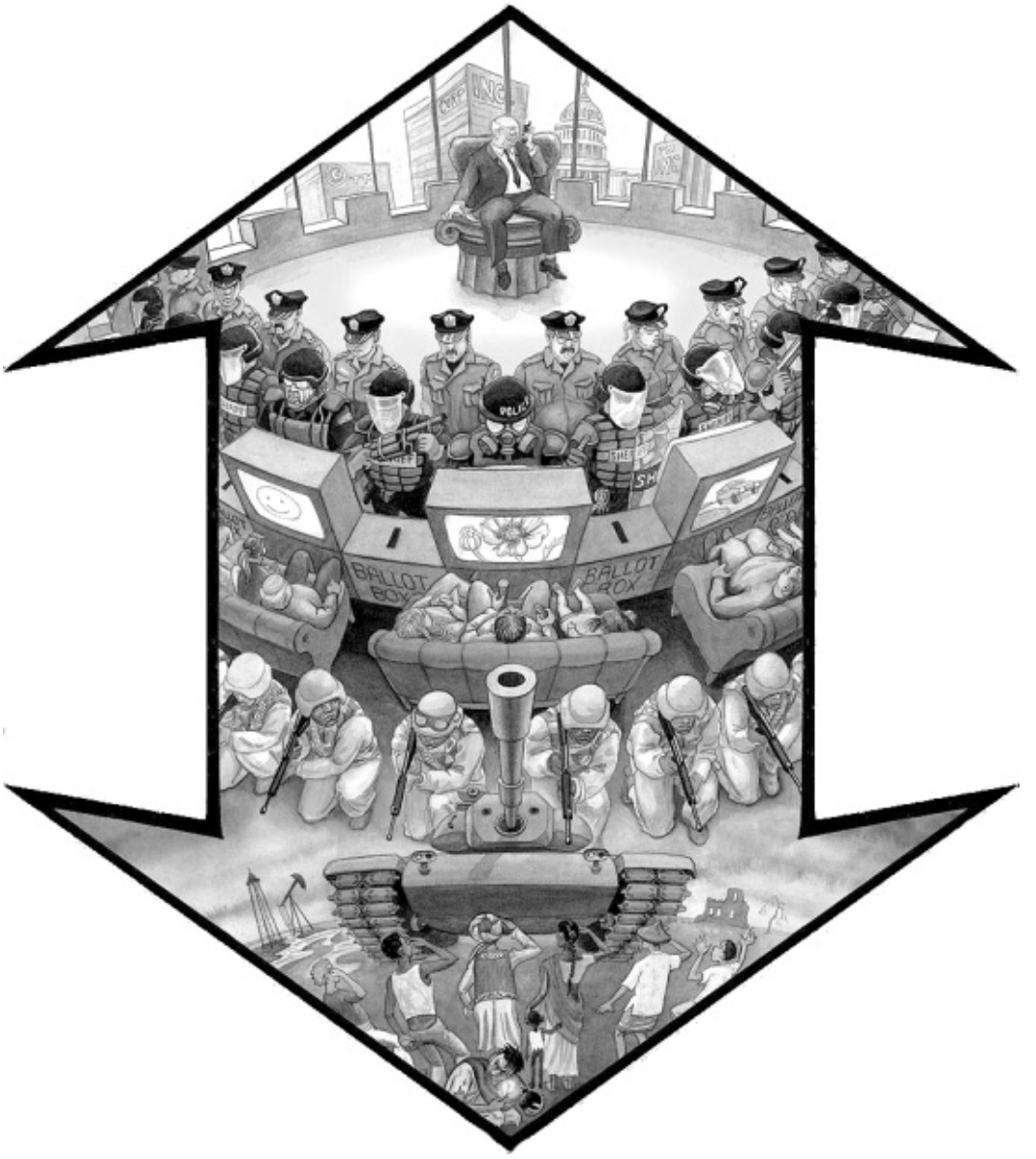
...ou viva e morra pela espada.

Quando você vive sob o medo, a única forma de encarar o mundo que faz sentido é com uma arma na mão. Assim como quem enxerga escassez em tudo o que olha cria um mundo de privações, aqueles que dependem da força para se relacionar com os outros ficam dependentes dela, e seus filhos herdam este ciclo.

A coerção vem de formas mais sutis que estupro, bombardeios para "manter a paz" e sanções econômicas. Ela vem disfarçada como padrões de imagem do corpo, pressões psicológicas que forçam as pessoas a reprimir os seus desejos, leis impostas pela opinião pública assim como capangas uniformizados. Ela pode vir camuflada de forma que pareça uma discussão trivial entre amigos (pois alguém que busca superioridade procura uma alavanca, que pode ser até mesmo o conhecimento sobre coisas triviais, para exercer força sobre os seus companheiros) ou aquela automutilação silenciosa que amantes e parentes usam às vezes para manipular uns aos outros — o oposto e ao mesmo tempo *gêmeo idêntico* da agressão machista.

Alguns chamam isto de democracia — você deu sua opinião sobre o que dizem os outdoors pelos quais você passa toda manhã, o que eles repetem dentro da sua cabeça todo dia, sobre as árvores que eles cortaram ao lado da sua casa para abrir espaço para mais um estacionamento ou posto de gasolina? E sobre os conservantes que eles colocam na comida que você come, ou nas condições de trabalho nas fábricas que os produzem? E sobre os salários, ou sobre quanto dinheiro o imposto de renda tira de você? Isso não são "coisas da vida", não é inevi-

* Ande por aí. Olhe ao redor. Os anúncios de cremes para a pele propondo um ideal inalcançável de beleza feminina, incentivando-as a resgatarem a sua autoconfiança colocando seu dinheiro nos cofres corporativos: *violência*. As frutas e legumes à venda nos supermercados, que serão jogadas em lixeiras com cadeados em vez de serem compartilhadas com os famintos a uma quadra de distância: *violência*. Os impostos sobre a venda desses vegetais, que pagam por cadeias para prender homens que serão escravizados lá, como seus ancestrais foram em plantações de cana-de-açúcar, sem mencionar bombas enviadas como ajuda a governos que oprimem e matam seu povo: *violência*. Os empregados que trabalham em lojas para que possam adquirir uma parcela desproporcionalmente pequena dos bens e serviços feitos por outros como eles: *violência*. Os hospitais, seguradoras, psiquiatras, fabricantes de remédios, como um bando de urubus voando em círculos, esperando que os corpos e mentes destas pessoas enfraqueçam e falhem, prontos para saquearem suas contas bancárias e levá-los juntos com seus filhos de volta ao trabalho: *violência*. O silêncio no ar, a ausência de amigos tendo bons momentos juntos, dos gritos de crianças brincando, pois as crianças estão todas em casa com videogames e televisão e ninguém quer estar aqui, todos anseiam por estar em algum lugar longe, muito longe daqui, mais longe até que as paisagens cheias de coqueiros dos anúncios publicitários de resorts de férias e bebidas alcoólicas... *violência, violência*. Você pode não ver uma briga, um machucado, mas o ar está cheio de um sentimento de guerra.


BALLOT BOX
BALLOT BOX

tável — são manifestações de conflito como *sistema* de relações humanas, cada um por si e a *força* contra todos nós.* A conformidade a regras sociais redundantes e burocráticas e o espancamento de mulheres, a cobertura manipulada do noticiário, as fazendas industriais desumanas, a luta por ascensão entre colegas e países, tudo isso são, ao mesmo tempo, manifestações da luta no coração de nossa civilização e armas que, usadas por facções lutando pela sobrevivência, a perpetuam.

Viver sob o jugo da coerção despe você de sua fé, deixa-o pronto para usar a força sobre os outros, tratá-los como o mundo te tratou. É bem sabido que a criança briguenta age assim por se sentir imprestável, que o adolescente encrenqueiro é levado ao vandalismo por insegurança e vontades frustradas; então quanto autodesprezo e desespero não devem estar nos corações dos ricos e poderosos cujas maquinações mantêm o mercado global funcionando? Sejam lavadores de pratos ou diretores, todos que não se sentem seguros o suficiente para criar e correr atrás dos seus próprios sonhos buscam compensação na riqueza, no status ou em formas ainda mais abertas de exercer poder sobre os outros.

Nessas condições, as pessoas passam a ver todas as relações humanas como conflitos entre interesses mutuamente exclusivos; não é de se surpreender que muitos têm dificuldade em imaginar como os seres humanos poderiam viver sem a coerção de forças supostamente benéficas. Mas competição e combate são obstáculos para a liberdade, assim como a repressão, que as autoridades insistem ser para o nosso próprio bem: conflitos distraem, controlam e simplificam todos que estão sujeitos a eles, da mesma forma que a polícia. Os arautos do terror insistem que a hierarquia é necessária para nos proteger da violência inerente à nossa espécie — mas a hierarquia é simplesmente a manifestação em grande escala da violência intrínseca a este sistema em particular. A possível ausência de hierarquia — entre amigos, em momentos de sincero trabalho de equipe, em outras sociedades — é prova de que também podemos viver sem a sua companheira, a violência.

Basicamente, todos os conflitos se resumem a relações de força — mesmo aqueles conhecidos, até este momento, como revoluções. Nosso sonho não é vencer mais uma guerra, mas organizarmosuma *revolução total*, uma guerra contra a condição de guerra, por aqueles belos momentos em que podemos ser gratos pela existência uns dos outros.

Fé

Invista no futuro...

Ou investimos no presente ou no futuro: ou reagimos às circunstâncias existentes e suas exigências, ou agimos para mudá-las. Você pode gastar toda sua energia vivendo de acordo com os termos ditados pela economia de mercado, pelas expectativas de seus pais e colegas e pelo peso de sua própria inércia — ou você pode arriscar tudo para tornar essas condições obsoletas. Para obter sucessoo, você precisará de fé.

Fé é o oposto de superstição. Fé significa acreditar nas possibilidades infinitas do universo e partir para explorá-las. Significa saber que se você pular de um precipício, vai cair em algum lugar. Ter fé significa confiar que o mundo é maior e mais rico do que você jamais conseguirá perceber, e portanto que não sentirá pressão para planejar o resto da sua vida a partir deste momento. Será melhor se você apenas traçar uma rota até o horizonte: de lá, você será capaz de avistar coisas novas e fazer novos planos de acordo. Que os deuses ajudem aqueles que hoje fazem planos a longo prazo e *não desistem deles*, cujas

vidas nunca serão maiores do que eles podem imaginar neste momento!

Fé significa abraçar o seu desejo: saber o que você quer, que isso é bom, que se tornará realidade. A fé torna você capaz de relaxar — relaxar permite que você aja livremente e aprenda com as conseqüências. Fé é o motor da profecia que se autorrealiza. Ela deixa você apto a confiar na sua intuição e lhe dá o controle sobre o seu medo. Quer você esteja enfrentando a polícia, dando luz a uma criança ou compondo uma canção, a fé é indispensável para *viver* com V maiúsculo.

Medo

...ou proteja-se até a morte.

A força não pode reinar sozinha, pois só é possível reinar sobre os vivos. A força só pode estabelecer sua dominação quando se junta com o medo; o medo, por outro lado, pode reinar mesmo na ausência de força.

O medo faz com que, na mente de seus súditos, além das fronteiras da obediência, só haja escuridão, vazio e o inimaginável. Caos, fracasso, danação e morte são projetados neste desconhecido; isso é irônico, pois só se pode fazer projeções baseado naquilo que já se conhece. Portanto as pessoas que temem o desconhecido revelam sem querer que o mundo que elas conhecem é um lugar de terror, e que aqueles que mais temem deixar o seu mundo conhecido para trás são os que mais teriam a ganhar ao explorar novas possibilidades.

Mas aquele que vive com medo se move apenas para consolidar o presente. Ele não é capaz de agir livremente — ele está muito ocupado reagindo com antecipação a coisas que ainda nem aconteceram. Ele só consegue imaginar o futuro — qualquer futuro — como uma ameaça. Ele não confia nada ao acaso, e portanto o acaso não pode lhe oferecer mais do que já lhe deu.

O medo jaz na raiz de toda violência e coerção. Quando uma pessoa confia nos seus companheiros e no mundo que a cerca para prover o que ela pensa que precisa, ou pelo menos algo igualmente estranho e maravilhoso, ela também pode ser gentil e generosa. Se ela se sentir ameaçada por eles, se tornará defensiva e agressiva, atacará cegamente, se tornará possuída pelo ressentimento e pela crueldade. A *vingança* se torna sua motivação, mais poderosa do que qualquer outro desejo: qualquer coisa para se vingar do mundo que a faz sentir-se tão inde-

sejada e desprezível. Ao agir nestes impulsos, ela os espalha aos outros como uma praga. Medo, assim como fé, se autoperpetua — até que algo quebre o ciclo.

Qualquer que seja seu caminho na vida, você deve desenvolver uma relação saudável com o seu medo, ou então ele realmente se tornará um mestre terrível. Nós lemos sobre rituais de passagem de povos "primitivos" — mas nós é que somos os primitivos, mimando os nossos medos ao invés de confrontá-los. Nós nunca nos tornamos adultos.

Você vive deliberadamente? Você encara os riscos por sua própria vontade ou, por medo, você se nega coisas? Você tem medo de que? Você está se guardando para que? Você possui o seu corpo? Preservar a carne é fútil — todos nós morremos um dia. A pergunta que fica é o que vai acontecer primeiro.

Existem duas possíveis respostas ao medo. Uma é se acovardar. A outra é seguir o seu medo, usá-lo como um guia, para seguí-lo além dos limites do mundo que você conhece. Não se guarde. Não se reserve. Algumas coisas não podem ser escritas nem contadas. Vá buscar.

Cheguei na universidade com uma pauta. Meu editor já sabia há tempos que eu havia perdido a fé no esquema; ele estava esperando por um pretexto para me despedir, e enquanto isso me mandava cobrir as histórias mais indesejadas. Eu tinha sido enviado a concursos de quem comia mais torta, campeonatos de golfe de cidadão sênior, exposições de mobília vitoriana. Não esperava que essa fosse muito diferente.

Quando apareci por lá, a ocupação já estava a pleno vapor. Parecia um posto avançado de um exército medieval: faixas pintadas com proclamações inescrutáveis, caldeirões de cozido fervendo em fogo aberto, bárbaros de rostos escuros reunidos no ar gelado da manhã. Parecia inconcebível que algo assim existisse no meu próprio século, muito menos no meu bairro.

Entretanto, a jovem bárbara que me mostrou o lugar dava a entender que eu era o anacronismo ali. Ela era agradável o suficiente, mas não se dava nem o trabalho de fingir me levar a sério. Toda pergunta que eu fazia ela virava contra mim:

"Quais organizações financiam vocês?"

"Quais 'organizações' financiam *vocês*?"

"Vamos lá, vocês devem estar conseguindo recursos de *algum lugar*". Eu gesticulava em direção às barracas à nossa volta enquanto dois tipos suspeitos com olhares cansados passavam por nós com caixotes cheios de comida. "Você não espera que eu acredite que vocês estão fazendo tudo isso sem patrocinadores, espera?"

"É isso que você acha? Não é me surpreende que você seja repórter."

Isso era um comportamento terrível para quem espera uma cobertura amigável; nós jornalistas temos uma grande fama de sermos

sensíveis e temos nosso instrumento de vingança sempre na ponta dos nossos dedos. Será que esses selvagens não davam a mínima para terem uma boa imagem na mídia?

Isso era algo novo. Onde quer que eu fosse as pessoas me bajulavam, empurrando uns aos outros para terem a chance de me contar suas emocionantes histórias. Eu era o porteiro que guardava os portões do poder e da opinião pública, um personagem saído de um livro de Kafka; em uma sociedade que enxergava o mundo todo através da lente da mídia, eu era, como a fada do Pinóquio, o único que poderia torná-los reais. Isso era ainda mais verdade com radicais e manifestantes, por mais que alegassem ter dúvidas sobre os meus empregadores.

Minha interlocutora não tinha nenhum interesse em se tornar real — ela se contentava em ser imaginária, junto com todo acampamento medieval à nossa volta e os objetivos deste protesto, se existia algum. Eu tinha que admitir, dava quase uma sensação de alívio encontrar alguém que não tinha nenhum interesse em mim. Ao invés de acabar com a entrevista e despachá-la com desdém, eu continuava a pressioná-la com perguntas, mas cada vez com menos convicção. Finalmente, desisti e me sentei, parcamente resistindo ao impulso de pôr minha cabeça sobre minhas mãos.

"Eu não entendo." A abertura da barraca à esquerda mostrava três jovens dormindo, pelados e andróginos, unificados em um abraço que repudiava dois mil anos de doutrina Cristã. À minha direita, um homem que eu imaginava ser um zelador remexia em uma caixa de ferramentas, para finalmente tirar dela uma serra e um pino de boliche. "Tudo isto é como um sonho, e eu nunca sonho."

Isso acabou soando mais piegas do que eu queria. Ela sentou-se ao meu lado, olhando com compaixão para mim pela primeira vez. "Como o rei que nunca tinha sonhado até que o feiticeiro o fez dormir num chiqueiro."

Escassez, propriedade, crueldade, rotina — estas coisas parecem leis da natureza, a menos que você as perceba de outras formas. Você não pode culpar aqueles que não podem imaginar além — apenas lhes mostre que existe.

Assim como os alquimistas do passado lutavam para transformar chumbo em ouro, para criar novas possibilidades reorganizando elementos existentes, devemos extrair riqueza da pobreza e magia do mundano. O alquimista entende que são as forças que contam, não os materiais — as relações, não as coisas. Qualquer situação, toda situação, pode ser revolucionada — você só tem que entrar sabendo que é a sua vida que está em jogo.

A nossa desavença é com a gravidade, com o peso da inércia. Cabe a nós nos livrarmos dela — ou usá-la em nosso proveito. Para o homem preguiçoso, gravidade é uma força a ser temida, um mestre odiado; ele vê nela um argumento contra o movimento, contra a ação, contra a própria vida. Mas para o dançarina, a gravidade é indispensável. Sem isso, ela não teria com o que brincar, não haveria nenhum contraponto à sua força e habilidade. Ela voa ainda mais graciosamente por ter nascido sem asas.

Devemos dançar com nossas apreensões, agonias, histórias, ou seremos paralisados por elas. Com leveza nos pés, podemos transformar a nossa história centenária de destruição e decepção num mero prólogo, na trágica abertura antes de uma bela sinfonia — justificando e absolvendo, nós e o mundo em que vivemos, no processo.

Se existe alguém tolo o suficiente para querer este mundo do jeito que está, deixe ele o ter e perecer com ele. Para o resto de nós, alquimia é a única esperança.

"Infelizmente, algumas pessoas possuem carreiras e responsabilidades," meditei em voz alta, convidando-a para me ajudar a me arranjar uma desculpa. "Nem todo mundo pode largar tudo e acampar aqui como vocês. Eu tenho contas para pagar, compromissos para cumprir..."

Ela pegou minha mão e me tirou, sem fôlego, das ruínas. "A vida não é retrospectiva", ela me confiou. "E nós também não precisamos ser."

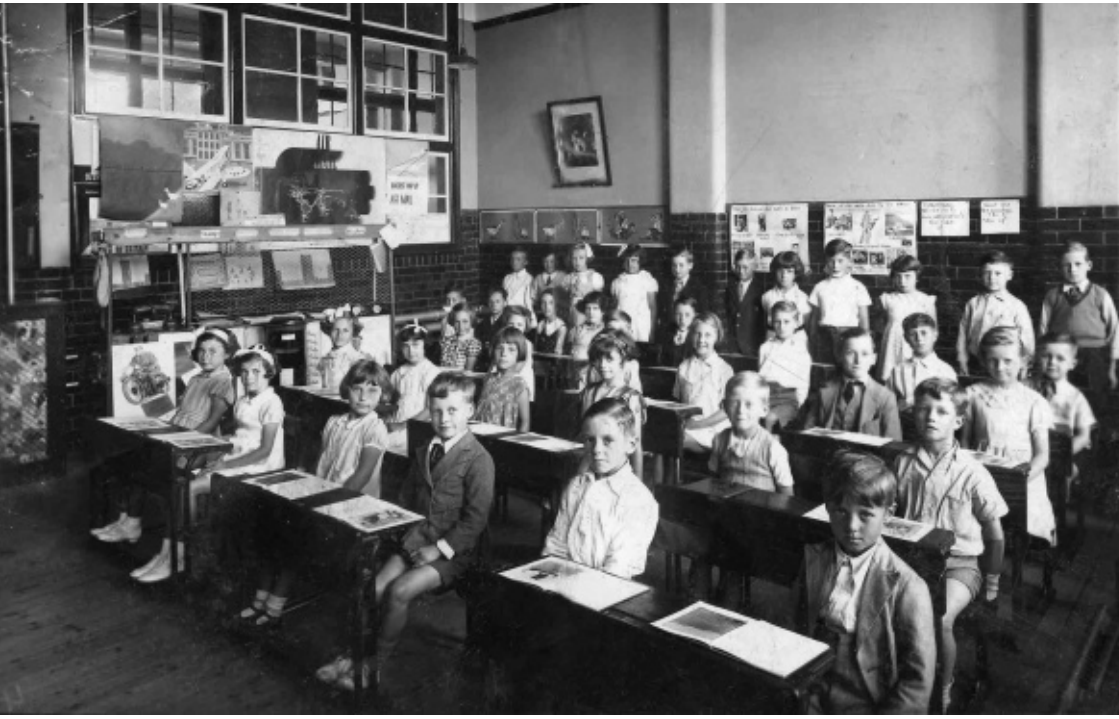
- Agradeça por viver em uma democracia!

Além da Democracia!?

Hoje, a democracia domina o mundo. O comunismo está morto há muito tempo, todos os países de terceiro mundo que você vê na televisão fazem eleições, e os líderes mundiais se encontram para planejar a "comunidade global" da qual ouvimos tanto falar. Então por que não estão todos felizes? A propósito, por que tão poucas das pessoas que podem votar nos Estados Unidos, o maior exemplo de democracia, não se dão ao trabalho de ir votar?

Será que a democracia, há muito tempo a palavra preferida por toda revolução e resistência, simplesmente não é democrática o suficiente? O que poderia ser mais democrático?

Toda criança pode crescer e se tornar presidente.



Não, não pode. Ser Presidente significa ocupar uma posição de poder hierárquico, assim como ser um bilionário: para cada pessoa que é Presidente, têm de haver milhões de pessoas que não o são. Não é coincidência que bilionários e Presidentes costumam se dar bem; ambos existem no mundo que está fora do alcance ao resto de nós. Por falar em bilionários, nossa economia não é exatamente democrática — o capitalismo distribui recursos em proporções absurdamente desiguais, e você tem que começar com algum recurso se você quer ser eleito.*

* Vamos suspender todos os nosso receios sobre democracia por tempo suficiente para considerarmos se, caso *fosse* um método eficiente para as pessoas compartilharem o poder sobre suas vidas, ela poderia ser compatível com o capitalismo. Numa democracia, uma população informada deve votar de acordo com seu próprio interesse esclarecido — mas no capitalismo quem controla o fluxo de informação senão os ricos executivos? Eles nunca deixam de manipular a cobertura de acordo com seus interesses de classe, e você não pode culpá-los, os jornais e redes de televisão que não cederam aos anunciantes corporativos, que tanto alienam, foram levados à falência há muito tempo atrás por competidores menos escrupulosos.

Da mesma forma, votar significa escolher entre opções, de acordo com as possibilidades que parecem mais desejáveis — mas quem define as opções, quem estabelece o que é considerado possível, quem constrói os próprios desejos senão os ricos patriarcas das instituições políticas e seus sobrinhos em empresas de publicidade e de relações públicas? Nos Estados Unidos, o sistema de dois partidos reduziu a política a escolher o menos pior de dois maus idênticos, ambos os quais respondem acima de tudo aos seus patrocinadores. É claro, os partidos discordam sobre exatamente o quanto deve-se reprimir a liberdade ou investir em bombas — mas alguma vez chegamos a votar para decidir quem controla os espaços "públicos" como shopping centers, ou se os trabalhadores merecem o produto bruto dos seus esforços, ou qualquer questão que possa mudar de verdade o modo como vivemos? Do modo como as coisas andam, a função essencial do processo democrático é limitar as aparências do que é possível para as poucas possibilidades discutidos pelos candidatos ao governo. Isto desmoraliza os dissidentes e contribui para a impressão geral de que eles são utópicos impotentes — quando nada é mais utópico do que confiar em representantes da classe dona de propriedades para se dirigir aos males causados pela sua própria dominação, e nada pode ser mais impotente do que aceitar o sistema político deles como o único sistema político possível.

Basicamente, o mais transparente dos processos políticos democráticos irá sempre ser pisoteado por assuntos econômicos como a posse de propriedades. Mesmo que pudéssemos reunir todo mundo, capitalistas e pessoas condenadas à prisão, em uma grande assembléia geral, o que evitaria que a mesma dinâmica que governa os mercados invadisse este lugar sagrado? Enquanto os recursos forem distribuídos de maneira desigual, os ricos sempre poderão comprar os votos dos outros: tanto literalmente, ou prometendo uma fatia da torta, ou então por meio de propaganda e intimidação. A intimidação pode ser indireta — "Esses radicais querem uma parte da propriedade que você suou para conquistar" — ou aberta como as sangrentas lutas de gangues que acompanhavam as disputas eleitorais nos Estados Unidos do século XIX. Logo, mesmo na melhor das hipóteses, a democracia só vai servir àquilo a que se propõe se ela ocorrer entre aqueles que se opõem explicitamente ao capitalismo e dispensam seus prêmios — e nesses círculos, o consenso faz muito mais sentido que o governo da maioria.

Mesmo que fosse verdade e qualquer um *pudesse* crescer e se tornar o Presidente, isso não ajudaria os milhões que não se tornariam, que têm que viver na sombra deste poder. Este desequilíbrio é intrínseco à estrutura da democracia representativa, tanto no nível local como no topo. Os políticos profissionais de uma câmara de vereadores discutem assuntos do município e aprovam regulamentações o dia todo sem consultar os cidadãos da cidade, que têm que estar trabalhando; quando uma dessas leis desagrada os cidadãos, eles têm que usar o pouco tempo de lazer de que dispõem para contestá-la, e estarão de volta ao trabalho na próxima vez que a câmara se reunir. Na teoria, os cidadãos poderiam eleger uma câmara de vereadores diferente entre os políticos e aprendizes disponíveis, mas os interesses dos políticos como classe continuariam essencialmente em conflito com os seus — além disso, fraudes eleitorais, cabresto, e lealdade partidária acéfala geralmente os impedem de ir tão longe. Mesmo no improvável cenário de que um governo completamente novo fosse eleito constituído por intenções legítimas de desfazer a desigualdade de poder entre políticos e cidadãos, eles estariam inevitavelmente a perpetuando pelo simples fato de aceitarem estes papéis no sistema — pois o aparato político é a própria base dessa desigualdade. Para obter sucesso no seu objetivo, eles teriam que dissolver o governo e se juntar ao resto da população para reconstruir a sociedade de baixo para cima.

Mas mesmo que não houvesse Presidentes ou câmaras municipais, a democracia como a conhecemos ainda seria um empecilho à liberdade. Deixando a corrupção, o privilégio e a hierarquia de lado, o governo da maioria não só é inerentemente opressivo mas também paradoxalmente divisor e homogeneizador ao mesmo tempo.

A Tirania da Maioria

Se você fizesse parte de uma pequena minoria, e a maioria decidisse através do voto que você tinha que abrir mão de algo tão vital para você como a água e o ar? Você obedeceria? Quando se coloca desta forma, alguém realmente acredita que faz sentido aceitar a autoridade de um grupo simplesmente porque eles estão em maior número? Nós aceitamos o governo da maioria porque não acreditamos que isso possa nos ameaçar — e aqueles que são ameaçados já foram silenciados antes que qualquer pessoa possa ouvir os seus receios.

O cidadão mediano que diz ser respeitador das leis não se considera ameaçado pelo governo da maioria porque, conscientemente ou não, ele se percebe como detentor do poder e da autoridade moral da maioria: se não de fato, em virtude de ser ter uma posição socialmente e politicamente "moderada", pelo menos na teoria, porque ele acredita que todos serão convencidos pelos seus argumentos se ele tiver a oportunidade de apresentá-los. A democracia governada pela maioria foi sempre baseada na convicção de que se todos os fatos forem conhecidos, todos poderiam ver que só há um curso de ação correto — se abandonamos esta crença, não resta nada além de uma ditadura do rebanho. Mas mesmo que "os" fatos possam ficar igualmente claros a todos, assumindo que tal coisa seja possível, as pessoas ainda teriam suas perspectivas, motivações e necessidades individuais. Precisamos de estruturas políticas que levem isso em conta, nas quais sejamos livres do governo da multidão e da influência da classe privilegiada.

Viver sob um governo democrático faz as pessoas pensarem em termos de quantidade, a se focar mais na opinião pública do que no que as suas consciências lhes dizem, a se verem como impotentes a menos que façam parte de uma massa. A raiz da democracia do governo da maioria é a *competição*: competição para persuadir todo mundo a aceitar a sua posição, quer ou não ela seja do maior interesse de todos, competição para constituir a maioria para obter o poder antes que os outros o façam — e os perdedores (ou seja, as minorias) que se danem.* Ao mesmo tempo, o governo da maioria força aqueles que

desejam o poder a apelarem para o mínimo denominador comum, iniciando uma corrida para baixo que recompensa o mais insosso, superficial e demagogo; na democracia, o próprio poder fica associado com a conformidade ao invés de com a individualidade. E quanto mais o poder se concentra nas mãos da maioria, menos o indivíduo consegue fazer sozinho, quer ele faça ou não parte da maioria.

Quando pretende dar a todos uma oportunidade de participar, a democracia governada pela maioria oferece a justificativa perfeita para reprimir aqueles que não obedecem o que ela dita: se eles não gostam do governo, por que então eles mesmos não entram na política? E se eles não vencerem no jogo de construir uma maioria para obter o poder, podemos dizer que eles pelo menos tiveram a sua chance. Esta é a mesma estratégia de culpar as vítimas usada para justificar o capitalismo: se o lavador de pratos não está feliz com seu salário, ele deve trabalhar mais para que possa também ser o dono de sua própria rede de restaurantes. Claro, todos têm a oportunidade de competir, por mais desigual que ela seja — mas e aqueles entre nós que não querem

* Em contraste com as formas de tomada de decisões nas quais as necessidades de todos são levadas em conta, na democracia o enfraquecimento dos perdedores e dos grupos excluídos é fundamental. É bem sabido que na antiga Atenas, o "berço da democracia", menos de um oitavo da população tinha permissão para votar, uma vez que mulheres, estrangeiros, escravos e outros não eram considerados cidadãos. Isso geralmente é visto como uma pequena imperfeição que o tempo corrigiu, mas poderíamos também concluir que a própria exclusão é a característica mais essencial e obedecida da democracia: milhões de pessoas que vivem nos Estados Unidos hoje não podem votar também, e as distinções entre cidadãos e não-cidadãos não se corroeram significativamente nos últimos 2500 anos. Todo dono de propriedades burguês pode citar mil razões porque não é aconselhável permitir que todas as pessoas cujos interesses estejam em jogo compartilhem a tomada de decisões, assim como nenhum chefe ou burocrata sonharia em dar aos seus empregados uma voz igual no seu local de trabalho, mas isto não a torna nem um pouco menos exclusiva. E se — devemos pelo menos levantar a hipótese — a democracia tiver surgido na Grécia, não como um passo do Progresso Humano Rumo à Liberdade, mas como uma forma de deixar o poder fora de certas mãos?

Democracia é a forma mais sustentável de manter a separação entre poderosos e impotentes porque ela incentiva o maior número de pessoas possível a defender esta divisão.

É por isso que a marca d'água da democracia — sua influência no mundo todo — corresponde a desigualdades sem precedentes na distribuição de recursos e poder. Ditaduras são inerentemente instáveis: você pode massacrar, aprisionar e fazer lavagem-cerebral em gerações inteiras e suas crianças ainda vão reinventar completamente a luta pela liberdade. Mas prometa a todo homem a oportunidade de ser um ditador, de ser capaz de forçar a "vontade da maioria" sobre seus concidadãos ao invés de buscar soluções para as desavenças como um adulto maduro, e você pode criar um front de batalha do autointeresse destrutivo contra a cooperação e coletividade que tornam a liberdade individual possível. Melhor ainda se houverem ditaduras ainda mais opressivas à sua volta para serem apontadas como "a" alternativa, para que você possa glorificar tudo isto na retórica da liberdade.

competir, que nunca quiseram que o poder fosse centralizado nas mãos de um governo em primeiro lugar? E se não temos interesse em governar ou ser governados?

É para isso que serve a polícia — e os tribunais, os juízes e as prisões.

O Governo da Lei

Mesmo que você não acredite na intenção delas de acabar com a inconformidade onde quer que ela apareça, você tem que reconhecer que as instituições legais não substituem a boa vontade, o respeito mútuo e a justiça. O exercício da "lei igualitária e justa", como é fantasiada pelos acionistas e senhorios cujos interesses ela protege, não oferece nenhuma garantia contra a injustiça; ela simplesmente cria uma outra área de especializações, nas quais o poder e a responsabilidade são cedidos a caros advogados e juízes pomposos. Ao invés de servir para proteger nossas comunidades e solucionar nossos conflitos, esse arranjo assegura que as habilidades de resolver conflitos e se defender da comunidade atrofiem — e aqueles cuja profissão é supostamente desencorajar o crime têm interesses em proliferá-lo, uma vez que suas carreiras dependem disto.

Ironicamente, nos dizem que precisamos dessas instituições para proteger os direitos das minorias — mesmo que a função implícita dos tribunais, na melhor das hipóteses, seja impor a legislação da maioria sobre a minoria. Na verdade, uma pessoa só pode usar os tribunais para defender os seus direitos se ele puder reunir força suficiente numa moeda que eles aceitem; graças ao capitalismo, somente uma minoria pode fazer isso, então, de uma forma tortuosa, acaba que na verdade os tribunais existem para defender os direitos de pelo menos *uma certa* minoria.

A justiça não pode ser estabelecida através da simples elaboração e imposição de leis; tais leis só podem institucionalizar o que já é a regra em uma sociedade. O bom senso e a compaixão são sempre preferíveis à imposição de regulamentos estritos e impessoais. Onde a lei é uma província privada de uma elite que busca sua própria perpetuação, os sensatos e compassivos estão destinados a terminarem como réus; precisamos de um sistema social que proteja e recompense estas qualidades no lugar da obediência cega e da passividade.

Não é por acaso que "liberdade" não está na cédula eleitoral.

Liberdade é uma qualidade da atividade, não uma condição que existe no vácuo: é um prêmio a ser ganho diariamente, não uma posse que possa ser mantida no porão e polida para ser levada em desfiles. Liberdade não pode ser dada — o máximo que se pode esperar é conseguir libertar os outros das forças que os impedem de encontrá-la sozinhos. A verdadeira liberdade não tem nada a ver com votar; ser livre não significa simplesmente poder escolher entre opções, mas participar ativamente em construir as opções, em primeiro lugar.

Vejam uma urna: democracia!!

Se a liberdade pela qual muitas gerações lutaram e morreram é melhor exemplificada por um homem numa cabine eleitoral marcando um X numa cédula antes de voltar para o trabalho em um ambiente que não está mais sob o seu controle do que estavas antes, então a herança que nossos ancestrais emancipadores e de nossas avós sufragistas nos deixaram não é nada além de um medíocre substituto à liberdade que eles buscaram.

Para ilustrar melhor a verdadeira liberdade em ação, observe o músico improvisando com seus companheiros: com prazer e aparentemente sem esforço, eles criam cooperativamente um ambiente sonoro e emocional, transformando o mundo que, por sua vez, os transforma. Pegue este modelo e o estenda a todas suas interações com outras pessoas e você obterá algo qualitativamente diferente do nosso presente sistema — uma harmonia nas atividades e relações humanas. Para chegar lá de onde estamos, temos que dispensar o voto como expressão modelo da liberdade e da participação.

Democracia representativa é uma contradição em si.

Ninguém pode representar seus interesses e seu poder por você — só se tem poder ao exercê-lo, você só pode saber quais são seus interesses se envolvendo. Políticos fazem carreira dizendo representar os outros, como se liberdade e poder político pudessem coubessem numa procuração; na verdade, eles são uma classe de padres que só responde a si mesma, e sua própria existência é prova de nossa exclusão.

Votar nas eleições é uma expressão da nossa impotência: é uma admissão de que só podemos nos aproximar dos recursos e capacidades de nossa própria sociedade através da mediação dessa classe de padres. Quando deixamos eles pré-fabricarem nossas opções para nós, cedemos o controle de nossas comunidades a esses políticos da mesma forma que cedemos a tecnologia aos engenheiros, os cuidados com a saúde aos médicos e o controle dos ambientes em que vivemos a urbanistas e empreiteiros privados. Acabamos vivendo em um mundo que é estranho a nós, mesmo que ele seja fruto do nosso trabalho, pois agimos como sonâmbulos, hipnotizados pelo monopólio que nossos líderes e especialistas mantém sobre a criação de possibilidades.

Mas não somos obrigados a simplesmente escolher entre candidatos a presidente, marcas de refrigerante, programas de TV e ideologias políticas. Podemos tomar nossas próprias decisões como indivíduos e comunidades, podemos criar nossas próprias bebidas, estruturas sociais e *poder*, podemos estabelecer uma nova sociedade à base de igualdade e cooperação. Eis como.

Quais são as alternativas democráticas à democracia?

Consenso

A tomada de decisões baseada no consenso já é praticada pelo mundo todo, desde comunidades indígenas na América Latina e grupos de ação direta na Europa a cooperativas de agricultores orgânicos na Austrália. Em contraste à democracia representativa, os participantes fazem parte do processo de tomada de decisões de forma contínua e exercem verdadeiro controle sobre sua vida diária. Ao contrário da

democracia governada pela maioria, o consenso valoriza igualmente as necessidades e preocupações de cada indivíduo; se uma pessoa está infeliz com uma resolução, é da responsabilidade de todos encontrar uma nova solução que seja aceitável por todos. A tomada de decisões baseada no consenso não exige que uma pessoa aceite o poder de outros sobre ela, entretanto exige que todo mundo considere as necessidades de todos; o que ela perde em eficiência compensa dez vezes em liberdade e transparência. Ao invés de pedir que as pessoas aceitem líderes ou encontrem uma causa comum se homogeneizando, o processo consensual integra todos em um conjunto funcional enquanto permite que cada um mantenha a sua autonomia.

Autonomia

Para ser livre, você deve ter controle sobre aquilo que está imediatamente à sua e sobre as coisas básicas da sua vida. Ninguém está mais qualificado que você para decidir como você deve viver; ninguém pode ser capaz de votar no que você deve fazer com o seu tempo e potencial a menos que você os convide. Alegar esses privilégios para si e respeitá-los nos outros é cultivar a autonomia.

A autonomia não deve ser confundida com a, assim chamada, independência: na verdade, ninguém é independente, uma vez que nossas vidas dependem umas das outras.* A glamourização da autossuficiência numa sociedade competitiva é um modo enganoso de acusar aqueles que se recusam a explorar os outros de serem responsáveis pela sua própria pobreza; e como tal, é um dos obstáculos mais significativos para se construir uma comunidade†. Em contraste a essa miragem Ocidental, a autonomia oferece uma livre *interdependência* entre pessoas que compartilham consenso.

Autonomia é a antítese da burocracia. Não há nada mais eficiente que pessoas agindo por suas próprias iniciativas como acharem necessário, e nada é mais ineficiente que tentar ditar as ações de todo mundo — isto é, a menos que seu objetivo fundamental seja controlar outras pessoas. A coordenação de cima para baixo só é necessária

* "O homem ocidental enche a sua despensa de compras e chama a si mesmo de auto-suficiente" — Mohandas Gandhi.

† O mito que alguns políticos criaram de que famílias carentes que recebem benefícios como o bolsa-família estariam vivendo às custas do trabalho das "pessoas de bem" divide indivíduos que de outra maneira poderiam formar grupos cooperativos que não teriam utilidade para políticos profissionais.

Quem precisa de democracia quando se pode concordar?

quando as pessoas devem ser forçadas a fazer algo que elas nunca fariam de seu próprio acordo; da mesma forma, uniformidade obrigatória, por mais horizontal que seja sua imposição, só pode fortalecer um grupo ao enfraquecer os indivíduos que o compõem. O consenso pode ser tão repressivo quanto a democracia a menos que os participantes retenham sua autonomia.

Indivíduos autônomos podem cooperar sem compartilhar um plano idêntico, enquanto todos se beneficiarem da participação dos outros. Logo, grupos que cooperam podem evitar conflitos e contradições, assim como o fazemos individualmente, e ainda fortalecer os participantes. Vamos deixar o ato de marchar sob uma bandeira única para os militares.

Finalmente, autonomia requer autodefesa. Grupos autônomos têm interesse em se defender da invasão daqueles que não reconhecem o seu direito à autodeterminação, e em expandir o território da autonomia e do consenso ao fazerem tudo em seu poder para destruir estruturas coercivas.

Federações sem hierarquia

Grupos autônomos independentes podem trabalhar juntos em federações sem que qualquer um deles detenha a autoridade. Tal estrutura soa utópica, mas na verdade pode ser muito prática e eficiente. O correio e as viagens de trem internacionais funcionam nesse sistema, para citar dois exemplos: enquanto os sistemas individuais de transporte e correio são internamente hierárquicos, eles todos cooperam juntos para transportar correspondências ou passageiros de um país a outro sem que uma autoridade máxima seja necessária em qualquer estágio do processo. De forma similar, indivíduos que não podem concordar suficientemente para trabalhar juntos dentro de um coletivo ainda podem coexistir em grupos separados. Para que isto funcione a longo prazo, é claro, é preciso alimentar, gota a gota, os valores de cooperação, consideração e tolerância nas gerações futuras — mas isso é exatamente o que estamos propondo, e dificilmente conseguiremos executar esta tarefa pior do que os partidários do capitalismo e da hierarquia têm feito.

Ação Direta

A autonomia precisa que você aja por si mesmo: que ao invés de esperar que solicitações passem por canais estabelecidos somente para acabar em burocracias e negociações intermináveis, você estabeleça seus próprios canais. Se você quer que os famintos tenham comida para comer, não apenas dê dinheiro a uma organização de caridade burocrática — descubra onde há comida sendo desperdiçada, recolha-a e compartilhe. Se você quer habitações acessíveis, não espere que a câmara municipal aprove uma lei — isso levará anos, enquanto pessoas dormem nas ruas todas as noites; ocupe prédios abandonados, abra-os para o público, e organize grupos para defendê-los quando os capangas dos proprietários ausentes aparecerem. Se você quer que as corporações tenham menos poder, não peça aos políticos por eles comprados que imponham limites a seus próprios mestres — tome esse poder para si próprio. Não compre seus produtos, não trabalhe para eles, sabote os seus anúncios publicitários e escritórios, impeça-os de realizar seus encontros e sua mercadoria de ser entregue. Eles também usam táticas similares para exercer poder sobre você — e só parece válido porque eles compraram as leis e os valores da nossa so-

ciedade muito antes de você nascer.

Não espere por permissão ou liderança de alguma autoridade de fora, não implore para que algum poder superior organize sua vida para você. Tome a iniciativa!

Como Resolver Conflitos Sem Chamar as Autoridades

Num arranjo social que realmente é do melhor interesse de todos indivíduos participantes, a ameaça de exclusão deve ser suficiente para desencorajar os comportamentos mais destrutivos ou desrespeitosos. Mesmo quando é impossível evitar, exclusão é certamente mais humanitária que prisões e execuções, que corrompem a polícia e os juízes tanto quanto amargam os criminosos. Aqueles que se recusarem a respeitar as necessidades dos outros, que não se integrarem em nenhuma comunidade, podem acabar banidos da vida social — mas isso ainda é melhor que o exílio na ala dos loucos ou no corredor da morte, duas das possibilidades que esperam tais pessoas hoje. Violência só deve ser usada pelas comunidades em legítima defesa, não com o sentimento arrogante de propriedade com a qual é aplicada no nosso atual sistema de injustiça. Infelizmente, num mundo governado pela força, grupos autônomos baseados em consenso vão provavelmente entrar em conflito com aqueles que não agem por valores de cooperação e tolerância; eles devem portanto ser cuidadosos para não perderem também os seus valores ao tentar defendê-los.

Discordâncias sérias dentro de comunidades podem ser solucionadas em muitos casos reorganizando ou subdividindo os grupos. Freqüentemente indivíduos que não se dão bem em determinada configuração social obtêm mais sucesso cooperando em outro arranjo ou como membros de comunidades paralelas. Se o consenso não pode ser alcançado dentro de um grupo, este grupo pode se dividir em grupos menores que possam alcançá-lo internamente — isso pode ser inconveniente e frustrante, mas é melhor do que as decisões do grupo serem impostas à força por aqueles que têm mais poder. Tanto com os indivíduos e a sociedade, como para diferentes coletivos: se os benefícios de trabalhar junto superam as frustrações, deve ser incentivo suficiente para que as pessoas acertem suas diferenças. Mesmo comunidades drasticamente diferentes ainda têm em seu interesse coexistir pacifi-

camente, e devem de alguma forma negociar para alcançar isso...

Vivendo Sem Permissão

...esta é a parte mais difícil, é claro. Mas não estamos falando de só mais um sistema social, estamos falando de uma transformação total das relações humanas — pois será necessário nada menos do que isso para solucionar os problemas atuais da nossa espécie. Não vamos nos enganar — até que possamos alcançar isso, a violência e a luta inerente nas relações baseadas em conflitos vão continuar a se intensificar, e nenhuma lei ou sistema será capaz de nos proteger. Em estruturas baseadas no consenso, não existem soluções falsas, nenhuma forma de reprimir conflitos sem resolvê-los; aqueles que participam neles *devem* aprender a coexistir sem coerção e submissão.

As primeiras e preciosas sementes desse novo mundo podem ser encontradas nas suas amizades e casos amorosos sempre que eles forem livres de dinâmicas de poder, sempre que a cooperação acontecer naturalmente. Imagine esses momentos expandidos de forma a abranger toda nossa sociedade — essa é a vida que nos espera além da democracia.

Pode parecer que estamos separados deste mundo por um abismo insuperável, mas o bom do consenso e da autonomia é que você não tem que esperar pelo governo para votar neles — você pode praticá-los agora mesmo com as pessoas ao seu redor. Coloque-os em prática, as virtudes deste modo de vida são claras. Forme seu próprio grupo autônomo, não respondendo a nenhum poder que não o seu próprio, e busque a sua liberdade por si mesmo, se seus representantes não o fazem — uma vez que eles *não podem* fazê-lo por você.

NÃO IMPORTA
EM QUEM ELES VOTAM,
NÓS SOMOS INGOVERNÁVEIS!

A natureza odeia o vácuo, e a civilização não é diferente; foi assim que, uma a uma, encontrei versões baratas de tudo o que queria experimentar. Eu queria um romance selvagem; estava saindo com um cara legal que invadia propriedades privadas comigo nos fins-de-semana. Eu ansiava por aventuras; estava mandando meu currículo para escolas com esperança de conseguir uma bolsa para estudar fora do país. Queria fazer algo importante com a minha vida; depois de passar meses me debatendo, me contentei com um pouco de ativismo ambiental. Se você me perguntasse então se essas coisas me satisfaziam, eu provavelmente responderia que sim; eu não tinha nada com o que compará-las. Também poderia ter respondido que só sobrevivi a cada instante imaginando que tudo à minha volta estava pegando fogo.

Esse era meu estado mental na sessão da Câmara Municipal enquanto esperava para falar no debate sobre a água. Rita e eu estávamos impacientes com a interminável sucessão de formalidades, queixas e lero-lero; agora, se me lembrasse bem, só restava uma pessoa na frente dela.

Observando os oradores que nos antecederam — proprietários de casas indignados com lombadas, empresários criando aparências para disfarçar o negócio por baixo dos panos — era claro que nós éramos peixes fora d'água. Aquelas pessoas não davam a mínima para a água, nem para nada mais; eles estavam ocupados demais lidando com a sua própria burocracia e se achavam bons demais para querer outra coisa. Os cidadãos que estavam lá não conseguiam enxergar além do seu direito à propriedade; os únicos que me pareciam remotamente interessantes eram os dois jovens mal-vestidos sentados à minha direita. Um deles era uma das poucas pessoas de tez mais escura sentada na audiência, além de umas pessoas que eu imaginava serem funcionários da câmara. Só deus sabia o que fazia os dois homens esperarem lá — não parecia que eles tinham uma propriedade para discutir.

Quando você decide que espontaneidade e paixão serão, se não a base para a sua vida, a sua única esperança de fuga, a pressão pode ser enorme. Nada é mais assustador do que aqueles momentos nos quais parece impossível acontecer algo empolgante, e esses momentos vêm um atrás do outro, como a tortura chinesa da água. Eu vivia sob essa pressão desde o funeral de Daniel, e tinha começado a me esconder dela num ceticismo planejado — o oposto do otimismo forçado que tive que adotar em entrevistas de emprego e apresentações como esta. Quanto mais eu esperava sentada, mais a idéia de negociar com aque-

les burocratas me revirava o estômago; já era difícil o suficiente me convencer de que o que eles pensavam ou faziam faria alguma diferença. Mas os vereadores tinham terminado as suas observações, e a mulher que estava reclamando na linguagem dos sinais sobre os jovens latinos que vinham aparecendo na sua vizinhança estava retornando ao seu assento.

O jovem à minha direita se inclinou em minha direção e sussurou: "Olha isso".

O seu companheiro ficou de pé e caminhou devagar até o palanque, alisou seu cabelo negro para trás, e começou a remexer em um amontoado de folhas amassadas. O farfalhar daqueles papéis no sistema de som foi o único barulho no plenário por quase um minuto. Finalmente, ele começou a murmurar em um tom monótono: "Vários homens morreram nas mãos de um monstro. Dois monstros do Departamento do Interior vieram para ver a situação mais de perto..."

Enquanto ele prosseguia, as expressões ao meu redor mudaram lentamente do desinteresse para a descrença. Finalmente, um vereador tentou interromper. Naquele momento, o garoto ao meu lado falou em um estrondo: "Vossa excelência, o que o meu colega está tentando dizer é que seria um grande erro despejar a ocupação da universidade. Mas antes, deixe-me dar uma contribuição sobre o assunto dos monstros, os quais..."

O vereador mudou sua atenção para o segundo orador; ele estava mais bem preparado para lidar com esse tipo de interrupção. "Deixe-me lembrar a todos que aqueles que falarem fora da sua vez serão removidos. Existe um protocolo padrão de inscrições para se dirigir ao plenário, e está disponível para todos, e não é justo com os outros cidadãos fazer mau uso desse recurso."

O baderneiro no palanque se endireitou e puxou seus ombros para trás, seus olhos escuros se aguçaram como os de um falcão. "Mas nós temos algo de grande importância para lhe dizer sobre este assunto", ele continuou, numa paródia pomposa dos oficiais. "Vejam vocês, aqueles que lutam contra monstros..."

O prefeito estava ficando vermelho e batia com a sua mão na mesa: "Vá direto ao assunto, vá direto ao assunto!"

Eu ainda não tinha percebido que o que eles queriam era fazer os burocratas perderem a sua compostura. O meu vizinho chutou a sua cadeira para trás e pulou sobre ela, agitando seus braços e berrando como um louco:

"*A questão é*, todos nós tentamos ser bons cidadãos, nos comportando, competindo com os outros para conseguir promoções e gastando nosso dinheiro em refrigerante — e acabamos como lavadores de pratos e porteiros, esperando na fila do posto de saúde para ter nossos dentes arrancados por voluntários! É uma porra de um ESQUEMA EM PIRÂMIDE e *vocês sabem!* A questão é, existem cinqüenta pessoas naquele campus que não têm medo de vocês porque nós temos um *futuro completamente diferente* à nossa frente, que nenhum de vocês pode nos oferecer — e se existem cinqüenta hoje, amanhã serão *cinqüenta mil*, pois as pessoas estão morrendo por algo maior e alguns de nós estão dispostos a VIVER *por isso* TAMBÉM! *A questão é*, eu estou avisando vocês — vocês estão lidando com malditos ANARQUISTAS! Nós não assinamos o seu contrato social! Se vocês querem coexistir conosco, nós compartilharemos tudo o que temos com vocês, estamos dispostos a tudo para superar nossos conflitos — mas se vocês quiserem ser nossos chefes, se vocês querem dar ordens e estar sempre com a razão, então, quer vocês tenham um segurança ou toda uma civilização para apoiá-los, vocês terão que LUTAR até que um de nós esteja MORTO, porque uma coisa que nós NÃO faremos é SER GOVERNADOS!!! *Vocês estão me ouvindo?*"

Um homem de uniforme estava lutando para chegar na nossa fileira de assentos; no segundo ato subversivo de minha vida, eu estiquei minha perna, fazendo-o tropeçar no momento exato em que se esticava para agarrar o braço do orador. Ele, que havia recém terminado de falar, saltou para uma cadeira vazia atrás de nós e saiu saltitando entre as fileiras até o fundo da sala, desviando das pessoas no auditório que se agarravam a suas bolsas e pastas quando ele passava. O seu parceiro se juntou a ele perto da porta, papéis voavam pelo ar atrás dele; eu agora podia ver que eram panfletos. Parecia certo que os dois seriam encurralados ali, mas naquele instante houve gritos e movimento do outro lado da sala quando uma nuvem de fumaça apareceu saindo do meio dos assentos. Quando eu olhei novamente para a porta, eles já haviam ido.

Mesmo depois que a fumaça se dissipou e um funcionário já havia recolhido a maior parte dos panfletos, a reunião só foi recomeçar alguns minutos mais tarde. O incidente não apenas deixou todos aturdidos, mas aparentemente o jovem que estava no pódio levou o microfone consigo.

Rita e eu formamos uma fila junto com a maior parte da audiência enquanto mais homens em uniforme se moviam energicamente ao nosso redor e oficiais do governo, irritados, se reuniam em pequenos grupos. Algumas das pessoas à minha volta estavam em silêncio; outros falavam baixinho. Uns poucos riam. Eu estava aliviada de não ter que fazer a nossa apresentação, mas ainda não tinha absorvido tudo que tinha acontecido. Dei uma olhada no panfleto que havia pegado:

> **Não fosse pelas prisões nas quais ameaçam nos prender, perceberíamos que estamos todos numa prisão. Não fosse pelos monstros como os que lucram com a exploração de outros, poderíamos ver que o capitalismo transformou todos nós em monstros. Visitamos zoológicos para ver o que acontece com os selvagens, sentamos na platéia para aprender que não somos músicos nem protagonistas**

...nem vereadores, refleti.

Abri a porta e saí no ar fresco do outono. Pendurada no prédio em frente à Câmara de Vereadores estava uma faixa pintada a mão do tamanho de um ônibus. Em enormes letras vermelhas lia-se:

ESPERE RESISTÊNCIA

Alguns dias depois os rapazes que haviam instigado o tumulto na audiência na Câmara Municipal eram meus melhores amigos, mas foi só um mês mais tarde que eu fiquei sabendo das longas discussões que a antecederam. Depois que a universidade anunciou que eles definitivamente iriam despejar o acampamento, os manifestantes ficaram sabendo que a polícia municipal participaria do despejo. Seguiu-se uma série de reuniões que começavam no final da tarde e se estendiam até as primeiras horas da madrugada.

Embora não estivesse lá, posso imaginar, com base em encontros posteriores, como deve ter acontecido. No começo havia um pouco de discórdia: alguns argumentavam que a ocupação já tinha alcançado o seu objetivo e seria melhor para os participantes parar enquanto estavam ganhando, enquanto outros sustentavam que se o objetivo era influenciar a administração criando obstáculos à sua associação com corporações criminosas, um melhor resultado seria alcançado se ela fosse forçada a realizar o despejo mais caro e embaraçoso possível. Por fim, duas facções se firmaram nos extremos opostos da discussão, e o grupo se dividiu em duas reuniões separadas para que cada uma pudesse definir quais eram os seus objetivos e o que ela exigiria da outra. Algumas horas mais tarde, foi acordado que os cinqüenta ocupantes que desejavam um confronto com a universidade continuariam ali, mas eles teriam que anunciar que não tinham mais nada a ver com o grupo de estudantes. Tinha sido importante para eles, até então, deixar confusa a divisão entre a organização estudantil e o resto dos ocupantes para manter a "legitimidade" da ocupação, mas agora que um despejo tumultuado era inevitável tal associação seria uma responsa-

bilidade desnecessária.

Aqueles que permaneceram encaravam a desafiadora tarefa de organizar a defesa do acampamento. Isso era particularmente complicado pois era quase certo que havia policiais infiltrados que não apenas delatariam as atividades ilegais propostas, mas também tentariam desviar o planejamento na direção menos vantajosa possível. Primeiro, como um grupo, eles precisavam entrar em acordo em seus objetivos e diretrizes primários: tornar o despejo custoso era uma prioridade maior do que conseguir cobertura positiva da mídia; ninguém deveria se ferir, mas a destruição de propriedade não estava descartada; os custos da defesa legal seriam compartilhados de acordo com as necessidades de todos que fossem presos, indiferente das acusações. Depois, todos se dividiram em grupos menores para criar estratégias com as pessoas que eles conheciam e confiavam. Isso assegurava que aqueles com amizades de longa data se beneficiariam ao máximo do conforto e da experiência do seu grupo, enquanto policiais disfarçados acabariam com outros novatos isolados, planejando os aspectos da defesa que exigiam menos segurança. Depois que alguns grupos já haviam traçado seus planos, eles enviaram delegados para outros grupos para propor colaborações, compartilhando somente a informação necessária para trabalhar juntos. A esta altura, já era tarde da noite; pequenas rodas de conspiradores pontilhavam o gramado em torno do acampamento, enquanto que em outras partes do campus porta-vozes dos grupos mais cautelosos tinham encontros apressados de dois ou três.

Nada disso foi fácil, me disseram. Em toda etapa, houveram discussões, rupturas, sentimentos feridos e acusações furiosas. No momento, isso deveria parecer o inevitável custo de organizar-se em circunstâncias tão estressantes com pessoas com perspectivas tão diferentes; mais tarde, ficou claro que não levamos os conflitos com suficiente seriedade desde o começo. Perdemos a batalha seguinte porque ninguém procurou solucionar as desavenças quando elas apareceram pela primeira vez.

Antigamente, dizia-se que o capitalismo reduzia o trabalhador industrial a um mero apêndice de carne em uma máquina de ferro. Hoje, esta descrição pode ser generalizada: cada um de nós é apenas um apêndice de carne na grande máquina que é a nossa sociedade, pois nossas comunidades e vidas estão divididas em setores isolados a tal ponto que a totalidade que eles formam parece inteiramente fora do nosso controle. Se quisermos mudar toda a vida, devemos de alguma forma nos tornarmos inteiros.

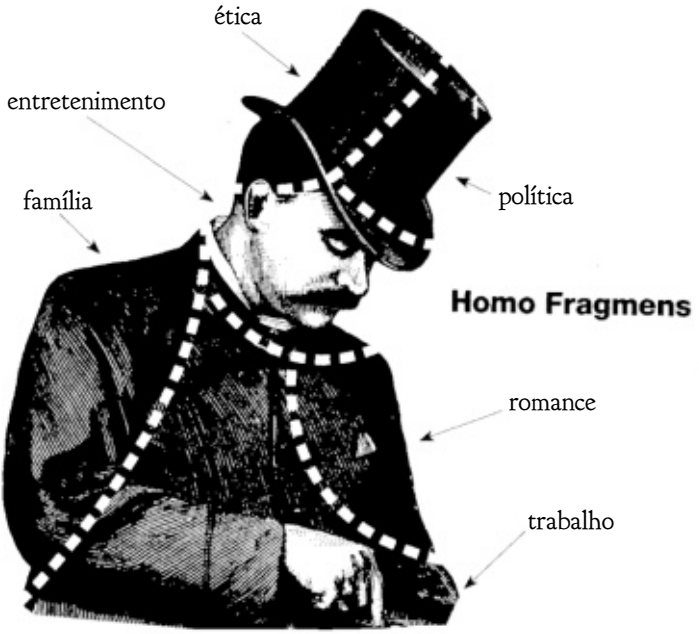
Divididos & Conquistados

Separação: a desintegração do indivíduo

A atividade diária do homem moderno é atomizada, como as cidades em que ele vive. A sua vida é um conflito contínuo entre seus feitos, romance, responsabilidade, saúde, relaxamento e lazer, pois todas essas buscas parecem ser mutuamente exclusivas. Ele gostaria de passar mais tempo com sua esposa, mas se não ficar no escritório por mais uma hora não vai conseguir progredir em sua carreira, e depois ainda tem que ir à academia para minimizar os efeitos do almoço... e tem que planejar aquelas malditas férias, se inteirar sobre as notícias do mundo, antes que ele possa até mesmo pensar em romance. Ele baixa música da internet, mas nunca tem tempo para ouví-la; ele gostaria de se envolver em algum tipo de trabalho voluntário, mas não sabe como isso se encaixaria na sua agenda. Já é difícil o suficiente acompanhar o seu programa de rádio favorito, e mesmo isso já não alívia a tensão da sua vida cheia de compromissos. *Significado*, é claro, é algo inexistente quando a vida está tão desconexa; como nenhuma de suas atividades o envolve completamente, ele não consegue encontrar satisfação duradoura em nenhuma delas.

Compare isto com a vida integrada e holística dos caçadores-coletores. Para eles, não há diferença entre trabalhar e brincar, entre cuidar de suas necessidades práticas, se divertir e passar tempo com seus filhos, amigos e amantes. Eles circulam pelo mundo, conseguindo sustento, forma física e companhia nas mesmas atividades, tecendo uma vida diária que é tão desafiadora quanto familiar: é aventura, sustento e cerimônia religiosa numa coisa só.

Talvez você já tenha experimentado este tipo de vida antes em uma atividade que envolvia todos aspectos do seu ser em perfeito equilíbrio. Se não podemos reintegrar nossas vidas, vamos vivê-las ao extremo tentando fazer escolhas impossíveis entre partes igualmente indispensáveis do nosso ser. Da mesma forma, se quisermos fazer mudanças sociais revolucionárias, temos que descobrir maneiras de viver que sejam revolucionárias em si mesmas; pois ativismo, conservacionismo ambiental ou responsabilidade ambiental como domínios separados da vida — como hobbies, ou mesmo como empregos — nunca poderão superar os impactos do resto de nossas vidas.



John Brown aos 58 anos de idade.

Crime ou Milagre:
Um Ser Humano Completo

Especialização: a Divisão do Trabalho

Assim como nossas vidas individuais são fragmentadas pela compartimentalização, nossa sociedade está fragmentada por cada vez mais especialização, e toda esfera da vida vai sendo deixada ao cuidado de "especialistas". Toda profissão é dividida e subdividida: de cientista a químico, de químico a bioquímico, de bioquímico a neurobiólogo farmacêutico até que ninguém, exceto meia dúzia de autoridades, possa entender as questões, sem falar das respostas. Assim, a própria divisão do conhecimento se torna autoritária, pois ela dá a pequenos grupos de pessoas grande poder sobre outros que são incapazes de participar com informação sobre o assunto nas decisões que afetam suas vidas.

Tornar-se um especialista é um processo auto-eletivo: somente aqueles dispostos a se concentrar em um único assunto, e ignorar todos outros, será bom nele. Assim, engenheiros e programadores de computador estão dispostos a criar armas de destruição em massa e decifrar os códigos de grupos "subversivos" para o governo, pois eles nunca tiveram tempo de refletir seriamente sobre as conseqüências do seu trabalho — eles apenas fazem o que aprenderam para quem lhes der a oportunidade e o salário para fazê-lo. Um especialista que faz bem seu trabalho sem jamais refletir sobre como ele afeta o todo social é potencialmente muito perigoso; sem tais homens, por exemplo, não haveria armas nucleares. Ao mesmo tempo, sem uma análise do seu papel na sociedade, o especialista percebe a sociedade como uma força externa que age sobre a sua pessoa sem que ele possa influenciá-la, mesmo ela sendo formada por pessoas como ele.

A especialização desencoraja todos nós de sermos indivíduos versáteis. O entretenimento é deixado para os diretores de cinema, a manutenção de carros para mecânicos, as mudanças sociais para políticos profissionais ou ativistas amadores. Quanto mais complicadas se tornam as tecnologias, mais obscura fica a linguagem usada por quem possui o conhecimento, e menos pessoas são capazes de exercer algum controle sobre o ambiente em que vivemos. "Chame o técnico", dizemos, intimidados a permanecer na ignorância e na impotência. Muitos questionam a autoridade no sentido político, mas poucos estão preparados para questionar as autoridades em assuntos técnicos.

Como exemplo dos efeitos empobrecedores da especialização, pense sobre quantas vezes adultos que não são reconhecidos como "artistas" partilham as alegrias da criação estética. O que importa em uma pintura não pode ser capturado ao comprá-la em uma galeria e

pendurá-la na parede; o que importa está no momento em que a pintura é concebida, quando o artista está comparando rascunhos com seus colegas tarde da noite, discutindo sobre narrativa e forma, e tem uma empolgante inspiração repentina. Isto é algo em que todos podemos participar, cada qual com seus talentos únicos; mas ao terminarmos o ensino fundamental, todos — exceto uns poucos — já aprenderamos que não podemos pintar, cantar ou dançar. O mito da inspiração divina dos artistas e das credenciais de especialista dos críticos de arte que os deificam — assim como o gênio dos cientistas e o conhecimento arcano dos chaveiros — nos iludiram fazendo com que negássemos a nós mesmos alguns dos presentes mais doces que a vida tem a oferecer.

Segregação: A Subdivisão das Comunidades

Qualquer criança em idade escolar sabe que a segregação racial não acabou com a Lei Áurea, ou quando começaram a levar de ônibus estudantes dos guetos para salas de detenção em escolas que eram freqüentadas predominantente por brancos nos E.U.A. Classes e raças ainda vivem divididas, separadas por muros de condomínios fechados, por janelas de restaurantes e de automóveis, e por barreiras invisíveis mil vezes mais difíceis de transpor. Isso não é um resquício de tempos já passados, mas parte essencial da ordem mundial capitalista, assim como os muros que separam o México dos Estados Unidos e a Palestina de Israel; as fronteiras são abertas para a mercadoria e fechadas para corpos humanos, exceto quando esses próprios corpos são mercadoria valiosa — como turistas. Com essas barreiras no lugar, as comunidades não podem aprender umas com as outras, não podem trocar recursos ou se misturar. Na melhor das hipóteses, elas encontram-se no mercado e na grande mídia — crianças brancas compram discos de hip-hop e acham que sabem sobre a vida na periferia.

Mas este apartheid dissimulado vai além: onde quer que haja muros separando comunidades, existem também muros que separam os indivíduos dentro de cada comunidade e até muros *dentro* dos indivíduos. "Cada um por si" significa "...contra si" enquanto tivermos que renunciar todas as partes de nós que residem em outras pessoas; se realmente estivéssemos "por nós mesmos" iríamos demolir todas barreiras que nos separam, pois relações saudáveis com outros são a mais preciosa forma de riqueza. As tão faladas cercas brancas dos subúrbios

norte-americanos, agora superdesenvolvidas com concreto e arame farpado, indicam uma vontade doentia de privar-se de todos os nutrientes que esperam no mundo exterior.

Separadas fisicamente, socialmente e psicologicamente, incapazes de se reconhecer nos outros, as pessoas raramente buscam uma causa em comum. Pelo contrário, cada grupo tende a culpar os outros pelos seus problemas: a biblioteca conseguiria os fundos necessários se não fosse pelo departamento de lingüística, a comunidade afro norte-americana seria capaz de se recompor se não fosse pelos comerciantes coreanos que a sugam. Mesmo os ativistas políticos, ao atacar problemas isolados em vez de focar na raíz dos problemas modernos, acabam competindo com outros ativistas: será que o congresso irá priorizar a legislação de proteção florestal nesta sessão, ou se focará no direito ao aborto? O sujeito revolucionário da história é o proletariado ou os povos oprimidos do Terceiro Mundo? Tais quadros e campanhas isolados e mutualmente exclusivos só perpetuam as bases da nossa impotência; precisamos transformar nossa sociedade doentia, não tratar os sintomas um a um.

Pelo Fim da Segregação! Pela Reintegração de Nossas Vidas!

Enquanto você lê isto, em algum lugar do mundo há um circo alternativo ou uma banda de punk rock em turnê. Sem saber, eles carregam consigo as sementes de uma estrutura social muito antiga. Responsabilidades são compartilhadas e igualmente valorizadas dentro do grupo, e sempre que alguém quer uma folga de algo ou está curioso para aprender algo diferente, ele troca de tarefas com outra pessoa. A participação de nenhum membro é mais ou menos importante que a de qualquer outro, quaisquer que sejam suas habilidades individuais, pois a cooperação e o contentamento de cada um é crucial para o funcionamento do grupo. As atividades diárias de cada um dos membros satisfaz vários dos seus desejos: ele se sente em casa com seu amigos enquanto viaja através de novos ambientes, faz arte que ao mesmo tempo entretém e educa, faz exercícios carregando e descarregando equipamentos, aprende novas coisas consertando o furgão e interagindo com a população local, se aventura arranjando comida e outros suprimentos através de caça e coleta de forma que não entre

em conflito com sua ética anticonsumismo. E o melhor de tudo, ele não precisa mais fazer distinção entre suas próprias necessidades e as das pessoas ao seu redor, e isto elimina a maior parte do estresse de interagir com os outros. Juntos todos os participantes funcionam como uma família estendida, a tal ponto que com o tempo eles são capazes de perder alguns membros e ganhar outros sem perder os seus costumes e intimidade.

E isso respinga nas suas interações com aqueles de fora do clã. Se não existem hierarquias ou divisões rígidas dentro do grupo, não precisam haver fronteiras artificiais entre esse grupo e outros. Eles podem se mover através de uma variedade de círculos sociais e culturais, dar e receber livremente, limitados apenas pela sua própria sociabilidade.

Sim, teríamos de reduzir e retrabalhar toda nossa civilização para seguir a trilha desta alegre e feliz banda, mas pelos últimos séculos temos lutado com as dificuldades de não viver em tais comunidades — e não tivemos muito sucesso. Se de qualquer forma vamos lutar, poderia muito bem ser por uma utopia na qual nossas vidas possam abranger tudo que o cosmos tem a oferecer.

Divórcios

Produção : Consumo
Arte : Vida
Trabalho : Diversão
Amantes : Amigos
Intimidade : Sexualidade
Fazendas : Supermercados
Gerência : Trabalho Manual
Teoria : Ação
Rico : Pobre
Jovem : Idade
Branco : Cor
Homem : Mulher
Entretenimento : Educação
Exercício : Relaxamento
Palavras : Atos
Tecnologia : Natureza
Autointeresse : Generosidade
Poesia : Resistência
Local de Trabalho : Apartamento
Negócios : Prazeres

Nós sabíamos que não podíamos resistir à polícia, então decidimos dar um passo além: se a reitoria iria despejar nosso acampamento, nós despejaríamos a universidade antes. Éramos algumas dúzias de pessoas, divididas em grupos de dois ou três; nós dividimos o campus em nove zonas, definimos um horário e nos dividimos.

Eu fiquei com o refeitório principal devido ao meu bom relacionamento com os funcionários. Eu queria ir lá uma última vez de qualquer jeito, pois seria provavelmente a última vez que eles me veriam no campus.

Depois de duas cuidadosas rondas ao redor do prédio, eu esperei pela porta dos fundos até que saíssem alguns estudantes. Um outro grupo de estudantes descia as escadas logo no seu encalço; depois que eles passaram eu esperei no térreo até que a porta fechasse, tirei minha lata de tinta e pixei SEM TRABALHO ESCRAVO SEM DESPEJO SEM ALOJAMENTO na parede. Eu subi as escadas correndo, três degraus de cada vez, antes que alguém aparecesse.

Durante as semanas que passei na universidade, nunca superei o choque que senti quando eu entrei no refeitório pela primeira vez. A enorme quantidade de comida que não era vigiada era de tirar o fôlego para alguém acostumado a ter que roubar um doce de cada vez, mas também era enfurecedor vê-la toda ali, sem receber o devido valor e uso. Em uma hora, mais comida voltava intocada para a cozinha do que a minha mãe conseguia levar para a casa em um mês — e do outro lado da parede, invisíveis aos estudantes com seus temas de história da arte e semiótica, caras como eu desviavam de jatos de água fervente para processar todo aquele desperdício.

Eu caminhei até a prateleira das frutas, dando uma piscada para Walter enquanto ele reabastecia uma das máquinas de cereais. Eu tinha subestimado: minha mochila era grande, mas não havia jeito de enfiar todas aquelas maçãs, laranjas e bananas nela, muito menos os pãezinhos que atraíam os meus olhos.

Havia bolsas de grife dando sopa nas mesas atrás de mim, mas por mais privilegiados e ignorantes que fossem seus donos, eles eram apenas civis inocentes na guerra que eu estava travando. Eu tinha que pensar em outra coisa. O relógio que eu havia pego emprestado dizia 11:59.

Eu entrei no banheiro e levantei o saco de lixo abaixo do suporte de papel-toalha; com certeza, lá estavam vários sacos novos, dobrados cuidadosamente no fundo da lata. Quando eu tirava o lixo no restaurante há dois empregos atrás, eu sempre fazia o mesmo para não ter que toda vez ir buscar um saco de lixo novo no armário. Abri um dos sacos e enfiei-o no bolso da frente do meu casaco. Na saída, peguei um papel-toalha e segurei-o dobrado entre meu polegar e os outros dedos.

Coloquei o meu capuz e ao sair do banheiro dobrei à esquerda. Ninguém olhava para mim; trezentos estudantes fofoqueavam, enfiando comida nas suas bocas e gritando para seus amigos guardarem assentos sem a menor idéia do que estava por vir. Não levantei mais o olhar. Dez passos e cheguei no alarme de incêndio. Eu segurei a alavanca com o papel toalha e puxei-a para baixo.

Até aquele instante, eu estava tenso da cabeça aos pés, tremendo de medo do que ia fazer. Eu acordei duas vezes durante as três horas que tentei dormir; até o alarme tocar e todos levantarem em choque, havia uma parte de mim que ainda não podia acreditar que aquilo realmente iria acontecer. Para minha surpresa, logo depois de feito, eu estava tranqüilo. Agora não havia tempo para se preocupar com as conseqüências e complicações; eu habitava o meu corpo como um animal, com tarefas para cumprir e predadores de quem fugir.

Eu caminhei para a prateleira das frutas. Sem ao menos olhar para o pandemônio à minha volta, eu inclinei as prateleiras uma a uma diretamente no saco de lixo, depois virei a caixa dos pãezinhos na minha mochila e peguei uma lata de três litros de manteiga de amendoim. Walter havia deixado um saco cheio de granola ao lado das máquinas; eu o guardei no saco junto com as frutas enquanto virava para me juntar com o fluxo de estudantes em direção à saída. O saco de lixo batia na minha perna quando eu corria. Eu lutei para deixá-lo um

pouco mais afastado, mas estava pesado.

Alcançamos um gargalo nas escadas, onde as pessoas se amontoavam. Assim que alcancei a porta de saída, eu tirei o meu capuz; não havia câmeras aqui, os jovens à minha volta não estavam prestando atenção, e se alguém atrás de nós estava interessado em mim, eles teriam que passar por uma multidão antes. Quando alcançamos as escadas e começamos a descer devagar, SEM TRABALHO ESCRAVO SEM DESPEJO entrou no nosso campo de visão sobre as cabeças da multidão.

O ânimo das pessoas mudou. O que era um treinamento de rotina para alguns e uma situação assustadora para outros de repente assumiu um novo aspecto. As conversas ficaram mais animadas; alguém assobiou.

Quando finalmente saímos, eu podia ouvir alarmes à distância se alternando com o que estava às nossas costas em um padrão complexo de pergunta e resposta. Já havia uma grande multidão cercando o prédio e se misturando com as multidões que saíam dos outros edifícios: estudantes segurando sanduíches comidos pela metade ou cadernos nos quais estavam fazendo anotações, alguns falando nos seus celulares, outros silenciosamente assimilando o espetáculo — e espalhados entre eles, professores, faxineiros, bibliotecários, gerentes de refeitórios, secretários, administradores. Normalmente todas estas pessoas estariam do lado de dentro, segregadas de acordo com sua classe e posição, mas aqui estavam todos juntos, como se alguém tivesse levantado e sacudido os prédios para mostrar a verdadeira composição da universidade. Era irônico que apenas uma interrupção total podia juntar todas as diferentes pessoas que a formavam e lhes dar algo em comum.

Todos empregados do refeitório estavam sentados ou apoiados em um muro baixo, inclusive os latinos lavadores de pratos cuja existência era um segredo bem guardado. Eu larguei o pesado saco de lixo atrás de uma lata de lixo e fui até lá. Alguém havia trazido um pequeno rádio, no qual uma canção gospel soava alegremente através de uma voz delicada. Ethel e Velma estavam lá, rindo de algo com Joe; era realmente intolerável que alguém tivesse que estar dentro de quatro paredes em um dia tão bonito.

"Olá a todos, o que contam?"

"Aproveitando o sol, só isso! Como vai?"

"Muito bem! Escutem, eu queria avisar que vocês provavelmente não vão me ver aqui por uns tempos" — eu balancei a cabeça em direção ao refeitório, do qual o terrivel som do alarme ainda vinha — "mas nós estaremos de volta com muita coisa na quinta-feira." Com surpre-

sa e preocupação, reconheci uma mulher na multidão da ação da noite anterior — ela estava sentada ao meu lado na platéia. Que diabos ela estava fazendo aqui? "Digam ao Luis que nós iremos aos dormitórios também. Eu tenho que ir, vejo vocês em breve."

"Tudo bem! Cuidado!" Ethel disse, levantando uma sobrancelha.

Uma dupla de seguranças da universidade com olhares azedos estava atravessando a multidão. Eu nunca vi ninguém parecer tão desagradável em toda minha vida. Era o momento de pegar o meu saco e ir embora.

Eu tinha dado vinte passos para fora da multidão quando senti que alguém me seguia. Resistindo à vontade de olhar para trás, eu acelerei e olhei à minha volta buscando possíveis rotas de fuga.

"Com licença, você pode me dizer como chegar no acampamento?"

Eu parei e olhei sobre o meu ombro. Era a mulher que estava ao meu lado na noite anterior.

Eu pensei rápido — eu e ela nos cruzamos na reunião da Câmara de Vereadores, e só alguns de nós sabiam que haveria aquela ação, então era improvável que ela trabalhasse para a polícia. "É do outro lado do pátio. Eu não estou indo para lá agora."

"Desculpa te incomodar..." Ela ofegava um pouco tentando me acompanhar; eu também ofegava, arrastando o meu grande saco e caminhando o mais rápido que podia sem correr. "...eu só queria me envolver, e talvez você pudesse me ajudar a..."

"Tudo bem, escuta, eu preciso de vinte minutos para cuidar de algo, depois eu te encontro aqui. Ok?"

Ela estava comigo e com Kate naquela noite, quando todos fomos presos.

"Não era uma coluna, mas uma multidão, um terrível rio que encheu as ruas — o povo do abismo, enlouquecidos pela bebida e pelas injustiças, finalmente de pé e urrando pelo sangue de seus mestres. Eu já havia visto as pessoas do abismo antes, quando passei por seus guetos, e eu achava que as conhecia; mas descobri que agora eu os estava vendo pela primeira vez.

"Este espetáculo de horror fascinante passou pelo meu campo de visão em ondas sólidas de ira, rosnando, carnívoros, bêbados de uísque saqueado de armazéns, embriagados de ódio, entorpecidos com desejo de sangue — homens, mulheres e crianças vestidos com trapos e farrapos, ferozes pequenas inteligências com toda semelhança a deus apagada de suas feições e toda semelhança ao demônio estampada nelas, macacos e tigres, consumistas anêmicos e grandes bestas cabeludas de rostos pesados e pálidos das quais a o vampiro sociedade sugou o suco da vida, formas inchadas de corrupção e corpos grosseiros, mulheres velhas e murchas e cabeças esqueléticas barbudas como patriarcas, jovens e velhos corrompidos, monstros deformados, desonestos, distorcidos, devastados pela doença e todos horrores da desnutrição crônica — o lixo e a escória da vida, uma horda demoníaca, histérica, berrante, irada."

— Jack London (socialista, reformista, etc., etc.,), ***O Calcanhar de Ferro.***

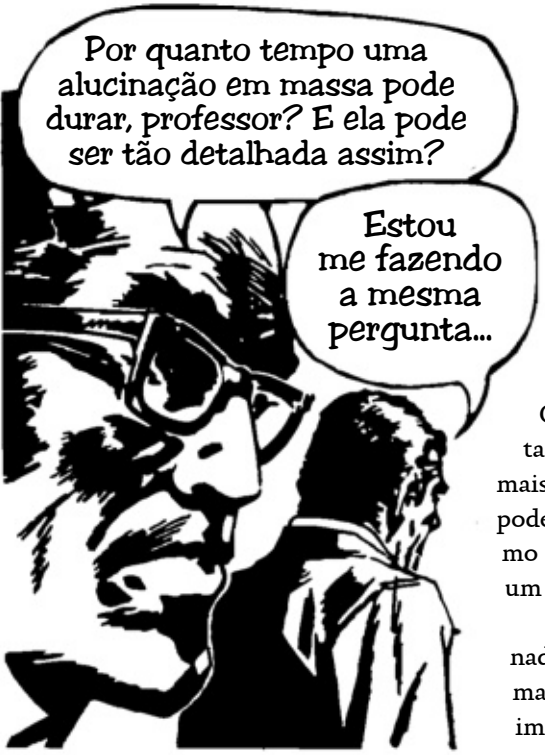
Dinâmica de Massas e a Psicologia de Massas da Possibilidade

Um relato de um movimento espacial,
uma alegoria de um movimento social.

"Um sociólogo é uma autoridade sobre multidões da mesma forma que um policial é uma autoridade sobre pessoas."
— Bill Buford, Among The Thugs.

Se você for atrás dos especialistas para aprender sobre multidões, você lerá que elas são monstros mentecaptos: pessoas enlouquecidas ou que voltaram ao seu estado primitivo, animais fora de controle, rebanhos de ovelhas que devem ser propriamente dominados ou se tornarão bandos de lobos. A gentalha deseja ser atiçada, ser hipnotizada pela sua própria força bruta, e isso é tudo que há para se dizer a respeito. Tal teoria das massas dá a impressão de que os teóricos são meros apologistas do controle de massas dos seus patrões; a análise é tão unilateral, o tom tão superior, que você poderia pensar que o mais próximo que eles já chegaram do sujeito de seus estudos foi olhando de cima, de janelas estreitas em suas torres de marfim.

E você estaria quase certo. Mas na verdade, eles também estão submersos em uma multidão: é simplesmente uma multidão maior, tão grande que é impossível discerní-la enquanto o observador estiver dentro dela. As multidões que eles se propõem a explicar são microcosmos dissidentes da mesma forma; e elas só podem ser identificadas como multidões porque elas estão separadas de alguma forma da multidão colossal que é a sociedade da qual faz parte o teórico. Inevitavelmente, essas massas menores parecem loucas e irracionais para os especialistas do status quo, porque, por mais breve que sejam, elas estão agindo de acordo com um sentido de realidade e valores divergentes. Então existem sempre pelo menos duas multidões em qualquer



equação: no caso de uma multidão que tumultua e saqueia uma zona comercial, por exemplo, a outra multidão é aquela que construiu a zona comercial, que é proprietária das lojas e organiza campanhas publicitárias para promover seus produtos, que tomam por certo que a melhor utilidade daquele espaço é para comprar e vender. O fato desta massa dominante ser também uma multidão, só que uma mais enraizada e institucionalizada, pode só ser visível de fora dela — como por exemplo, da perspectiva de um dos saqueadores.

A própria realidade é determinada pelo consenso — ou seja, pelas massas. O que é possível, o que é impossível: isso é decidido coletivamente, de acordo com o que as pessoas acreditam. O mundo que habitamos não é feito simplesmente de fatos físicos e sensoriais; estes materiais brutos ganham significado como símbolos, ferramentas, costumes e daí por diante, de seu contexto social, e a resultante floresta de símbolos é a maior parte do que queremos dizer quando falamos em realidade. São estas condições sociais que criam indivíduos, inclusive os valores que influenciam suas escolhas; mas, como estas condições são, por sua vez, resultado de decisões individuais, elas só persistem porque as pessoas escolhem reproduzí-las.

Por que isto acontece, então, no caso de condições sociais notoriamente impopulares como guerra, poluição e empregos miseráveis? Geralmente, as pessoas fazem escolhas baseadas no que elas consideram ser "realista" ao invés basearem-se naquilo que desejam, e o que elas consideram realista depende do que elas acreditam que as outras pessoas consideram realista — é assim que o mercado de ações funciona, por exemplo. Logo, qualquer ordem social depende de um tipo de mentalidade de grupo, uma psicose coletiva — e não é de forma alguma garantido que ela seja do melhor interesse daqueles envolvidos.

Quando as pessoas não se reconhecem como parte de um grupo, mas se vêem somente como indivíduos soberanos que por puro acaso falam, pensam, votam, compram e sentem da mesma maneira que milhares ou milhões de outras pessoas, eles tendem a ver a realidade como fixa e imutável. Este é o primeiro tipo de multidão, o tipo mais primitivo — uma multidão que não tem consciência de sua própria existência. Este tipo de multidão não é menos poderoso que qualquer outro tipo, mas o poder que ela tem raramente faz bem a alguém, como nunca é utilizada conscientemente. Multidões deste tipo são caracterizadas por uma inabilidade de questionar suas próprias suposições e por uma total negação da responsabilidade de suas ações; quando oitenta milhões de televisores são ligados em uníssono ao fim do dia, isso é um exemplo de tal multidão em ação.

O segundo tipo de multidão é um grupo que está consciente de sua existência, mas não de seu poder. O bom exemplo disto é a massa de fãs em um evento esportivo ou de entretenimento. As pessoas são capazes de grandes esforços para se reunir em tais situações, para sentir a empolgação no ar quando um grande número de pessoas dividem um espaço e foco em comum.* Não sejamos tímidos a respeito disto: há algo emocionante em ser parte de uma multidão, algo fundamentalmente prazeroso sobre sentir as suas experiências e reações refletidas nas pessoas ao seu redor. O desapontamento que muitos manifestam em eventos que não têm grande público, indicam uma consciência geral de que é a atmosfera gerada pela massa, e não a suposta atração principal, que torna essas coisas interessantes. E ainda assim os membros de tais multidões não vêem a si mesmos como autores das situações que criam. É só o seu dinheiro, a sua presença e o seu interesse que as tornam possíveis, mas eles atribuem esse poder a outros — os organizadores, os promotores, os Rolling Stones ou o Coríntians.

Mas fãs de esportes nem sempre se limitam a comprar ingressos, cantar hinos, e fazer filas para entrar e sair dos estádios. Algumas vezes eles se deixam levar. Todo organizador que junta uma grande multidão de forma a vender de volta a ela sua própria coletividade corre o risco de que alguns de seus clientes levem as coisas muito longe e se envolvam em seus próprios esportes de rua — como brigas entre torcidas, por exemplo. Os comentadores de sempre alegam que isto é

* Pessoas em multidões do tipo dois costumam perder seus limites — pense na audiência apertada em um show. Em contraste, pessoas nas multidões do tipo um, nem mesmo reconhecem que fazem parte de uma, costumam enfatizar e reforçar as fronteiras que os separam: imagine nas mesmas pessoas apertadas em um ônibus na manhã seguinte.

comportamento bárbaro, não civilizado, mas na verdade ele é mais culto, mais civilizado, do que ser um mero observador: estas são pessoas dando início a suas próprias atividades, não apenas seguindo instruções como autômatos. Participar de lutas de rua em grande escala, provocar tumultos e confrontos com a polícia — estas atividades, de outra forma vazias de sentido, dão aos participantes a oportunidade de formar o terceiro tipo de multidão: a multidão que está ciente de seu próprio poder para determinar a realidade. Esta é a multidão como protagonista, como sujeito ao invés de objeto; o fato de que pessoas participam de atividades tão violentas e desagradáveis por sua própria vontade não é apenas uma prova de quão estragados eles estão, mas também do quão eles estão desesperados para sentirem-se algo além de veículos passivos do comércio. Não é de se surpreender que tal comportamento seja tão contagioso; uma vez que a multidão ganha consciência de sua própria capacidade de reinventar situações, amendoim e pipoca — até mesmo assentos na primeira fileira — perdem o seu apelo. Isso não quer dizer que toda multidão enlouquecida seja uma boa multidão — grupos de linchamento são, também, multidões — mas somente para nos mostrar como, numa sociedade baseada na segregação e na passividade, qualquer atividade de grupo criada e determinada pelo próprio grupo é sedutoramente subversiva.

Da mesma forma, uma multidão que têm consciência de seu próprio poder não é necessariamente libertadora para aqueles que a formam. Como uma multidão, eles podem estar livres da dominação de outros grupos, mas isto não é garantia que qualquer um deles seja livre dentro da multidão. Indivíduos que sabem que são poderosos juntos não estão sempre conscientes do papel de cada um na criação desse poder, e é possível que não saibam de que forma participar na decisão de como ele será aplicado.

Multidões são vulneráveis à autoridade, a ser controladas por minorias ou pessoas de fora, enquanto cada indivíduo estiver inconsciente de como aplicar suas ações no grupo. Por outro lado, um grupo é capaz, flexível e tem muitas chances de agir no melhor interesse de seus membros na mesma proporção em que todos dentro dele estive-

* Isto é o oposto do modelo militar de participação no grupo, no qual todo indivíduo é sistematicamente desligado da sua consciência de autonomia e independência para que ele possa funcionar mais eficientemente numa rígida hierarquia. A conseqüência neste caso é que é a unidade conformista e hierárquica que dá poder ao grupo — mas será que um dos principais objetivos dos exércitos pode ser despir os seus membros de poder, para criar multidões indefesas sob a pretensa justificativa de defendê-los?

rem conscientes de seu próprio poder e souberem como aplicá-lo.* O quarto tipo de multidão, então, é aquela constituída de indivíduos que reconhecem que a multidão não é nada mais que a soma de suas escolhas individuais, e tomam suas decisões de acordo. Para um grupo deste tipo, a atividade em massa é uma chance de compartilhar o egoísmo com os outros, para que as pessoas se multipliquem umas pelas outras — não uma capa sob a qual se possa deixar a responsabilidade de lado.

O grupo de afinidade* dos ativistas políticos — no qual decisões são feitas em consenso por um grupo de amigos que não apenas desenvolveram juntos a sua concepção do que é importante mas também têm o hábito de agir decisivamente a respeito — é um microcosmo de tal multidão. A contracultura musical do faça-você-mesmo, na qual o prazer é refinado e definido através de experimentos colaborativos de estética que influenciam e informam uns aos outros, é de certo modo uma versão em grande escala da mesma coisa. Em tais contextos, onde a realidade é determinada conscientemente e coletivamente, a liberdade de um é a soma da liberdade de todos os outros, não o espaço ín-

* N. do T. — Um grupo de afinidade é um grupo de amigos que, conhecendo as forças, fraquezas e histórias uns dos outros, e já tendo estabelecido uma linguagem comum e uma dinâmica interna saudável, se propõe a ir atrás de um ou de vários objetivos. Para saber mais sobre grupos de afinidade, leia *Receitas Para o Desastre*: http://pt.protopia.at/wiki/Grupos_de_Afinidade .

greme que sobra entre as margens.

Aqueles que almejam esta liberdade têm pela frente o desafio de transformar a dinâmica de massas. As multidões existentes são ótimos laboratórios para estudar maneiras de se fazer isso. Quando estão muito próximas umas das outras, os processos pelos quais as pessoas se interpretam e respondem se aceleram; graças a este processo de retro-alimentação, novas realidades podem ser geradas rapidamente na psique coletiva. É por isto que os guardiões do status quo sempre demonizam a multidão*: grupos pequenos, compactos e unidos podem ser panelas de pressão da transformação social. Na nossa sociedade, faz-se todo o possível para evitar que multidões que tenham se formado se reconheçam como tal, para evitar que massas que se reconheçam como tal obtenham consciência do seu poder, e para evitar que aqueles que participam de multidões que têm consciência do seu poder de reconhecer o seu papel individual neste poder. Mas tudo que se precisa para libertar a multidão é chamá-la pelo seu nome e se engajar com ela; nós vivemos, afinal, na maior multidão da história.

Um pequeno grupo que, de maneira confiante, se comporta como se vivesse em um mundo diferente pode questionar coisas que todas as outras pessoas têm como certo; se eles conseguirem ir longe o suficiente na hora certa, ele podem tornar o impossível possível persuadindo os outros que com a força de sua própria convicção. Isto pode ser feito sem coerção ou instrução: só é preciso demonstrar, através do nosso próprio comportamento, as opções que antes eram invisíveis, os outros se juntarão a nós se gostarem do que vêem. Logo a vontade de uns poucos pode ser acolhida por uma massa e se tornar uma profecia que se auto realiza; tudo que é preciso é que alguns sonhadores acreditem e desejem fora dos padrões, enquanto resistem à quarentena do estereótipo, e então demonstrem publicamente esses sonhos e a sua fé neles.

* Assim como eles rotulam "grupos de minorias" como *grupos* de uma maneira que diminui os agentes individuais que os compõem, as autoridades normalmente descrevem multidões do tipo quatro como *multidões* (ou cultos, extremistas, etc.) de forma a tornar obscuras as liberdades avançadas que elas podem oferecer aos participantes.

E A GALERA DELIRA!

Eu voltei à universidade dois dias depois da minha primeira visita e novamente dois dias depois disso. Primeiro eu disse a mim mesmo que estava me mantendo a par da história para uma segunda matéria; enquanto a situação se intensificava, eu decidi tomar notas para um possível livro. A maior parte dos manifestantes, especialmente os que não eram estudantes, me olhavam com certa suspeita, mas graças à acolhida de Kate eu não fui escurraçado como os outros repórteres.

Eu nunca assumiria isto na frente dos meus colegas de trabalho, mas quanto mais tempo eu passava com os bárbaros, mais simpatia eu tinha pela sua cruzada quixótica. Eu mesmo não odiava a mídia e o mundo corporativo mais do que esses jovens jamais conseguiriam, tendo desperdiçado os melhores anos da minha vida num labirinto para ratos? A duplicidade da administração da universidade não era terrível o suficiente para justificar quase qualquer coisa? E ao mesmo tempo, eu estava feliz que eram eles que estavam lutando essa batalha impossível enquanto eu ficava olhando e fazendo anotações. É preciso mais energia emocional do que a maioria das pessoas possuem para investir tudo em uma luta que você só pode perder.

Eu perdi a evacuação de incêndio e o despejo, embora àquela altura eu já participasse das reuniões e mesmo assumindo um eventual turno na lavagem de pratos. Naquela noite eu contribuí com algumas centenas de dólares para fiança e esperei fora da delegacia com uma dúzia de outras pessoas para servir sopa quente e cidra de maçã para os presos quando fossem libertados. O bárbaro que eu supunha ser o namorado de Kate, um selvagem jovem e magrelo com nariz aquilino e uma sobrancelha sempre contraída, ainda se recusava a olhar para

mim mesmo quando eu lhe servi um copo de café fumegante. Aquilo me feria, e o ferimento fez eu me dar conta de que eu estava mais emocionalmente envolvido com o objeto de trabalho do que jamais se deve permitir.

Depois daquela noite, o movimento que havia começado no campus explodiu e se fragmentou numa greve de trabalhadores da universidade, uma nova onde de ativismo estudantil, uma renovada campanha contra maquiladoras no campus e ataques esporádicos por toda a cidade causados por um vandalismo politizado. Estava claro que algo estava acontecendo, mas esse algo era mais difuso e mais difícil de acompanhar. Alguns dos aspectos que mais me interessaram nas semanas anteriores, como a relação entre os bárbaros vestidos de preto do acampamento e o funcionários negros e latinos da universidade, pareciam ter desaparecido completamente em um reino subterrâneo.

Eu fui ao concerto beneficente com esperanças de reencontrar a meada. Uma banda estava tocando para arrecadar fundos para os processos legais, e trabalhadores do campus iriam discursar. Eu fiquei chocado como o local se encheu rápido; se todas essas pessoas eram parte de um movimento emergente, havia um futuro para o meu livro no final das contas.

Canetti sugere que todas exigências por justiça e todas as teorias sobre igualdade derivam em última instância da experiência de verdadeira igualdade que é familiar a qualquer um que tenha participado de uma multidão. De fato, la eu não senti nenhuma pontada de exclusão, apertado no escuro com centenas de estranhos. Universitários manifestantes que eu não via desde os últimos dias da ocupação me cumprimentavam como seu eu fosse um deles; era a primeira vez em muito tempo em que troquei abraços sinceros com conhecidos. Espremidos juntos, ouvindo Walter falar sobre a greve e o poder do povo que não pode ser abafado, eu tinha certeza que mesmo quem não tinha ouvido falar da ocupação até aquela noite se sentia parte de algo maior.

Tudo isto evaporou quando passamos pelas portas de saída; de repente todos estavam nos seus celulares, dividindo-se em pequenos grupos indo em direção a seus carros. O relógio bateu meia-noite e, como no conto de fadas, os outros voltaram a ser jovens consumidores de música e eu era novamente repórter. O concerto tinha sido uma anomalia, uma espécie de reserva natural na qual ainda se permitia que a união andasse por aí, livre — sob supervisão e com um preço.

Mas ali, de repente, as pessoas estavam distribuindo baquetas e

baldes de plástico convertidos em tambores e desdobrando um enorme rolo de tecido pintado. Mais tarde, eu não saberia dizer com certeza quem eram, apesar de ter tido a impressão de que conhecia alguns deles; eu tinha certeza que eles estavam no meio da multidão durante o concerto — de outra forma, quem os seguiria? De qualquer jeito, eles não ficaram sozinhos por muito tempo: o grupo que se dissipava se reagrupou ao redor deste novo foco, e outros começaram a pegar os tambores e se juntar ao grupo.

A principal via pública do bairro ficava do outro lado do estacionamento. Talvez alguns dos radicais na platéia pensaram em bloqueá-la ou ocupá-la, mas isso nunca tinha acontecido antes, logo não deveria ser possível. Todos sabiam que a rua era para o trânsito de carros, assim como a calçada era para pedestres consumidores; a questão de se essas limitações eram opressivas ou limitadoras nunca passou pela cabeça da maioria dos cidadãos, pois sua função não era negociável.

Mas mesmo assim algum dos percussionistas meteram o pé na rua, bem no meio dela, parando o tráfego; a eles se juntaram três bárbaros mascarados carregando uma grande faixa. Agora a rua também era local de percussão, de gritos, de dança e de marcha. O restante de nós observava da calçada, para ver o que aconteceria com aqueles que cruzaram os limites.

Mais tarde, eu lembrei deste momento crucial. Primeiro parecia que as coisas não iriam muito longe — a multidão estava dispersa, alguns apressados na frente e todo resto devagar atrás, e parecia que íamos nos dividir e dispersar — mas então no embalo dos primeiro a pisarem na rua nós fomos atrás, o que era um fluxo de consumidores voltando para seus carros se tornou uma manifestação.

Aconteceu uma transformação sutil depois que pisamos no asfalto. Obviamente, ocupar a rua era possível sim, e era possível porque uma massa crítica o tornou possível. Mais uma vez, como antes no show, estávamos conscientes de sermos uma força coletiva; só que aqui, do lado de fora das paredes, tínhamos poderes mágicos para renegociar a realidade.

Desta nova perspectiva, era como se estivéssemos atravessando uma cidade diferente. O tráfego estava condensado atrás de nós até onde eu podia enxergar, uma sinfonia cacofônica de buzinas, mas o som apenas se fundia com os tambores e colaborava com o clima. Aquilo lá na frente eram realmente tochas? Quando voltei ao mesmo local alguns dias depois, tive a incrível impressão de não encontrar as

ruas pelas quais passamos naquela noite: as distâncias pareciam mais curtas, a iluminação menos dramática, os prédios menos imponentes.

Uma viatura da polícia chegou, seguida de mais duas com suas luzes piscando, mas elas se mantiveram à distância, supostamente esperando por mais instruções ou apoio. Se dez pessoas tentassem bloquear o trânsito aqui a esta hora da noite, elas certamente seriam presas; mas quando são duzentas, a lei se dissolve. Outro policial apareceu à nossa frente, deixando seu carro de lado, bloqueando a via. Cheios da confiança que nos encheu nos últimos minutos, nós simplesmente o contornamos, deixando o motorista bufando, impotente, atrás do volante. Quando eu vi o carro aparecer novamente no próximo cruzamento, um de seus faróis havia sido chutado e um risco de tinta spray fora pintado na sua lateral.

Quando nos aproximamos da viatura novamente, um foguete d'água voou no céu e explodiu em cima de nossas cabeças. Isso devia ser o trabalho de um indivíduo, ou talvez de uma dupla; mas o sentimento era que ele partia do contexto que nós criamos juntos, toda multidão gritou em aprovação. Vários outros foguetes zuniram sobre nossas cabeças, um deles ricocheteando na fachada de tijolos de um banco. Viramos repentinamente à esquerda, seguindo a faixa por um lado da viatura desta vez, e aceleramos o passo. Um novo sentimento de urgência e de expectativa se espalhava pela multidão; olhando ao redor, eu vi que várias pessoas ao meu redor haviam vestido seus capuzes ou tapado seus rostos com panos.

Estávamos entrando em um dos bairros comerciais mais nobres da cidade; um após o outro, passamos por cafés, joalherias, restaurantes e butiques corporativas. Eu já dirigi por essa rua inúmeras vezes, até fiz compras aqui — mas de dentro da multidão eu a percebia como algo alienígena, uma manifestação de um sistema que explorava, despejava e policiava. Dobramos novamente, e novamente o nosso passo acelerou; eu quase tive que começar a correr para acompanhar. Agora não havia nenhuma viatura de polícia à vista. De repente, quando viramos em outra esquina, surgiu a fachada de uma loja que ocupava metade da quadra. Letras de dois metros de altura proclamavam o nome da corporação envolvida no escândalo do trabalho escravo na universidade.

O tempo congelou por um segundo. E então as vitrines começaram a implodir, grandes placas de vidro em queda livre e espatifando-se no concreto. Eu recordo que isso me lembrou das filmagens dos glaciares nas calotas polares derretendo, enormes placas verticais de

gelo soltando-se em câmera lenta e caindo no mar.

Há algo singular em olhar um ato ilegal à vista de todos. Ninguém parece mais decidido que uma pessoa mascarada arremessando um pé de cabra contra uma vitrine. Normalmente, as ações de alguém ganham significado através da aprovação de toda a sociedade; naquele único momento de transgressão, o vândalo parecia totalmente autogovernado, suficiente, infinitamente livre e poderoso.

Um segundo depois estávamos correndo por uma rua lateral, o vidro ainda tilintando atrás de nós. Ainda não tínhamos assimilado o medo, apesar de eu ter certeza que a maioria de nós havia ido mais longe além dos limites do que jamais imaginamos ir. As únicas sensações que tive naquele momento foram euforia e a impressão de que eu estava voando sobre o concreto abaixo de mim, sem tocá-lo. Me senti conectado com estranhos ao meu redor como se tivéssemos crescido juntos, caçando em uma floresta — eu estava infinitamente grato por eles estarem lá comigo, por tornarem aquele momento possível. A minha determinação de me identificar com as partes insurgentes de meu ser estava finalmente dando frutos.

Agora ouvia-se sirenes à distância — elas estavam se aproximando por várias direções ao mesmo tempo. Antes de chegarmos no fim do quarteirão, duas viaturas de polícia passaram em alta velocidade à nossa frente; quando chegamos no cruzamento, policiais estavam sal-

tando para fora de seus carros de ambos os lados. Grupos de mascarados estavam se separando da multidão e desaparecendo em becos, chamando uns aos outros através de códigos. O resto de nós congelou com indecisão e angústia.

Quando uma multidão toma uma rua ou põe em prática algo igualmente impossível, toda a sua força vem do sentimento de que eles podem contar uns com os outros, toda sua confiança como indivíduos depende da moral coletiva. O que o grupo acredita ser possível se torna possível; o que alguns acham ser impossível se torna impossível, e logo ninguém consegue acreditar naquilo para torná-lo realidade. Tão logo algumas pessoas visivelmente duvidaram de que poderíamos manter a coesão e o poder que vinha dela, todo resto também duvidou e fugiu, como se obedecessem ordens.

Na fuga, a maioria permaneceu junta, mas agora éramos uma multidão muito diferente. Não estávamos mais ligados por um sentimento compartilhado de poder, mas por medo da polícia — e, mais importante, da responsabilidade por nós mesmos. Em uma situação perigosa, nenhum risco pode ser mais assustador que o fato de que todo indivíduo é, em última instância, responsável pelas decisões que o levarão à segurança ou à desgraça. É por isto que as pessoas quase sempre fogem em massa quando podem, quer ou não essa seja a decisão mais sábia: ao fazer isso, todas esperanças de fugir da obrigação de tomar decisões inteligentes, colocando-a sobre os ombros daqueles ao seu redor — que fazem o mesmo, infelizmente. Uma multidão assustada pode ser exponencialmente mais assustada que um indivíduo assustado, assim como uma multidão corajosa pode ser mais corajosa que um indivíduo corajoso: é por isso que é importante para todos que se aventuram a participar de multidões saber como sair do pensamento grupal em um instante.

Eu não sabia disso naquele momento, mas felizmente eu não consegui acompanhar os outros. Eu segui uma dúzia deles por um beco e quando eles partiram em uma direção eu saí por outra caminhando rapidamente, tentando projetar uma calma profissional e me desinteressar: *Eu, eu sou um jornalista. O que você quer dizer com: "o que estou fazendo aqui"? Eu sou um jornalista!* Meu peito estava pesado. Três viaturas da polícia passaram rápido por mim na direção que os outros haviam ido. *Eu sou uma porra dum jornalista, estou lhe dizendo, jornalista JORNALISTA!* Foi a coisa mais segura que eu poderia ter feito, além de ter me escondido numa lata de lixo, como depois fiquei sabendo que a Kate fez.

Uma quadra e muita tensão depois eu cheguei num parque. Estava fechado para o público, mas eu surpreendi a mim mesmo pulando a cerca. O ruído dos helicópteros enchia o ar da cidade atrás de mim. Eu me encolhi nas sombras atrás de uma fileira de arbustos e expirei.

Enquanto meus olhos se acostumavam com o escuro, eu me dei conta de que não estava sozinho atrás do arbusto: a alguns metros de distância, havia uns homens sem-teto dormindo na grama. Eu senti a mesma familiaridade anônima com eles que senti com os outros durante o concerto e depois na marcha; eles também estavam se escondendo, eles também eram fugitivos. Eles nunca iriam me denunciar aos policiais ou me desprezar por estar nesta situação.

As pessoas que deram início à marcha não deram nenhuma ordem — eles simplesmente abriram uma janela de possibilidades ao realizarem ações que abriam espaço para os outros participarem. Não tinha nenhum líder com um megafone, nenhum porta-voz, apenas os diversos desejos e objetivos de cada indivíduo levado às ruas. Ao mesmo tempo, nem todos estavam prontos para para participar no mesmo nível em uma ação como esta. Foi irresponsável da parte daqueles que chutaram o farol da viatura de polícia ou quebraram as vitrines da grande loja terem me colocado em perigo? Ou fui eu o irresponsável por não estar preparado para me portar sabiamente nesta situação, por não assumir meu desejo de ser parte disto?

Uma coisa era certa — tudo parecia muito diferente de trás daquele arbusto do que eu estava acostumado a ver da minha escrivaninha na redação. Eu não estou escrevendo a droga de um livro, eu disse para mim mesmo. Isto está realmente acontecendo, e eu não vou perder um só minuto a mais. Meu pulso estava acelerado como um trem de carga. Eu me belisquei: *isto realmente está acontecendo*.

O Homem Unidimensional no Mundo Tridimensional

Por que abstrações e absolutos são um ataque à humanidade e à própria existência

"Uma mulher nunca será rica ou magra demais."

A anoréxica e o fisioculturista perseguem ideais que recuam à sua frente. Uma vez que você começa a tomar como referência um padrão mono-dimensional como força ou magreza, você nunca terá o suficiente: a meta está sempre à sua frente, por mais rápido que você a persiga. Estes ideais não podem ser alcançados neste mundo; se você seguí-los longe demais, eles te levarão para *fora* dele, no abismo que é seu verdadeiro lar — como atestam os problemas cardíacos dos fisioculturistas e os suicídios dos astros de rock e dos sex symbols.

É verdade, Arnold Schwarzenegger, atrizes de Hollywood e outros como eles foram praticamente criados em granjas industriais pela nossa sociedade hiper-competitiva, mas o resto de nós também está contaminado com os valores que os produziram — só que somos a versão caipira do mesmo frango. Todas nossas formas de julgar e conceitualizar são comparativas: Sara é bonita, mas não tão bonita quanto Diana, que não é tão bonita quanto a garota da capa da revista; Jane é esperta, mas não tão esperta quanto o garoto que passou no vestibular da USP, que não é tão inteligente quanto Albert Einstein foi; servir comida de graça é revolucionário, mas não tão revolucionário quanto atear fogo em delegacias de polícia. Nós somos pensadores monodimensionais, incapazes de ver cada qualidade ou ação individual pelo que ela é, somente somos capazes de percebê-las pelo que são em comparação a outras — o resultado disso é que há uma tabela de preços universal através da qual *tudo* pode ser tabelado. Esta é uma

forma de se conceber o mundo, sim, mas não é a única — e normalmente não é a melhor também.

Este modo de pensar transforma a vida em um concurso no qual todos devemos lutar para nos distinguirmos encontrando pessoas inferiores; ele nos faz desconsiderar as qualidades únicas de cada evento e entidade para achar um lugar para eles numa medida universal de valores. Outro modo de enxergar as coisas revela que todo ser humano tem qualidades que nenhum outro tem, todo momento é único e não se repete, toda ação radical é importante para "a" revolução de formas insubstituíveis. Mas não temos uma linguagem que possa articular isto, nenhum meio de expressão que celebra através da descrição ao invés de pela comparação. Mesmo quando tentamos valorizar as coisas pelo que elas são, somos atraiçoados pelas suposições implícitas na nossa fala:

"Eu te amo," sussurra a garota.

"Você me ama acima de todos, acima de tudo?" pergunta o rapaz.

"Eu te amo... de uma forma diferente, pelo que você é. Nem mais, nem menos — não há comparação no amor, pois o amor valoriza o que é. Amor não é julgamento, não tem medidas, não tem comparação..." ela responde — mas ele já foi embora.

De onde vem esta obsessão por padrões monodimensionais? Talvez tenha surgido da própria linguagem: quando uma palavra serve para representar muitas experiências individuais diferentes, já há abstração.* Quando nós dizemos "luz solar", estamos nos referindo a algo uniforme e imutável — mas tudo que podemos dizer com certeza é que o termo se refere a uma grande variedade de dados sensoriais diversos e dados sensoriais potenciais.

Podemos argumentar que o que há de mais precioso na vida não são os menores denominadores comuns, mas aquelas coisas que só acontecem uma vez na vida, e que as palavras não estão equipadas para expressar. Qual é a utilidade de uma palavra que se refere a apenas um instante da experência de um indivíduo? Palavras servem como moeda exatamente porque são vagas e simplistas; nenhuma palavra ou

* Pode-se argumentar que falar uma língua não nos dá um meio para descrever e discutir "o" mundo tanto quanto permite que você entre no mundo adicional da descrição e discussão, que está freqüentemente conectado ao mundo das experiências sensoriais apenas pelas abstrações mais tênues. O ambiente urbano, no qual tudo é produzido em massa de acordo com o mesmo sistema ideológico através do qual ele é vivenciado, pode ser considerado uma manifestação física deste mundo de abstrações: conceituaização se impondo sobre a realidade.

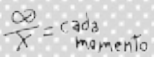
conceito jamais conseguirá capturar a profundidade e a complexidade infinitas de um único instante da vida.

A civilização ocidental é fundada sobre o pensamento monodimensional: monocultura, monogamia, monopólio, monotonia. Nossa visão ciclópica do cosmos pode ser traçada até a antiga Grécia, quando Platão levou a abstração inerente na linguagem um passo além. Ele declarou que nossas abstrações se referem a um "plano mais elevado" no qual abstrações como "justiça" existem na sua forma pura; ao fazer isso, ele virou tudo de cabeça para baixo, colocando nossas amplas generalizações *acima* das experiências que elas resumem e alegando que elas são mais verdadeiras que os materiais brutos que elas se propõem a representar. Logo ele colocou o ponto de referência dos nossos conceitos completamente fora do mundo, sugerindo que nossas experiências reais nele são menos importantes que nossas idéias a respeito. Paulo, o fundados do Cristianismo, expandiu essa filosofia e transformou-a em uma doutrina religiosa: o ideal existe no paraíso e a terra é apenas uma imitação falha e maligna.

Apenas as doutrinas não foram o suficiente para fazer as pessoas enxergarem tudo em termos de absolutos, é claro. Contra a sabedoria das experiências corpóreas, na qual as qualidades únicas de cada entidade e evento são vistas de perto, elas ficavam impotentes. Mas lentamente, se tornou possível até mesmo forçar o mundo das percepções sensoriais nos padrões arbitrários da abstração e do julgamento.

Isso começou com o desenvolvimento das finanças e do tempo subdividido. De repente, tudo tinha um valor de troca que podia ser determinado de acordo com um padrão externo, e da mesma forma o dia foi dividido em segmentos quantificados. Tempo e valor não podem ser verdadeiramente medidos — a mulher que viveu de verdade sabe que nenhum cronômetro pode registrar o modo como tempo acelera quando ela está na cama com seu amante e como ele desacele-

* "Isso é engraçado," ela disse, "eu tenho uma equação parecida no meu diário, só que com os elementos ao contrário." Ela rabiscou no guardanapo:



Eu estava perplexo. Nossas equações eram espantosamente semelhantes — a minha era um chamado a uma tarefa infinita e portanto impossível, enquanto a dela sugeria uma infinidade que não poderia ser nem buscada nem evitada: eternidade dentro dos limites de um momento, espaço sideral dentro do menor dos átomos.

ra quando ela está trabalhando, ela sabe que as piores e as melhores coisas na vida não podem ser "merecidas", muito menos avaliadas — mas o trabalho assalariado e a economia do comércio forçaram as pessoas a medí-las mesmo assim, e o hábito se fez.

Logo tudo estava medido e calibrado: os tamanhos de roupas femininas, por exemplo. Até o fim do século dezenove, a roupa feminina era feita à mão para mulheres individuais, e uma mulher era vista como tendo qualidades pessoais distintas, não um "tamanho 36" ou "extra grande". Isto quer dizer que nas últimas décadas, a mulher ideal tem sido descrita numericamente — "90-60-90" — e qualquer uma que fuja desta forma platônica é considerada menos bonita. Toda manhã as mulheres se pesam e são testemunhas de como qualquer balança é inadequada para medir a variada beleza dos seres humanos.

Só faltou o branding corporativo padronizar o mundo real de acordo com nossas abstrações. Em outros tempos, a maioria dos seres humanos retirava comida de jardins, ou da natureza; nesses dias toda fruta e vegetal aparentava ser e era único. Agora nossa comida é modificada geneticamente à uniformidade total, e cada item vem com um nome de marca identificando qual absoluto ele representa: a marca genérica dos supermercados é a forma Platônica das bananas inferiores, a banana com nome de marca é a perfeita encarnação da banana como abstração, e a banana arquétipo dos consumidores ricos, eco-elitistas vem rotulada "orgânica".

Aqueles que resistem a estas tentativas de achatar o mundo real no mundo conceitual freqüentemente caem nas mesmas práticas. O mundo da teoria política está cheio de abstrações e pensamento mo-

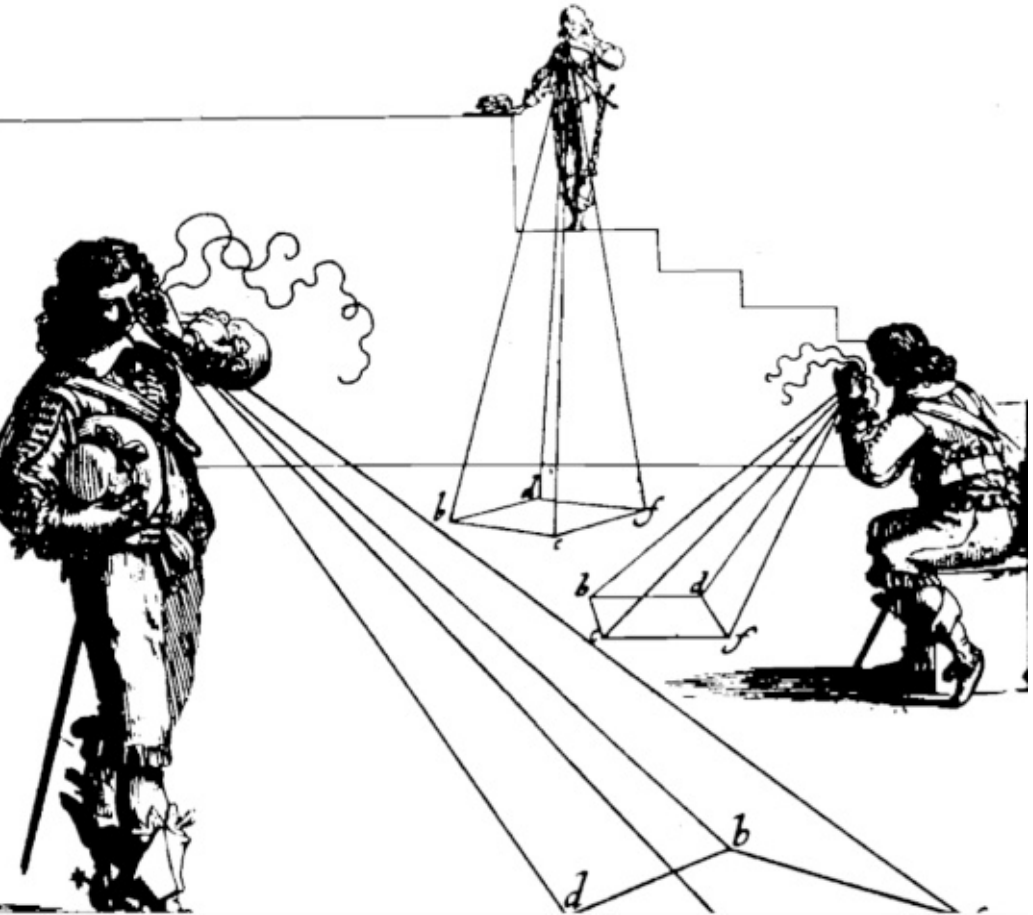
* Intelectuais têm uma grande aptidão para o deslocamento — quando eles sofrem com o tédio da sua existência sem graça e abstrata, eles respondem a esse sofrimento não com ação mas com ainda mais monotonia e abstração. Geralmente seu descontentamento é direcionado à teoria e à análise abstrata, e conseqüentemente à carreira e ao status... e assim, mais status quo.

A ideologia se infiltra rapidamente em qualquer linguagem, mesmo nas linguagens que buscam se opor a ela. Se você quer experimentar paixão e liberdade, a última coisa que você deve fazer é criar slogans sobre eles. Este rodapé é, em si mesmo, uma coisinha perniciosa, apenas mais abstrações sobre abstrações — largue o livro, pare de conceitualizar, vá lá para fora e *viva*, o que quer que isto signifique! Chega de explicações, racionalizações, glorificações... desconfie de qualquer palavra ou símbolo cuja intenção seja capturar as coisas que fazem a vida valer a pena, acima de tudo desconfie das pomposidades políticas! Palavras só podem expressar a realidade por acaso, e somente por pouco tempo. Encurralados pela inércia de nossa própria retórica, devemos finalmente lutar contra o próprio discurso, e *pela* expressão, mas somente na *ação*, que é o único lugar onde podemos evitar que a expressão fique sobrecarregada pelo peso morto da ideologia. Isso quer dizer — só é adequado falar quando, ao falar, você *está* agindo. Então, a menos que você conheça uma maneira de transformar toda esta teoria em vida real, jogue este tratado fora!

[O tratado, é claro, continua inabalado, esquecendo suas próprias exigências, como toda ideologia sempre faz e é.]

nodimensional — as palavras que você está lendo neste instante, por exemplo.* Muitos conseguem passar pela infância sem perder a habilidade de apreciar os detalhes insubstituíveis da vida, somente para sucumbir às doenças da generalização e da idealização quando eles começam a ler teorias e tentar formar uma análise do cosmos: suas impressões e emoções são convertidas em uma ideologia, e onde eles tinham suas lutas e objetivos que antes se referiam a pessoas reais, eles agora vêem pessoas apenas como peças de tabuleiro em um jogo de símbolos.

Não existem exemplos mais predominantes e óbvios de arqúetipos vampirescos do que a masculinidade e a brancura. A sociedade patriarcal e da supremacia branca ainda recompensa certas características superficiais e modos de se comportar de algumas pessoas mais do que todos outros, apesar do fato das divisões de raça e gênero que supostamente servem como justificativa para isso serem cada vez mais vistas como construções arbitrárias — o fato de serem construções



Só agora consigo reconhecer sua beleza sem negar uma parte de mim.

simplesmente as torna ainda mais úteis para dividir e conquistar. Brancura não é apenas uma qualidade que alguns possuem e outros não, mas *uma forma de comparar pessoas*; a prova disto pode ser encontrada em nações onde ninguém é "branco" pelos padrões europeus, mas alguns grupos ainda assim se beneficiam do privilégio dos brancos em relação aos outros. Da mesma forma, o fato de que são todos homens não impede os jogadores de futebol de competirem uns contra os outros para ver quem é mais másculo — pelo contrário! — podemos encontrar pessoas fazendo o papel "do homem" mesmo em grupos exclusivamente femininos. Enquanto as normas culturais monodimensionais estiverem limitando e desumanizando, todos — mesmo o mais branco dos brancos e o mais macho dos homens — têm interesse em acabar com a supremacia branca e com o patriarcado, embora as pessoas vivenciem isto de formas diferentes de acordo com sua posição na hierarquia.

No fim das contas, a busca por ideais que não podem ser alcançados neste mundo constitui uma rejeição do mundo e, portanto, da própria vida — como demonstra o triste estado dos fisioculturistas e das anoréxicas que levam essa busca ao seu extremo lógico, o túmulo. Estamos tão acostumados a denegrir este mundo, dizendo que é um lugar imperfeito, até mesmo intolerável. Assim ele parece, quando o comparamos com ideais que parecem perfeitos exatamente porque não podem existir; e assim ele se torna, quando tentamos navegá-lo de acordo com esses ideais e não de acordo com as coisas reais que estão ao redor e dentro de nós. Uma resolução realmente radical seria aceitar a existência exatamente como ela é, como a única coisa que importa, proclamar que este mundo é o próprio paraíso, feito para nosso completo prazer e realização... e então perguntar: *Se este é o caso, como agimos de acordo? O que temos feito de errado este tempo todo?**

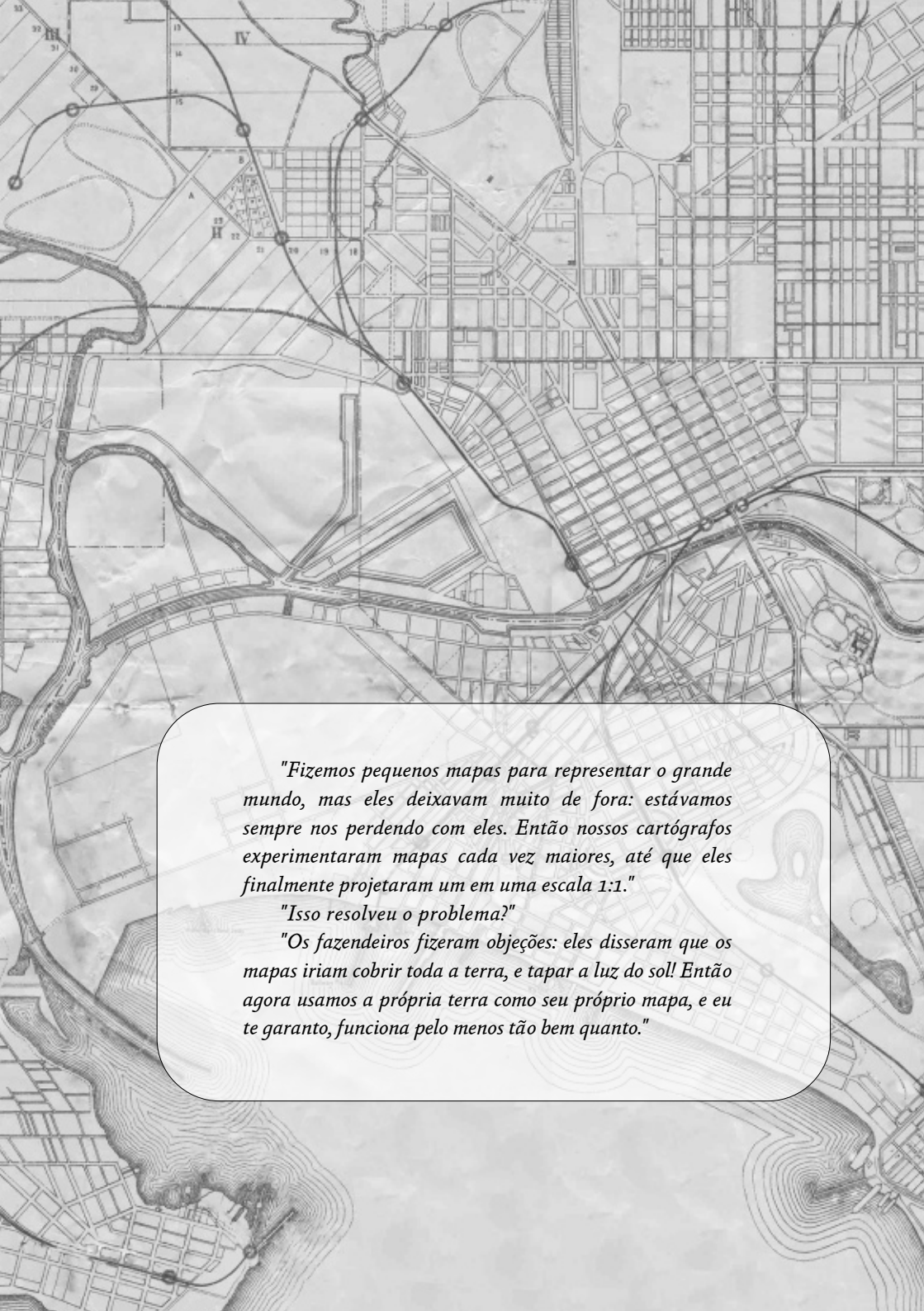
Ao fazermos isso, teríamos que finalmente aceitar e abraçar a nós mesmos como somos, em toda nossa diversidade e variedade, e emergir da sombras do falso paraíso de Platão e dos agentes de publicidade onde a real beleza supostamente mora. Libertados dos padrões e padronizações monodimensionais, da assombração do julgamento e condenação do cristianismo, nós poderemos ver que o que nós somos deve ser a medida e o significado da beleza, de significância e da magnificência, se tais conceitos devem continuar existindo.

* Ele virou outra página. "Escute isto: *'O homem procura pelo milagre, e para alcançá-lo ele caminhará através de sangue, ele se corromperá com idéias, ele se reduzirá a uma sombra se por apenas um segundo de sua vida ele conseguir fechar os olhos para o horror da realidade. Ele resiste a tudo — desgraça, humilhação, pobreza, guerra, crime — na crença de que de um dia para outro algo irá acontecer, um milagre, que vai tornar a vida tolerável.'* Soa familiar?"

"Sim — eu não sei se estou lutando contra essa mentalidade ou se estou contaminado por ela — talvez eu tenha me contaminado ao lutar com ela. Com certeza é utópico pensar que o capitalismo pode durar para sempre sem destruir o planeta inteiro, mas também é otimista acharmos que podemos pará-lo antes que o faça."

"É isso que eu não gosto em toda esta retórica anarquista — ela só oferece uma outra utopia. A maioria das pessoas nesta sociedade já subsiste de visões de outros mundos — é praticamente banal. Ele argumenta aqui que o mundo existente — exatamente porque ele existe, uma qualidade sem a qual qualquer mundo é inútil — é um paraíso mais maravilhoso que qualquer outro, se vivermos nele com atenção."

"Sim, é claro, Pablo — mas é igualmente utópico acharmos que podemos viver com tanta atenção, exceto talvez acidentalmente alguns instantes de cada vez. Talvez faça tanto sentido vacilar radicalmente entre rejeitar a integridade do que é por algo que ainda não é, ainda — você sabe, ser um Revolucionário com R maiúsculo — e rejeitar todos os futuros, todas abstrações, todos ideais, para a tarefa impossível de encontrar a perfeição naquilo que existe."



"Fizemos pequenos mapas para representar o grande mundo, mas eles deixavam muito de fora: estávamos sempre nos perdendo com eles. Então nossos cartógrafos experimentaram mapas cada vez maiores, até que eles finalmente projetaram um em uma escala 1:1."

"Isso resolveu o problema?"

"Os fazendeiros fizeram objeções: eles disseram que os mapas iriam cobrir toda a terra, e tapar a luz do sol! Então agora usamos a própria terra como seu próprio mapa, e eu te garanto, funciona pelo menos tão bem quanto."

Diego ainda estava chateado com o apoio jurídico. "...e depois de três minutos sendo sempre atendido pela secretária eletrônica, eu pensei 'Ok, *fodam-se* essas pessoas, elas podem muito bem ser *policiais!*' Eu não tinha idéia se vocês estavam presos, mortos, ou o que! Não é tão dificil assim, sabia? Você diz que vai fazer algo, você faz. Se você não vai fazer" — ele batia com a mão no volante a cada sílaba — *"não diga que você vai fazer!"*

"Diego, eles são praticamente os únicos estudantes que ainda estão envolvidos." Kate estava tentando apaziguar os ânimos. "Os outros, com quem comecei, já estão todos de volta aos seus dormitórios, estudando para as provas finais. Concordo, eles não são organizados, mas são tudo que temos. Se não podemos fazer as coisas darem certo com eles, vamos trabalhar com quem? Pelo menos sabemos o que esperar deles. Podemos falar disso no próximo..."

Ele interrompeu com desdém. "Não importa, eu nunca vou fazer mais nada com eles. Bando de menininhos mimados brincando de revolução! Eu prefiro fazer as coisas com pessoas que sei que vão levar adiante, como..."

"Ei," eu abri o celular de Samia e levantei-o para que Diego pudesse ver o seu visor brilhando no retrovisor, "podemos falar sobre isto mais tarde?" Samia olhava pela janela para o bosque ao lado da estrada; estávamos fora da cidade e o mundo era um borrão preto contra o céu. Deviam ser quase cinco horas da madrugada. Na época, eu achava que Diego tinha razão, mas não queria que Samia nos visse discutindo desse jeito — ela ou qualquer outra pessoa.

Todos se animaram novamente quando dobramos para a estrada

de chão batido. Quando eu vou para o campo é como se um músculo que está sempre tenso entrasse em relaxamento. A última vez que saí da cidade foi antes do acampamento, quando eu ainda tinha meu apartamento; desde o despejo eu carrego minha escova de dentes no bolso do meu casaco, pulando de sofá em sofá para acompanhar a ação. Hoje à noite, parecia uma má idéia voltar para qualquer uma das casas movimentadas e bem-conhecidas que tínhamos para escolher, e Kate se ofereceu para nos levar até a casa de seu pai.

O carro se arrastava pelo longo caminho; às vezes parecia que corríamos o risco de pararmos completamente. Na escuridão, nossas vozes e as portas do carro batendo ecoavam na noite de inverno, de repente nos sentimos muito menores. Estava realmente escuro lá fora; só algumas estrelas nos espiavam através de pequenos espaços entre as nuvens, e a casa à frente era uma silhueta negra. Todos nós carregávamos lanternas, canivetes, kits de costura e garrafas d'água, e caminhamos silenciosamente em fila até os degraus, seguindo um pequeno foco de luz, pisando em folhas secas.

A porta estava destrancada. "Meu pai não tem eletricidade", Kate explicou em um sussurro enquanto riscava um fósforo e levantava a cúpula de vidro de uma lamparina a óleo. Acesa, ela iluminava paredes de madeira áspera, ferramentas de jardinagem sujas de lama e um fogão a lenha negro. "Deixem suas bolsas no chão. O banheiro é por aqui — tem serragem do lado da privada, é só colocar um pouco depois de usar." Ela colocou a lamparina na mesa, projetando sombras que dançavam sobre meus amigos sonolentos, e colocou sua mão no meu braço. "Você quer dormir lá fora comigo?"

Lá fora, eu briguei com a barraca enquanto o vento a empurrava e pequenas gotas de chuva começavam a cair. Eu tinha medo que fizesse frio, mas quando finalmente entramos em nossos sacos de dormir, desconfortavelmente mexendo cotovelos e joelhos, pressionando contra a lona esticada, estávamos quentes o suficiente.

Kate virou para me olhar e levou seus lábios ao meu ouvido. "Eu vou dar uma olhada no meu colo do útero para ver se estou grávida. Você me ajuda com a lanterna?"

Ninguém jamais tinha pedido algo parecido antes. "Hmm, claro, se você me disser o que fazer. Você pode descobrir se está grávida pelo...?"

"Até onde eu sei, ele deve estar azulado se eu estiver — mas não é certo." Ela tirou um espelho e um espéculo da sua mochila e contorceu-se para tirar suas calças. "Nunca me aconteceu antes. Mas eu es-

tava fértil aquele dia no telhado, e eu sempre tento acompanhar o que acontece com o meu corpo." Ela rasgou com os dentes um pacote de amostra grátis de lubrificante da mochila e colocou o espéculo no lugar. "Tá bom, agora segura a lanterna aqui e mira no espelho." Ela segurou o espelho com uma mão, ajeitando o ângulo cuidadosamente entre suas pernas; levou alguns minutos para que ela conseguisse a visão que queria. Eu olhava para ela timidamente na luz fraca — eu nunca vi alguém tão confortável consigo mesmo. Eu tinha ganhado acesso a um ritual particular, como um caçador que encontra fadas no meio da floresta. "Deixa pra lá — não parece nem um pouco azul! Quer dar uma olhada?"

"Tá bom, quero sim." Ela abriu mais o zíper do saco de dormir e eu tateei até o outro lado da minúscula barraca, roçando na lona e batendo no seu joelho, com meu saco de dormir ainda pela minha cintura. "Eu nunca fiz isto antes. Realmente... eu acho que é a maior intimidade que eu já tive com alguém."

"Sério?" Ela me lançou um olhar levemente divertido.

Agora que eu reflito sobre isso, é louco como eu estive envolvido com tantas mulheres sem nunca ver seus corpos desta forma. Eu podia ouvir o vento lá fora varrendo as folhas e assobiando. "Obrigado", murmurei. "Você é muito bonita."

Ela ficou em silêncio por um minuto. "Eu lutei com isto por muito tempo," ela começou enquanto eu me acomodava ao seu lado. "Para me sentir bonita."

"Desculpa — eu não queria... trazer nenhum assunto difícil. Você quer me contar a respeito?"

"Claro". Ela se ajeitou, cruzando os braços atrás da cabeça. "Na verdade foram as coisas de sempre. Tentei todo tipo de dieta, eu usava maquiagem e arrancava todo pelo e tentava combinar minhas roupas com a cor dos meus olhos; e então eu parei de fazer tudo isso, mas eu só me senti pior. Eu finalmente cheguei à conclusão que eu gastaria tanta energia tentando gostar de mim mesma do jeito que sou do que se eu fosse contar as calorias e arrumar o meu cabelo todas as manhãs — mas se eu pudesse, estaria tudo sob o meu controle. Eu poderia ir à academia todo o dia e continuar perdendo peso, mas o modo como eu me sentia sobre mim mesma nunca estaria sob o meu controle por mais peso que eu perdesse. Ainda é bem difícil olhar para as minhas coxas e realmente acreditar que elas são perfeitas deste jeito, mas é uma luta que eu quero lutar e a outra não. De qualquer forma, obri-

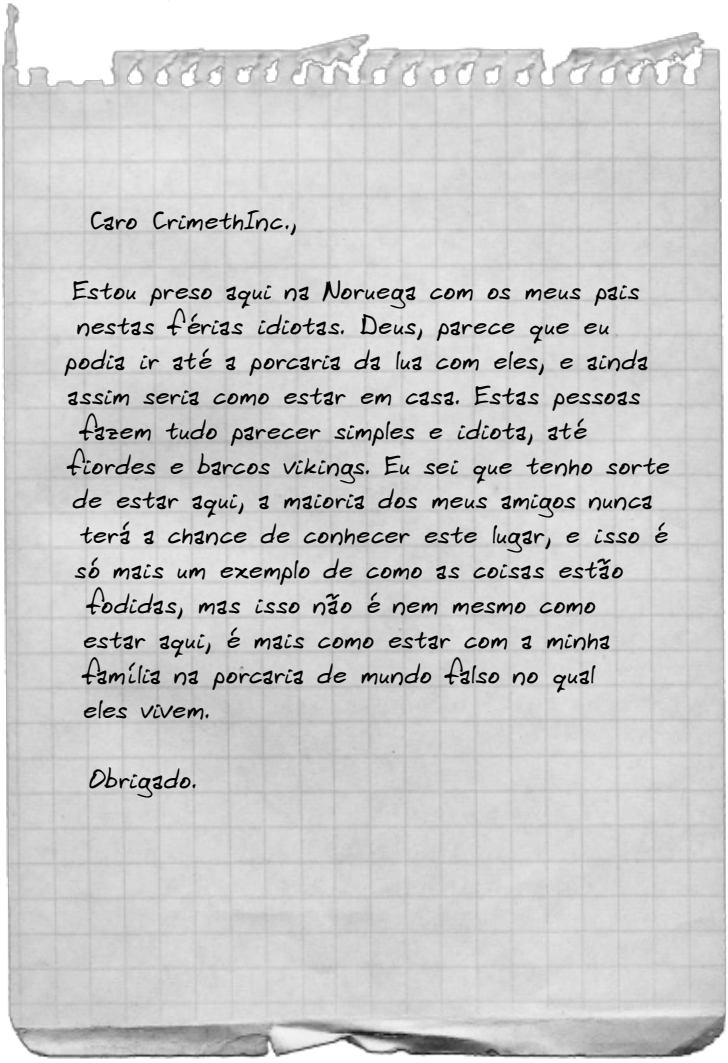
gado. Você é bonito também."

Muito tempo depois que a sua respiração diminuiu de velocidade e se tornou mais profunda, eu fiquei acordado sobre as minhas costas, escutando o vendo e sentindo como eu estava longe de tudo que me era familiar. *Eu nunca estive aqui antes*, pensei comigo mesmo, *e eu nunca estarei aqui novamente*. Sob este aspecto isso era o oposto da cozinha onde eu perdi tantos meses da minha vida. E isso era tão assustador quanto libertador — e quanto mais eu tentava me segurar neste sentimento, mais assustador ele se tornava. Eu fiquei acordado até ouvir pássaros arriscando os primeiros cantos da manhã.

Quando eu finalmente fechei meus olhos eu estava de novo num carro em movimento, apertado com pessoas que eu não reconhecia mas eram meus queridos companheiros. O motorista pisou fundo no acelerador e a paisagem se abriu ao nosso redor, um deserto pintado, estranho e sublime.

Você Pode Correr, Mas Não Pode Se Esconder

Turismo? Escape da rotina!



No vôo de volta de São Paulo, um ano e meio depois, eu me tranquei no banheiro do avião, tirei minha jaqueta e minha camiseta manchadas de tinta, e me olhei no espelho. Eu vi algo refletido ali que só tinha visto antes nos olhos dos amantes mais apaixonados: as sombras e texturas da minha pele, as cicatrizes e linhas esculpidas nela falavam de uma vida de loucas apostas e extremos jamais sonhados, uma história tão comovente e emocionante como um romance. Eu era bonito — a beleza estava incorporada em mim, o veículo de um mundo de lutas, vontades e triunfos mais incríveis do que tudo que possa caber entre as páginas de um livro. Isto foi uma grande revelação, mas eu descansava confortavelmente nela como se eu soubesse durante toda minha depressão e desespero que eu estava sendo guardado para isso.

Quando chega o fim-de-semana, os estudantes universitários colocam suas mochilas nos carros e vão até a praia. Eles chegam logo antes do pôr-do-sol e passam uma hora inteira desfazendo as malas, armando suas barracas e acendendo a churrasqueira. Então eles aumentam o volume do aparelho de som, assam carne, bebem, gritam e discutem até a meia-noite. Quando eles acordam na manhã seguinte, eles passam mais uma hora desarmando as barracas, e limpando a área onde acamparam, se forem ambientalistas, antes de dirigir de volta para casa. Tudo que eles fizeram na praia poderiam ter feito mais facilmente em casa, mas a praia é fetichizada como uma zona de recreação e lazer: se você está lá, você sabe que não tem horários e que está se divertindo — tanto faz se você nadou nas ondas, caminhou em silêncio sob as estrelas, ou encontrou a carcaça de um tubarão carregada pela maré, com pequenos caranguejos dançando sobre sua carne.

Anos mais tarde eles voltam lá com suas famílias, armando barracas para as crianças e mesas dobráveis para os adultos, bebericando vinho enquanto assistem DVDs. Se eles são ricos, vão visitar praias em outros continentes, nunca deixando a esfera da toalha do hotel, quarto do hotel, navio de cruzeiro, resort.

Mas seria injusto acusar todos que partem em férias de ignorar o que está ao seu redor — pelo contrário, você sempre pode identificar turistas de alta classe pelas suas câmeras de vídeo e guias de qualidade. Vamos examinar esses espécimes mais sofisticados para chegar ao fundo do turismo como um fenômeno.

Vindo de uma subcultura na qual possuir e aparentar são mais valorizados do que sentir e agir, turistas burgueses procuram diversão na possessão simbólica de outras partes do mundo além daquela que normalmente ocupam. Eles conseguem isso pelo ato de olhar — "olhar pontos turísticos" — assim como os conquistadores de antigamente observavam os povos recentemente subjugados. É este o real significado de todas fotos e vídeos: as imagens podem não ser importantes mais tarde (exceto para aquelas sofríveis mostras de slides aos quais imaginamos que os imperadores Romanos submeteriam suas cortes, se eles tivessem a tecnologia), elas podem não ser tiradas com aspiração artística, mas eles servem para firmar o turista como *colecionador* — eles colecionam imagens do mesmo modo que outros colecionam borboletas ou saques de guerra. Está é a única forma que o burguês conhece de se relacionar com coisas estrangeiras*: o belo e o selvagem formam belas cenas, mas eles não têm significado até que tenham sido caçados, capturados, alfinetados.

As fotos batidas apressadamente são preservadas como se estivessem no formol, e os turistas parabenizam a si mesmos por saberem

* Veja por exemplo o turismo "ecológico", que é baseado na idéia de que um pequeno fragmento de um ecossistema deve ser deixado em paz enquanto ele servir para entreter a classe turística. Eles partem em férias para fazer ooh e aah para a vida selvagem quando eles nem ao menos reciclam garrafas em suas próprias cozinhas. Eles falam sobre lugares "especiais" que devem ser transformados em parques e reservas, negligenciando o fato de que o próprio chão onde vivem já foi igualmente selvagem e belo antes de ser destruído pelos estilos de vida que eles se recusam a questionar.

tudo sobre a Noruega, sobre a arquitetura italiana, a vida selvagem no Oceano Pacífico, os desafios dos primeiros exploradores das regiões polares, a infância problemática de Van Gogh ("e isso", entoa o turista enquanto guia a sua audiência por uma exibição de slides de fotos tiradas através de uma corda sob a direção de outro guia, "é a sala na qual ele passou seu primeiros seis anos!"). As lentes nunca saem dos olhos dos turistas durante suas férias, no sentido literal ou figurado. A mediação é fundamental na experiência do turista — qualquer coisa para manter o mundo à distância, para evitar se envolver.

O turista vem de um mundo com mania de controle, já é um especialista em se proteger até a morte. Os burgueses insistem em ficarem seguros onde quer que vão — não apenas de perigos reais, mas de qualquer coisa que não tenha sido antecipada, compreendida, controlada. Os guias de viagem e guias turísticos, os itinerários cuidadosamente planejados, os ônibus turísticos, museus e hotéis, os exércitos de vendedores prontos para suprir qualquer necessidade fabricada — tudo isso se combina para garantir que estar em Oslo ou no Zimbabwe seja o mais similar possível a estar no Paraná. Mas ainda assim, por baixo de tudo, turismo ainda é uma tentativa desesperada de vivenciar algo diferente, algo "exótico", que é o mesmo que dizer — algo não tão sem vida, sem significado, tedioso, banal e insípido quanto o dia-a-dia sob a tirania do secador de cabelos e do telefone celular.*

E logo a grande tragédia é que o turismo destrói aquilo que é observado enquanto mantém o observador alienado. Assim como os exploradores cortaram trilhas cada vez mais largas através dos ambientes naturais durante suas explorações, até que em alguns lugares só o que restasse deles fossem peixes em aquários e plantas em vasos, o turista esmaga embaixo de si exatamente aquilo que ele está procurando. O ser humano dentro do homem burguês precisa de diversidade, perigo, aventura, mas o burguês dentro dele canaliza essas necessidades em iniciativas substitutas e em apostas com garantias contra prejuízo: ao viajar para Honduras, ele ainda quer falar inglês; ao fazer canoagem em correntezas, ele ainda precisa assinar um contrato e uma "trilha histórica" para seguir (pois toda experiência com algum significado é

* De fato, quando ouvimos atentamente aos relatos sobre seqüestro e rins roubados, compartilhados pela juventude burguesa nas férias de verão no circuito mochileiro/alberguista, fica claro que são praticamente *fantasias*, lendas de algo real e perigoso — ou seja, empolgante! — que aconteceu com alguém que era *como você*, narradas numa fé desesperada de que algo louco e novo ainda seja possível mesmo neste mundo e descritas da única forma que os burgueses sabem descrever o que não lhes é familiar: terror!

mantida como refém no passado, ou nas vidas de outras pessoas), ao pousar em Marte, ele olha em volta procurando algum cartaz que indique a próxima visita guiada. Tendo em suas mãos o poder do furioso deus Dólar, ele é capaz de forçar todos que encontra a confiná-lo em sua rede de segurança. Onde quer que o turista pise, em breve não resta nada além dos detritos de sua própria falência criativa e cultural — visitem Tijuana, no México se quiserem prova. Culturas inteiras foram aniquiladas por onde esteve; turismo não é o sucessor das antigas jornadas e peregrinações, mas do imperialismo colonial.

Na ausência da coisa real, o turista fica com a simulação. Até mesmo os guias de viagem mais malucos ("Europa a dois dólares por dia!", "Antártida para caroneiros!") são museus de aventura fossilizada no momento em que são publicados — como se pudesse haver tal coisa como um guia para aventuras, quando aventura é exatamente aquilo que acontece *fora dos mapas*. O máximo que o turistas mais ousados podem encontrar é a trilha gelada daqueles que embarcaram sem mapas — no seu rastro, ele tem que se contentar com monumentos, museus e parques temáticos, sempre largando perguntas de retórica ("Como seria se...?") sem se conectar com as possíveis respostas à sua própria vida. Consternado, ele compra mais guias de viagem, como de praxe buscando uma solução no mercado ao invés de se livrar de sua alienação e tentar uma aproximação diferente.

A qualidade comum que unifica todos os turistas é a *desconexão*: eles não estão nem um pouco envolvidos com aquilo

que vêem, perseguindo somente a paisagem sem nenhum comprometimento, responsabilidade e desafio que vêm junto com o compromisso com a vida real. Eles podem votar passivamente no seu local ou pintura favorito, ou, na melhor das hipóteses, desenvolver um sentimento paternalista de que ambientes ou culturas excepcionais devam ser protegidas e usá-las como distintivo, mas nunca lhes ocorre que eles estão interagindo com os mundos que observam com tanto desprendimento. É por isso que eles são incapazes de reconhecer a sua parte na erradicação do que tentam proteger, e ainda mais incapazes de confrontar o seu desconforto espiritual e inquietação. Eles podiam estar em suas casas, ou em qualquer lugar, doando-se a algum projeto, se envolvendo em algo fora das exigências do trabalho e do status social, assumindo responsabilidade pelos efeitos de suas ações e considerando suas decisões com a seriedade apropriada; ao invés disso, eles partem em férias para a terra do nunca, levando a sua alienação aos confins mais afastados do globo. Lá, esta alienação se replica, levando-os a cruzeiros marítimos cada vez mais caros e caçadas por souvenirs como viciados apáticos em busca de estímulos — quando tudo que precisariam para quebrar o feitiço era que se comprometessem com algum valor ou sonho, um que os levaria ao perigo, partiria seus corações, até alcançar uma glória esfarrapada e todas essas outras coisas que devemos vivenciar para vivermos uma vida plena e engajada. Eles poderiam fazer tudo isso sem jamais ter de fazer uma reserva de passagem aérea ou fazer as malas. O fato de que eles são capazes de manter a sua distância da vida tão facilmente à dez mil quilômetros de casa quanto no meio de sua rotina diária é uma prova do triunfo global da auto-alienação universal.

Basicamente, turismo não é uma atividade de lazer mas um *estilo de vida*, uma expressão do vácuo no coração da sociedade consumista. O executivo faz as mesmas coisas no Louvre, no Himalaia e na Jamaica que faz em sua própria vizinhança quando passa de carro por um grupo de árvores sendo cortadas para dar lugar a um novo posto de gasolina. O que é necessário para tirá-lo deste transe, fazê-lo se relacionar com aqueles ao seu redor e assumir responsabilidade pelas suas ações? O destino do planeta depende da nossa resposta a esta questão, ou isso ou teremos desarmá-lo e desativá-lo.

Para realizar qualquer uma das alternativas, temos que localizar as nossas partes que ainda não foram totalmente desconectadas, buscar as paixões que ainda se remoem dentro de nós. Para o bem ou para o

mal, a maioria de nós quer viajar — nossos corações saltam ante a possibilidade de largar tudo e sair livres e de mãos vazias por uma paisagem que não nos seja familiar, e isso tem que estar entranhado mais fundo que o condicionamento burguês. Viagens estão associadas com liberdade e romance; era o estado original de nossa espécie, e ainda ansiamos por isso. Ao viajarmos podemos nos livrar dos nossos velhos "eu" e caçar outros que nos esperam em mundo alternativos — viajar nos possibilita um tipo especial de liberdade, pois sem novos horizontes tendemos a repetir as escolhas muito usadas que já fizemos, em servidão à inércia na ausência de outro mestre.

Mas com todo o planeta padronizado sob o imperialismo corporativo e o capitalismo industrial, quando carregamos as sementes destes venenos dentro de nossos peitos, como colonizadores colonizados, onde mais podemos ir? Como vamos viajar agora?

Sem sair do lugar. As aventuras do futuro serão criadas, não por Ocidentais que destróem civilizações na sua tentativa desesperada para escapar de sua própria civilização, mas por pessoas que pegam partes familiares deste planeta e as transformam no desconhecido. Brasília pode se tornar a Paris de 1968, assim como a Paris tediosa de sempre se tornou, em maio daquele ano, a Barcelona de 1936; pequenas cidades no sudeste podem hospedar centros sociais e levantes como os de Oaxaca e Berlim; uma consciência do seu próprio significado e capacidades pode transformar até mesmo um quarto de um bairro nobre no cenário de um verdadeiro épico. Na verdade, sempre foi assim: ou observamos o mundo passivamente, ou agimos nele como participantes — tudo depende disso, quer você esteja em casa ou no topo do monte Ararat.

Ao viajar sem sair do lugar, podemos redescobrir a arte da participação que é essencial para qualquer aventura — e finalmente partir numa jornada, ao invés de em mais uma fuga.

Escape do Escapismo!

A administração não podia agüentar tanta exposição; eles quebraram o seu contrato com a corporação e assinaram um acordo com os trabalhadores do campus só alguns meses depois da marcha noturna. Eu saí de lá como um foguete assim que eles cederam. Cheio da empolgação da vitória e com conexões por todo país, cortesia dos meus novos amigos, eu parti atrás da minha fortuna.

Muitos de nós começam nossas histórias em nossas cabeças e têm medo de terminá-las no papel - ou começamos nossas vidas no papel e as terminamos cedo demais na terra. Nossas canções nunca são cantadas, nossas gargantas ficam mudas, o tremor de expectativa antes das cordas soarem continua e continua, até o infinito; todo o mundo ecoa em silêncio, se você puder ouvir. Eu iria me vingar pelo potencial desperdiçado da minha espécie: eu iria viver a vida que eu queria, e nada iria me parar.

Entretanto, eu me sentia irracionalmente culpado quando pensava no Daniel. Me divertir parecia uma traição, especialmente fazendo coisas que ele gostaria de fazer.

Eu ainda ouvia o ruído dos trilhos amplificado dentro do vagão que nos levava para fora da cidade, acelerando em um ritmo ensurdecedor até que soava como trovoadas de um círculo de tambores. No dia seguinte estávamos desviando das lanternas dos seguranças na estação de trem na periferia de uma grande cidade, a vida era tão tensa e dramática quanto havia sido durante o auge da nossa luta na universidade. Foi uma revelação descobrir que, por todo lado, havia gente como nós, travando lutas parecidas e indo atrás de sonhos que ressoavam com os meus. Em uma cidade eles ocuparam um grande prédio,

enchendo-o de objetos descartados, numa bricolagem pós-industrial: cadeiras de cabeleireiros, aparelhos de ginástica presos no teto, portas de geladeira que se abriam para quartos. Em outras eles tinham programas que colocavam a distribuição de alimentos feita por Marshall no chinelo: jardins comunitários em terrenos ocupados, clínicas de aborto clandestinas, grupos de direitos dos inquilinos prontos para marchar contra os senhorios com tochas e forcados.

Em uma comuna rural, eu caminhei ao amanhecer por campos florescendo para dançar ao redor de uma enorme fogueira com uma centena de estranhos. Você já ouviu o rugido grave de um fogo deste tamanho, faíscas e brasas acima da sua cabeça, se unindo com as estrelas? Na Europa, chegamos a uma metrópole uma noite após protestos terem arrasarado o centro da cidade, furgões blindados da polícia patrulhavam as ruas cheias de carros queimados e lojas fechadas. Tivemos que cruzar uma barreira policial para chegar no prédio ocupado onde íamos ficar, e durante toda a noite policiais e sentinelas trocavam insultos aos berros em uma língua estrangeira; eu nunca me senti tão em casa. Lá nós vimos centros sociais que abrigavam mil pessoas nos seus auditórios, administrados por conselhos compostos por pessoas de diversas gerações, com décadas de experiência.

Eu fui de carona até o topo dos Alpes onde a terra desaparece na estratosfera e voei com um piloto holandês todo o caminho até Ljubljana, onde anarquistas e artistas ocuparam todo um bairro. Naquela noite eu sentei e conversei com velhos eslovacos sobre a vida durante o regime comunista e caminhei de volta, cedo da manhã, sob uma neblina tão densa que eu não enxergava três metros à frente. Na América Latina eu andei por favelas maiores que o subúrbio onde cresci, e fiquei numa ocupação de mais de 30km² na zona rural; eu aprendi espanhol rapidamente pois todos falavam comigo como se eu já soubesse falar. Rita viajou até o Quênia para visitar os trabalhadores nas fábricas contra as quais protestamos - eu ouvi sobre tudo isso no café-da-manhã em Santiago. Uma semana depois eu estava à frente de uma multidão ensandecida, bombas de tinta eram lançadas de trás por sobre nossas cabeças e a tropa de choque a dez metros de distância disparando tiros de aviso.

Até dar início à minha viagem, não haviam estações de trem, nem centros sociais em prédios ocupados, Alpes nem favelas - eu nunca tinha ouvido falar deles, nunca considerei a sua existência. Se eu por acaso passase por um deles em uma viagem de negócios, eu poderia

não ter passado pelos seus portões ou mesmo passado à sua frente sem nem me dar conta do que aquilo realmente era. Agora eu estava pronto para acreditar que tudo que eu sempre sonhei pode existir em algum lugar do mundo — assim como antes da primeira circunavegação ao redor do mundo era possível imaginar que o mundo dos sonhos era um lugar físico para o qual o espíritos viajavam à noite, onde você podia chegar de dia se viajasse longe o suficiente.

É preciso um verdadeiro choque para quebrar o verniz da rotina e descobrir o mundo em que realmente vivemos. Eu imagino os astronautas pisando na terra pela primeira vez quando desembarcaram da nave que os levou às estrelas. Eu me senti presente nesses lugares desconhecidos de uma forma que eu nunca estive em locais familiares — e quando eu finalmente desci do avião no final da minha viagem, eu senti como se eu estivesse pisando na lua.

Não durou. Minha mãe e minha irmã me esperavam ansiosamente no topo da escada rolante. Era bom vê-las, mas me perturbava descobrir que enquanto eu viajava descobrindo novas extensões de possibilidades tudo em casa permanecia igual. Eu senti terror ao perceber que estava voltando no tempo para o momento da minha partida, para continuar dali como se tudo que tivesse acontecido no meio tempo fosse uma alucinação.

No meu curto ano de vagabundagem, alguns de meus novos amigos já tinham voltado para a configuração padrão, concluindo que realmente tinha sido "só um sonho" e se reintegrando ao mundo do qual tínhamos fugido. Eu deveria ter percebido que isto como um sinal de mau agouro, mas naquele momento eu estava muito ocupado conhecendo novas pessoas e partindo para novos destinos. Quando eu finalmente conversei com eles mais tarde, eles falavam do seu período de viagens como um parênteses fechado nas suas vidas e esperavam que eu fizesse o mesmo.

Mas eu estava dedicado a continuar minha nada prática busca por aventura; eu parecia fisicamente incapaz de me resignar à vida que todos aceitavam como normal. Todos pressupunham que eu havia voltada porque estava exausto e sem grana, mas isso nunca me impediu antes. A verdade é que voltei numa missão. Eu saí de casa para fugir de tudo isso, mas enquanto eu viajava, eu descobri que "tudo isso"

estava por todo lugar: em aduanas e anúncios publicitários em inglês, nas já familiares redes de lanchonetes e despejos de ocupações, mulheres improvavelmente loiras em novelas e referências sutis a Hollywood no jeito dos meus amigos falarem. Esses eram os arautos de um imperialismo que iria homogeneizar o mundo todo a menos que as pessoas fincassem seus pés em algum lugar para impedir o seu progresso.

A cidade tumultuada que eu deixei para trás estava calma quando voltei, como Hamelin depois que todas as crianças foram levadas embora. Se ninguém ficasse para a trazê-la de volta à vida, viajantes como eu estariam condenados a vagar indefinidamente como almas penadas, traçando o mundo em busca de maravilhas, comunidade e luta sem nunca parar por tempo suficiente para serem cativados. Agora que eu tinha visto protestos, centros sociais e outros milagres, eu estava determinado a levá-los para casa comigo.

Mas antes, havia um protesto a mil e quinhentos quilômetros de distância do qual eu não podia deixar de participar.

Lutando a Luta Certa:

Por que nós estamos certos e você está errado

Por uma Revolução Não-D(en)ominacional

"Assim como todo idealista liberal de classe média, ele vai correr de volta pra casa quando as coisas ficarem difíceis." "Esse pessoal que vive assim só se importa com o seu próprio nariz. Eles não percebem que se todo mundo vivesse como eles, não haveria um sistema para eles parasitarem?" "Se eles não vão obedecer as decisões do conselho, eles não deveriam estar aqui. Eu preferia que eles estivessem em casa sem fazer nada do que estragando *o nosso* protesto desse jeito!" "Como você quer _____ sem _____? Se você realmente se importasse com _____, você _____! [como eu]" "Eu não quero ser um ativista ou um anarquista ou uma parte disso se isso significa que eu tenho que..."

Por que Não Conseguimos Nos Dar Bem

Podemos conviver? Mesmo para aqueles que prefeririam ser eremitas, não há questão hoje mais importante que essa — o destino de nossa espécie e do planeta será decidido pela resposta.

Não há atalho que contorne este dilema. Qualquer tipo de Revolução com R maiúsculo, qualquer redistribuição de riquezas e de poder, estará comprometido e será irrelevante sem uma mudança fundamental nas nossas relações — pois a estrutura social é uma *manifestação* destas relações, não um fator externo a elas. Revolução não é uma simples transformação, mas um modo de vida: anarquia e hierarquia *sempre* coexistem em proporções diferentes, e o que importa é qual você cultiva.

Nós não estamos qualificados para reconstruir as relações humanas se durante esse esforço não conseguimos nem mesmo nos dar bem uns com os outros — e nada parece criar mais divergências e divisões do que nossos esforços coletivos. Freqüentemente parece que as pessoas que *menos* sabem como se relacionar com os outros são os autodeclarados ativistas que se propõem a salvá-los. Mas estes conflitos não são uma conseqüência inescapável da natureza humana, mas um padrão de causa e efeito que pode e deve ser alterado.

A Economia da Escassez do Ser

Em um mundo onde é difícil conseguir ação livre e criativa, todos nos sentimos empobrecidos, roubados das experiências e sensações que sabemos que deveriam ser nossas. Nós compensamos o melhor que podemos, e freqüentemente esta compensação serve apenas para preservar nossas destituição. Buscamos status na riqueza, no poder, na beleza, na reputação, qualquer coisa para reduzir o impacto das pancadas dos dias perdidos. Nós também compensamos buscando outra forma de status: sentimentos de superioridade, status na nossas próprias cabeças.

Vivemos em uma sociedade que ensina que não há recursos suficiente para todos, inclusive personalidade. Pessoas na televisão ou nos livros são mostradas como mais importantes, atraentes, heróicas que o resto de nós. Crescemos em casas onde nossos pais não têm tempo para nós; somos enviados a escolas que empregam um sistema de avaliação que só permite que uns poucos tenham boas notas, e somos

despejados em um mercado que enriquece uns poucos enquanto explora ou descarta o resto. Nós internalizamos os valores deste sistema. Nos acostumamos a julgar o nosso valor por aquilo que somos "melhores que".

Com pouco esforço, você consegue se sentir alienado por qualquer coisa.

Temos pressa em desprezar os outros, seus planos, idéias, hábitos e crenças, de forma a nos reassegurar que temos nosso próprio valor. Quando deveríamos ver o que há de positivo em tudo, nós denunciamos e criticamos — apenas para nos reafirmar! Os mais inseguros não são nem capazes de apreciar filmes e música, porque é tão importante para eles ter gostos "refinados"; eles não se dão conta de que, quando fracassam em obter prazer de algo, ninguém perde mais que eles. Se você vai tirar algo de uma música, filme ou interação — para que não tenha simplesmente perdido seu tempo! — você deve assumir responsabilidade por encontrar modos de se divertir e se beneficiar deles.

Em seus estágios avançados, a busca hipercrítica por status gera uma mentalidade de espectador: à distância, o crítico vota passivamente a favor ou contra os esforços dos outros, incapaz de perceber que coisas como a arte, o ativismo e a comunidade são exatamente aquilo que ele faz com elas — e que ele deve fazer algo para conseguir tirar algo delas. Esse papel de espectador reforça o sentimento de que tudo que todos estão fazendo não é interessante nem inteligente, e assim o espectador consegue aquele sentimento de superioridade que ele precisa desesperadamente. Você raramente encontra uma pessoa genuinamente ativa e engajada que sinta a necessidade de alegar que suas ações são superiores às dos outros; mas na economia de escassez do espectador, *qualquer* expressão de identidade, mesmo as mais generosas e positivas, podem ser interpretadas como um invasão, um ataque.* Todo feito é

* Outra expressão do mesmo mal é a adoração de heróis, na qual uma pessoa projeta todas as qualidades que ela admira nos outros. É tão ruim quanto, é claro, e inevitavelmente leva à mesma hostilidade e desprezo, pois a única coisa que ela pode fazer com aqueles que colocou em um pedestal é *derrubá-los*.

algo para se rebelar contra, para atacar, para ridicularizar — como se já não nos sentíssemos todos inúteis, abusados e caçados!

Aqueles que se opõem as este sistema de escassez ainda têm o desafio adicional de se livrar do seu condicionamento. Muitos de nós na resistência vieram de uma vida de conflitos e lutas, cujos efeitos ainda exercem uma grande influência sobre nós. Abusados, negligenciados, assediados e intimidados, tivemos que lutar contra amigos, pais, professores, chefes e polícia para nos estabelecermos, procuramos personalidade como algo que é obtida através da luta. Chegamos a pensar que ser radical é uma *guerra* — e portanto quanto mais guerras nós lutamos, mais radicais devemos ser. Nós alegamos ter a intenção de criar a paz, mas as únicas ferramentas de que dispomos são armas.* Não é de se surpreender que acabemos lutando entre nós.

Justiça e Julgamento

O pensamento de escassez e a insegurança destrutiva cultivada por ele tiveram um papel importante na formação das nossas noções de justiça.† Passar julgamentos pode ser a maior compensação para nossas deficiências. É fácil se sentir do lado da justiça quando se tratam dos erros, falhas e inconsistências dos outros, pois quanto mais nos focamos nos defeitos dos outros menos temos que pensar sobre os nossos. Caçadores de bruxas que acreditam que realmente encontraram um criminoso (ou racista, traidor de classe, excêntrico, etc.) como os dos filmes podem se confortar que isolaram o contaminante e não precisam fazer mais buscas — e quanto mais repetitivas forem as suas denúncias do inimigo, mais medo todo mundo têm de admitir as coisas que eles possuem em comum com o acusado.

Novamente, vivemos em um mundo violento e opressivo. É tão sensato culpar qualquer pessoa por estar colonizada por esta violência e dominação como seria culpar os oceanos por estarem poluídos. A

* Ironicamente, esta combatividade é especialmente desenvolvida em alguns círculos pacifistas, nos quais as pessoas evitam a violência física mas impõem essa contradição sobre os outros com um senso de retidão e uma beligerância incríveis.

† O senso de justiça do ativista tem as mesmas origens do "sistema judiciário" que alimenta o complexo prisional-industrial de hoje: um cristianismo que enfatiza a responsabilidade individual acima da causa e efeito das condições sociais a fim de inventar, propagandear e vender o maior dos bens escassos — a salvação. Num estado de relações sociais onde todos se beneficiam mutuamente, ameaças como encarceramento e o fogo do inferno não seriam necessárias para fazer as pessoas se comportar.

questão não deve ser se um indivíduo é culpado — todos somos, pelo menos de cumplicidade — mas sim como tornar os indivíduos capazes de confrontar e transformar a violência e ignorância dentro deles. Muitas vezes nada é capaz de ajudar mais uma pessoa a fazer isso do que dar-lhe o benefício da dúvida, confiar que ele está interessado em coexistir com os outros; isso faz com que seja mais fácil para ele baixar a sua guarda, se comunicar e se questionar. Isso não quer dizer que não devemos nos defender, da forma que for necessária — mas vamos fazer isso por razões práticas, não por uma vontade de vingança ou superioridade.

Objetividade vs. Subjetividade

Nossa civilização autoritária orientada para a escassez está baseada na idéia de que só há uma verdade; acesso privilegiado a essa verdade é chamado de objetividade, e muitos competem por este prêmio. De acordo com esta escola de pensamento, aqueles que querem explicar o comportamento humano ou derrubar o capitalismo devem fazer propostas diferentes de qual seria o melhor jeito de fazer isso e debatê-las até que a proposta correta seja reconhecida. E é assim que, em torres de marfim e porões esquálidos, intelectuais e revolucionários de poltrona discutem sem parar, nunca chegando nem perto de um consenso, desenvolvendo cada vez mais um palavreado exclusivo enquanto outros em campo trabalham para forjar os acordos necessários para

realizar qualquer coisa.

Priorizar a subjetividade é aceitar que não existe "a" realidade; por inferência, qualquer realidade "objetiva" deve ser simplesmente uma realidade subjetiva institucionalizada como Verdade por aqueles no poder. Pensar deste modo significa reconhecer que as pessoas chegaram às suas crenças e comportamentos particulares como resultado de suas experiências de vida individuais. Isso tem um peso importante no modo como interagimos uns com os outros, especialmente nos nossos esforços para mudar o mundo.

Pessoas diferentes estão destinadas a ter crenças, táticas e objetivos diferentes. Elas não necessariamente pensam diferente de você porque são menos inteligentes, vividas, perceptivas ou compassivas — eles podem ser iguais a nós em todos esses aspectos, mas chegaram a conclusões diferentes baseadas em evidências diferentes de suas próprias vidas. Ao ouvir a posição de uma pessoa sobre determinado assunto, você não precisa começar a debater imediatamente sobre qual de vocês está certo. Pode valer mais a pena decidir se existe algum projeto que possa beneficiar o interesse de ambos,* ou pelo menos formas de vocês coexistirem. Quaisquer assuntos ideológicos que precisem ser trabalhados podem ser trabalhados na prática, se puderem ser trabalhados — eles certamente não se resolverão com mais um conflito de egos disfarçado como um debate sobre teoria.†

Obviamente, é impossível para qualquer pessoa decidir o que é certo para todos, uma vez que cada experiência de vida é única; mesmo assim, você pode oferecer suas próprias experiências e conclusões aos outros para que façam com elas o que bem entenderem — e se você se expressar honestamente, você vai descobrir que está falando pelos outros também. Aqueles que acreditam que só há um jeito certo de fazer as coisas podem achar que você está tentando decidir por eles o que é certo ou errado, mas quem ataca você por ter oferecido sua própria perspectiva ou análise dizendo que isso não se aplica a eles (ou não é relevante para todas pessoas, como mães famintas na Somália, republicanos transsexuais, etc.) ainda está trabalhando dentro do mo-

* É claro, quando interesses entram verdadeiramente em conflito, algumas vezes não há nada a fazer além de lutar. Os comunistas que, no fim da década de 1930, tentaram coexistir com os fascistas de Hitler, selaram seu próprio destino e o de muitas outras pessoas.

† Ao tomar uma posição contra outros, você pode esquecer que as posições de todos são fluidas — e forçar os outros a agirem como partidários de um lado oposto pode acabar enganando eles a se identificarem somente com aquele lado. Muitas vezes uma pessoa adota uma posição impulsivamente, mas ao ser atacada ela entrincheira-se e defende-a até o final de sua vida.

delo da escassez.

Lembre-se, todo valor que você adota, toda decisão que você toma, você faz isso só por você. Quando as pessoas o atacam como se você estivesse decidindo por todos, não caia na armadilha de defender os seus próprios métodos e idéias como universais. Simplesmente lhes diga que você age de acordo com sua própria consciência, e espera integrar o seu ponto-de-vista com o dos outros — assim como os outros devem fazer.

O Capitalismo das Idéias

Aqueles que ainda se abraçam na idéia de que existe algo como uma verdade objetiva geralmente sentem uma compulsão a persuadir os outros de suas verdades. Isto é o ciclo vicioso resultante das lutas por poder que acontecem no mercado das idéias; como em qualquer economia baseada em escassez, esse mercado é caracterizado pela competição entre capitalistas que lutam para preservar e aumentar o seu poder sobre outros.

Na nossa sociedade, idéias funcionam como capital quase da mesma forma como funciona o dinheiro.* Indivíduos que conseguem fazer com que outros comprem suas idéias obtém um controle desproporcional sobre as suas cercanias; grandes conglomerados como a Igreja Católica e o Partido Comunista chegaram a governar grandes partes do mundo desta forma, e realmente ninguém consegue manter poder político ou financeiro por muito tempo se não tiver capital ideológico para sustentá-lo. Pequenas empresas iniciantes desafiam estes monopólios com novas visões, e às vezes uma dela destrona a crença governante para se tornar o novo paradigma dominante; mas como em qualquer sistema capitalista, o poder tem a tendência de fluir para o topo da hierarquia. Numa situação destas, qualquer pessoa com um valor ou ponto-de-vista tem que correr para vendê-lo aos outros antes de ser levado à falência.

Fica difícil para nós, de dentro deste sistema, imaginar como seria um mundo sem esta guerra de ideologias. Obviamente, teria que ser livre também das guerras análogas por dinheiro, poder e personalida-

* Idéias, como outras formas de capital, são consideradas propriedade privada e protegidas por lei do plágio, da violação de direitos autorais e de outros métodos de redistribuição de riquezas.

de, pois é tolice insistir que uma pessoa é livre para pensar quando algumas maneiras de enxergar o cosmos são punidas por exclusão ou embargo. Aqueles que lutam para sermos livres de deuses e mestres devem combater as ditaduras de ideologia que sempre os acompanham e apóiam.*

Por Que as Pessoas Não Querem "Se Juntar ao Movimento"

Considerando o número de agentes de relações públicas, televangélicos, gurus da auto-ajuda e toda variedade de fanáticos e vendedores competindo para os convertê-las, a hesitação das massas a se envolver em qualquer tipo de movimento social é na verdade um mecanismo saudável de auto-defesa. Conseqüentemente, o maior desafio para aqueles que buscam uma causa em comum com outros para fazer mudanças revolucionárias é evitar deixá-los na defensiva.

A tendência da política radical de fazer as pessoas ficarem na defensiva pode atualmente ser um maior obstáculo à transformação social do que qualquer controle corporativo ou repressão governamental. E ela é causada em parte pelas atitudes dos próprios ativistas: muitos ativistas investiram em suas identidades de ativista como um ato de compensação quase tanto como de desejo de fazer as coisas acontecer — para eles, o ativismo tem a mesma função que o machismo, a moda e a popularidade têm para outras pessoas. Ativistas que ainda obedecem aos imperativos da insegurança costumam alienar os outros; eles podem até mesmo inconscientemente desejar alienar os outros para que possam ser os únicos a fazer parte da virtuosa vanguarda. Ao ver tais ativistas em ação, as pessoas que atendem as suas inseguranças de outras formas com freqüência concluem que a luta revolucionária não tem nada a ver com suas vidas.

Sempre que consideramos um projeto revolucionário, devemos nos perguntar: Estamos certos de nossas motivações? Irão as nossas palavras e ações mobilizar e libertar, ou imobilizar e desencorajar? Estamos tentando tornar nossa liberdade, compaixão ou erudição num espetáculo, estabelecer nosso status como revolucionários, líderes ou intelectuais, alegar estarmos do lado da moral, vencer na com-

* Paradoxalmente, esta afirmação é baseada em suas próprias suposições ideológicas — mas talvez este tipo de auto-contradição seja o primeiro passo necessário para o desarmamento da ideologia.

petição infantil de quem é o mais radical ou oprimido (como se sofrimento fosse quantificável!) — será que ainda estamos buscando poder e vingança, disfarçados de libertação? As pessoas sabem quando você está se impondo sobre elas ou representando um papel, da mesma forma que elas conseguem sentir quando você está agindo honestamente, baseado em desejo e boa fé. E eles estão muito mais inclinados a responder positivamente a isto, pois eles já têm muita rivalidade e representação de papéis em sua vida.

Seria melhor que abandonássemos a cruzada para converter as massas, com suas implicações paternais de que os outros são preguiçosos, fracos, vitimizados, ou precisam de liderança. Em vez disso, podemos começar indo atrás daqueles com os quais temos mais coisas em comum, a quem nossas perspectivas podem ser mais úteis e com quem a cooperação surgirá mais naturalmente.* Da mesma forma, podemos trabalhar com aqueles que já são ativos em outras comunidades, na medida em que compartilhamos valores e objetivos — isso é muito preferível a entrar nas comunidades dos outros e tentar reorganizá-las de acordo com as doutrinas de estranhos.† Podemos ajudar os outros a se defender dos redutos do poder e da ideologia, oferecendo a eles as ferramentas que nós desenvolvemos em nossas próprias lutas para que as utilizem como bem entenderem.‡ E por último, podemos encontrar causas comuns com pessoas baseadas em todas as coisas sociais e "anti-sociais" que eles fazem e sentem: roubo, vandalismo, grafite, "preguiça", rebeldia, aparente niilismo, sem mencionar compaixão e cooperação onde quer que elas apareçam.

Este é o real propósito da glorificação de furtar de lojas, da vagabundagem, e assim por diante, feita pela propaganda radical: não é dizer que o ato de furtar de lojas é revolucionário (ou que devemos

* Eu cresci um rebelde de classe média, mas eu achava que tinha que deixar isso para trás para trabalhar por mudanças sociais. Quando eu desisti de tentar passar reformas pela burocracia e comecei a praticar a ação direta com outras pessoas com os mesmos antecedentes, eu me dei conta o quão vasta é a força que meu nicho demográfico tem a oferecer.

† E no fim das contas em apenas um dos bairros havia um grupo na comunidade de imigrantes mexicanos trabalhando de acordo com os mesmo princípios, usando palavras diferentes para as mesmas idéias. Quando eu assisti uma de suas reuniões, ficou claro para mim como poderíamos estar fazendo muito mais.

‡ Quando as pessoas do local começaram a se juntar à luta, nós lhe mostramos como transformar suas camisas em máscaras para que a polícia não pudesse identificá-los e como usar suco de limão para tratar os efeitos do gás lacrimogênio — isso é "liderança" anarquista, ou o que temos no lugar dela: compartilhar nossas habilidades com os outros, distribuir o poder ao invés de concentrá-lo.

roubar para ser radicais, como se revolução fosse um produto na economia da escassez!), mas sim estabelecer conexões com o cotidiano e com a resistência de indivíduos que não necessariamente articularam um desejo por revolução mas já estão agindo, de uma forma talvez impetuosa, fora da lógica da ordem dominante.

Os anseios e frustrações privados que as pessoas sentem, seu ódio pelo trabalho, o prazer na transgressão que compartilham com adolescentes e anarquistas, a suspeita intuitiva com a qual eles enxergam todos sistemas totalitários, fornece um ponto de partida para uma resistência que procede de motivações individuais e posições de todos que a compõem ao invés de proceder das exigências de dogmas e de partidos políticos.* Este é o único tipo de resistência que pode nos salvar tanto do poder quando da ideologia autoritária.

Unidade não, Harmonia

Qualquer movimento de resistência vai desenvolver conflitos sobre a estratégia (violência vs. pacifismo, coordenação vs. autonomia) no momento em que indivíduos diferentes constróem e testam na prática suas próprias análises. Desafiar essa diversidade ao invés de procurar se beneficiar dela — arrancar a derrota das garras da vitória transformando chances de discutir assuntos importantes em bate-bocas, como os liberais fazem sempre que os radicais usam a ação direta para dar dentes às suas petições — é desnecessariamente contra-produtivo; mais que isso, é o equivalente a desejar que todos tivessem a mesma história de vida e perspectiva. Adolescentes encrenqueiros não acharão libertadoras as mesmas coisas que bibliotecários de meia-idade — mas ambos têm interesse na libertação, e devem fazer parte de qualquer luta por ela. Aqueles que ditam as regras para os indomáveis e regulações para os irregulares negam a complexidade não apenas dos seres humanos mas também da luta que será necessária para conquistar nossa liberdade.

* Quando se trata de perspectivas pouco representadas — se elas não são suas, não tente representá-las, do jeito que os político nos "representam". É melhor representar a si mesmo e encorajar os outros a fazerem o mesmo... por exemplo, se esforçando para ouvir aqueles que já o fazem. Algumas pessoas podem descartar a sua perspectiva (como sendo de "classe média", "reformista", "extremista", etc.), mas não há tal coisa como uma perspectiva ilegítima — só é ilegítimo agir como se a perspectiva de outra pessoa não fosse legítima. Acontece muito disso, algumas vezes perpetrado em nome dos pouco representados por aqueles que não são pouco representados.

Não se intimide — você pode ter certeza que se você sente algo, outra pessoa também o sente e precisa saber que não está sozinha.

Mais uma vez, as abordagens e objetivos dos outros sempre irão ser diferentes dos seus; o desafio não é convertê-los à sua estratégia (pois quem sabe — eles podem até saber melhor que você o que é bom para eles!), mas ao invés disso encontrar formas de integrar métodos divergentes num todo que beneficie a todos. Da mesma forma, se você compartilha o objetivo com outras pessoas mas sente que as táticas deles são ineficientes ou contra-produtivas, cabe a você encontrar e adicionar os ingredientes que faltam para torná-las eficientes — se você não o fizer, você só pode culpar a si mesmo por toda energia que sente que eles estão desperdiçando.

Abordagens que falam claramente a algumas pessoas podem alienar outras, inclusive ativistas auto-declarados. Nestes casos, é importante não se sentir muito ameaçado, pois você pode não estar — e manter em mente que com a grande diversidade de vidas neste planeta iremos precisar de um arsenal de estratégias pelo menos tão diverso quanto. Em alguns casos, abordagens que parecem contradizer umas às outras podem na verdade formar uma simbiose perfeita, como no relacionamento entre manifestantes mascarados e os bem-comportados, bem relacionados, defensores das mudanças sociais. Ninguém no poder prestaria atenção nos últimos sem os primeiros por trás deles — imaginem a não-violência de Martin Luther King sem a ameaça implícita da posição confrontante de Malcolm X — e sem apoio "res-

peitável", os insurgentes podem ser facilmente marginalizados e destruídos. Nestas situações, todas os grupos devem se lembrar que os outros podem até mesmo ter que desaprovar publicamente as ações dos outros grupos para fazer a sua parte de forma eficiente,* não deve haver ressentimentos quando isto acontece.

Certamente pode ser difícil trabalhar ao lado de pessoas que professam crenças completamente diferentes das suas — e você não deve nunca trabalhar com aqueles que você teme que irão trair você ou os seus esforços para servir os seus próprios fins. Mas, novamente, pergunte a si mesmo: as suas posições são importantes para você como posições — ou seja, como símbolos de status, distintivos de identidade, distinções que o separam dos outros — ou como um meio para alcançar uma vida mais plena? É senso comum integrar as táticas diferentes daqueles que compartilham um objetivo comum; é mais desafiador, mas não menos construtivo, deixar de lado a compulsão de persuadir todos os outros das suas opiniões e trabalhar para criar harmonia entre indivíduos que vivem em mundos completamente distintos. Tal harmonia jamais será completa, mas é um objetivo mais nobre do que qualquer unidade que exija conversão à força.

Trabalhando em Coletivos

Assim como uma banda precisa de músicos que toquem diferentes instrumentos, associações saudáveis não restringem os participantes com acordos que os limitem às coisas que têm em comum, mas em vez disso integram suas diferenças em um todo maior que a soma de suas partes. Trabalhar e viver em tais associações, nas quais toda pessoa está consciente de ser responsável por fazer os projetos e relacionamentos funcionarem, nos ajuda a aprender a enxergar a nós mesmos como parte de uma teia de relações humanas ao invés de como indivíduos isolados. Para coexistir, devemos levar os desejos dos outros tão a sério quantos os nossos — aceitar isso faz com que o indivíduo possa ser uma pessoa mais completa, já que seus companheiros podem representar partes dele que ele de outra forma não expressaria. Todo mun-

* Como a manifestante mascarada que quebrava janelas gritou para o manifestante liberal cumpridor das leis que tentou a segurar: "Não é o seu trabalho tentar evitar que eu 'suje a imagem da sua causa', você deve sim distanciar-se de minhas ações o máximo que for necessário para manter o respeito do grupo demográfico que você está tentando sensibilizar! É meu trabalho fazer algo acontecer aqui para que eles tenham que ouvir o que você tem a dizer!"

do é, no fim das contas, produto do mesmo mundo — estamos todos conectados, cada um manifestando diferentes aspectos do mesmo jogo de forças. Sem este entendimento, a cooperação e a comunidade só serão incidentais e casuais.

Para o indivíduo que tem experiência em viver comunalmente, se torna possível enxergar todo o cosmos como um vasto, ainda que deficiente, coletivo; o problema é simplesmente como fazer com que seu funcionamento sirva mais ao que buscamos. Isto não quer dizer que fascistas, sexistas e outros opressores podem fazer o que bem entenderem e ainda serem "parte do nosso coletivo" — eles serão os primeiros a negar *isso*, e apresentarão provas! Mas o maior argumento do fascismo e do pensamento reacionário sempre foi que cooperação e autonomia são mutuamente exclusivos, que as pessoas devem ser comandadas e controladas ou então serão preguiçosas e/ou matarão umas às outras. Quanto mais demonstrarmos que isso não é verdade, menos apelo terão as alegações deles.

Guerra ou Revolução?

As pessoas que querem ser revolucionárias freqüentemente enquadram o nosso projeto em termos marciais: nós vamos Combater o Racismo, Esmagar o Fascismo, Destruir o Capitalismo. Isso faz com que possamos nos enxergar como nobres cruzados — e, mais importante, ter adversários, que reafirmam que estamos fazendo a coisa certa. Essa reafirmação é mais sedutora que o sucesso que ela substitui e previne — pelo menos é assim enquanto não tivermos sentido o gostinho desse sucesso. Temos que nos lembrar em todas extremidades de que nossos inimigos não são os seres humanos, mas sim as condições que fazem com que seres humanos sejam nossos inimigos.

Um mundo sem inimigos não é possível — pode nem mesmo ser desejável — mas lembre-se, a guerra *faz parte e alimenta* o capitalismo: Exxon vs. Shell, EUA vs Iraque, Comunistas vs. Anarquistas, amante contra amante e pai contra filho. Mesmo se pudéssemos matar todos estupradores, CEOs, políticos, policiais e colegas de quarto que não queiram lavar a louça, essa violência irá continuar no mundo no ressentimento e na fúria daqueles que sobreviveram a ela, sem mencionar os efeitos nos próprios matadores — isso é karma para você. A revolução acontece quando você cria situações que tornas os antigos conflitos irrelevantes, que dispersa toda aquela inércia de ressenti-

mento, insegurança e antagonismo.

A guerra é necessária às vezes — temos que nos defender, e às vezes isso requer violência. Mas, como qualquer criança pode lhe dizer, *"se é você contra o mundo, aposte no mundo."* Muitos de nós nos isolamos dos outros sem necessidade, e no fim das contas acabamos confiando em abstrações ("a classe trabalhadora", "a insurreição iminente") como aliadas quando todos companheiros de carne e osso já partiram, ou pior, acabamos concluindo que a cooperação é simplesmente impossível — quando a história mostra que ela é possível, pelo menos para aqueles que são pacientes, considerados, humildes e que perdoam.

Fazer coisas que você gosta o ajudará a resistir de descontar suas frustrações nos outros — bem como trabalhar com pessoas de quem você gosta sempre que possível.* Não há nada de nobre ou revolucionário em sacrificar-se por uma causa, especialmente quando isso torna você insuportável. Ao mesmo tempo, não será, nem deveria ser, sempre possível estar cercado de pessoas que vêem as coisas da mesma maneira que você: esteja pronto para abandonar a sua zona de conforto, e leve um coração generoso sempre que você o fizer.

Quando você perdoa os outros pela sua incoerência, egoísmo e erros, você pode discernir o que eles têm a lhe oferecer. Quando você pratica uma forma de justiça que assume a responsabilidade por fazer as coisas darem certo, você pode curar ao invés de apenas dar vereditos de culpado. Quando você é paciente com a impaciência, quando você evita afirmar que está com a razão mesmo e especialmente com pessoas que afirmam que a razão está com elas, quando você aborda todo conflito como uma oportunidade de aprender com os seus próprios erros, você pode fazer a sua parte para libertar todos nós, prisioneiros de guerra.

Isto é dedicado a todos aqueles que vêm fazendo isso através dos anos, que tomaram como fato que, apesar de toda a sua patetice, as pessoas com outras histórias e defensores de outras táticas realmente quiseram coexistir e cooperar com eles: aos trabalhadores que dedicaram seu tempo a explicar para os ativistas burgueses como eles os estavam alienando, mesmo quando eles a princípio não souberam como ouvir; às mulheres que não apenas exigiram que os homens reconhecessem a existência e os efeitos do seu sexismo, mas também reco-

* Organizar-se de forma autônoma e tentar outra livre associação quando uma não está funcionando pode dar a liberdade que você precisa para não ressentir os outros. A revolução pode exigir que você aprenda a viver e agir cooperativamente, mas não significa que todos têm que ser amigos.

nheceram os medos e ansiedades que os homens sentem; aos sobreviventes de abuso que foram aconselhar tanto os abusados quanto os abusadores. Sem eles, com certeza já teríamos arrancado os pedaços uns dos outros. É assustador baixar a guarda, é difícil de engolir o seu orgulho mesmo quando se apegar a ele significar trair a si próprio — mas esta é a única forma de ajudar outros a fazer o mesmo.

Não se intimide com o desafio colossal de "salvar o mundo"; existem tantos mundos quanto existem pessoas — salve o *seu mundo*, aquele constituído da vida que você compartilha com aqueles ao seu redor. Onde brota uma flor, milhões mais irão brotar.

Talvez a coisa mais importante que você possa fazer é *estar lá* para os outros, ajudá-los a acreditar neles mesmos, oferecer a verdadeira compaixão — não a condescendência da caridade — quando for necessária. Mas não existe fórmula para isso; a misericórdia vêm nas formas mais imprevisíveis e das fonte mais inesperadas. Com freqüência é preciso uma pessoa que sofreu algo similar para ser capaz de oferecer o verdadeiro socorro à alguém necessitado. Esta é outra razão porque é bom que todos escolhamos caminhos diferentes e soframos coisas diferentes, mesmo coisas que pareçam nos isolar — porque nesta luta há um lugar até para garotos mimados de classe alta, moradores de rua viciados em drogas e amantes que mentiram e traíram: pois quem mais conseguiria uma conexão com pessoas nessas situações difíceis, mostrar-lhes o caminho e dar-lhes esperança? Quando você reconhece como os seus problemas o prepararam para ajudar os outros, é possível encontrar um sentido para situações que pareciam absurdas; ao mesmo tempo, isto pode ajudá-lo a enxergar a importância dos outros que antes pareciam não ter valor algum.

Seguidamente ficamos de mãos cheias ao lidar com nossa própria dor, consumidos demais pela nossa amargura e confusão para ser capazes de oferecer qualquer coisa aos outros, principalmente compaixão. Isso significa que é ainda mais importante não perdermos as oportunidades que temos de ser bons com os outros — quer ou não eles o "mereçam", quer ou não a gente os entenda, quer ou não a gente ache que isto fará alguma diferença.

Eu adoraria ser alguém com quem ninguém se envergonharia de qualquer parte de si. Eu gostaria de ser capaz de enxergar as ações dos outros sem me sentir ameaçado ou ficar na defensiva, mesmo quando eles ficam na defensiva comigo — enxergar os outros no contexto de suas vidas, não da minha. Eu gostaria de saber como definir os limites do quanto posso confiar nos outros, para que eu nunca corra o risco de perder o meu respeito por eles ou minha capacidade de confiar. Eu gostaria de ser capaz de olhar esses adversários que deveriam ser aliados nos olhos e dizer

Você goste ou não, eu sou assim. Isto é o que o mundo fez eu ser, e devemos todos viver com as conseqüências. Eu não posso mudar as décadas de vida pelas quais passei e que fizeram as coisas serem assim, só posso aceitar a responsabilidade pelo que sou e pelo que faço. Eu não quero competir com você por questões morais ou por qualquer outra coisa. A menos que você esteja preparado para matar todos que não atingem seus padrões ou para resistir a este impasse indefinidamente, você terá que me aceitar nos meus próprios termos, como eu espero aceitá-lo. Você é tão responsável quanto eu por tornar as coisas para nós dois positivas — ou pelo mundo de lutas que teremos que agüentar caso contrário.

O anúncio de que a administração estava cortando todas as relações com a indústria que tinha práticas de trabalho escravo marcou a divisão final de nossa precária confederação. Isto estava aparente na forma como a greve terminou e na distância cada vez maior entre grupos que empregavam táticas diferentes — mais e mais pessoas estavam se envolvendo, mas cada vez menos elas se cruzavam. Parte da magia inicial do acampamento tinha sido a confluência de uma grande diversidade de pessoas; as alianças improváveis faziam parecer que o mundo todo estava sendo reconfigurado. E mesmo assim, depois que obtivemos sucesso em forçar a administração a quebrar os contratos com as empresas que exploravam os trabalhadores, nós acabamos nos perdendo uns dos outros — não houve nem mesmo uma comemoração para nos reunir uma última vez.

Nós vencemos uma batalha que eu pensava ser impossível — mas agora nós não éramos mais "nós" e as estruturas fundamentais que enfrentamos continuavam inabaladas. Talvez aqueles que iniciaram a campanha deveriam ter tido uma visão mais ampla desde o início.

Ao invés de trabalhar com outras pessoas da região, cada grupo começou a se organizar com seus similares em outras cidades. Logo a expansão da luta correspondia a sua desintegração local, embora ninguém tivesse pensado nisso naquela hora. Esta expansão nos tornava capazes de agir numa escala mais dramática, mas também atraía uma repressão desproporcional — essa escala era território de nossos inimigos, o espaço no qual conseguiam mobilizar suas maiores forças.

No fim do ano seguinte, a atividade local tinha diminuído significativamente; todos estavam ocupados se preparando para uma mani-

festação que estava acontecendo do outro lado do país. Este foi o primeiro grande evento na nossa memória recente que todos concordamos ser importante; seria um campo de testes no qual veríamos se conseguiríamos trabalhar juntos nas nossas novas configurações.

Eu não via Samia desde o encontro que aconteceu depois da marcha noturna; seus amigos ficavam indo para fora da cidade e voltando, mas até onde eu sabia ela esteve fora o tempo todo. Kate e Marshall e sua turma ainda estavam por aí, apesar de raramente nos vermos. Eu fiquei meio que solitário, em parte por causa da minha idade, apesar de ter começado a trabalhar para um coletivo de mídia independente para colocar minhas habilidades em prática. Como já estava se tornando habitual, a maior parte do coletivo residia em outras partes do país.

Eu cheguei na cidade menos de uma semana antes da conferência começar. A noite caiu, o tipo de noite frenética que cai nas grandes metrópolis, e a atmosfera era tensa e grandiosa. As luzes vermelhas e azuis das viaturas de polícia piscavam a cada esquina; fileiras de policiais em armaduras pretas faziam um exercício na praça próximo a equipes de trabalhadores montando barreiras de correntes e concreto. O centro tinha o ar de um país ocupado durante tempos de guerra. Sirenes soavam constantemente à distância; em minha nova persona como inimigo do estado, eu esperava que cada uma delas apontasse um novo desafio para o seu controle.

Kate tinha me convidado para um encontro fechado na noite anterior ao grande dia de ação. Ela me conhecia há tempo suficiente para confiar em mim para participar de tais coisas, embora Marshal e Diego ainda me tratassem com um desdém mal disfarçado por causa da minha classe social e da minha profissão suspeita. Eu não havia transformado nossas aventuras em um livro no fim das contas, mas o estigma de ser capaz de fazê-lo ainda pairava sobre mim.

A reunião aconteceu em uma sala de aula de uma universidade local — aqui estava a fantasia de que Marshall havia falado se transformando em humilde realidade. Um jovem fortinho em uma jaqueta de aviador preta estava de guarda na porta. Ele não me deu passagem até que eu lhe disse quem havia me convidado.

As lâmpadas fluorescentes e as paredes brancas da sala de aula contrastam com as roupas e rostos sombrios dos meus amigos. A maioria das pessoas já estava lá — bárbaros do tipo que eu encontrei pela primeira vez na ocupação, conversando grupos de dois ou três. Eu conhecia talvez seis pessoas das três dúzias lá presentes, e dois deles só de vista.

Uma mulher alta com um ar autoritário sussurrou com o jovem da porta, e então trancou a porta e se dirigiu à sala. "Antes de começarmos, eu quero que todos toquem em alguém que eles confiam plenamente."

Todo mundo colocou suas mãos nas pessoas ao seu redor, formando uma treliça de membros que passava de fileira em fileira — com uma exceção: Kate e os outros que eu conhecia estavam do outro lado da sala. Todos os olhos se voltaram para mim. Não ajudava o fato de eu ser uma década mais velho que todo mundo. "Eu estou com aquele pessoal ali", eu disse encabulado, gesticulando para Kate, Marshall e Diego cujos braços estavam sobre os ombros uns dos outros.

Então fez-se uma rodada onde cada um dava seu nome e campo de atividade; Kate era Hecate, Marshall era Mars, e assim por diante. Eu expliquei que eu estava lá em nome da mídia independente, para ter certeza que haveriam fotógrafos e repórteres onde os ativistas desejassem. Outros especificavam o número de pessoas no grupo que representavam, ou o equipamento que haviam trazido: "cem discos de hóquei; trinta máscaras de gás; trinta escudos improvisados; fogos de artifício suficiente para nós e para outro grupo do mesmo tamanho; uma faixa reforçada de oito metros de comprimento."

Logo ficou claro que ainda havia discordância sobre que objetivos deveríamos alcançar. Algumas pessoas queriam fazer um ataque direto ao perímetro de segurança que cercava a conferência; outros achavam isso desnecessariamente perigoso. O porta-voz dos locais era totalmente pessimista: "Não podemos ir para o muro, é impossível. Eles vão atirar em nós, eles matarão todos."

Dentro do meu sexismo, eu assumi que Samia era um tipo de protegida de Marshall, mas aqui ela surgiu como líder de seu próprio contingente — o qual, se os seus companheiros na reunião eram algum indicativo, parecia ser composto de vagabundos de olhos brilhantes dos quatro cantos da terra. Ela propôs uma alternativa: "Se não podemos ir para o muro, vamos na direção oposta com a passeata liberal, e nos separarmos para visitar o centro comercial. Eles não estarão preparados para isto."

Marshall discordou. "Eu posso quebrar o McDonald's do meu bairro a hora que eu quiser. *Nós vamos para o muro*. O seu tom não permitia uma discussão ou disputa.

"Mas, sério, o que impedirá que ele que eles atirem em nós?" Samia falava fora da sua vez. "Vocês sabem que a polícia tem carta branca quando somos só nós nas ruas. O verdadeiro problema é que somos

só nós nesta sala! Por que não estamos nos reunindo com todos os outros grupos que sairão amanhã? Olhe os rostos nesta sala — vocês acham que isto é representativo? O que aconteceu com as coalizões que tínhamos ano passado?"

Isto deixou Diego irado. "*O que aconteceu?* Por onde *você* esteve? Enquanto você saltitava por todo o mundo, nós estávamos lutando para manter as coisas funcionando, nós estávamos aparecendo todas as semanas para catar os grãos. Não *me* pergunte onde todos estão depois que você nos abandonou!"

Todos congelaram. Este era um momento crítico, quando alguém tinha que falar para acalmar os ânimos e trazer a discussão de volta ao assunto principal, mas ninguém ousou. Em vez disto, Samia retrucou: "Se você vai falar assim comigo, não é de se surpreender que eu parti! Não é de se surpreender que não tenha mais ninguém aqui!"

Várias outras pessoas começaram a falar ao mesmo tempo. "Vamos lá, não temos tempo para isto! Temos coisas sérias para decidir até amanhã..." "Vocês deveriam ter falado sobre isso antes de vir para cá!" "Jesus, lá vamos nós de novo..."

Eu parti com a fúria deseperançada daquelas que observam impotentes os seus amigos destruírem algo precioso. Não fomos a lugar nenhum. As críticas dos meus camaradas eram todas verdade, mas esse não era o ponto; eles estavam lutando uns contra os outros ao invés de atacar o nosso inimigo em comum.

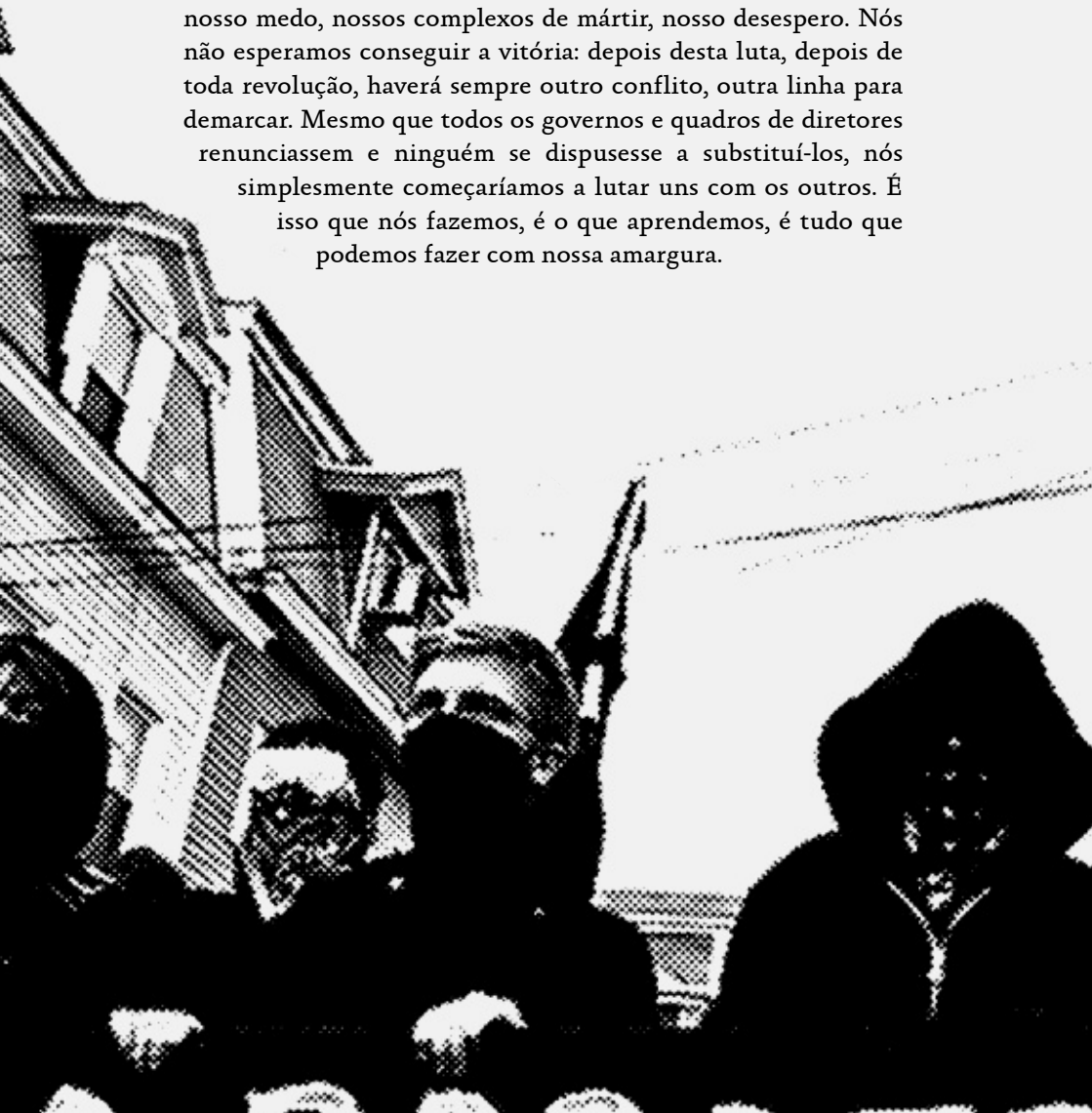
Isso também havia se tornado cada vez mais comum no ano que se passou. É claro, nenhuma força externa impedia que eles reconhecessem e subjugassem esse comportamento, e as vantagens de se fazer isso eram óbvias — mas eles não conseguiam. Pode-se dizer que um animal que persiste em alguma atividade contraprodutiva não é capaz de se comportar de outra forma, um animal que observasse os meus amigos poderia dizer a mesma coisa deles. De perto, esta incapacidade se manifestava em suas infinitas justificativas, respostas defensivas à críticas, obsessão pelos erros dos outros, e esforços para tirar o crédito de antigos amigos ao invés de ouvir as suas críticas — qualquer coisa para evitar deixar as suas inseguranças de lado e trabalhar nas suas diferenças como adultos.

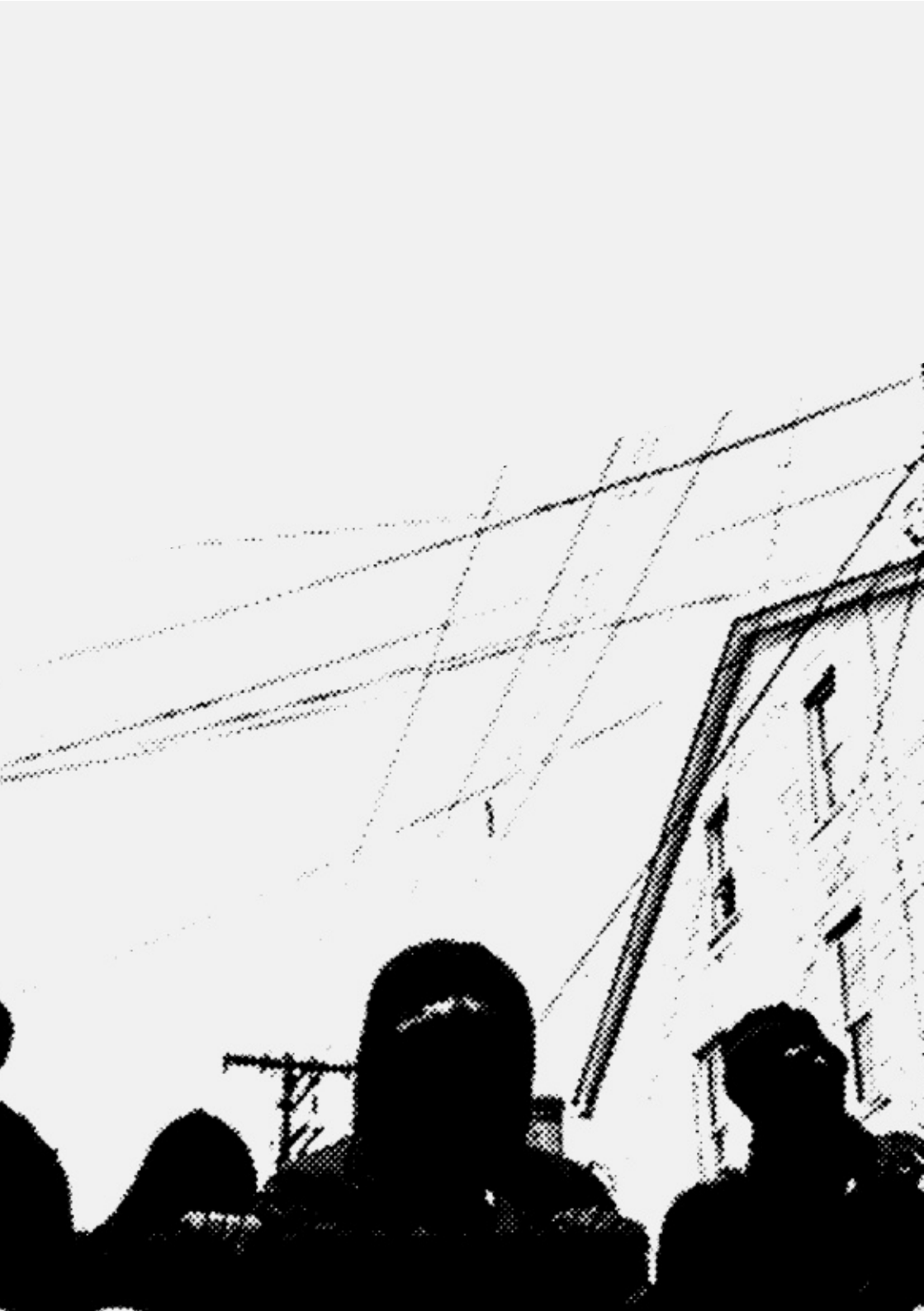
Elas foram esculpidas pelos nossos tempos tão certo quanto as améias e parapeitos doas castelos medievais foram esculpidos pelos seus. Historiadores ensinam que esses parapeitos foram inventados pelo homem, mas assim como um riacho irá erodir um penhasco em

um formato que o acomode, foram as invenções e decisões de gerações de homens e mulheres que forçaram esses inventores a projetar os parapeitos ou morrer. Da mesma forma, meus amigos haviam sido moldados pela sua sociedade atomizada em fortalezas individualmente cercadas por muros, e era inútil esperar que eles baixassem a guarda e parassem de brigar uns com os outros.

E foi por isso que nenhuma revolução aconteceu: ninguém obteve sucesso em introduzir um novo elemento a esta equação, então ela produzia sempre os mesmos resultados. Todo coletivo acabava numa divisão destrutiva, toda aliança se rompia antes de dar frutos; Cada um de nós foi de amizade em amizade, usando-as até gastar, e então indo adiante para fazer a mesma coisa com outras. Amontoados em cidades, nosso planeta lotado com bilhões de pessoas, essa parecia uma abordagem sustentável para a vida social. Na verdade, era como liberar poluição no oceano: se apenas uma pessoa o faz, ela se dissolve inofensivamente, mas quando todos o fazem constantemente, os resultados são catastróficos. A destruição do nosso planeta é simplesmente a manifestação física da natureza descartável das nossas relações e compromissos.

No campo de batalha, os sinistros anarquistas baixam suas máscaras sobre sobrancelhas tensas e dentes cerrados. Quando o sol aparece entre o gás lacrimogênio, agradecemos nossas estrelas da sorte por ainda termos um inimigo em comum para que possamos deixar de lado nossas disputas e rivalidades por pelo menos um dia. Conosco, levamos nossas decepções com nós mesmos, com os outros e com nossos sonhos — e também a nossa vergonha, nossa arrogância e o nosso medo, nossos complexos de mártir, nosso desespero. Nós não esperamos conseguir a vitória: depois desta luta, depois de toda revolução, haverá sempre outro conflito, outra linha para demarcar. Mesmo que todos os governos e quadros de diretores renunciassem e ninguém se dispusesse a substituí-los, nós simplesmente começaríamos a lutar uns com os outros. É isso que nós fazemos, é o que aprendemos, é tudo que podemos fazer com nossa amargura.





Naquele dia nós marchamos até o muro e o derrubamos no chão. A marcha era notável por ser totalmente silenciosa — sem hinos, canções, apenas uma austera massa de pessoas indo a algum lugar para fazer algo. Quando a imprensa apareceu, nós quebramos suas câmeras e pisoteamos os parabrisas de suas vans. A polícia recuou frente ao nosso avanço — eles não esperavam que fossemos tão numerosos e corajosos. Naquele dia eles finalmente reconheceram a ameaça que somos; em todas as manifestações seguintes, eles mobilizaram todo mercenário num raio de mil quilômetros para nos interceptar antes que pudéssemos nos juntar. Era nossa única chance de penetrar nas suas defesas, e nós conseguimos — cortamos as barras com grandes alicates, arrancamos as barras de metal de suas bases de concreto e balançamos toda estrutura até que ela se espatifasse no asfalto.

À minha frente, através da primeira nuvem de gás lacrimogênio que iria saturar o ar pelos próximos dois dias, eu podia ver o arranhacéus no qual estava ocorrendo a conferência. Lá, homens se reuniam para se assegurar que os lavadores de pratos continuassem na cozinha; africanos, asiáticos e latino-americanos continuassem em minas e oficinas de costura, e que as necessidades da vida continuassem reféns em vitrines de lojas; eles assinaram seus nomes com nosso sangue em documentos feitos de nossas florestas, eles colocavam garfadas de nossa carne em suas bocas insaciáveis e chamavam a isto de *liberdade*. O poder deles não foi mais responsável por nos manter de joelhos que nossa disposição para nos submeter a ele; mas aqui estávamos finalmente, prontos para contestá-lo, quase prontos para testar o nosso próprio poder.

E ali paramos. Foi incrível; nunca imaginamos que chegaríamos tão longe, gastamos tanto tempo discutindo de quem era a culpa por não podermos, e agora que havíamos chegado aqui estávamos despreparados para fazer qualquer coisa. Aquele silêncio era de arrepiar até os ossos. Aquele era o nosso momento, nossa única chance na vida, e nós a desperdiçamos, congelados por descrença.

Então, finalmente, o lento aparato do estado se levantou e se pôs em movimento. Ninguém jamais passou pelas brechas que havíamos aberto no muro; em vez disso, uma hora depois, havíamos recuado três quarteirões, fugindo de uma investida da polícia calculada para nos mandar para os braços de um exército como nunca havíamos visto antes. Paramos de novo, com nossas rotas de fuga bloqueadas por um novo muro verde e bege.

Parado lá de pé, encarando o poder da polícia do estado, tanques blindados, canhões d'água e granadas de concussão, pensamos que era o fim, pensávamos ter subestimado enormemente a força do nosso inimigo e iríamos ser esmagados sem nem mesmo deixar um borrão na história. Não nos demos conta de que já tínhamos lutado 90% da batalha, e que as últimas linhas de defesa estavam vindo nos cercar porque já havíamos triunfado sobre todas forças repressivas dentro de nós, toda inércia e impotência auto imposta — havíamos vencido tudo menos os nossos conflitos internos, que foram a nossa ruína. Se somente tivéssemos compreendido que as frentes de batalha não estavam à nossa frente, mas dentro de nós, em nossas reuniões e conversas de planejamento, em nossos bairros e quartos! Se tivéssemos chegado no muro, com nossos relacionamentos e confiança entre nós intactos, a única maneira que poderíamos perder seria dar a meia volta naquele momento, desistindo da nossa luta e implorando para sermos perdoados por nossas heresias.

Foi preciso fazer muita coisa, mas com muito esforço, conseguimos perder. Levamos anos para realizar isso; era um empreendimento muito grande para terminá-lo no momento em que nos ficamos cercados. Tivemos que cancelar a cruzada pela qual demos nossas vidas, desconectar grandes redes internacionais, persuadir nossos amigos que os compromissos que havíamos jurado cumprir eram inalcançáveis; e o mais difícil, tínhamos que voltar para o lado dos policiais, patrões e outdoors, contra nós mesmos e os desejos que havíamos alimentado além do limite.

Fomos tolos. Não acreditamos o suficiente em nós mesmos, nem

uns nos outros; se soubéssemos a lógica da guerra que estávamos travando, o quanto dependia de nós, teríamos posto nosso orgulho de lado e superado nossas pequenas disputas. Mesmo atirando coquetéis molotov em furgões blindados, ainda não estávamos convencidos da realidade do que estávamos fazendo — ainda estávamos representando papéis, testando dubiamente o que era possível no mundo ao invés de assumir a tarefa de mudá-lo.

Depois disso, nós não merecíamos outra chance. Mas a história sempre se repete, experimentando as mesmas coisas infinitamente até que produzam um resultado diferente.

Dá próxima vez não hesitaremos quando derrubarmos o muro, nem quando tivermos que pedir desculpas aos outros e falar sobre nossas desavenças. Quando a tropa de choque fica entre nós e nossa liberdade — somente armas e escudos, nada mais — nós podemos vencer, pois a disputa entre desejo e poder militar não obedece às regras militares.

Ironicamente, todas nossas acusações contra o capitalismo e a hierarquia foram comprovadas, além dos nossos piores pesadelos, pelo que se seguiu. Nós desistimos tão facilmente em parte porque não estávamos preparados para as apavorantes implicações de nossas próprias conclusões, porque não estávamos prontos para lidar com a responsabilidade de sermos a primeira linha de defesa contra a destruição em massa da vida na terra. Nós achávamos que ainda tínhamos tempo para discussões e reflexões.

Não tínhamos a menor idéia

de quanto problema

estava por vir.

II. ...Torna-se Realidade

O FIM DO MUNDO

Quando o mundo acabar, o ar se encherá de uma poeira esbranquiçada, como uma cortina ao fim de uma peça de teatro. Uma chuva de corpos desesperados cairá das janelas de prédios em chamas, retumbando no concreto abaixo. Homens com estilhaços nos olhos andarão trôpegos pelas ruas, engasgados com destroços; mulheres agarrando bebês vasculharão os escombros e arrancarão os seus cabelos. Nossa geração irá para o túmulo gritando suas últimas palavras no telefone celular.

Ou talvez ele chegue como um ladrão à noite, a passos invisíveis. Fábricas desaparecerão dos outros continentes e corporações sumirão do mapa, levando com elas os empregos e fundos de aposentadorias. Cidades morrendo de dentro para fora se espalharão como uma doença de pele, a chuva de estilhaços dos subúrbios atravessando florestas e campos. Guerras pularão de continente em continente, de bairro em bairro — os terroristas não farão paz com os horroristas, que as imporão aobre nós a qualquer custo, que insistem em tentar impor a harmonia entre oprimidos e opressores através do medo e do poder de fogo. O preço da gasolina se elevará junto com as temperaturas e marés globais, chuvas ácidas cairão assim como a última floresta tropical, sistemas de computadores entrarão em colapso junto com as ações e as bolsas de valores... até que um dia *todo mundo* terá câncer.

Ou então não acontecerá absolutamente nada, os negócios continuarão como o de costume: agentes penitenciários caminharão por pavilhões de concreto, psiquiatras contemplarão a loucura, demônios espiarão através dos olhos de pastores, consumidores serão comprados e vendidos no mercado. *O fim do mundo já passou*, sussurra o mendigo na esquina — *vocês ainda não sabiam?*

Outros, misteriosos e sábios, que se mantiveram à parte da discussão até agora, finalmente perguntarão: "*Qual* mundo?"

As catástrofes começaram: ataques terroristas, guerras, furacões, pandemias. Ou talvez elas sempre estivessem acontecendo, mas as ignorávamos até que nossas vidas foram suficientemente interrompidas. Não tinha me ocorrido que o câncer que havia matado Daniel poderia ser o arauto da extinção de nossa espécie, nem que a apresentação alarmista que eu iria fazer sobre a água na minha antiga vida como ativista ambiental retornaria na forma de manchetes assustadoras.

Frente a frente com uma verdadeira reviravolta, aqueles de nós que brincavam de revolução congelaram, remoídos pela culpa como se os nossos próprios desejos subversivos tivessem de alguma forma trazido o caos para o mundo. Era absurdo pensar que os prédios em chamas em nossas mochilas e pôsteres tinham levado os edifícios de verdade da nossa cidade a se incendiar, mas nos comportávamos como criminosos penitentes, nos escondendo na retórica dos trouxas que marcham cegamente para as garras do apocalipse. Toda nossa abordagem tinha sido montada sobre a exagerada placidez da ordem a qual nos opúnhamos; agora que a cortina se abriu revelando o abismo, nós estávamos completamente perdidos.

Crianças pequenas, hipersensibilizadas pelo implícito, freqüentemente se devotam inconscientemente a realizar os desejos abandonados pelos seus pais; da mesma forma, pode ser que as nossas próprias revoltas eram indicadores precoces das rupturas que estavam por vir. Como todos havíamos encontrado nossos caminhos para a resistência sozinhos, dolorosamente fugindo dos papéis impostos a nós, achávamos que éramos os únicos independentes da história — mas talvez as forças que nos colocaram para girar fora de órbita eram as mesmas

que iriam logo arrasar toda nossa sociedade, e nossos dolorosos experimentos eram simplesmente essa sociedade tentando sair de sua rota programada num microcosmo.

Alguns dos meus amigos concluíram que o mundo realmente estava chegando no fim e tentaram agir de acordo, mas parecia que isso apenas os imobilizava ainda mais. Eles atrapalhavam-se num desespero milenarista, preparando-se para um fim-do-mundo que nunca chegava ou esperando um divisor de águas até que o seu sentido de ação tivesse atrofiado completamente; o espectro do mundo acabando era muito amplo para ser abordado com qualquer curso de ação em particular. Se o mundo realmente estivesse terminando, não estava terminando rápido o suficiente — o fim parecia se arrastar para sempre, indistinguível das calamidades que sempre fizeram parte de nosso cotidiano.

Somente na fumaça e no tumulto, libertados ocasionalmente pelas verdadeiras catástrofes, foi possível escapar do mal-estar — e então alguns de nós, que antes davam voltas no mundo em busca de aventura, agora peregrinam atrás delas, tanto para dar uma mãozinha quando para aprender sobre a vida depois do fim do mundo.

"Desastres aproximam as pessoas, dando-lhes um contexto e projeto em comum. Nesta atmosfera aberta e democrática que surge de repente, os indivíduos cujas vidas haviam sido anteriormente separadas se identificam uns com os outros. Este sentimento de comunidade nos oferece uma visão de um tipo diferente de comunidade, transformando a calamidade em um presságio de coisas melhores. Desastres são freqüentemente a aurora de movimentos milenários e revolucionários: em tais extremos as pessoas experimentam as amplas possibilidades da vida e conseqüentemente vão atrás delas."

— Conselho Nacional de Pesquisa em Estudos de Desastre,
Convergência de Comportamento em Desastres:
Um Problema no Controle Social

"UM FIM-DE-SEMANA COMUM É MAIS

Quando o mundo acabar, as pessoas sairão de seus apartamentos e encontrarão seus vizinhos pela primeira vez; elas irão compartilhar comida, estórias e companhia. Ninguém precisa ir até a lavanderia ou trabalhar; ninguém se lembra de se olhar no espelho, de se pesar na balança ou de checar os seus e-mails antes de sair de casa. Grafiteiros surgem nas ruas, estranhos se abraçam, chorando e rindo. Todo momento possui um imediatismo que antes se espalhava por meses. Fardos caem, pessoas confessam segredos e concedem perdão, as estrelas aparecem sobre São Paulo; e nove meses mais tarde, nasce uma nova geração.

Desastre

Sim, as taxas de natalidade aumentam logo após desastres, assim como as taxas de mortalidade recuam durante eles. As pessoas não costumam morrer de velhice — ou seja, tédio — no meio de catástrofes*. A vida, embora precária, nunca foi tão doce e valiosa. A urgência da emergência fornece o tempero que o estresse constante de baixa intensidade do nosso dia-a-dia jamais poderia.

* Não são apenas as taxas de natalidade e mortalidade — a violência doméstica caiu dramaticamente na zona centro-sul de Los Angeles durantes os tumultos de 1992, por exemplo, enquanto que nas noites das finais do campeonato de futebol americano ela atinge seu pico. Como um estudante francês comentou em Maio de 1968, tendo tido a sorte de vivenciar ambas situações,

SANGRENTO QUE UM MÊS DE INSURREIÇÃO."

Mas e as pessoas que *morrem* em desastres? É verdade que pessoas perdem suas vidas em ondas de calor, enchentes e seqüestros de avião; elas também morrem em colisões de carros, acidentes de trabalho, overdose de drogas, ataques do coração e câncer de pulmão — e, em números sem precedentes, sozinhas e esquecidas em asilos. A coisa realmente estranha é que, como sociedade, temos uma fixação tão temerosa nos desastres, quando a vida diária é estatisticamente mais perigosa para nós; e, ao mesmo tempo em que os tememos, os achamos tão fascinantes. Para chegar ao fundo disso, devemos reexaminar tanto os desastres quanto o seu alegado oposto, a vida normal, e descobrir qual realmente é qual. Vamos começar a olhar os desastres do ponto de vista dissidente, através dos olhos proibidos das partes secretas de cada um de nós que sente prazer neles.

Desastre como Interrupção

É um segredo público: desastres são empolgantes. Por mais desafiadores que sejam, nós nos tornamos vivos neles. Em nossas vidas "normais", nós nos acomodamos à pequenez do que parece ser o mundo, e essa acomodação se torna uma prisão. Desastres tiram as coisas do lugar e nos fazem questioná-las: o mundo, amplo, reafirma que qualquer coisa é mesmo possível, e somos postos para fora de nossas prisões, quer estejamos prontos ou não, tremendo nas calçadas em frente às ruínas. Nesta nova situação, podemos nos tornar heróis, fazer e testemunhar milagres, sofrer tragédias ao invés de meras humilhações; ficamos completamente engajados, gratos uns pelos outros e por tudo que temos, mesmo pelo que perdemos. Perigo às vezes é bem-vindo; trocar nossos velhos medos e frustrações cansativas por outros novos e convincentes pode ser um verdadeiro alívio. No despertar de um desastre, tudo tem peso e significado — lágrimas e risadas vêm fácil, e ninguém tem certeza do que vêm em seguida. Depois, muitos acham difícil se reajustar, se resignar de novo a toda aquela rotina.

Desastres criam a igualdade que a lei promete mas não consegue cumprir. Quando um desastre ataca, um garotinho numa cadeira de rodas não é menos que um executivo de alto-escalão: os dois observam o arranha-céu ardendo em chamas lado a lado. Pessoas estranhas e marginalizadas podem ser promovidas a posições de aprovação e prestígio — de fato, eles podem ser os únicos preparados para a situa-

Nadia — citada no atlas do sofrimento humano e da repressão desumana de Aleksandr Solzhenitsyn, *The Gulag Archipelago* — lembra da vez que ela estava sendo levada para um interrogatório por uma guarda silenciosa e impassível, quando de repente as bombas começaram a cair perto do prédio e deram a impressão que iriam cair diretamente sobre elas. A guarda, aterrorizada, lançou seus braços ao redor da prisioneira e a abraçou, desesperada ao imaginar seu fim pela simpatia e companhia de outra pessoa. Então as bombas pararam. Ela se tornou impassível novamente. "Mãos atrás das costas! Mexa-se!

Esse foi um desastre que durou *muito pouco*.

ção: quando o É evapora, pessoas que investiram tudo nele tem que contar com aqueles que passaram suas vidas ponderando o Poderia Ser. Habilidades que pareciam especializadas e irrelevantes — combater tropas de choque, sobreviver na selva — de repente se tornam essenciais a todos, e futuros alternativos, que os pragmáticos descartavam como impossíveis, tomam o lugar das cadeias de causa e efeito que antes estavam ali.

Desastres tornam negociáveis os fatos sociais que formam a realidade; liberdade repentina assume o lugar das escolhas habituais. Andarilhos perdidos aprendem sozinhos como fazer fogo com um relógio de pulso, donas-de-casa levantam automóveis para resgatar crianças, comportados passageiros de aviões cometem canibalismo e são celebrados por isso. Quando as escolas estão fechadas e as estradas bloqueadas, quando tudo está indo pelos ares, não estamos mais à mercê da rotina, de compromissos atrofiadores, da covardia e da inércia: na nova e alienígena paisagem da reviravolta, a autodeterminação total é inescapável. Catástrofes às vezes são descritas como experiências de libertação total, por mais herege que seja essa idéia em nossa sociedade obcecada por segurança. Não é coincidência que o fim do mundo ao qual várias religiões tradicionais se referem é precedido de uma terrível fase de destruição: o reino do céu está depois da fumaça e dos escombros.

O fato da noção de um apocalipse deste tipo — quer seja uma guerra nuclear, juízo final, ou revolução total — ser tão constante e profunda na nossa civilização sugere uma fascinação popular pelos extremos nos quais as convenções não se aplicam mais. Nossa preocu-

pação com o perigo e com a tragédia é acompanhada de uma vontade mal-disfarçada pelo risco e pela incerteza. *"O que você faria se soubesse que tem apenas vinte e quatro horas de vida?"* De dentro de nossos cubículos e confessionários, só podemos visualizar a liberdade total e a vida autêntica dentro de um contexto de destruição iminente - e assim fazemos, constantemente.

Aqui no mundo das estruturas, da segurança e da rotina, só conhecemos o desastre à distância, como um espetáculo: noticiários, filmes, rumores. Estas representações servem a vários propósitos, sendo o maior deles a intimidação: eles nos mantém assustados, gratos pela proteção de nossos nobres líderes. O desastre que vemos através das telas, como a selvageria que dizem estar além dos muros da civilização, é um pesadelo no qual a vida é curta, bruta e feia. De uma forma mais reveladora, estes retratos também têm um papel econômico: eles lucram com a imensa popularidade do apocalipse — a vida precária, através dos filmes de ação, videogames e outras coisas do gênero, está condenada a ter alta demanda em uma sociedade onde há escassez de aventura em primeira mão. No processo, eles ensinam a importante lição de que os momentos de verdade pelos quais secretamente ansiamos estão distantes, inacessíveis, talvez sejam apenas ficcionais; certamente nada que possamos participar, ou fazer acontecer. Ou seja: aqueles nobres líderes estão simplesmente nos protegendo de nós mesmos! Ou será que eles estão se protegendo?

Afinal, onde ficam os nossos líderes em uma calamidade? Transportados por jatinhos privados para fazer um discurso para quem está de luto (e para as câmeras), eles falam como se eles sofressem nossas próprias tragédias mais do que nós mesmos, mas não são eles que sofrem as conseqüências quando algo dá errado. Estudiosos dos desastres nos dizem que, ao mesmo tempo em que um desastre pode aumentar as oportunidades de exploração, ele também reduz a motivação para tal, pelo menos entre a população que o vivencia; portanto a única exploração em condições de desastre é normalmente perpetrada por pessoas de fora, pessoas que vão atrás do lucro e tomam vantagem da situação para explorar os sobreviventes. E nossos líderes são os que mais lucram com os desastres: eles contam com eles — mais precisamente, com o terror que pensar neles provoca — para manter o seu poder. O desastre trabalha para eles — especialmente se nunca o vivemos, apenas assistimos na televisão, nos jornais, em nossos pesadelos. Na verdade, esses líderes são os únicos que nos colocam em pe-

rigo — são as políticas deles que nos dão câncer e fazem homens-bomba querer nos matar. Nossos protetores possuem o melhor serviço de extorsão do mundo.

Mas eles nos protegem? Antigamente derramamentos de óleo e tiroteios eram considerados desastres; hoje em dia são considerados características padrão de nossa sociedade, são parte do tecido social e esperados com antecedência. Eles não são anomalias, mas rotinas. Por outro lado, interrupções reais nas quais o sistema falha, como blecautes e ameaças de bomba, ainda são descritas como desastres, quer ou não alguém morra. Já atormentados pelas variações do próprio sistema, nós responsavelmente tememos interrupções bruscas, mas aqueles que as vivenciaram sabem como pode ser doce quando Algo Acontece.

A qualidade essencial dos desastres como os conhecemos é a quebra com o status quo; essa é uma característica que todos eles compartilham. Não é a destruição que define um desastre: os abatedouros, suicídios e danos colaterais causados pelos Negócios de Sempre tiram mais vidas que todas as piores catástrofes juntas, enquanto muitos desastres não causam nenhuma morte. Se as vítimas de todos os desastres fossem somadas e comparadas com as vítimas da "vida normal", desastres pareceriam muito seguros, assim como o número de mortes e injustiças resultantes da obediência às autoridades superam de longe as causadas por aqueles que violaram as leis. E ainda assim existem pessoas que têm horror a desastres enquanto exaltam as virtudes da guerra: estas, então, devem ser pessoas que têm medo da infinitude e da imprevisibilidade da vida mas se sentem em casa na ordem do seu oposto. A guerra, em particular, é um ritual seguro — é o protetor do status quo, uma reafirmação da normalidade. Não é coincidência que o desastre do 11 de Setembro de 2001 tenha sido seguido de uma série de guerras — e qual das calamidades no final das contas foi a mais sangrenta, especialmente se você considerar que não só os norte-americanos são seres humanos?

Então só os covardes temem desastres — ou seja, há uma parte covarde em cada um de nós que gostaria de manter tudo familiar, qualquer que seja o custo de vidas e na vida. Isso é o medo do desconhecido em sua forma mais pura: ele projeta caos, destruição e morte em qualquer coisa que ouse sair do tom pastel das coisas comuns, projeções ainda muito irônicas, pois elas só podem ser modeladas com base em algo que já é conhecido. Desta ironia, podemos concluir que aqueles que mais temem o desconhecido revelam neste medo que o

mundo que conhecem é um lugar de horrores. São precisamente os aterrorizados, aqueles presos na escravidão do medo, que mais temem deixar o seu território. Os livres e destemidos, prontos para viver e bem cientes do que é intolerável no dia-a-dia, dão boas-vindas a novos horizontes — inclusive desastres.

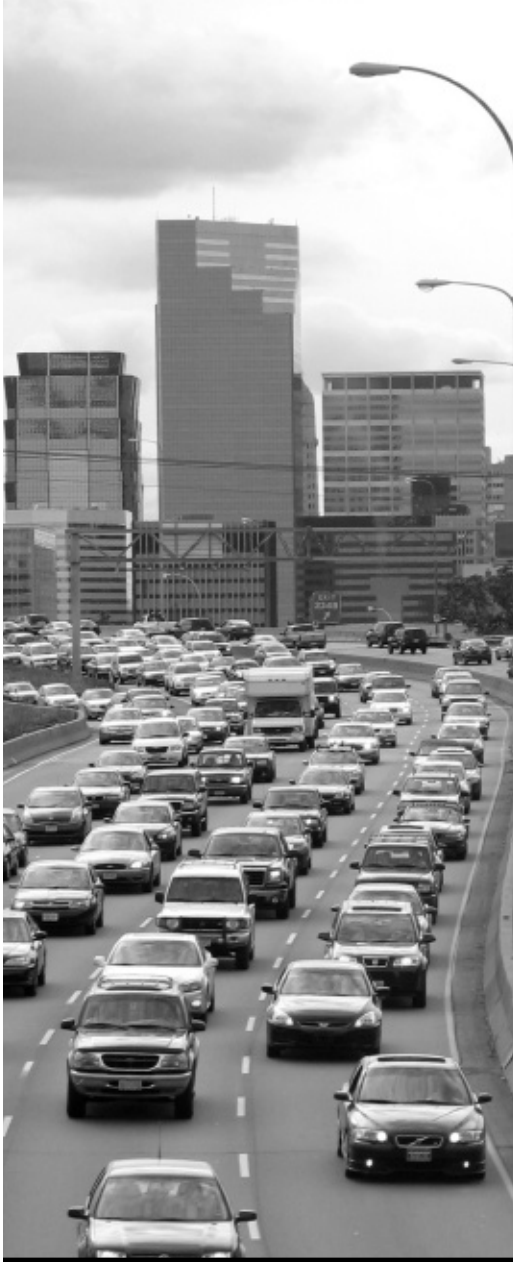
O Desastre Como Condição Permanente

Pera aí — como pode ser que os desastres sejam o ápice da aventura, da comunidade, da própria vida? Isso significa que se realmente quisermos viver temos que levar nossas vidas como desastruristas, quixotescamente indo atrás dos breves momentos de reviravolta que o destino dá a cada um de nós, ansiando pelas asas passageiras e emprestadas da destruição e do renascimento enquanto caminhamos com dificuldade através dos anos da rotina que nos mata pouco a pouco? Isto é prático, praticável, vale a pena? A mulher de saco cheio com as prestações do seu carro e com seu casamento realmente quer tornados e tufões, ou ela apenas está desesperada por um jeito de sair desta com honra?

Talvez estejamos enganados — talvez desastres não sejam tão legais no fim das contas, mas o Desastre *real*, o pior de todos, é o Desastre que vivemos todo dia: o vazio de nossas agendas cheias, o questionário que nos põe fora de questão, o maquinário que faz correr rios de sangue. Isso explicaria porque nos sentimos tão livres quando algo, qualquer coisa, por mais perigosa ou difícil que seja, interrompe tudo isso. Talvez a empolgação e o imediatismo que surgem em emergências são simplesmente indicações de um retorno ao nosso estado natural, uma celebração pelo anúncio de uma folga do acidente de trem em grande escala e em câmera lenta que é nossa sociedade. Se este é o caso, então não são os próprios desastres que são libertadores — é, pelo contrário, uma questão de ponto de vista: um "desastre" que interrompe uma vida de restrições é sentido como um momento de libertação, quando essa "vida normal" é, na verdade, Desastre disfarçado.

De qualquer forma, a maioria dos desastres que nos fazem sofrer é originária desse Desastre invisível. A destruição das florestas tropicais e da camada de ozônio, holocaustos criados com armas biológicas e bombas inteligentes, até mesmo pandemias globais como a gripe suína, síndrome da vaca louca, anorexia, bulimia, depressão — não seriam possíveis sem o poder centralizado do Estado e das corporações, e

desastre



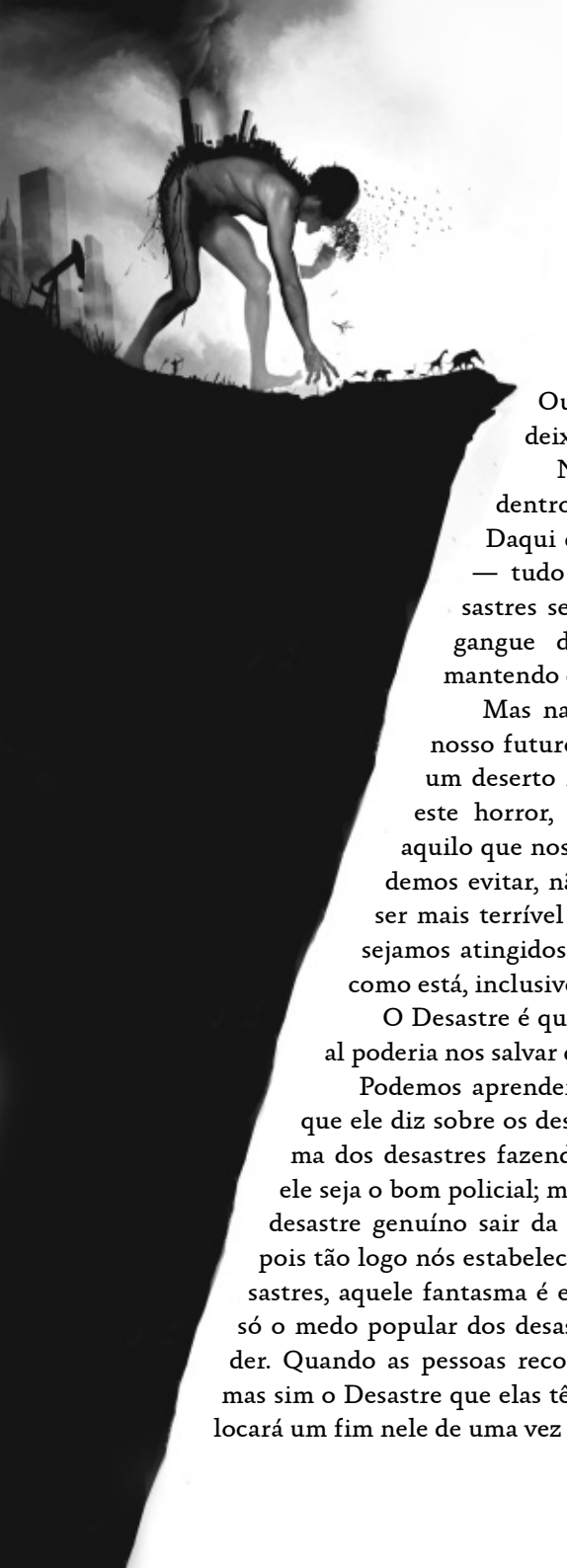
Desastre

sem o trabalho sem significado de bilhões de pessoas que produz estes desastres. Viver com o desconhecido à nossa frente e ao nosso redor, lutar somente contra os "desastres naturais" que nossos ancestrais enfrentavam, seria quase idílico depois de tudo isso.

Podemos combater o Desastre com desastre? Se parássemos de alimentar suas fornalhas com nosso trabalho duro e atenção, se parássemos de pagar tributos, o Desastre certamente sucumbiria de uma vez por todas. Se este status quo é o maior Desastre, se ele realmente é desordem e tragédia normalizadas como um sistema, nenhum desastre em minúsculas poderia ser pior.

Interrompa o Desastre!

Alguns de nós já estão pondo isso em prática. Nós não vivemos no Desastre, mas em acampamentos nas suas fronteiras — sim, numa situação onde ocorrem desastres e dificuldades, mas nada comparado à angústia de viver na própria área do Desastre. Não acreditamos em propaganda populista sobre desastres; estamos conduzindo nossos próprios experimentos com eles. Nós não temos que esperar pelas catástrofes para aproveitar os seus benefícios — podemos criar um desastre na hora que quisermos. E nós criamos.



O Desastre toma conta de tudo. Ou seja: o Desastre arruína tudo, ao deixar tudo intacto.

Nós contemplamos os desastres de dentro do Desastre, seu alegado oposto. Daqui de dentro, eles parecem assustadores — tudo parece. Quando pensamos nos desastres sempre os vemos à nossa frente: uma gangue de monstros dobrando a esquina, mantendo o futuro como refém.

Mas na verdade é o presente que mantém nosso futuro como refém. O Desastre nos cerca, um deserto no qual vivemos dia após dia — e é este horror, não o desconhecido à frente, mas aquilo que nos é mais banal e familiar, que não podemos evitar, não podemos confrontar. O que pode ser mais terrível que a garantia de que, a menos que sejamos atingidos por uma catástrofe, tudo vai seguir como está, inclusive toda injustiça e humilhação?

O Desastre é que não há desastre. Só um desastre real poderia nos salvar do Desastre, que é o *real* desastre.

Podemos aprender muito sobre o Desastre ouvindo o que ele diz sobre os desastres. O Desastre precisa do fantasma dos desastres fazendo o papel de mau policial para que ele seja o bom policial; mas sempre que ele tem que deixar um desastre genuíno sair da jaula, o Desastre corre um risco — pois tão logo nós estabelecermos uma relação direta com os desastres, aquele fantasma é exorcizado. Pois no fim das contas, é só o medo popular dos desastres que mantém o Desastre no poder. Quando as pessoas reconhecerem que não são os desastres, mas sim o Desastre que elas têm que temer, o próximo desastre colocará um fim nele de uma vez por todas.

Chega de falar sobre a desintegração do nosso pequeno movimento — vamos voltar a falar sobre voar, nosso assunto inicial. Durante a Segunda Guerra Mundial, o Castelo Colditz, uma fortaleza de mil anos perto de Dresden, foi escolhido pelos nazistas para servir como campo de prisioneiros de guerra de segurança máxima. Colditz era a prisão à qual os nazis enviavam os prisioneiros aliados mais teimosos em fugir, e, conseqüentemente, se tornou uma escola de fugas de alto nível.

Depois de várias tentativas usando táticas tradicionais como esconderijos, disfarces e cordas, o Comitê de Fugas aprovou um plano para fugir pelo ar. Em 1942, prisioneiros começaram a construir um planador que seria lançado do telhado do castelo e pilotado até um campo do outro lado de um rio próximo. O planador foi todo montado com material da prisão: tábuas do piso, lençóis, parafusos, colas e ferramentas improvisadas. A aeronave estava quase pronta para voar quando Colditz foi libertada pelas tropas aliadas; testes que foram feitos mais tarde mostraram que poderia ter dado certo. Sob as condições mais difíceis os prisioneiros inventaram um avião!

Como um meio para escapar dos limites físicos da prisão, o avião era um plano ridículo: levou anos para ser construído, exigiu uma enorme quantidade de recursos, e só seria capaz de transportar duas pessoas a apenas mil metros dos muros. Entretanto o plano parece diferente, se ajustarmos a nossa noção do que se constitui uma prisão. Se a prisão não é a condição de confinamento espacial, mas todo um espectro de confinamentos, que vai desde barras de ferro até o debilitante desespero do tédio suburbano, o que se qualifica como uma fuga de sucesso também parecerá diferente.

Os soldados que estavam aprisionados em Colditz provavelmente nunca se tornariam inventores se não tivessem sido capturados. Eu refletia sobre isso enquanto viajava pelo país cobrindo enchentes, incêndios, tornados e acidentes industriais. No geral, os sobreviventes me deram a impressão de serem mais corajosos, inventivos e emocionalmente presentes do que qualquer pessoa nas cidades que foram poupadas. Mesmo aqueles que haviam perdido todas suas posses tinham ganhado a única coisa que não podiam comprar no supermercado a qualquer preço — urgência. Isso lhes dava algo em comum com aqueles de nós que haviam transformado suas próprias vidas em desastres ao tentar mapear uma rota para fora de nossa desastrosa sociedade.

A fascinação popular pelos relatos de sobrevivência em desastres soava para mim como uma tácita admissão de que algo estava faltando no cotidiano da maioria das pessoas. Executivos em bares de hotel nunca se cansam da história de Colditz; nas entrelinhas estava escrito que eles também poderiam inventar aviões se não estivessem presos em empregos bem pagos. Contanto que os protagonistas sejam de classe média, até os casos mais extremos — como o célebre time de rúgbi que sobreviveu através do canibalismo depois de ter caído de avião nos Andes — provocam mais curiosidade do que horror. O charme dessa história em particular é que ela permitiu que universitários violassem o mais fundamental dos tabus que separa os seres humanos civilizados dos selvagens e das feras. Era um caso para estudo que prova que mesmo as proibições mais básicas de Deus e da Natureza são negociáveis — uma espécie de mapa codificado que leva a uma falha no contrato social.

Um cenário como este coloca em dúvida todo tipo de pequenas regras e morais. O avião é uma metáfora para a civilização, para o governo, para instituições sociais: sistemas que se propõe a oferecer serviços ou proteção em troca de obediência. Existe um contrato entre os passageiros e o avião: o avião transporta os passageiros com segurança, os passageiros se comportam de acordo com algumas regras. Mas assim que o avião cai, todos acordos estão cancelados.

Como repórter enviado para áreas de desastres, era o meu trabalho retratar a vida fora do avião como feia, brutal e de curta duração, para contrapor a excitação desta fuga com o terror e a miséria que deveriam se seguir. Eles me enviaram a guetos destruídos por desastres naturais, onde bairros inteiros foram interditados e os moradores deixados para morrer. Primeiro eu deveria descrever a selvageria da

população local em cores vívidas, para sensacionalizar a pilhagem e os incêndios propositais que se seguiram à queda da ordem e glorificar a coragem dos policiais e oficiais da Guarda Nacional que faziam a quarentena. Então a história mudou e me permitiram condenar a lenta resposta dos órgãos federais que deveriam ajudar as vítimas do desastre e amargar as absurdas mortes dos pobres. Mas antes das tempestades chegarem lá, aqueles guetos já eram áreas de desastre destruídas pela subnutrição e pelas drogas, devastadas por proprietários de imóveis negligentes e depósitos de lixo e patrulhadas por uma polícia militarizada — e nenhum jornal havia escrito uma única história sobre isso. A nossa cobertura dos desastres era apenas uma cortina de fumaça para ocultar os verdadeiros holocaustos que estavam acontecendo.

Eu estava de saco cheio de assustar as pessoas para os braços do status quo. Toda vez que eu sentava na minha escrivaninha para martelar outro exercício de prevaricação, uma onda de desgosto, como um tsunami, me lavava. Eu desejava que toda estação de esqui queimasse, todo estádio desabasse, todo condomínio fechado inundasse — eu queria ver executivos maliciosos parados no sol quente das ruas de asfalto, implorando perante janelas fechadas e olhos que se desviam. Se as bombas tinham que cair em algum lugar, não deveriam cair em quem deu a ordem de bombardeio? Se alguém tivesse que viver aprisionado pelo medo, não deveriam ser os racistas e homofóbicos que acreditam ser certo deixar as pessoas definharem em celas e armários? Talvez isso não fosse sensato ou defensável, mas eu não tinha mais medo de desastres — eu praticamente rezava por eles.

Eu comecei onde eu podia, na minha própria vida: eu dei o aviso no escritório. Todo o tempo, eu vinha esperando que eles me demitissem, mas no fim das contas os meus empregadores precisavam mais de mim do que eu deles. De agora em diante, eu posso realmente morrer de fome ou ser deportado, mas eu nunca mais vou escrever uma só palavra em que eu não acredite com todo o meu coração. É absurdo pensar que por tantos anos eu tinha menos medo de furacões, homens-bomba e doenças terminais do que de simplesmente perder o meu emprego. Eu finalmente estava me jogando no precipício; eu inventaria o avião, ou morreria quando atingisse o chão.

É a noite final do acampamento de jovens músicos, e os pais se reuniram em um jantar de gala para ver os seus jovens prodígios tocar. Desajeitados às portas da adolescência, constrangidos pela presença de suas famílias, os estudantes inquietos contam os minutos, cada um esperando em terror que chegue sua vez. O mais desajeitado de todos é o astro pianista, um garoto tímido, descabelado e com as roupas amassadas cuja performance é para ser o destaque da noite.

Seu instrutor escolheu uma peça particularmente difícil, ansioso por exibir as habilidades do seu pupilo — para não falar do seu treinamento. Ninguém perguntou ao jovem o que ele gostaria de tocar — ninguém perguntou nada do gênero a ele desde que sua mãe o matriculou para as primeiras lições: eles tomam por certo que ele conhece suas responsabilidades como vanguarda de uma nova geração de músicos. No que lhe toca, ele quer agradá-los tão desesperadamente que ele também nem pensou em considerar a questão.

Ele fará sua performance depois da garota que está tocando seu solo no violino, e ele não consegue fazer suas mãos parar de tremer. E se ele errar uma nota, e se os seus dedos se atrapalharem? Há um campo minado no meio da composição, uma série de acordes difíceis praticamente uns sobre os outros. Ele daria qualquer coisa para estar na outra ponta dos próximos 20 minutos, deixar tudo isto para trás.

A garota se curva pesarosamente aos aplausos educados, e ele assume seu lugar ao piano. O silêncio agora não é mera etiqueta; todos olhos estão sobre ele, todos ouvidos alertas. Ele abre a partitura na página adequada, posiciona as suas mãos sobre o teclado e começa.

A música que ressoa é elegante e precisa. Mães cruzam suas mãos e sorriem; pais assentem com a cabeça em aprovação, silenciosamente reprovando os seus próprios filhos pela falta de dedicação. Até mesmo o instrutor parece satisfeito com o seu feito.

O campo minado se aproxima cada vez mais; e agora o garoto já está no trecho mais difícil, navegando por ele como um verdadeiro mestre; e agora ele já passou! Só falta o final da música, quase uma marcha vitoriosa, como

um passeio no parque.

Mas de repente, de forma inexplicável, ele erra uma nota. Só uma — mas isso não é tudo: é muito, muito pior, ao contrário de tudo que lhe foi ensinado dolorosamente sobre performance, ele pára abruptamente, congela.

Não há nada mais a fazer: ele volta, continua a peça desde o começo da frase, tocando com toda a graça e delicadeza como se nada tivesse acontecido — e toca a mesma nota errada. Isto nunca aconteceu nesta composição antes, ou em qualquer outra que ele tivesse tocado nos últimos anos. Estupefato e incrédulo, ele interrompe novamente, e internamente se condena por tê-lo feito.

Com a face em chamas, ele volta e começa mais uma vez — e, mais uma vez, toca a nota, congelando como se tivesse levado um choque elétrico. No silêncio absoluto do momento, ele fica consciente das outras pessoas na sala — não apenas a pressão monolítica das suas expectativas, mas da sua presença como indivíduos. Eles também ficam desconfortáveis — eles precisam que ele supere isso para resgatar tanto a noite quanto o seu orgulho, para proteger a sua fé nos investimentos que fizeram. Cabe a ele salvar a todos da catástrofe iminente, de lutar para chegar ao fim da composição e então ir para sua casa e se esconder para sempre.

Ele toca a nota errada de novo. Neste momento ele ficaria feliz se um raio o atingisse, ou se ele morresse de um ataque cardíaco repentino. Tudo sobre o que ele construiu a sua vida — seu futuro como músico, suas tentativas de corresponder às expectativas — está em ruínas. Cara a cara com o insuperável, o menino deve perecer ou mudar. Nenhum raio o atinge; seu coração continua a bater no seu peito.

Mais uma vez ele volta e toca até chegar à nota de novo — só que desta vez quando ele chega nela, ele a toca deliberadamente, irrompendo através de seus medos e valores mais profundos para redefinir o significado das amargas notas anteriores. O público não compreende — estão mortificados e esgotados demais por ter que testemunhar este fiasco. Todos os pais na sala estão na ponta do seu assento, todas as mães prendem a

sua respiração; eles dariam qualquer coisa para estar em outro lugar, para serem poupados disto. A cada nota que o garoto toca errado, cada vez que ele tenta e fracassa, é como se o fracasso refletisse sobre todos eles, sobre toda humanidade. A mediocridade eles conseguem suportar, mesmo os músicos profissionais na platéia; o fracasso completo é um contaminante que eles temem mais do que a própria morte, um prenúncio de um colapso total.

Ele erra o trecho de novo — e de novo. A dinâmica se inverte: agora toda pressão que estava sobre o rapaz, o peso das expectativas dos pais, dos professores e dos estudantes e, por extensão, de toda civilização que representam, volta-se contra eles. O garoto tem o total controle, livre pela primeira vez em toda sua vida, e eles estão indefesos, paralisados em uma situação para a qual nada os preparou. A tensão é insuportável. Alguém ri nervosamente, tosse, mexe os dedos. A nota incontrolável soa mais uma vez, e mais uma, e ainda outra, como um disco arranhado, como um alarme de incêndio.

A alguns metros do palco, os olhos da pequena violinista se iluminam: ela compreende. Ela se vira e observa os rostos angustiados do público: é realmente uma visão de almas condenadas no inferno. Espiando pela sala, seu olhar é preso pelo de outra jovem menina a algumas mesas de distância — seus olhos também brilham. As duas acenam com a cabeça uma para a outra, ambas com sorrisos de orelha a orelha.

Fracasso

Desculpe, você não é um vencedor.

O fracasso é um desastre em escala individual. Sofrido conscientemente, ele torna tudo dolorosamente intenso, coloca em foco as coisas com e sem significado; quando encarado com coragem nos fortalece, nos ensina uma lição poderosa; ao ser abraçado, ele pode até mesmo se tornar um canal de um destino a outro — e em uma civilização que é ela própria um fracasso colossal, nós precisamos desesperadamente desses canais. Entretanto ao ser temido, negado ou estigmatizado, ele se torna um inimigo e senhor monstruoso. Em nossa sociedade obcecada pelo sucesso, onde o nosso horror pelo fracasso permite que ele nos governe sob um disfarce, temos muito a aprender do próprio fracasso, e daqueles que chamamos de fracassados.

Derrota, o Maior dos Feitos

O verdadeiro fracasso, trágico e comovente como é, é uma prova de que você ultrapassou os seus limites, que você está forçando os seus próprios limites e os limites do mundo. A pessoa que falha quando está realmente se esforçando não precisa temer não estar vivendo a vida plenamente. O fracasso heróico é a grandeza que não precisa de sucesso ou aprovação — não apenas grandeza, mas grandeza inalienável, a maior grandeza de todas.

Aqui estamos nós falando do bom e velho fracasso, tal como pode ser vivenciado por aqueles que se esforçam para alcançar algo de valor: ao não obterem sucesso em alcançar seus objetivos, eles alcançam algo ainda mais valioso, a experiência de dar tudo de si. Mas existem ainda outras formas de definir o fracasso. O fracasso é relativo, de acordo com os padrões pelos quais julgamos o sucesso: e pobre daquele que não julga por si mesmo o que é sucesso e o que é fracasso, mas recebe seus padrões dos outros sem questionamentos.

Antes pensávamos que já era difícil para nós, mas os anos após a investida contra o muro nos ensinaram novos significados da palavra luta. Às vezes, quando tudo entrava em colapso, eu tinha a distinta sensação de vertigem. Toda vez que chegávamos ao fundo do poço, descobríamos que dava para ir ainda mais fundo.

Depois que passamos a achar que não estávamos mais vencendo uma batalha contra o capitalismo, não havia nada que nos impedisse de descontar toda nossa frustração uns nos outros. Todos nossos coletivos e redes se romperam em recriminações amargas. Os trabalhadores eram culpados de só estarem interessados em suas próprias necessidades; os ativistas eram culpados por não se organizar junto com os trabalhadores; os estudantes eram culpados de ser muito privilegiados para se comprometer de verdade com a luta; perdedores como eu eram culpados de assustar as pessoas com nossa atividade criminosa e táticas violentas; homens, brancos e heterossexuais eram culpados de alienar os nossos aliados mais oprimidos. Claro, era tudo verdade, mas ficar de picuinhas não ia nos levar a lugar algum.

Alguns insistiam que não éramos altruístas o suficiente, que nossa revolução nunca decolaria porque estávamos lutando apenas por nós mesmos ao invés de lutar por quem realmente era oprimido. Eu não concordava; na minha versão da história, a nossa resistência começou quando Kate conectou a sua luta pessoal por libertação com o ativis-

mo mais abstrato dos estudantes, e terminou a partir do momento que nós mesmos passamos a escolher batalhas abstratas. Até onde me tocava, juntar o nosso desejo por uma vida radicalmente diferente com o ativismo de serviço era como matar a galinha que colocava os ovos de ouro. Eu distribuía comida pelas mesmas razões pelas quais eu roubava para mim mesmo — eu queria que todos tivessem o suficiente para comer, não dando a mínima para as leis ou para a economia. De jeito nenhum eu iria aceitar ordens de um ativista profissional ou de um sindicalista que alegava falar pelas pessoas com as quais eu cresci, trabalhei e com quem lutei, lado a lado.

Outros, principalmente delinqüentes como eu, incitavam o restante das nossas redes a escalar para táticas de guerrilha, mas eu sabia aonde isso ia levar — eu ainda lembrava o que tinha acontecido com nossos amigos que partiram para ir atrás de carreiras criminosas antes de sermos politizados. O nosso embalo era contagiante porque estávamos atuando abertamente e os outros poderiam se juntar a nós; nos isolar em células clandestinas nos daria certeza de que não seríamos seguidos por outra geração.

Quando ficou claro que o mundo não estava mudando para melhor, todos sumiram, até mesmo quem eu conheci no acampamento. A maioria voltou para aquilo que conhecia: quem havia abandonado os estudos voltou à escola, viajantes foram para cidades mais empolgantes, os empregados que tinham sido mais ativos perderam seus empregos e conseguiram outros. Até onde eu sabia, Samia estava cursando um pós-doutorado em algum lugar e Pablo procurava um editor para seu inevitável livro. Eu a imaginei conseguindo permanência por suas teses provocativas sobre as ações que mandaram meus amigos para a prisão, e ele comendo salgadinhos em uma sessão de autógrafos enquanto eu esperava para recuperar as sobras. Talvez os seus textos oferecessem reflexões astutas sobre o nosso fracasso em mobilizar a classe trabalhadora ou estabilizar contra-instituições duradouras.

Tudo que sobrou para o meu pessoal depois que as coisas esfriaram foram pequenos crimes — ainda precisávamos sobreviver de algum jeito — e a bebida. A bebida era o verdadeiro problema, ela crescia e preenchia todos os vazios que se abriam. "O que você acha que vai entrar em colapso antes: o capitalismo ou o meu fígado?" Eu já tinha problemas suficientes tentando manter a minha sanidade mental, então eu não recomecei; mas não beber me afastava do restante dos meus companheiros, que consideravam uma crítica às suas escolhas com as quais eu não concordava.

Se não restava nada mais dos velhos tempos, ainda havia contas

vencendo. Eu já tive bastante sorte nas vezes em que fui preso em não ser reconhecido pelas coisas mais sérias nas quais estive envolvido, mas Diego não teve tanta sorte. Àquela altura, o coletivo de apoio legal mal conseguia se manter de pé, e eles se recusavam a ajudar porque a ação pela qual ele estava sendo condenado havia sido controversa e aquela mobilização já havia acabado há muito tempo. Eu me lembro de ir ver a avó dele para lhe dizer que o seu neto estava sendo detido por uma fiança de cinqüenta mil dólares e que nós não havíamos conseguido levantar nem metade desse dinheiro; era doloroso se dar conta de como o meu espanhol ainda era ruim, quão pouco me dediquei a isso nos últimos anos. Nada é pior do que ligar para amigos e depois para conhecidos depois de algo desse tipo, acordá-los um a um, tentando encontrar um lugar para dormir. E o pior é que ainda tive que pedir o telefone dela emprestado.

O tempo todo, podíamos ouvir o mundo caindo, mas eram as pessoas comuns que estavam recebendo todo o impacto, não quem começou toda essa destruição. Terroristas estavam explodindo ônibus, prisões estavam transbordando, desertos estavam se espalhando através dos continentes, tempestades geradas pela poluição industrial estavam dizimando cidades inteiras. Certa noite o noticiário mostrou vigilantes brancos apontando armas para refugiados, forçando-os a recuar para um bairro destruído, contaminado por químicos tóxicos. Nós devíamos estar lá com nossos grupos de afinidade, fazendo os racistas recuarem com nossas próprias armas, ajudando a coordenar a evacuação nos termos dos sobreviventes. Tudo que o nosso lado conseguiu fazer foi reunir alguns recursos para o alívio da situação das vítimas, que foram somados aos da Cruz Vermelha.

E ainda por cima, meu relacionamento com Kate estava naufragando. Era uma história velha, triste, comum: os amantes apaixonados que tentam mas falham ao manter o romance num mundo letal para os romances. Nós não morávamos mais juntos; eu a visitava em um galpão no qual ela estava hospedada, atrás de uma casa coletiva do outro lado da cidade, e nós discutíamos sem trocar uma única palavra. Enquanto tudo desmoronava e queimava, eu jurei para mim mesmo de novo e de novo aquele sonho impossível: que faríamos um mundo de magia no qual a magia do amor, também, poderia sobreviver.

O Fracasso como Exercício, o Sucesso como Obstáculo

Vamos observar o fracasso no vácuo, se tal coisa é possível, para vermos que segredos ele nos guarda.

Se você quer se submeter a um verdadeiro teste de caráter, tente fracassar. Lutar para se ter sucesso em algo pode ser difícil, mas o fracasso é desafiador como nada mais. Tente executar uma tarefa impossível que todos ao seu redor consideram absurda e estúpida — você se surpreenderá do desafio que é existir exilado do mundo no qual as pessoas encontram sentido nas suas ações. Comprometa-se com um projeto que você sabe estar além dos seus poderes; repare como é difícil suportar o seu próprio orgulho ferido quando as coisas dão errado, mesmo que você soubesse desde o princípio que iria terminar assim.

Caso não consiga isso, comece pequeno: crie um hábito de contar piadas tão sem graça que as pessoas evitem a sua companhia, anuncie em praça pública que você é um malabarista muito experiente e então tente jogar com os malabares pela primeira vez na vida na frente da multidão que se reúne. Mesmo exercícios frívolos como estes, que no papel soam como meras brincadeiras infantis, podem ser dolorosas na prática. Isto parece absurdo — fracassar não deve ser difícil, a menos que estejamos empenhados em obter sucesso. O fato de ser tão difícil, para a maioria de nós, falhar mesmo de maneiras insignificantes revela o quanto nós cobiçamos o sucesso por si mesmo. Ser capaz de falhar de forma destemida na frente dos outros é uma das habilidades mais difíceis de se dominar; ser capaz de falhar sem vergonha perante a si mesmo é ainda mais difícil.

Mas a prontidão para falhar é um pré-requisito para ser capaz de fazer qualquer coisa grandiosa. Orgulho, timidez, insegurança, covardia, as qualidades que exigem triunfo após triunfo e nada mais — são as mesma qualidades que impedem a liberdade de ação total necessária para alcançar qualquer triunfo genuíno. Artistas, por exemplo, devem estar preparados para abandonar tudo que aprenderam e começar a falhar novamente, e repetir este processo muitas vezes, se quiserem evitar a estagnação. Com medo de falhar, não conseguiremos fazer nada — nem mesmo fracassar.

De qualquer forma, sucesso demais nos torna fracos. Sendo bem-sucedido, como você pode saber como resistiria às maiores dificuldades de desastres, ou, a propósito, quais são as suas motivações? Fracasso, para quem precisa enxergar a si mesmo como sendo bem-sucedido, é realmente um inimigo a ser temido. Mas é menos

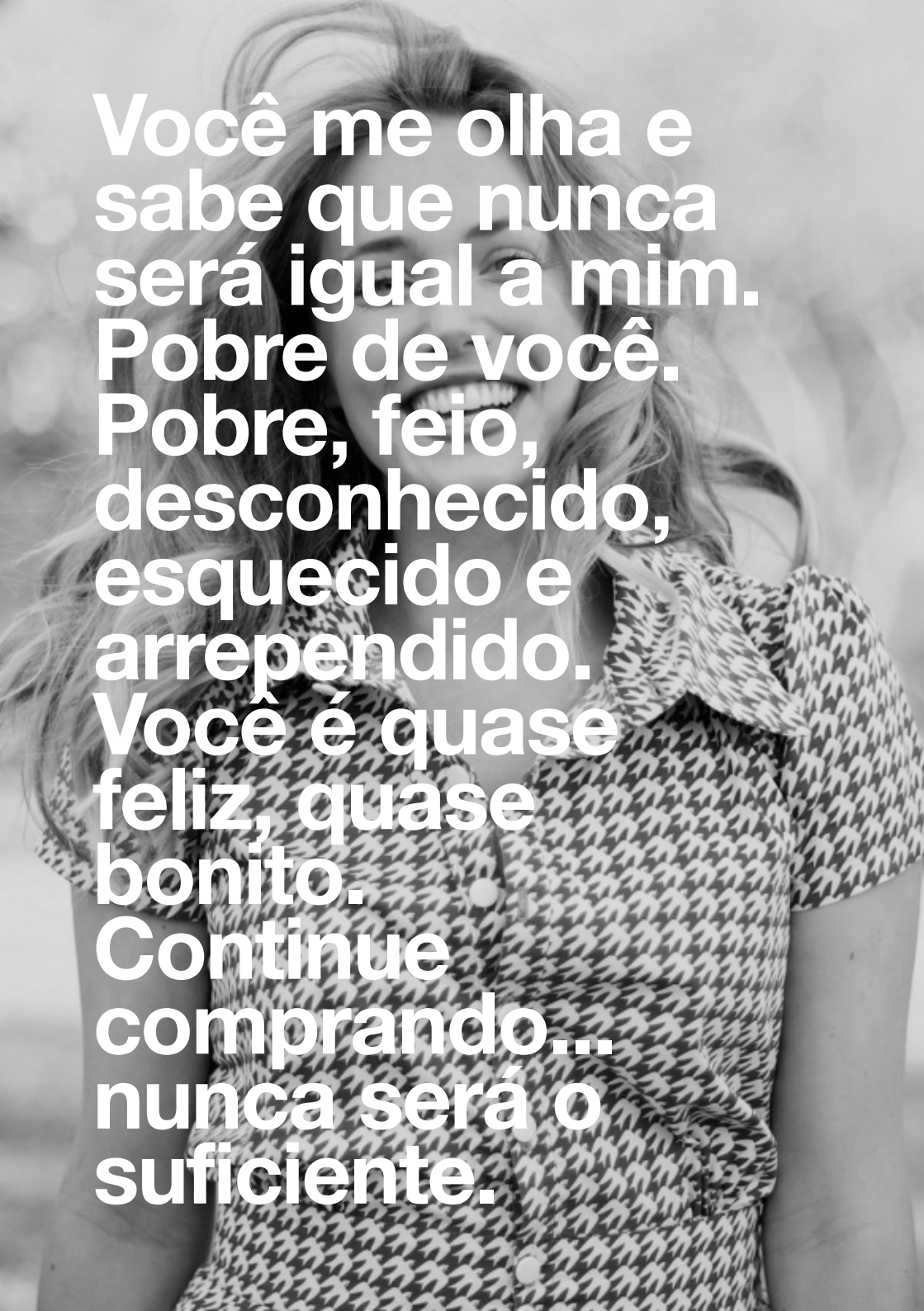
provável que uma pessoa acostumada a desgraças e desapontamentos tenha um medo incomum de fracassar; se ela ainda não desistiu, ela está mais forte e conhece melhor a vida e a si mesma do que o protagonista de qualquer história de sucesso. Falhe uma vez, e parece que é o fim do mundo; vá algumas vezes além do fim do mundo e você aprenderá que você é muito mais resistente que isto.

Alguns de nós passaram anos, vidas inteiras, gerações inteiras no fracasso e na decepção. Sabemos exatamente quanta pobreza, humilhação e sofrimento podemos agüentar — estamos versados nestas coisas, nós temos praticado muito. Não nos intimidamos facilmente — não temos nada a perder. Persistimos com uma paciência que é inconcebível para celebridades, astros do esporte, campeões de concursos de soletrar. Assim como o sem-teto que saúda o amanhecer com sua vontade de viver intacta depois de caminhar a noite toda para não morrer congelado é mais forte que o mais poderoso dos executivos de grandes corporações, nós, fracassados, estamos mais bem equipados do qualquer outra classe para assumir os riscos necessários para realizar milagres.

Tem um lado ruim em abrir-se para milagres que raramente são reconhecidos por aqueles que os celebram. Depois que você abandona o caminho de sempre e tudo é possível, o mundo pode lhe dar presentes incríveis; mas se podem acontecer coisas que são milagrosamente boas, também podem acontecer com você coisas terrivelmente ruins.

Eu refletia sobre isso enquanto arrumava meus sapatos sob o meu saco de dormir para que o teto frio de metal não ficasse desconfortável demais sob os meus joelhos. Eu deitei e olhei além das antenas de rádio, das chaminés cuspindo fumaça e das sirenes de polícia que designavam aquele bairro como território ocupado. A lua flutuava acima da minha cabeça, uma eterna lâmpada dourada. Eu tinha esquecido que havia coisas além das fronteiras do pesadelo ao meu redor. O disco amarelo saiu de foco; eu pisquei e lágrimas escorreram pelo meu rosto.

Quando alguém está totalmente isolado, suas fantasias guinam para o extremo oposto à sua experiência diária: foi assim que desenvolvi uma vida interior mais rica naquele inverno. Na total privação e decepção, eu podia facilmente imaginar todos prédios vazios ao meu redor como centros sociais com creches e tratamentos de reabilitação gratuitos, todas as vagas de estacionamento como jardins comunitários floridos, todos os estranhos que passavam apressados com olhos baixos como vizinhos com quem eu compartilhava camaradagem e


Você me olha e
sabe que nunca
será igual a mim.
Pobre de você.
Pobre, feio,
desconhecido,
esquecido e
arrependido.
Você é quase
feliz, quase
bonito.
Continue
comprando...
nunca será o
suficiente.

boas vibrações. Diego andaria livre sob o sol novamente, minha mãe receberia um tratamento para seu problema de coluna, e nós três nos encontraríamos no refeitório no vestíbulo de uma mansão. O pessoal do acampamento estaria lá, até mesmo os que foram para a prisão, se tornaram economistas ou cometeram suicídio, depois faríamos fila para lavar nossa louça. Era mera compensação psicológica, a última trincheira na defesa contra o desespero; mas se tanto sofrimento e miséria eram possíveis, puta merda, quanta alegria deveria ser possível também!

Quer ou não isso se tornasse realidade, estava satisfeito que eu tinha feito a escolha certa apostando tudo na nossa luta. Eu estava mais feliz congelando sozinho até a morte do que eu estaria se eu fosse o empregado do mês, mesmo se eles me dessem meu próprio restaurante.

O Sucesso como Fracasso, O Fracasso como Sucesso

Neste mundo de ponta-cabeça, onde a angústia se disfarça de felicidade e a verdade é simplesmente uma mentira com amigos poderosos, o tipo certo de fracasso pode lhe proteger do maior perigo de todos — o Sucesso com S maiúsculo. É importante saber quais batalhas não vencer, quais chamados não atender; algumas vitórias são mais humilhantes do que qualquer derrota, alguns fiascos são triunfos disfarçados. A garçonete angustiada que é promovida a gerente e fica no restaurante muito mais tempo do que planejava poderia ter tido mais sorte se tivesse sido demitida, no fim das contas, assim como os operários Russos poderiam ter chegado mais perto da libertação se tivessem perdido a revolução de 1917; da mesma forma, foi bom que Allen Ginsberg não deu certo como um corretor de ações.

Esse tipo de fracasso é uma benção disfarçada. Mesmo quando sofrido por alguém que busca o chamado sucesso, ele pode ser o prenúncio de uma transformação, como um casulo que dará origem a uma borboleta. Ao falhar em uma empreitada de valor duvidoso, as atividades e condições do indivíduo já divergem das normas definidas para ele; só falta os seus valores e padrões cruzarem esta fissura e se juntarem a ele do outro lado. Quando isso acontece, ele pode redefinir o que é fracasso e o que é sucesso, assim ele não ficará tão ocupado na busca pelo sucesso de forma a ficar de mãos atadas quando surgir a oportunidade de usá-las para algo que importe de verdade.

Estar do lado dos perdedores na batalha contra o sistema capitalista me fez respeitar mais os outros perdedores. Durante todas nossas vidas ouvimos que a classe trabalhadora era composta de fracassados que não se esforçaram muito ou não tiveram educação o suficiente ou, na melhor das hipóteses, não tiveram uma oportunidade igual. A conclusão era que todos poderiam escolher ter sucesso e ser da classe média, se tivessem a oportunidade.

Pelo contrário, muitos de nós escolhemos de nossa própria vontade não jogar o jogo, quaisquer que fossem as conseqüências. O bairro de negros em ruínas que eu visitei durante a minha rota de distruibuição de alimentos ainda estava sofrendo as consequências da heróica derrota dos Panteras Negras; em retaliação, as forças da supremacia branca conseguiram que proprietários de imóveis, traficantes de drogas e incendiários destruíssem o bairro, e então dividiram-no ao meio com uma rodovia. Nos parques de trailer em que eu brincava quando criança, mulheres de meia-idade vestiam roupas minúsculas confeccionadas para modelos anoréxicas, descaradamente exibindo corpos que a grande mídia considerava mais obscenos que pornografia; hoje eu as vejo como heroínas na luta contra as normas de beleza patriarcais. Os sem-tetos deveriam ser os maiores exemplos de fracasso, mas depois que passei tempo suficiente com eles eu aprendi que alguns deles estavam nas ruas por escolha — como eu. Eles também eram heróis: nenhum sem-teto jamais produziu clorofluorcarbono suficiente para danificar a camada de ozônio ou despejou a vó de alguém da sua casa.

Antes eu desprezava essas pessoas, jurei que escaparia do mesmo destino a todo custo; agora eu os via como camaradas que se recusavam a se desgraçarem por prêmios inúteis. Os vagabundos preguiçosos e trabalhadores migrantes que viram metade do mundo sem nunca olhar um panfleto de agência de viagens, os empregados que recebem salário-mínimo que nunca quiseram ser chefes de ninguém, os trabalhadores de caixas com câmeras apontadas para eles de todos os lados — eles não são menos valiosos do que os anarquistas de nomes complicados que derrotaram exércitos imperiais e escaparam de prisões de segurança máxima só para morrer de tuberculose e alcoolismo. Nós éramos todos fracassos gloriosos; e agora só nós faltava finalmente triunfar.

Sucesso Como Impossibilidade, Fracasso Como Resistência

Já é bastante irônico que tantas pessoas dediquem suas vidas a obter sucesso em projetos que falham em realizar os seus sonhos; é mais irônico ainda que seja praticamente impossível obter sucesso nestes projetos. Pior ainda é que, vivendo na negação deste fracasso, a maioria das pessoas não consegue nem aprender com ele.

Nossa civilização é uma civilização de perdedores. Ao nos depararmos com ideais impossíveis de beleza e perfeição que nos são impostos, nós fracassamos sem fracassar. Este é um segredo aberto, *o* segredo aberto de nossa era: ninguém é um vencedor. Quando mais arduamente trabalhamos para alcançar esses padrões, mais rapidamente eles recuam à nossa frente. É por isso que as modelos são ainda mais inseguras em relação aos seus corpos do que nós, é por isso que milionários lêem livros sobre como serem mais eficientes. Se você é tão bem sucedido, para que todos esses antidepressivos?

Mesmo uma estrela como Madonna, que supostamente representa o ápice do status na nossa sociedade, tem em comum com todos nós o fato de que ela *não* é a Madonna de verdade, não a caricatura bidimensional de sucesso e sex appeal que satura os meios de comunicação. No final do dia, com rugas na sua face e dúvidas na sua mente, ela também liga a televisão e sente uma pontada no seu coração ao ver as deusas perfeitas saltitando em um paraíso digital. Na verdade, ela está numa situação pior que a nossa: pois ela não apenas não é a Madonna, mas ela também não é ninguém mais.

Encare isto: você nunca será parecido com as modelos nas revistas, não importa quanta loção facial e brilho labial você use. Merda, sem manipulação digital nem mesmo elas parecem com aquilo! Ao abraçar esse fracasso, você se sentirá livre para obter sucesso em se tornar algo mais.

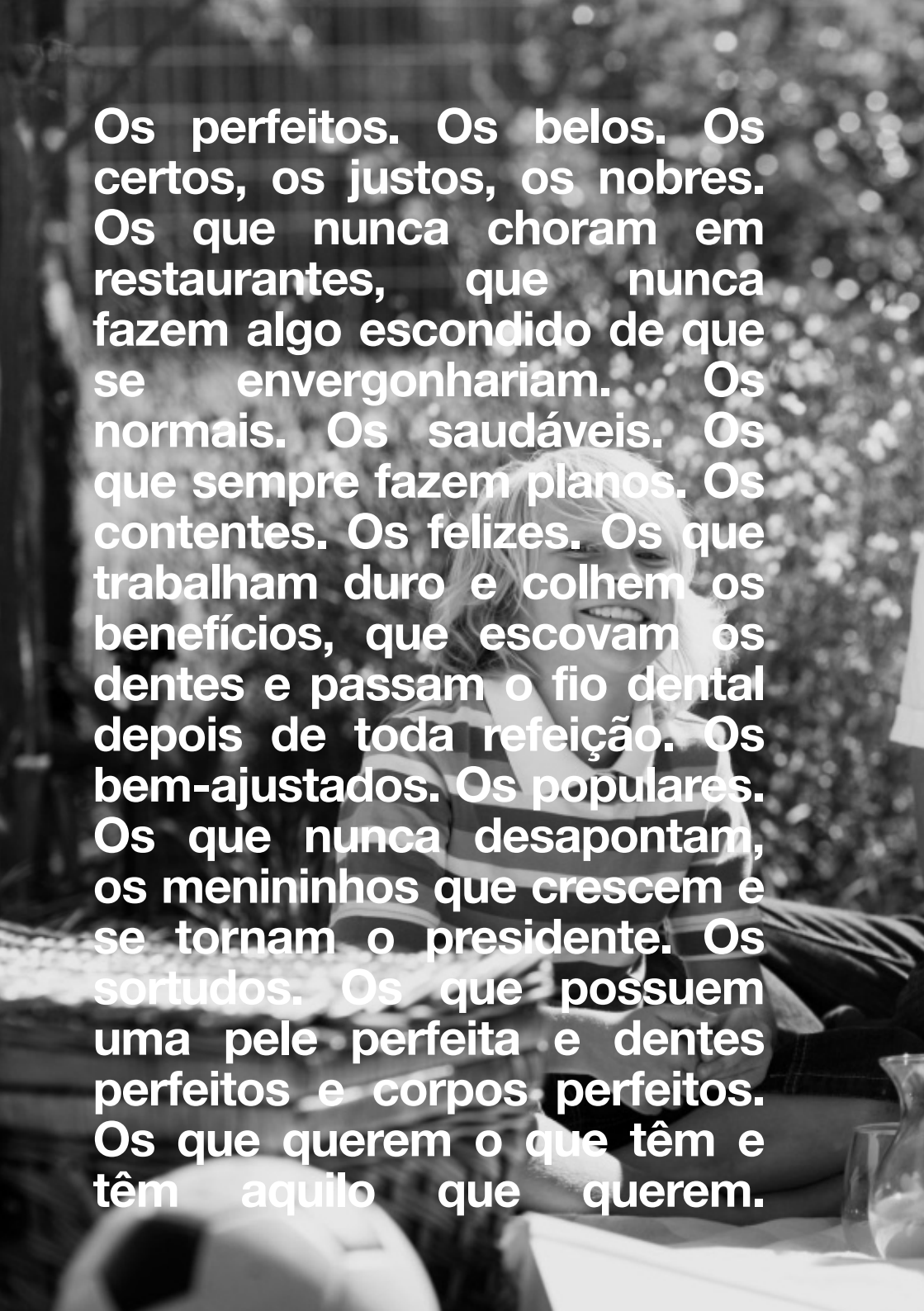
Uma nova classe revolucionária, o proletariado dos fracassados, poderia contar até mesmo com pessoas da classe dominante nas suas fileiras, se eles fossem capazes de reconhecer a dura verdade de que eles não são mais parecidos com os satisfeitos e esbeltos executivos nos anúncios publicitários do Wall Street Journal do que nós parecemos com as famílias de trabalhadores bem-ajustadas e acéfalas da casa ao lado no Canal 12. Tendo buscado e fracassado em encontrar a felicidade de acordo com as indicações deles, tendo dado sinceramente o

melhor de nós, temos todo interesse em tornar possível viver de forma diferente. Tudo que precisamos fazer é sair do armário, aceitar o que somos e começar a fracassar nestes papéis *deliberadamente*, explorar o território proibido que já ocupamos.

É claro, existem medidas de segurança em ação para nos desencorajar de fazer isto. Nesta civilização, fracasso é a maior das abominações. Obscenidade, uso de drogas, heresia religiosa e sexual, estes podem se tornar aceitáveis — mas em nossa sociedade hierárquica, o fracasso será sempre abominado. Sob o capitalismo, quem fracassa ao competir recebe as punições mais severas: pois para que as pessoas continuem se submetendo, a não-participação tem que parecer uma coisa horrenda, deve estar associada à escória da sociedade e a condições insuportáveis. Os sem-tetos e os desempregados crônicos têm um papel tão fundamental na nossa sociedade quanto o de chefes e burocratas: ele nos ensinam a igualar a vida fora do conformismo ao alcoolismo e às doenças mentais, eles são os sinais que nos lembram que a aniquilação é a única alternativa à escravidão salarial. Mas esta tática de intimidação só pode obter sucesso enquanto os desempregados cooperarem aceitando a sua miséria e os miseráveis cooperarem aceitando empregos. Enquanto não aparecer uma nova classe de auto-declarados fracassados, encontrando a felicidade na rejeição de ambas as opções e transformando suas vidas em uma alegre catástrofe, a máquina continuará funcionando.

O orgulho nos manteria para sempre em situações sem vencedores, insistindo que estamos felizes e que tudo está indo como planejado, lutando para provar que somos "bons o suficiente" para fazê-las darem certo de alguma forma. Isto não é nem mesmo uma tragédia — é apenas tolice. Somos bons o suficiente para merecermos ser felizes de uma vez, quer isto seja chamado de vitória ou derrota.

Chega de sermos fracassados bem-sucedidos — vamos de uma vez por todas obter sucesso no nosso fracasso!



Os perfeitos. Os belos. Os certos, os justos, os nobres. Os que nunca choram em restaurantes, que nunca fazem algo escondido de que se envergonhariam. Os normais. Os saudáveis. Os que sempre fazem planos. Os contentes. Os felizes. Os que trabalham duro e colhem os benefícios, que escovam os dentes e passam o fio dental depois de toda refeição. Os bem-ajustados. Os populares. Os que nunca desapontam, os menininhos que crescem e se tornam o presidente. Os sortudos. Os que possuem uma pele perfeita e dentes perfeitos e corpos perfeitos. Os que querem o que têm e têm aquilo que querem.

Eles
não
existem.
E aqueles
que fingem
ser assim
estão
ainda mais
fodidos
que você.

Quando Samia reapareceu naquela primavera, eu fui atrás dela e lhe pedi para reservar algum tempo para conversarmos. Meu período de exílio havia me concedido novos poderes de humildade: eu iria pedir desculpas pela forma como nosso último encontro havia acabado. Quer ou não ela achasse que tinha algo para se desculpar, quer ou não ela ainda estivesse envolvida na luta revolucionária, eu não tinha nada a perder assumindo responsabilidade pela minha teimosia destrutiva.

Por coincidência, ela voltava de um trabalho no bairro que eu havia assistido na televisão no último outono; ela não tinha voltado à universidade no fim das contas. A sua pele estava áspera e já bem bronzeada no começo de março, e os seus olhos brilhavam com uma luz que eu não via há muito tempo. Eu senti uma pontada de inveja que se tornou amarga quando eu me lembrei de nossos primeiros encontros. Ao mesmo tempo, era interessante que ela ainda estivesse envolvida com as coisas; talvez fosse um erro meu assumir que todos como ela tinham desaparecido na aposentadoria.

Meus olhos se fixaram melancolicamente nas folhas à frente do nosso banco no parque, eu discorri sobre todas as vezes que senti ter sido insensível, autoritário ou arrogante durante os anos que nos conhecemos. Ela me escutou com paciência, com uma leveza no seu comportamento que contrastava com minha postura de homem condenado.

"Obrigada por me contar tudo isso. Eu não sei o que dizer."

Eu dei de ombros. "Não diga nada, eu acho. Apenas saiba que andei pensando sobre isso. Eu queria que tudo acabasse de forma diferente, e entendo como contribuí para que as coisas não dessem certo."

Ela ficou em silêncio por um minuto. "Sabe, eu respeito muito que você ainda esteja aqui mantendo os mesmos projetos de pé. O que Diego disse é verdade: nós fomos embora e abandonamos vocês."

Agora eu fiquei em silêncio. Ela ajeitou suas pernas e continuou.

"O irônico é que voltei determinada a me envolver novamente logo antes daquela reunião, mas depois daquilo foi difícil querer ficar e eu fui levada pela primeira coisa que vi que estava acontecendo fora da cidade. Quem sabe se eu realmente teria ficado, talvez aquela discussão apenas fosse a desculpa que eu queria. É tão intimidante se comprometer a ficar em um lugar ao invés de seguir a frente de batalha para onde quer que pareça que temos uma chance de ganhar."

"Talvez ficar não fosse a coisa certa para você, eu sinto como se tivéssemos fracassado completamente aqui. Pelo menos parece que você manteve umas chamas acesas." Eu a olhei nos olhos pela primeira vez desde que comecei a falar, e então virei o rosto. "Eu tenho muita coisa aqui, para deixar para trás. Este é meu lar. Eu não posso ficar

andando pela Europa enquanto as pessoas aqui passam fome e meus amigos apodrecem na prisão."

"Você não devia dizer que fracassou." Ela me olhava atentamente; meus olhos estavam novamente nas folhas. "Você ainda está aqui. É uma vitória que qualquer um de nós ainda esteja vivo, ainda mais livre para sentar aqui e conversar, depois das coisas por que passamos."

"A única vitória com a qual me importo é ter certeza de que todos têm o que precisam — isso e queimar essas prisões. Você sabe disso."

"Ok, veja as coisas desta forma: para fracassar, você tem que estar totalmente comprometido com algo, desejá-lo com todo seu coração, acreditar que a vida será insuportável se isso não se acontecer. Todo mundo tem coisas que desejam tanto assim, o que eles chamam de desejos impossíveis, eles só não vão atrás deles porque doeria demais se eles nunca os alcançassem. Eu acho que a maior parte das pessoas nem reconhece o que eles realmente querem para si, eles estão tão assustados de não conseguir. Você falhou: isso é um verdadeiro feito."

Fracasso Imposto pelo Medo de Fracassar

Se os sonhos mais queridos de uma pessoa se realizam, então o verdadeiro fracasso também é possível. Como o fracasso é a mais temida das desgraças, ser responsável por buscar e talvez não conseguir alcançar sonhos preciosos é o maior medo de todo mundo. Por outro lado, se a realização de tais sonhos é impossível, então somos livres desta terrível responsabilidade: muitas pessoas acham mais fácil resistir à idéia de que tudo que elas querem é impossível do que encarar o horror de serem os responsáveis por conseguir realizá-lo. E uma vez que elas decidam que o que elas realmente querem é impossível, a partir daquele momento acreditam que aquilo é a verdade — senão elas seriam pessoas tolas que jogaram as suas vidas fora por nada. Eles podem até se esforçar, subconscientemente, para evitar que seus sonhos se realizem, para evitar que as coisas que eles querem se tornem possíveis. Imagine isso, um planeta com seis bilhões de pessoas trabalhando o dia todo para empurrar o que eles querem para fora do seu próprio alcance! Isso exige muito trabalho — o que a maioria de nós quer não é tão difícil ou complexo. É preciso um Desastre de bilhões de pessoas para nos impedir!

A noite estava caindo e estava ficando frio, mas nossa conversa seguiu vagando de tópico em tópico. Finalmente, nós voltamos ao assunto da reunião. Havia algo mais que eu precisava dizer a respeito.

"Você sabe que nós tentamos trabalhar junto com todos os outros, não sabe? Ouve uma grande assembléia antes de você chegar, mais de cem representantes de diferentes grupos, em sua maioria ONGs, pessoas desse tipo, já que nosso pessoal ainda não tinha chegado na cidade ou estavam ocupados com outras coisas. Eu estava lavando os pratos no centro de convergência — Diego estava lá pra nos representar, e confiava neles para tomar decisões que funcionassem para todos. Eu não podia acreditar quando eu ouvi que eles tinham decidido, apesar de todas objeções, denunciar a ação direta e organizar uma marcha que levasse as pessoas para *longe* do muro."

"Honestamente, eu não fazia idéia, eu havia recém chegado lá. Eu estava bufando, eu estava acostumado a chegar depois das coisas já estarem decididas. Eu só descobri sobre a assembléia depois. Eu me senti burro, mas os dados já haviam sido lançados, e eu estava mais bravo sobre o modo como vocês haviam se portado — era mais pessoal, eu confiava em vocês mais do que jamais confiei naqueles liberais."

"Malditos autoritaristas!" Pensar sobre a assembléia me deixava furioso novamente. "O irônico é que esses eram os mesmos filhos da puta que querem saber quem irá coletar o lixo quando falamos de uma sociedade anarquista. Agora mesmo nós coletamos o lixo deles! Eles estão é com medo de sujar suas mãos. Eles acham que este sistema funciona bem porque nunca tiveram que se aproximar do seu próprio lixo — enquanto alguns de nós têm que viver do lado dele, ou viver dele!"

Samia interrompeu novamente "Nós tivemos que lidar com essas pessoas no último inverno: nós não tínhamos nossa própria equipe de imprensa, então eles conseguiam levar crédito por tudo que nós fizemos. Estávamos todos lá como voluntários enquanto eles recebiam salário, e eles insistiam em tentar nos dar ordens! Metade do trabalho deles era arrancar doações de pessoas que realmente queriam ajudar, mas essas doações pagavam por anúncios na parte de trás de caixas de pizza por todo país, enquanto as pessoas que eles deveriam ajudar estavam enfiadas em trailers ou ficando com suas famílias em outras cidades!"

"É, eu vi essas caixas de pizza. Que golpe, as nossas tragédias pagam os salários deles."

"É irônico que essas pessoas criticam a ação direta alegando que só pessoas brancas privilegiadas podem participar, e então quando pessoas de cor fazem ação direta eles descrevem como atividade criminosa apolítica — chamando de pilhagem, por exemplo. Nem todos

nós temos a opção de nos limitar aos meios legais! Eu estou tão de saco cheio de ativistas brancos dizendo que táticas de militância são só para jovens, brancos do sexo masculino quando pessoas como eu também estão claramente envolvidas. Nem me fale de paternalismo: a minha existência é tão inconveniente para eles que eles fingem nem me ver! Se eles me reconhecessem como ativista de ação direta, será que eles diriam na minha frente que eles acham que eu estou enganado sobre o que é melhor para mim?"

"Eles poderiam muito bem ser honestos e admitir que a ação direta é ruim para *eles*, como organizadores de classe média que não querem perder a sua legitimidade."

"Mas veja, por que nós não ignoramos a assembléia e tentamos alcançar as pessoas diretamente? Antes, quando nós fazíamos as coisas por aqui, nós sempre íamos direto às pessoas em um monte de comunidade diferentes, não só os guris vestidos de preto. Eu sei que havia problemas de segurança, mas poderíamos ter nos organizado abertamente com os outros e secretamente entre nós."

"Nós fomos superados, eu acho. Depois que aqueles sanguessugas descobriram quanta força nós tínhamos, eles todos se grudaram na gente. Todo partido estava recrutando em todas as reuniões, todas as múmias ressuscitaram da aposentadoria para tentar pegar tudo para eles. Eles organizaram grupos de frente e coalizões camufladas para se parecer conosco para que pudessem absorver todos que queriam se envolver, eles..."

"Eu me lembro de tudo isso. Mas se tivéssemos feito nosso trabalho..." "É claro, com certeza, mas você mesmo disse" — eu diminuí a velocidade e tentei falar de forma mais suave, como Kate teria feito — "você também não apareceu para fazer isso. Nós estávamos exaustos, já tínhamos passado por muita coisa só para chegar naquele ponto." Nós dois fizemos uma pausa, recuando em lembranças particulares. "A verdadeira questão é por que tantas pessoas que dizem que querem o que nós queremos recuam quando o momento chega. É como você dizia antes sobre o fracasso: eu acho que nós só falhamos porque ninguém conseguia nos imaginar vencendo. Todas as pessoas que participaram da assembléia e levaram-na adiante mesmo quando ela se voltou contra eles, estavam acostumados com a derrota, a aceitar que tudo que eles queriam era impossível; eles não sabiam como fazer outra coisa, assim como nós não sabemos como parar de brigar mesmo quando somos os únicos no campo de batalha."

"Como o uniforme negro que todos os novatos usam, como se estivessem em um funeral: é praticamente uma glorificação do fracasso,

uma admissão de que o máximo que podemos fazer é nos recusarmos a participar e sermos destruídos. Isso é exatamente o oposto de tentar e falhar — é uma farsa, não uma tragédia."

"E todos os grupos que dizem que querem mudanças radicais mas sempre tentam impedir aqueles que tentam realizá-las, eu acho que eles fazem isso porque não querem vencer, porque eles se dedicam a fracassar. Eles não ousam arriscar o que têm, então, para eles, não é nunca o momento de agir, sempre é preciso se preparar mais. Enquanto eles mantiverem seus papéis de objetores de consciência, contanto que as suas mãos estejam limpas, eles não se importam com o que acontece com o resto de nós, não se importam se as pessoas têm que dormir em telhados, se florestas são transformadas em polpa e cidades são bombardeadas até virar pó."

Além do Sucesso e do Fracasso

Eis aqui um exercício para o impetuoso guerreiro da liberdade: falhe nas tarefas que mais te assustam, e lute com todo o seu coração para obter sucesso nos desafios que você nunca ousou encarar. O que não o matar só o fortalecerá, quer seja o embaraço de não ser capaz de explicar aos seus pais o que você está fazendo da sua vida ou a angústia de dar tudo que você possuía para perseguir um sonho apenas para vê-lo despedaçar-se em pedaços.

Essa prática aguça e fortalece, mas pode também revelar como nossos valores mais arraigados são arbitrários. Basicamente, a libertação não é uma questão de obter sucesso ou falhar, mas de se mover além destas formas binárias de pensar. Nosso medo patológico do fracasso existe somente por causa de nossas superstições sobre o sucesso; para nos emanciparmos desse medo, devemos nos perdoar o suficiente para pararmos de desejar o sucesso. A aura de mistério da vitória fortalece a ficção da derrota.

Ser livre tanto de pressões internas quanto externas para realizar, parar de julgar a si mesmo por padrões de sucesso ou de valores monodimensionais, ser capaz de fazer e experimentar qualquer coisa e apreciar essas coisas pelos que realmente são, sem impor sistemas de

avaliação — não seria isso um triunfo mais doce que qualquer vitória?

Talvez nosso medo de fracassar seja um sintoma de nossa incapacidade de nos libertar no presente. Para sermos capazes de tudo — mesmo de fracassar, e logo de obter sucesso — devemos ser capazes de nos doarmos de corpo e alma ao que fazemos, sem temer o futuro nem julgar pelos seus padrões. Falhar e superar esse fracasso é crescer; esta é uma das formas de conhecermos uns aos outros e a nós mesmos. Ir atrás do fracasso — não por não se esforçar o suficiente, de forma a obter sucesso em não obter sucesso, mas por se esforçar tanto que só poderá fracassar gloriosamente — pode ser uma forma de recentralizarmos nossa vida em torno da ação, e não das conseqüências.

Isso quer dizer:
em torno da coragem,
não do medo.
Em torno do presente,
não do futuro
ou do passado.
Em torno da destruição
e da criação,
não da estática.

Do fracasso ao motim!

Duas horas depois, ainda estávamos no banco, encolhidos juntos para ficarmos quentes no ar gelado da noite. Samia estava contando uma história da sua infância. Eu conseguia visualizar vividamente tudo que ela descrevia, apesar de eu nunca ter ido a recitais, acampamentos de verão ou qualquer coisa do tipo na minha infância.

Eu me distraí. Ser capaz de falar com alguém sobre estas coisas, sem toda a tensão e ressentimento que se tornaram tão comuns, era um alívio, um tipo de absolvição. Ao mesmo tempo, eu tinha a sensação de que a minha distração era um sinal de aviso: eu queria desesperadamente fazer as coisas darem certo com Kate, e a última coisa que eu precisava era me complicar com outra pessoa. Mas nos aproximar mais um centímetro enquanto falávamos, só porque estava tão frio e nós finalmente havíamos resolvido um conflito que tinha ficado entre nós por anos, por si só, não faria mal nenhum. Era bom; será que pode realmente ser um crime querer sentir-se bem novamente, apenas por um minuto, de uma forma tão inofensiva?

"... então não podemos ter medo de desejar ou acreditar em coisas ultrajantes, nós temos que nos doar completamente a isto sem medo de perder, ou arrependimento, ou decepção." Ela pegou minha mão entre as suas e olhou direto nos meus olhos. "Você quer me beijar?"

Eu engoli em seco e hesitei, então assenti. Lá se vai minha tentativa de ajeitar as conseqüências dos meus antigos erros; agora tenho novos problemas para resolver.

Adultério
(e outras meias revoluções)

Se o sistema de relacionamento a dois é o maior feito de centenas de milhares de anos de amor entre humanos, porque o adultério é tão comum que chega a ser a fonte mais comum de materiais para piadas — sem mencionar que é fonte de emprego para um exército inteiro de conselheiros matrimoniais? Se tudo que cada um de nós deseja é o nosso verdadeiro amor, porque não conseguimos tirar as mãos bobas das outras pessoas?

Se você realmente quer saber, deve ir direto à fonte e perguntar aos próprios adúlteros. Ou talvez você não tenha que ir tão longe — talvez *você tenha tido* casos extra-conjugais, como as estatísticas sugerem.

Um espectro ronda o mundo Ocidental:
o fantasma do Adultério

Casamentos Exigem Muito Trabalho

Crescer em um ambiente dominado pela economia capitalista nos ensina certas lições psicológicas que são difíceis de esquecer: *Qualquer coisa de valor só está disponível em quantidades limitadas. Pegue o que você quer agora, antes que fique sem nada.* Incapazes de imaginar que amor e prazer podem se multiplicar quando compartilhados, nós medimos o compromisso e a afeição pelo quanto os outros são capazes de se sacrificar por nós. Alguém de fora pode argumentar que numa relação saudável, amigos ou amantes tornam uns aos outros capazes de fazer, viver e sentir *mais*. Se você sente, no seu coração senão na sua cabeça, que ter um parceiro romântico significa abrir mão de alguma coisa — sua "liberdade", como dizem — então os padrões de exploração e controle conseguiram penetrar até mesmo na sua vida amorosa.

Todos nós sabemos que Bons Casamentos Exigem Muito Trabalho. Lá está de novo, trabalho: a base de nossa sociedade. Trabalho assalariado, trabalhar as relações — nós estamos sempre batendo ponto? Você aceita limitações sufocantes em troca de carinho e apoio da mesma forma que troca tempo por dinheiro no seu trabalho? Quando temos que *trabalhar* na monogamia, estamos de volta ao sistema de trocas: bem como a economia capitalista, a sua intimidade é controlada pela escassez, ameaças, proibições programadas, e protegida ideologicamente por afirmações de que não existem alternativas viáveis. Quando relacionamentos se transformam em trabalho, quando o desejo é organizado de forma contratual, com registro de ocorrências e fidelidade extraída como trabalho de empregados, quando o casamento é uma indústria policiada por uma disciplina rígida para manter esposas e maridos presos ao maquinário da reprodução responsável — então não é de se surpreender que alguns indivíduos se rebelem.

Adultério, em nítido contraste com o Bom Casamento, vem naturalmente, chegando sem ser convidado. De repente você se sente transformado, exumado do cemitério onde foi parar a paixão do seu relacionamento para sentir toda aquela empolgação de novo. Você não deveria estar sentindo nada disso, droga, mas ao mesmo tempo é a primeira vez em muito tempo que você é levado pela felicidade pura, espontânea — e ó, o doce otimismo de algo novo, algo que ainda não é tediosamente previsível... é como se surpresas, riscos, recompensas e satisfações fossem novamente possibilidades verdadeiramente possíveis. Se eles pudessem sentir o que você está sentindo agora, quem poderia exigir que você resistisse?

Momentos Roubados

O adúltero está em rota de colisão na mesma medida em que o seu espaço e tempo são controlados. Imediatamente fica claro quão pouco tempo ele possui em que não está *sob observação* — no fim das contas, sua jornada de trabalho não termina quando ele sai do local de trabalho, mas se estende antes e depois dela, consumindo praticamente toda a sua vida. A dominação do espaço à sua volta também é revelada: quantos lugares existem para ele passar um tempo com seu novo amante, lugares onde ele não precise gastar dinheiro para alugar, de explicações respeitáveis, e da imagem de decência social? Em quantos poucos momentos da sua vida ele não é limitado por regras que claramente não têm nada a ver com suas necessidades emocionais e físicas?

O adúltero se torna um perito ladrão de galinhas, roubando, um a um, os momentos da sua vida de seus proprietários por direito: sua esposa, seu chefe, sua família e suas obrigações sociais. Assim como o vândalo, ele resiste à dominação do seu mundo da única forma que conhece — por atos pequenos e simbólicos de rebelião diária, com os quais ele cuidadosamente constrói um universo alternativo infinitamente frágil. Lá ele se esconde, em espírito, quando seu corpo não pode comparecer, esperando não ser encontrado e chamado a prestar contas do que ele se tornou: um traidor à toda civilização que o criou.

"Honestidade É a Melhor Política"

A sociedade, personificada pelo seu azarado esposo, exige que a adúltera seja honesta e franca sobre tudo e só o que lhe oferece em troca é punição. Ele tenta garantir sua obediência através de interrogações de rotina ("quem era no telefone, querida?"), vigilância ("você acha que eu não notei quanto tempo você ficou falando com ele?"), busca e apreensão ("e que droga é isso aqui?"), e táticas mais sérias de intimidação: a ameaça de expulsão completa do único lar e comunidade que ela provavelmente conhece. A adúltera que gostaria de contar a verdade é forçada e refletir se ela realmente pode se permitir tal luxo: *divida sua felicidade atual pelas conseqüências nocivas de sua confissão, multiplique pelo seu medo do desconhecido, e então pense duas vezes se você realmente precisa dizer algo.* Esta é a mesma fórmula usada pelos trabalhadores imigrantes explorados e pelas crianças trancafiadas em escolas privadas infernais, por esposas espancadas e secretárias assediadas sexualmente.

O que falta à nossa sociedade nesses casos é sabedoria para saber que contar a verdade não é apenas uma responsabilidade de quem vai se confessar. Se você quer saber a verdade, deve tornar fácil para a pessoa contá-la a você: você deve estar pronto para prestar apoio genuíno e para o que der e vier, e não bancar o santo para fazer exigências ou fazer o jogo do policial bom e do policial mau ("Só me conta, eu juro que vou entender... você fez O QUÊ?!"). Isso só pode levar à ação evasiva, ou então, como conseqüência do seu exame minucioso, fazê-lo mentir para si mesmo da mesma maneira que ele mentiu para você. Nem a nossa sociedade, e, conseqüentemente, nem os seus cornos estão prontos para a revelação da verdade que o adúltero tem a oferecer; a verdade só fica segura nos ouvidos de sua amante ilícita.

"Alguém Vai Se Magoar"

Inevitavelmente, apesar das melhores intenções e estratégias mais mirabolantes do adúltero, alguém vai se magoar. As pessoas já estavam se machucando, só que invisivelmente, no silêncio doméstico forçado do "viveram-felizes-para-sempre" — ou então medidas drásticas como essas não teriam sido necessárias para trazer corações mortos de volta à vida. Seria melhor se as rotinas e ilusões do casamento não fossem jamais perturbadas, seguindo no curso do tédio mútuo até o amargo fim? Poderia ser preferível para a sua parceira, que não suspeita de nada, continuar medindo seu valor como amante e esposa de acordo com um padrão de fidelidade que se resume à autonegação, um padrão que já foi violado em pensamentos se não em palavras? É claro, ao invés de trair, você poderia ter buscado aconselhamento, permanecido fiel à sua esposa ao invés de a si mesmo e abrir mão de paisagens novas que você percebeu nos olhos de sua amante em potencial, e tentar conseguir algum substituto passável com sua parceira oficialmente sancionada — ou, se isso falhar, passar a anestesiar os seus sentidos com televisão e Prozac.

Para ir direto ao assunto: como pode ser errado desejar não morrer emocionalmente? Quanta autoconfiança e direitos autodeclarados são necessários para que o homem ou mulher casada se arrisque a se sentir vivo, sem precisar se armar com justificativas e auto-humilhação, as desculpas, explicações e autorrecriminações? O adúltero descobre que está preso na vida que ele adotou sob o encorajamento e ameaças

lindo, mas precário

das normas românticas estabelecidas — e, apesar de seus esforços para se conter, começou a planejar uma fuga. Se ele refletisse com lucidez sobre a sua situação, o seu Eu secreto poderia se rebelar e começar a fazer as perguntas importantes: Que tipo de vida ele realmente quer viver? Quanta liberdade e realização ele *merece* sentir? O que acontece que faz ele machucar os outros quando somente expressa suas próprias necessidades?

O fato é que as pessoas sempre se magoam toda vez que alguém contesta a ordem entranhada há tanto tempo, e geralmente as vítimas são "inocentes". É por isso que qualquer coisa além da submissão total ao status quo é considerada antiética — lutar pelo que você acredita é muito perigoso para todos os demais. Mas uma vez que a vontade de se amotinar se instala, as alternativas se tornam impensáveis: então, muitas vezes contra sua vontade mas sem ser capaz de resistir, o adúltero aceita os riscos de fazer coisas que possam magoar os outros.

O problema é que ele geralmente faz isso sem admitir para si mesmo; sua situação é insustentável, mas ele faz tudo para evitar ter que lidar com essa realidade. Se ele estivesse preparado para abraçar e declarar seus desejos marginalizados (ao invés de rejeitá-los num acesso de revisionismo arrependido: "Eu não sabia o que eu estava fazendo!") e aceitar plena responsabilidade pela possível dor que poderá causar, ele poderia finalmente se posicionar fora do círculo de dor que é a economia da escassez do amor. Mas lhe falta coragem e análise para seu ato final: por isso que ele é um adúltero.

"Mas e as Crianças?"

"E as crianças?" perguntam chocadas as sentinelas da burguesia quando ouvem falar de outro casamento posto em risco por um caso extraconjugal, aterrorizadas que suas próprias puladas de cerca possam ser as próximas a ser expostas. Bem, e elas? Você acha que cedendo a essa pressão irá poupar a próxima geração da tensão trágica entre a complexidade do desejo e a simploriedade das proibições sociais? Se você abafar suas próprias aspirações por felicidade, deslocando-as para as gerações futuras, você vai acabar abafando também os seus filhos. Seus filhos serão mais felizes se crescerem em um mundo onde as pessoas ousam ser honestas sobre o que querem, sem se preocupar com as conseqüências. Ou você prefere que eles aprendam a martelar as suas próprias vontades até transformá-las em uma pasta de lembranças de arrependimentos e remorsos, como você faz?

e isolador

E vale a pena ressaltar que a monogamia baseada na família-nuclear, protegida dos ataques do adultério por esses autodeclarados juízes, foi o que substituiu as estruturas familiares mais amplas, fluídas e estendidas do passado. Até onde se sabe, as crianças eram mais bem cuidadas nesses ambientes, e os pais tinham liberdade. Será que o adultério pode ser uma fuga cega e desesperada da jaula da relação contratual para a comunidade estendida que tínhamos antes? E mais importante, ele pode servir como um caminho para um novo renascimento dessa comunidade?

Fiel a Muitos

Como seria ter uma relação na qual não houvesse coisas como adultério, ou pelo menos não houvesse motivo para cometê-lo? Primeiro, seria necessário que a comunicação fosse mais recompensada que a obediência a normas sociais. As condições para se cultivar a honestidade — confiança, auto-conhecimento, amor incondicional — teriam que ser protegidas por grandes estruturas de apoio. Comunidades seriam interligadas por redes de relações íntimas, nas quais todo mundo poderia contar com a ajuda e com a intimidade dos outros, mesmo se uma relação mudasse. Não haveria recompensas sociais ou legais para qualquer formato específico de relacionamento, nem olhares diferentes. Teríamos que lidar com nossas próprias inseguranças ao invés de tentar limitar a autonomia do outro. Resumindo, exigiria maturidade da mesma forma que a monocultura da monogamia recompensa a infantilidade — inclusive a infantilidade dos adúlteros.

É claro, não vivemos em uma sociedade que nos apóia de nenhuma dessas maneiras, ou então você não teria ficado nesta situação. A questão agora é como você sai dessa: você continua no caminho que te levou a trair em primeiro lugar, ou tenta algo novo?

E aqui a maior das ironias te espera: mesmo trocando seu esposo por seu amante, você provavelmente descobriria que ele espera o mesmo tipo de relacionamento do qual você acabou de escapar. Quando ele se envolveu com você, ele sabia que você era capaz de amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo, que a monogamia lhe impunha escolhas impossíveis — e agora ele quer que você volte à situação que você estava quando vocês se juntaram, com as mesmas pressões e riscos. Mas é diferente com ele porque ele é "o" cara, certo? Não será nenhuma surpresa se um dia você trair novamente.

Casamento e Outros Assuntos de Estado

O fato de todos estarem divididos em casais e famílias nucleares, com todas as uniões devidamente licenciadas e policiadas, é muito útil aos poderes estabelecidos. Um povo dividido é um povo conquistável; quanto menos ligações entre os indivíduos e mais estreita for a gama de associações permitidas, melhor. Quando você está ligado e é responsável apenas por um punhado de pessoas, seus inimigos sempre terão possíveis reféns: "Mas eu não posso correr nenhum risco — quem cuidaria da Carla?" Por outro lado, quando você se sente apaixonadamente conectado e responsável por toda uma comunidade, é mais provável que você pense nos seus interesses de forma coletiva — e estará em melhor posição para lutar por eles, também.

O casamento exalta a ligação entre duas pessoas com a conclusão implícita de que são eles contra o mundo — e o estresse desta configuração freqüentemente os faz se voltar um contra o outro. Mas, queiramos ou não, todos temos que viver juntos neste planeta e agüentar as conseqüências das ações de cada um: na prática, estamos todos casados, e já é hora de começarmos a pensar e agir de acordo. Depois que a falsa promessa da benção matrimonial do até-que-a-morte-os-separe o tenha decepcionado completamente, será que é mais utópico fantasiar sobre conceber suas relações como Uma Grande União? Imagine ser íntimo e ficar confortável com todos ao seu redor, deixando cada relacionamento evoluir independentemente dos outros, e — sim — fazendo amor com qualquer um que também quisesse fazer amor com você sem que isso faça o mundo que você conhece acabar. Você pode, não pode?

Adultério é Oposição Leal ao Casamento

No fim das contas, o adultério só é possível pois deixa as perguntas que levanta sem resposta. Como o ladrão, o vândalo e o suicida, a adúltera só faz meia revolução: viola os decretos da convenção autoritária e da lei, mas permite que continuem em seu lugar, ditando suas ações — sejam essas ações obedientes ou reações. Seria melhor se ela expusesse ao mundo tudo o que ela *é e quer*, sem culpa ou arrependimento e exigisse um espaço para ela e seus desejos, quaisquer que sejam. Então sua luta poderia ser o início de uma revolução nas relações humanas da qual todos se beneficiariam, não apenas um ímpeto isolado de paixão e insurgência para ser pisoteado antes que ilumine alguma coisa.

Deixe-nos abrigá-la e defendê-la da humilhação desta sociedade sempre que ela der um passo à frente, para que ela possa agir — pois ela age, como nós, pela paixão ardente por um mundo novo.

Eu minto pra você

porque não posso aceitar a verdade — pelo menos não esta verdade. Eu adio, desesperadamente, esperando toda noite, quando caio no sono, que irei de alguma forma acordar em outro mundo. E toda manhã isso não acontece, e eu me protejo contra a realidade para que possa passar mais um dia sem percebê-la — e tentar a minha sorte uma vez mais, mais desesperadamente, nessa noite.

porque eu temo você, tanto quanto a verdade. Eu não estou preparado para confrontar isso, nem você, e você já deixou isto bem claro.

porque não sei como dizer esta verdade a você. Devo contá-la do jeito que eu mesmo entenderia, mesmo se você vai interpretá-la de forma que diga algo completamente diferente? Ou devo contá-la do jeito que imagino que fará você se sentir do modo como penso que você se sentiria se de alguma forma eu pudesse lhe explicar isso sem palavras e distorções? Qual dos dois é honestidade? Qual é mentira?

porque existem lados dessa verdade que não podem ser expressos, invisíveis a olhos estrangeiros, que se tornaram preciosos para mim. Tais tesouros são esmagados sob o peso das palavras, se tornam meros escândalos, destroços, pó. Eu te amo, mas não vou arrasar minhas cidades secretas e transformá-las em ruínas e vergonhas para você.

para preservar alguma coisa, qualquer coisa, de mim, neste mundo impessoal e empobrecedor.

porque sou um covarde, é claro. Ou seria porque um demônio oculto em mim se regozija na confusão?

porque esta verdade vai destruir todos nós. Eu empurro este crime, esta desonestidade, como defensor da humanidade e de tudo que é belo...

porque as palavras mentem quando estão na minha boca — em qualquer boca. Palavras não podem expressar nada importante...

... então a alternativa é o silêncio. Eu minto para você *porque eu não aceito o desespero, porque eu sou um otimista: eu espero pegar a verdade por algum milagre ou vodu na minha teia de mentiras.*

É um absurdo exigir honestidade incondicional dos outros e colocar toda a responsabilidade por isto sobre seus ombros. Nós dizemos a você exatamente as verdades que você torna possível contarmos. O que nós não expressamos, guardamos tristes e com medo — pois não há nada mais doce do que nos oferecermos honestamente a nossos companheiros que podem compreender e celebrar o que nós somos. Segredos são bons — mas compartilhá-los é melhor ainda. Se você souber a verdade, lute para ser alguém com quem ninguém precise sentir vergonha de nada, com quem nada é proibido. A realidade, mesmo no caso daqueles que mais amamos, é sempre mais ampla e louca do que qualquer coisa que você poderia antecipar. Vamos ser abertos e loucos o suficiente para recebê-la de braços abertos.

Muito antes de me unir aos bárbaros, eu já tinha aprendido tudo que sei sobre atividade clandestina. Contrabandeando paixões secretas sob o radar dos meus pais e depois sob os narizes das minhas amantes me preparou para pesquisar alvos sem deixar rastro e passar fitas de vídeo por revistas da polícia. Se aprendi algo na minha adolescência, foi que o preço dos momentos mais maravilhosos era ter que deixar de ser honesto com aqueles no poder.

Isso foi de grande utilidade durante o ensino médio quando eu saía pela janela para me encontrar com Linda e depois mais tarde quando eu tive que pensar rápido perante o júri, mas isso não me deu a habilidade de ser honesto a respeito das minhas necessidades quando as pessoas "no poder" eram minhas próprias companheiras. Meu casamento acabou em desastre depois que me apaixonei por Chloe; quando aquele poço secou, Chloe e eu traímos um ao outro e seguimos adiante para repetir o mesmo ciclo com outros.

Milhões de pessoas a cada geração chegam sozinhas à conclusão de fazer as pazes com sua tendência à infidelidade, pois ninguém ousa falar abertamente sobre esse assunto. Não existem autobiografias honestas, que não tenham sido obscurecidas por bravatas ou por vergonha, nenhum conselho familiar útil é passado sobre esse assunto, as páginas amarelas não mencionam nenhum programa de redução de danos para traidores em série. Mesmo que haja provavelmente mais adúlteros no mundo que vegetarianos! As pessoas preferem admitir que são criminosos em guerra com Deus e com a Nação do que encarar as conseqüências e implicações dos seus casos amorosos secretos.

Levei décadas para assumir para mim mesmo que era eu no poder fazendo mal àqueles que eu amava e não o contrário. Eu via as expec-

tativas das minhas amantes como amarras, mas muitas vezes eu participava na criação dessas expectativas. Para ser justo, eu não conseguia imaginar outra forma de agir. Eu só tive contato com o poliamor durante a ocupação na universidade; àquela altura eu já era velho o suficiente para sentir que nunca teria outro relacionamento, e certamente não com esses jovens malucos. Quando se trata de romance, depois que atinge uma certa idade você se torna invisível.

Eu aceitava o isolamento da meia-idade com uma mistura de melancolia e alívio. Eu terminei meu último relacionamento mais ou menos na época em que cancelei aquela viagem de negócios, juntando-me às legiões de homens solteiros marinando na amargura enquanto o mundo continua sem eles. Se era assim para os homens de meia-idade, eu não posso nem imaginar como deve ser para as mulheres da minha geração — mas eu estava separado delas também, todos éramos invisíveis uns aos outros. Solitário como eu me sentia, pelo menos não tinha que me preocupar em partir mais corações; eu me sentia como uma mercadoria danificada, o portador de uma doença que só causa males àqueles que dele se aproximam.

O que eu mais sentia falta, no fim das contas, não era o romance ou o sexo, mas sim a intimidade em compartilhar um mundo privado com alguém. Isso pode explicar porque eu respondi tão inusitadamente ao carinho de Kate, porque eu me esforcei tanto em me envolver em um movimento que normalmente não tem espaço para pessoas da minha classe ou carreira. Eu adorava o companheirismo de comer juntos, planejar juntos, andar pela rua juntos, aos meus olhos, essa unidade era o aspecto verdadeiramente revolucionário da coisa, muito além de quebrar vitrines. Mesmo pessoas como meus antigos colegas de trabalho devem ansiar por este tipo de companheirismo. Durante seus anos de universidade, as fraternidades e repúblicas foram o mais perto que já chegaram disto e eles sentirão nostalgia dessa ridícula simulação de comunidade pelo resto das suas vidas.

Entretanto, com o cessamento completo das atividades locais eu passei muito tempo sozinho. Agora que tinha pedido demissão do meu emprego no jornal, eu raramente via alguém, só em reuniões ocasionais. Eu estava trabalhando em um livro, depois de muito tempo, mas era um guia para jornalistas radicais, e não a crônica de uma testemunha da insurreição e da depravação que eu inicialmente imaginei que me catapultaria para a fama corporativa; além disso, eu me ocupei fazendo trabalho na mídia independente e relendo Tolstoi e Melville. Eu tinha algum dinheiro economizado, suficiente para adiar

uma busca por emprego se eu o utilizasse comedidamente. Finalmente, me veio a idéia de que eu poderia me envolver em alguns dos projetos comunitários que eu sempre estive muito ocupado para investigar. Foi assim que comecei a ver Marshall novamente.

O tempo todo, mesmo durante os tempos mais difíceis, Marshall manteve funcionando o seu programa de distribuição de alimentos com quaisquer voluntários disponíveis no momento. Sindicalistas perderam o contato com os trabalhadores que estavam envolvidos na greve do campus, como a maioria deles trocou de emprego nos anos seguintes; mas Marshall ainda visitava os seus bairros toda semana com o porta-malas cheio de pães e vegetais. Antecipando outra gélida rejeição, abordei-o e ofereci meus serviços.

Me surpreendi com a sua resposta. Ele parecia se esforçar muito para fazer eu me sentir bem-vindo e valorizado; dentro de algumas semanas eu era um participante regular, indo de carro a todas as lojas, lavando os produtos que coletávamos e às vezes acompanhando Marshall em seu roteiro. Ele me parecia mais triste agora, seu fronte mais contraído do que antes, mas também mais tolerante e maduro. É claro, eu não o conhecia bem antes.

Quando me juntei a ele, ele já tinha acompanhado várias gerações de funcionários nas lojas. Toda vez que um pedia demissão ou era pego, nós tínhamos que voltar a vasculhar as lixeiras até que encontrássemos outra conexão lá dentro; de vez em quando uma loja trocava a sua caçamba de lixo por um compactador de lixo e tínhamos que reformular nossa rota. Mesmos nossos carregamentos mais minguados eram o suficiente para alimentar dúzias de lares. Eu mal podia acreditar que eles faziam isso há anos sem que as autoridades os pegassem; era ainda mais difícil de acreditar que, durante anos antes disso, a comida apodrecia enquanto famílias gastavam seus últimos reais comprando macarrão instantâneo temperado com um pó insosso e valor nutritivo próximo de zero.

Entre as portas dos fundos, lixeiras, cozinhas e condomínios de apartamento, começamos a conversar. Primeiro nossas trocas eram superficiais, meticulosamente civilizadas; levamos um bom tempo para nos abrirmos um com o outro. Depois que o fizemos, havia muito sobre o que falar: o que nossos amigos em comum da ocupação estavam fazendo, por que o movimento havia morrido, quanto da tecnologia e produção atuais deveriam permanecer em um mundo pós-revolucionário. No fim, Marshall até mesmo pediu desculpas pela sua arrogância de antes.

Algo que me surpreendeu foi quão pouco eu via Kate. Parecia que ela e Marshall ainda estavam envolvidos, entre idas e vindas, mas ele parecia estar a evitando da mesma forma que eu comecei a evitar minha esposa quando eu não queria ser rotulado pelo nosso relacionamento mas não estava pronto para terminá-lo. Eu ainda tinha muita consideração por Kate; inicialmente eu esperava que convivendo mais com Marshall eu acabaria interagindo mais com ela também. Uma noite eu tive uma idéia do que estava acontecendo quando Marshall pediu que eu o deixasse em uma casa coletiva onde Samia estava ficando; ela o cumprimentou com um abraço que dificilmente era platônico e ele se virou, claramente pouco à vontade em demonstrar afeto na minha frente. Justamente Samia! Eu fiquei surpreso que eles até mesmo se falassem depois da última vez que os vi juntos.

Eu não podia estar em uma posição pior para trazer isto à tona, mas eu senti que era minha responsabilidade. "Isso não me diz respeito, e eu não tenho direito de me intrometer", comecei na próxima vez que ficamos juntos sozinhos no carro, "mas a Kate sabe sobre você e Samia? Você tem se encontrado com ela, né?"

Ele não respondeu. Eu olhei para ele; seus olhos estavam fixos no porta-luvas. Minha própria história de infidelidade estava se repetindo dentro da minha cabeça. O mundo tinha nos traído a tal ponto que só conseguíamos trair uns aos outros?

"Marshall, você precisa falar com ela."

Abominação

Não é difícil para as pessoas que dominam outras justificarem o seu poder: elas só precisam dominar e abusar de suas vítimas por tempo suficiente para que ninguém consiga imaginar que os dominados são responsáveis por si mesmos. Nas primeiras gerações de colonização, é necessário subjugar os selvagens com rifles; depois que eles tiverem aprendido a temer e obedecer, as armas podem ser mantidas fora do

campo de visão, até que finalmente os conquistados são integrados na ordem social como pedintes e empregados por sua própria vontade. No fim, os conquistadores podem desfilar pelo mundo como pessoas que fazem o bem: eles dão empregos para os pobres (contratando-os para cultivarem a própria terra que já foi de todos como um bem comum), remédios para os doentes (derivados do ambiente que foi retirado deles), e mediação entre as tribos que caso contrário estariam matando-se umas às outras (com armas vendidas pelos colonizadores, por causa de conflitos criados pela sua colonização).

Todo governo em poder hoje descende em linha direta desta brutalidade, por mais que eles se distanciem dela. Depois que os selvagens estiverem resignados à nova ordem, eles podem ter permissão de comer nas mesmas mesas que seus governantes — se eles puderem pagar a conta — e até mesmo concorrer a um cargo no Congresso; os mortos podem ter seus retratos em selos da mesma forma que caçadores penduram troféus nas suas paredes. Democracia é o silêncio na cidade após o massacre, o tratado de paz renunciando à independência. Se parece que não somos capazes de nos governarmos, é porque o governo têm nos debilitado sistematicamente.

Na medida do possível, aqueles que detém o poder mantém esta fachada de paz; mas toda vez que um indivíduo ou um povo sai da linha, os embargos são restaurados e as armas são sacadas novamente. Privado de alimento, isolado, humilhado, derrotado, um rebelde não consegue deixar de voltar-se contra si mesmo. Force as pessoas a viver em campos de concentração: elas se tornarão homens-bomba, e todos entenderão porque os campos são necessários. Puna as crianças pelos seus impulsos pela liberdade: quando eles se tornarem viciados em drogas, você pode exigir uma disciplina ainda mais dura para a próxima geração. Aquilo que é pronunciado como mal se torna mal; atrocidade gera atrocidade.

Aleijada e desgraçada, tornando realidade todos os estereótipos e julgamentos de seus inimigos, a sonhadora perde a fé em si mesma. Os oprimidos raramente conseguem sentir-se merecedores de uma luta por libertação: eles estão tão avacalhados, tão erráticos e se confundem facilmente, enquanto os poderosos são tão justos e bem informados. Em todo lugar onde brota uma flor em desafio à ordem estabelecida, nada resta depois além do seu oposto. Os generosos ficam pobres; os criativos e otimistas são levados ao desespero; os mais fiéis e corajosos acabam por trair uns aos outros. Acorrentada e delirante, cercada de clérigos do dobro da sua idade que a olham com des-

dém, Joana D'Arc mal consegue formar pensamentos, muito menos articular as visões paradisíacas que a levaram a lutar contra eles.

A abominação é o produto final de uma sociedade que reprime a diferença: o idiota gaguejante no banco dos réus, o desajustado que só consegue usar camisas-de-força, os indefensáveis e irrecuperáveis. Os monstros produzidos por nossa sociedade indicam os monstruosos desequilíbrios de poder que a caracterizam, e não a necessidade desses desequilíbrios — mas eles servem como a prova mais importante para os seus defensores. O revolucionário deve ser um ideólogo sanguinário, um descontente imundo com inveja do sucesso dos outros, ou então, na melhor das hipóteses, uma figura solitária colhendo flores na via dolorosa pela qual ele caminha. De outra forma, outras pessoas poderiam se juntar a ele.

Caim aceita o julgamento que lhe foi pronunciado, mas inverte os valores sobre o qual ele foi afirmado. Contra todos os conselhos, ele escolhe assumir a responsabilidade pelo que ele é, pelo que os outros o tornaram — para se tornar, desafiando todos, o que dizem que ele é: um ladrão, um trapaceiro, uma besta, um demônio. A vergonha é a única coisa que separa o de cima e o de baixo: ele despreza essa separação, e reconhece o seu triunfo pela sua derrota, o seu valor pela sua imprestabilidade, a sua riqueza pela sua pobreza. Com esta inversão, ele sobrevive.

Seus acusadores não conseguem imaginar serem rotulados de ladrões, trapaceiros, bestas e demônios. É impensável. Essas alegações são brandidas como armas sob a premissa de que ninguém sobrevive a elas. Ao abraçá-las, Caim vai além do seu mundo, inaugurando uma nova escala de valores: *O primeiro será o último, e o último será o primeiro.*

M.

Depois da nossa última conversa eu refleti bastante, e quero que você conheça minhas conclusões. Eu detesto ter que escrever isto em uma carta, mas eu tenho medo de ser muito covarde para lhe dizer assim que nos encontrarmos novamente. Irônico, né? Nós dois sempre encontramos formas de fugir das coisas difíceis, mesmo quando precisamos falar sobre elas. Não podemos mais fazer isto.

Não podemos continuar nossa relação. Eu amo você, ainda estou apaixonada por você mesmo depois de tudo, mas não é saudável para mim ficar com uma pessoa que não consegue ser sempre honesta comigo. Tentarei ser uma boa amiga mas tenho que cuidar de mim.

Você sabe que poderia ter me contado sobre isto logo que começou. Por mais problemas que tivéssemos poderíamos ter dado um jeito. Obrigado por, pelo menos, me contar isso agora. Pelo menos não preciso descobrir por outra pessoa.

Eu receio que também não poderemos mais compartilhar alguns projetos. Se você não me podia falar sobre isto, como posso contar com você quando minha liberdade depende disso? Acredite em mim, isso é tão frustrante para mim quanto deve ser para você. Fizemos tantas coisas maravilhosas juntos.

Nada parte mais o meu coração do que ter que escrever estas palavras. Eu faria de tudo para que isso acontecesse de uma forma diferente.

Mas meu caro, seja o que você tem que ser.

Aos prantos,
IC.

Ficar vivo é uma atitude reformista: você insiste na mesma abordagem, esperando por um resultado diferente. Suicídio, por outro lado: tem resultados garantidos. Se você quer resolver um problema, *resolva-o*.

Não é que eu não amasse a vida, pelo contrário, eu tinha um conceito tão alto dela, ou pelo menos do que ela poderia ser, que era insuportável viver aquela farsa. Eu vivi momentos de uma alegria incrível, me apaixonei perdidamente, reivindiquei bairros da polícia em uma guerra direcionada — depois de tudo isso, eu jamais retornaria à cozinha para lavar pratos. Eu passaria por tudo para viver essas coisas novamente, mas eu não estava interessado em somar cinqüenta anos ruins a vinte cinco anos bem vividos.

Eu não tinha motivo para acreditar que teria uma segunda chance algum dia. O mundo estava desmoronando à nossa volta e eu não estava ficando mais jovem. Eu me culpei por tudo: eu afastei meus amigos, fraturei coalizões nos momentos mais importantes, arruinei minha relação com Kate. Eu estava tão bravo comigo mesmo, tão desapontado.

Eu não podia parar de pensar em suicídio. Eu passava uma parte desproporcional de cada dia pensando nos detalhes, pensando em ter certeza do sucesso e onde deixar meu corpo. Mesmo separado da questão de se eu devia ou não me matar, dificilmente era um bom uso do meu tempo; eu mal conseguia focar em outra coisa. Durante os piores momentos, a cada meia hora eu tinha que sentar, me focar em passar de uma inspiração à outra, e falar comigo mesmo:

Ok, agora você está no fundo do poço. Lembre-se que você está em guerra. Pessoas como você não deveriam nem ter sobrevivido — você deveria se matar para poupá-los do trabalho. Você tem que passar por tudo isso por todos aqueles que não viveram para contar a história. Só o ato de sobreviver já é lutar nesta guerra. Só sobreviver.

Marsh...

Isso não será fácil de ler. Quando você passa todas as horas do seu dia, exceto uma, em confinamento solitário, com lâmpadas fluorescentes zumbindo sobre a sua cabeça, não é fácil escrever.

Ontem aquele repórter que lhe contei, do mesmo tipo que o Pablo, veio aqui. Os porcos nunca me dizem quem está lá fora quando eles vêm me buscar no horário de visitação. Eu supus que fosse minha avó, e em vez disso era um gringo numa camisa engomada, seriamente tentando ser âncora de notícias da revolução.

Eles não deixaram ele entrar com papel ou caneta, mas isso não o impediu: ele era uma verdadeiro repórter investigativo, um crédito para a sua profissão. Ele queria que eu explicasse "o movimento", quando o que eu queria era que alguém me explicasse alguma coisa, qualquer coisa! E devo dar uma declaração de motivos quando a minha cabeça ferve de raiva com todas as declarações flutuantes do passado, as quais eu estou constantemente apresentando, com cada vez mais escárnio, como provas contra mim mesmo.

De qualquer forma eu não pude lhe contar nada, é claro. Fui educado, mas eu gostaria de ter dito algo como isto:
Eu gostaria de me rebelar muito mais do que faço. Eu gostaria que o meu ódio fosse puro novamente, não diluído e estratificado como está. Como eu amaria amar e não sentir que o faço por hábito ou dever, como eu quero sofrer de verdade com estas tragédias, não do modo vazio e ensaiado que faço!

E tudo que eu disse sobre ser meu próprio mestre, como eu gostaria que uma nova paixão ou sensação me capturasse e se tornasse minha mestra!

Seria conveniente para vocês se eu me prendesse a idéias da mesma forma que os meus inimigos me trancaram nesta cela. Mas existem coisas em mim que escapam à descrição e à prescrição, e vocês também têm que reconhecê-las, caso contrário todas suas palavras sobre mundos e pessoas melhores serão em vão.

Quando vocês dizem "comunidade", eu me permito um sorriso furtivo de escárnio, porque eu não quero me esconder de mim mesmo na segurança dos seus números; eu quero estar sozinho no perigo e na agonia da solidão, que eu conheço e amo. Quando vocês falam de ação, eu adoro minha passividade, movendo-me indiferentemente através de um mundo distante, envolto nas agitações do meu próprio espírito melancólico. Eu prefiro sentar aqui num túmulo de concreto do que interpretar um papel numa falsa união.

Quando vocês celebram o romance com faixas e cerimônias, eu percebo dolorosamente quão pequena é a porção de mim que cabe nesse molde. E quando eu tento me submergir em multidões ou isolamento, repentinamente tenho vontade de ter uma companhia com quem fugir, em quem eu pudesse naufragar meu coração como um barco em um recife na busca por aquela imersão impossível pela qual os amantes anseiam, como mariposas anseiam pela luz que as queimará. Não que eu vá ter essa chance de novo, graças a Deus.

Quando vocês exaltam os bons e corajosos, tem uma parte orgulhosa e malvada de mim que é possessiva dos meus defeitos, da minha covardia, da minha

estupidez, e eu quero ser fiel a esta parte também, ao invés de me partir em pedaços. Quando vocês guardam o futuro como uma resposta feliz a todas nossas preces, um demônio dentro de mim deseja que esta angústia dure para sempre, vangloriando-se de infligí-la sobre mim mesmo... já que não posso colocar minhas mãos em mais ninguém.

Tão logo eu terminar o meu pleito por aceitação, o demônio em mim afastará os teus braços abertos. Construa um paraíso para mim; e eu ainda vou me rebelar, eu farei o paraíso desmoronar ao meu redor: pois toda casa é formada de muros, e eu só me sinto completamente eu mesmo no ato de transgressão, navegando em suas asas emprestadas.

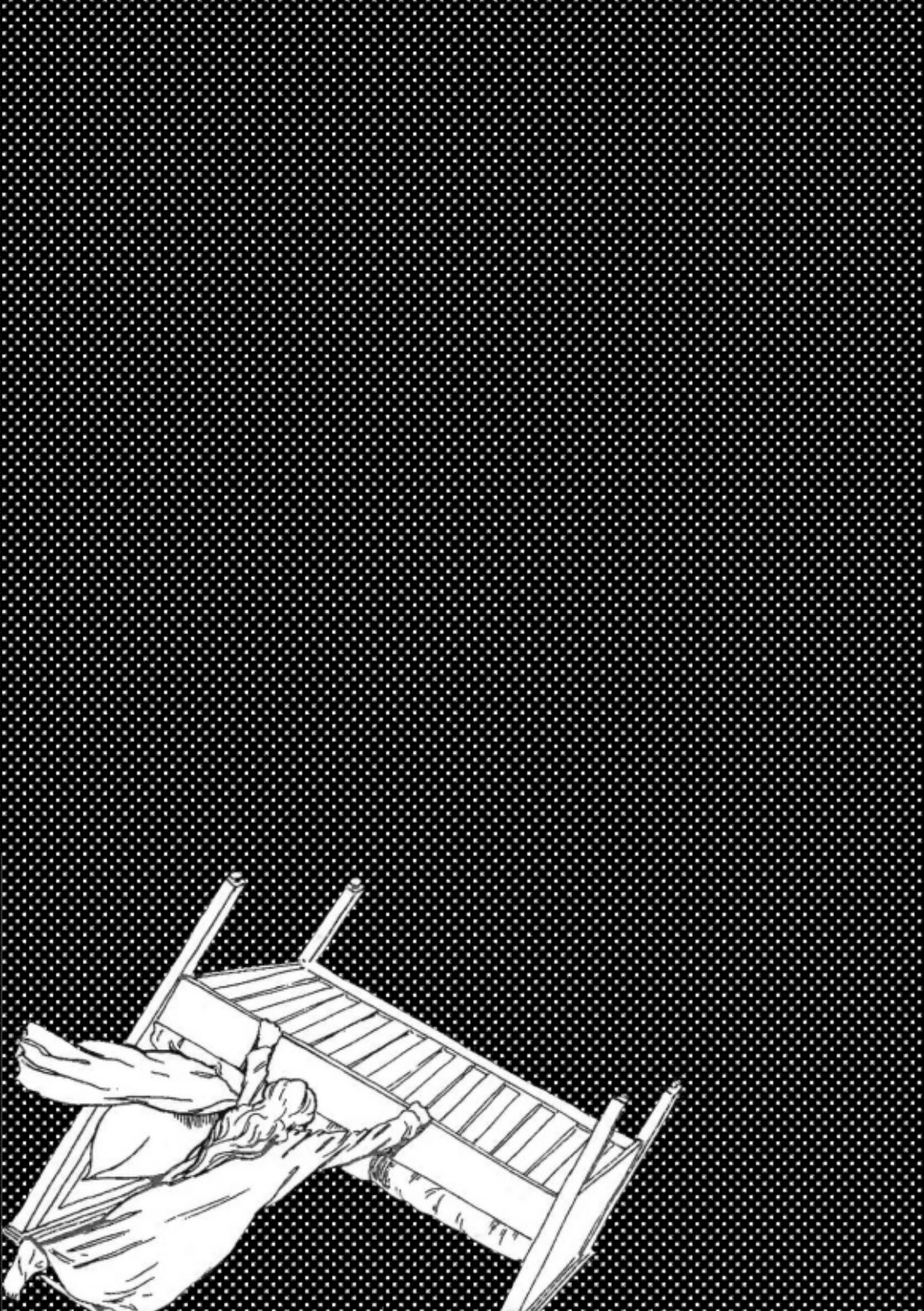
Eu sou o segredo terrível, a parte proibida que deve permanecer silenciosa, invisível, noturna, que nunca pode se revelar, e se tentar fazê-lo estará apenas traindo a si mesma. Deixem-me nas cozinhas, nos barrios e nas lavouras de milho, atrás de muros de penitenciárias e de patrulhas de fronteira; quanto mais vocês tentarem me enterrar, quanto mais vocês se comprometem com tudo que é nobre, permissível e inteligível, mais vocês precisam de mim, e mais eu sou uma parte de vocês. Ofereçam-me os cabelos mais loiros, o acento mais puro, cidadania para todos os meus parentes; e eu ainda acabarei na prisão com os ilegais que não conseguem nem ao menos falar o seu precioso inglês.

Eu queria contar a história do mais antissocial e indefensível dos homens, dar voz aos seus tesouros e tormentos desconhecidos, expor a sua desgraçada humanidade em um retrato tão persuasivo que vocês veriam a totalidade das necessidades dele como vocês vêem a totalidade das suas. Então todos os pecados imperdoáveis que ele cometeu estariam nas suas consciências, e vocês teriam que encontrar

uma maneira de lavar o mundo da vergonha de uma vez por todas ou morrer com os intocáveis que vocês tão orgulhosamente desprezam... pois depois que vocês sentirem o gosto de todo esse rancor, auto-desprezo e malícia, vocês serão culpados também. Então não é tão humanitário da sua parte se apresentar como anjos: seria melhor apresentar os seus defeitos em solidariedade com o resto de nós. Além disso, se é misericórdia que vocês querem oferecer, todos sabem que são só os sofredores, os mais baixos de todos, que podem ministrá-la uns para os outros. Eu prefiro ter a simpatia das prostitutas do que as boas ações de padres bisbilhoteiros.

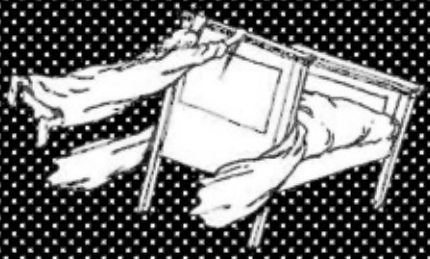
Isto é absolvição para os excluídos e não-arrependidos, para os viciados, infectados e fracos, para aqueles que tiveram que se prostituir para sobreviver. O mundo tem que estar no sol para nós, também, ou então continuaremos a envenená-lo enquanto apodrecemos nos seus guetos e masmorras. Por um mundo que não conheça monstros, por um dia em que nós não sintamos vergonha, deixem-nos mostrar nossos rostos para reclamar a nossa parte.

completamente fora de controle
DIEGO



Fatos e eventos parecem conspirar contra nós: apostamos nossas vidas em milagres, e os milagres não estavam acontecendo. Nós demos tudo para acreditar neles, por causa da beleza dessa crença e das coisas que ela nos tornava capaz de fazer; mas quando o mundo continuava inalterado, começamos a duvidar de nós mesmos. Em grandes testes, sempre duvidamos — esse é o teste.

Nossos sonhos nos tratavam como nós, conseqüentemente, tratávamos uns aos outros: os momentos mais tensos nos chamando, a beleza tanto desejada brilhando à distância — e então quando nos distanciamos de tudo mais e procuramos abraçá-los, curvar tudo na sua busca, eles nos desprezaram, nos evitaram, nos deixaram mudos e quebrados, incompreensíveis para as multidões que nos cercavam que também estavam atrás de sonhos, porém não seus próprios sonhos.



E então, furiosos, com os corações partidos, nós rejeitamos nossos sonhos loucos; mas no seu despertar, todos os outros planos pareciam medíocres, todas esperanças pouco empolgantes, e um a um nós voltamos a arder e queimar novamente.

Como você quer morrer?

Pendurado de uma viga com o banquinho caído ao chão embaixo de você? De uma overdose de calmantes, como uma atriz ou uma dona-de-casa de saco cheio? Abrindo suas artérias com uma navalha, em uma banheira de água quente para que você não trema muito enquanto o calor deixar o seu corpo?

Repentinamente, numa explosão de miolos e ossos no concreto aos pés do arranha-céu onde você trabalha? Ou aos poucos, prestação após prestação com os cigarros, gordura saturada e ar poluído, pressão alta, radiação, toxinas na água, substitutos cancerígenos para o açúcar e telefones celulares?

Você quer certeza, com uma arma na sua têmpora? Ou você joga na loteria — dirigindo na autoestrada, fazendo sexo sem proteção, pagando impostos a um governo que pode enviar você à guerra ou a polícia à sua porta com armas na mão?

Talvez você esteja sendo pago para isso — o quanto você vale por hora? Você lava pratos por um salário mínimo, dá e recebe ordens por um salário de gerente, luta para chegar ao topo para conseguir um preço justo pela sua vida?

Ou você a está adquirindo? Comprando-a em porções individuais, comprando um gostinho sempre que você pode, com álcool, cocaína, heroína, prostitutas, filmes de ação, videogames, televisão, tudo que for preciso para se soltar por um instante? Às vezes você quer ir direto ao inevitável, lançando-se no abismo de algum vício, religião, negação absoluta de tudo que você sempre quis, tudo que o desapontou?

Você saboreia cada gota, fazendo-a durar o máximo possível? Uma dose moderada todo dia para o resto da sua vida, com seguro saúde para ter certeza que você não vai perder uma única hora? Ou você está pronto para acabar com isso de uma vez, consumar o negócio com um gesto desafiador, exibindo o seu desdém pelas tragédias absurdas deste mundo enquanto você cai no meio de uma rajada de balas?

Ou talvez, no fim das contas, você não quer morrer. *Mas o que há além disso?*

Desespero

"Eu gostaria que todas as pessoas que se mataram estivessem vivas — e todas as pessoas que estão vivas *se matassem!*"

Se há uma camada social abaixo da classe baixa, um grupo que sofre ainda mais com os absurdos de nossa sociedade, são os suicidas. A classe suicida — a todo minuto, mais um se espatifa na calçada. Quem é mais desprovido que eles? Eles só são reconhecidos quando se ausentam, só o seu sangue fala por eles. Eles sabem melhor do que qualquer um o que deve mudar neste mundo, e ainda assim desesperados por não conseguir modificá-lo eles se vingam sobre as únicas vítimas fáceis — dando um novo significado ao dito de que aqueles que só fazem meia revolução cavam os próprios túmulos.

Imagine uma pessoa que percebe que a sua vida está fora de seu controle ao ponto de que ele só pode reconquistá-la se matando! Pode uma sociedade ser livre e saudável se as pessoas vão a tais extremos para conseguir escapar?

Assim como o roubo e o adultério, o suicídio é proibido, uma abominação inominável. Matriarcas satisfeitas que nunca tiveram que lutar contra uma depressão debilitante sentem-se autorizadas a desprezar a covardia daqueles que tomam a difícil decisão de acabar com suas vidas. Mesmo os doentes terminais não podem decidir quando e como eles vão morrer — existem leis que os proíbem, como se os vivos pudessem legislar sobre aqueles que vão morrer! O que dizer de uma civilização que não apenas proíbe os seus cidadãos de se matar mas nem ao menos permite que se *perguntem* — se a vida merece ser vivida?

E ainda assim cometemos um pequeno suicídio a cada instante em que nos negamos a vida que gostaríamos de viver. Suicídio à vista é proibido, mas a maioria aceita de boa vontade a morte parcelada, gastando sua vida pouco a pouco, de hora em hora. Não importa quão insatisfeitos estão em suas vidas, eles não ousam sair dela, pois Deus está esperando do outro lado para puni-los por falharem em suas tarefas terrenas — Deus, ou então a Opinião Pública, a quem Ele nomeou em Sua ausência.

Enquanto isso, se um jovem se alista no exército e obedece cegamente ordens que o levarão a uma morte sem sentido, ele é considerado corajoso e valoroso. O Suicídio, como o Desastre, é perfeitamente aceitável se ele ocorrer dentro dos termos estabelecidos pela ordem vigente; você pode morrer em suas mãos, mas não por sua própria vontade. Aqueles que se dão um tiro ou se enforcam são here-

ges ousados, como os místicos pretensiosos que alegam receber uma luz divina que contorna o Papa: se autodestruição é a ordem do dia, eles são determinados a ter uma relação direta com ela, não importa o que os outros digam. Ao rejeitar a morte em vida e a soberania das autoridades sobre as suas vidas, eles estão apenas a um passo de rejeitar a morte e a dominação: *Nem morte, nem impostos!*

Mas de novo, assim como o roubo, o adultério e outras válvulas de escape, o suicídio nos isola — de fato, é o ato mais isolador de todos. Ao mesmo tempo em que ele devolve um instante de autonomia a um indivíduo, ele evita que as pessoas estabeleçam uma propriedade coletiva das suas vidas. Aqueles que cavam suas próprias covas só fazem meia revolução. Se ninguém pudesse roubar, se ninguém pudesse trair, se ninguém pudesse acabar com a sua vida e mesmo assim ainda houvesse as tensões que assolam nossa sociedade hoje — imagine os grandes levantes que se seguiriam!

Se todos que se mataram pudessem comparar suas anotações em algum grande centro de convenções no além, o que eles poderiam nos dizer? Talvez eles pudessem ajudar uns aos outros quando ninguém mais pode; talvez eles se arrependessem de não ter montado uma organização revolucionária composta daqueles que não têm nada a perder, ao invés de terem se destruído; talvez eles estranhassem que pareceu bem mais fácil para eles fazer violência contra si mesmos do que responder à violência exercida contra eles.

É tarde demais, é claro — suas vidas estão presas na eternidade, isoladas como moscas presas no âmbar. Mas ainda há tempo para encontrarmos aqueles que estão contemplando o suicídio, encorajá-los a falar livremente sobre os seus sentimentos e darmos o melhor de nós para construirmos um mundo que ninguém gostaria de deixar para trás.

"Acabe com o meu sofrimento ou *me tire dele!*"

A vida não é simplesmente uma prisão, uma sentença. Isso ocorre a todos pelo menos uma vez. Temos uma opção que nos torna mais livres que os deuses, assim como todos empregados são mais livres que todos os patrões: nós podemos cair fora. Podemos saborear essa idéia em todos extremos; ela nos dá consolo quando nada mais dá. Nada nos obriga a viver — portanto, se tivermos a coragem para isso, a todo momento a vida pode se tornar um quadro em branco, um espaço no qual tudo é possível e podemos arriscar tudo.

Com esta liberdade, só seremos escravos se quisermos ser. Escravidão é para aqueles que ainda acreditam que seus chefes controlam a morte assim como a vida — não para nós. Para nós, só há o desconhecido. Ele pode ser terrível, ele pode ser a salvação, ele pode ser vazio, mas nunca o conheceremos, seja na vida ou na morte. Fronteiras para serem cruzadas, novos mundos para explorar, abismos para corrermos riscos — sim, a possibilidade de alegria, de realizar nossos desejos mais queridos, e também de arriscar. Os riscos de finalmente confrontarmos o medo, ousando o desconhecido, fitando o lado feio da vida nos olhos — de uma forma ou de outra *pedirmos demissão do emprego de existir*.

Para a maioria de nossos contemporâneos, a própria vida é um emprego, uma luta desesperada para darmos conta de milhares de obrigações — incluindo a mais triste de todas, nos divertirmos. Esses infelizes esquecem a leveza da vida, a leveza de cada momento, cada situação, em face da não-existência.

Podemos escolher não viver. Então não há razão para não nos abrirmos, arriscarmos tudo, para uma vida de felicidade. Há sempre a opção de pôr um fim às coisas — podemos também fazer apostas altas se escolhermos existir. Pois afinal, o pior que pode nos acontecer já é garantido.

Não existe motivo para nos levantarmos de manhã, senão para *viver*. Nenhum patrão, nenhuma lei, nenhum deus pode tirar de você a possibilidade de dizer Não.

Tudo isso é inútil, e não é novidade, para o suicida, que já se desligou da vida e deseja a morte simplesmente para finalizar o arranjo, para dar um fim à inconveniência de sentir uma coisa e viver outra. Quando você já está exausto e desmoralizado, nenhum simples exercício mental vai lhe fazer mudar de idéia; homens-bomba, ao contrário do que se imagina, devem agir a partir de um enorme investimento nesta vida para serem capazes de morrer para fazer mal aos outros. O

suicida comum mal consegue passar o aspirador em seu apartamento, muito menos levar a cabo uma missão elaborada.

Mas imagine se as pessoas vivessem como se fossem morrer a qualquer instante, seria como se elas nascessem de novo todos os dias! Imagine se ninguém deixasse a vida se tornar um emprego para si ou para os outros! Quantas pessoas se matariam? As pessoas cometem suicídio quando é mais difícil para elas imaginar deixar as suas obrigações de lado do que deixar de existir — aqui estão novamente os nossos costumes e investimentos, se tornando cancerosos e inorgânicos, levando-nos para o túmulo antes do tempo.

Vida — Considere a Alternativa

Se fôssemos corajosos ou impulsivos o suficiente para tal, nosso desespero nos daria poderes sobrenaturais. Imagine ser capaz de agir sem medo das repercussões, de escolher o desconhecido em vez do insuportavelmente familiar, largar obrigações e relacionamentos nocivos à nossa saúde no instante em que você percebe o que eles são. É preciso uma misericórdia implacável para deixar o sentimentalismo de lado e nos lembrarmos de tudo que ainda não aconteceu e *pode nunca acontecer*, todos os sonhos que nunca se tornaram realidade — para reconhecer que não podemos esperar para sempre, não temos tempo para isso.

Deixe o passado ir embora. Todas as antigas batalhas que você ainda luta, todos seus mecanismos de negação e de defesa, todos os vícios e inércia que você acumulou e todos os medos que o prendem a eles. Esta será a coisa mais difícil que você terá que viver — mas deixe-os ir, deixe-os morrer, tenha coragem nos momentos silenciosos no vácuo quando você espera, tremendo, a sua nova vida nascer. Ela existirá.

Desespero. É nossa única esperança.

Quando seus amigos o entendem errado e os seus inimigos o entendem bem demais, quando acordar de manhã parece mais uma derrota que um triunfo, quando a lâmina de barbear ou o penhasco o chamam, lembre-se — a morte não é bonita, apenas tem uma boa campanha publicitária. Lembre-se o que eles fizeram com Miquelângelo, esperando até que ele morresse para pintar sobre suas obras de arte, assim como da irmã racista que Nietzsche odiava que o apresentou ao mundo como campeão da sua causa depois que ele perdeu sua sanidade — como Paulo usou Jesus, e Platão usou Sócrates, e os Comunistas usaram Durruti. Os mortos não podem se defender.

Não dê nada aos seus inimigos. Deixe suas lágrimas virarem pedras que poderemos lançar com catapultas. Escreva o seu próprio epitáfio e grite-o aos quatro ventos. Esta vida é uma guerra que ainda não estamos vencendo para os filhos de nossas filhas; não faça o trabalho dos seus inimigos — termine o seu.

Se você está lutando, você já venceu.

"Talvez tudo que tenha sobrado do mundo seja um deserto coberto com pilhas de lixo e os jardins suspensos do grande palácio de Khan. São as nossas pálpebras que os separam, mas não temos como saber o que é *dentro* e o que é fora."

Apesar de todas nossas alegações ao contrário, para nós a revolução ainda era um mero conceito, um futuro fantasiado: a revolução social, quando finalmente colocaríamos em prática todas essas abstrações sobre transformar tudo; a revolução pessoal, quando finalmente viveríamos como se a vida estivesse acabando um minuto de cada vez. Convocando ações de massa em nome da libertação total, nós ainda temíamos confessar nossos problemas e desafios pessoais uns para com os outros; vandalizando anúncios publicitários de dietas, denunciando propaganda patriarcal nós ainda não conseguíamos aceitar os nossos próprios corpos e desejos. Todas essas declarações de guerra e fábulas sobre insurreição, talvez fossem apenas besteiras e absurdos: tais idéias brotam das necessidades psicológicas daqueles que as vendem pelo menos tanto quanto brotam de qualquer reflexão sobre o que é desejável ou possível. Olhando para trás, parece que precisávamos estar num amor não-recíproco com algum evento apocalíptico — assim como muitos de nós não amávamos, coincidentemente, uns aos outros — pelo menos tanto quanto nós realmente desejávamos ou esperávamos. Essa espera encheu tudo de significado, mas também tornou tudo suportável — quando já tínhamos pensado, e continuamos insistindo, que tudo era *insuportável*.

No fim das contas, encontramos formas de sobreviver: nós — que nos orgulhávamos de nossa intransigência, que tínhamos passado por momentos em que parecia a velha ordem estava ruindo e juramos defendê-los e estendê-los ou morrer tentando — também encontramos maneiras de suportar o tempo e nos perder na rotina, embora fosse uma rotina de resistência. Desenvolvemos nossos próprios rituais para comemorar os fantasmas das insurreições passadas — e lentamente, famintos por algo tangível para continuar, começamos a confundir essas formalidades com a própria libertação.

Enquanto isso, aqueles que tinham vivido todas suas vidas sob o peso do trabalho, do aluguel e dos gêneros, que achavam que essas in-

justiças eram forças inescapáveis da natureza, ainda viviam a resistência como uma forma de libertar-se da realidade, um choque de sistema, da mesma forma que eu senti quando fui pro campus pela primeira vez em atrás do acampamento. O mais perto que eles chegaram da libertação foi admirar as estrelas durante um blecaute, compartilhar recursos depois de um ciclone, interromper uma cerimônia de casamento ou uma assembléia na escola. Se eles pararam por aí, foi falta de imaginação, não uma falha de caráter: por mais doces que fossem esses momentos, era impossível imaginar qualquer coisa além deles. Talvez fosse preciso despertar, como eu, felizmente, o fiz, sob constelações diferentes, cercado de belos estranhos, para estar pronto para investir em diversão, risco e revolta como um meio de vida. Mas não existiam terras estrangeiras suficientes para acomodar a todos: tínhamos que conjurá-los aqui, de alguma forma, em solo conhecido.

Eu vinha me dizendo isso há anos sem ir até o fim. Toda vez que eu chegava a esta conclusão, acabava sendo muito difícil conjurar e muito fácil fugir. Talvez algum dia eu estivesse esperando de boa fé pela revolução, mas eu não estava mais convencido de que ela se aproximava. Eu estava errado ao deixá-la para os outros; eu não podia ajudar ninguém a romper com a realidade se eu mesmo não acreditasse que era possível. Se nenhum momento crucial de transformação estava vindo, cabia a mim trazer ao presente as coisas que eu desejava.

Eu não penso mais que a revolução é um objetivo para o futuro; agora eu a vejo como algo que já está acontecendo, um ponto de ruptura. É o limiar sobre o qual as pessoas passam a acreditar em milagres, por falta de um mundo melhor — e, nesse estado de graça, se descobrem capazes de mudar coisas que pareciam imutáveis. Mais cedo ou mais tarde elas retornam dessa fronteira, mesmo que eles voltem como revolucionários dedicados, e é pior para nós que temos que agüentar revolucionários que não acreditam mais em milagres! Você tem que ser um verdadeiro romântico, um maníaco que confia mais em contos de fadas que na realidade, para ficar por mais tempo além desse horizonte, ainda mais para esperar que todos se juntem a você lá. Mas isso, acreditar no inacreditável, é o que é preciso para realizar nossos sonhos, é o que torna tais sonhos possíveis.

O fato de alguns de nós persistirem dia após dia, acreditando em milagres em um mundo que nega toda magia e mistério, é em si mesmo um milagre: e uma prova de que podemos, de fato, fazer qualquer coisa.

O primeiro passo era ajeitar as coisas com meus velhos amigos e descobrir quais ainda tinham disposição para lutar. Então eu imaginei que iríamos reconvocar as tropas, abrir um centro social como aquele que tinha começado com a ocupação. Eu sempre quis isso, mas só agora eu estava pronta para assumir responsabilidade por fazê-las acontecer. Também não havia tempo a perder, todos diziam que havia outra guerra se aproximando.

Eu fui até Kate da forma que Marshal veio até mim, disposta a responder pelas minhas ações e fazer o que eu podia para reconquistar a sua confiança. Eu temia pelo pior, as pessoas freqüentemente perdoam os erros dos seus parceiros enquanto culpam as parceiras dos seus parceiros, mas ela fez um esforço para ser simpática. Conversamos por muito tempo. Eu não esperava que as coisas entre nós fossem iguais ao que eram antes por alguns meses, talvez anos, mas pelo menos estávamos conversando.

Depois eu procurei Rita, que acabara de se mudar de novo para a cidade. Eu não havia visto muito ela desde a marcha até o muro. Eu descobri que ela estava morando com Sherry, outra amiga daquela época.

Depois que paramos de nos ver regularmente, Rita esteve entre aqueles que começaram a se preparar para o colapso industrial; ela fez uma mudança dramática do ativismo ambiental convencional para um tipo de sobrevivencialismo apocalíptico. A última vez que passamos algum tempo juntas, ela estava vivendo no campo, aprendendo a identificar plantas comestíveis e a preparar peles de animais.

Você pode imaginar minha descrença quando eu encontrei um condomínio gigante no endereço que ela me deu. Eu chequei duas

vezes o papel amassado no meu bolso e olhei em volta, só para garantir, antes de prender minha bicicleta na cerca de metal. Com certeza, seus nomes estavam na lista ao lado do porteiro eletrônico: *Rita McKean, Sherry Lechleidner, B2*.

Ela apertou o botão e me encontrou na porta. Sherry estava na cozinha atrás dela, fazendo café ao lado de uma geladeira de inox novinha em folha.

Eu não consegui me segurar: "Como você consegue pagar esse lugar? É tão chique."

"Uma palavra: crédito! Mas eu também consegui um emprego no campus. É uma porcaria, mas é melhor que a pobreza! No fim das contas todo aquele negócio de ONG foi bom para o meu currículo."

Isso foi inesperado, mas não deixei isso me abalar. O próprio Pablo não tinha feito coisas legais quando trabalhava em um jornal corporativo?

Rita me levou à sala de estar e me indicou um pufe em formato de coração; Sherry se juntou a ela no sofá. Depois que nos atualizamos um pouco, eu comecei a falar.

Ela não me deixou ir muito longe. "Sami, não estou interessada em nada deste tipo agora."

Eu estava incrédula. "Espera, me escuta! Não me diga que você gosta de estar de volta a um escritório!"

"Estar em um escritório é horrível, com certeza, mas, sinceramente, é muito mais fácil de tocar a minha vida sem me sobrecarregar. Eu realmente estava num beco sem saída."

Sherry assentiu vigorosamente. "Todo aquele negócio de ativismo, você não acha que é só uma forma de se tornar infeliz, um álibi para adiar o fato de aceitar a realidade?"

"Mas e todas as pessoas que não podem trabalhar em escritórios?" Aquilo não era mesmo o que eu queria dizer. Eu estava frustrada, falando coisas batidas.

"Você realmente acha que alguma das coisas que fizemos ajudou eles?"

"Bem, em primeiro lugar, a greve..."

"Claro, mas eu sei que você irá concordar que só uma mudança fundamental no sistema econômico poderia fazer uma verdadeira diferença. Uma grande mudança como essa está totalmente fora das nossas mãos. Eu apenas admito isso."

"Você acha que o que fazemos não importa?"

Sem respirar, com uma mistura de submissão e orgulho, Rita me contou: ela tinha perdido seu idealismo, e com ele o seu comprometi-

mento com a luta. Durante a conversa que se seguiu, com cada vez mais entusiasmo, as duas se referiam a esta perda como se ela representasse uma transição importante a um novo estágio da vida, talvez até mesmo para um plano de consciência mais elevado. Elas falaram sobre isso, pra resumir, da mesma forma que adolescentes confessam que perderam sua virgindade.

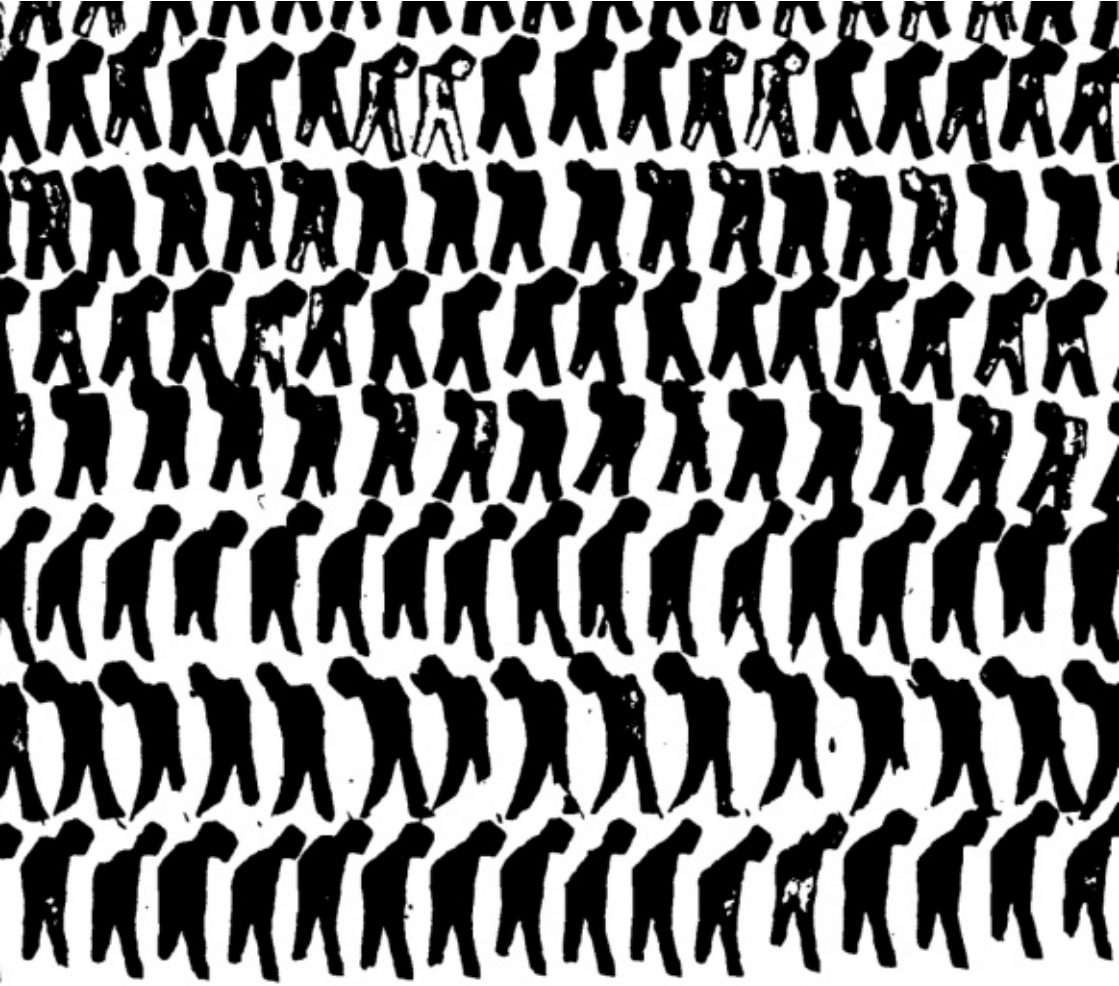
Quando elas passaram a reclamar sobre ter que preencher suas declarações de imposto de renda novamente, eu tive que morder o meu lábio. Eu queria dizer: "Então, vocês finalmente cresceram, né? Não se preocupem, ouvi dizer que, de qualquer jeito, a primeira vez não é muito boa! Mas mais cedo ou mais tarde, vocês vão se acostumar com isso, e no tempo certo, vão até mesmo começar a gostar!"

"A gostar... do quê?" elas respondiam na minha imaginação.

"DE SEREM FODIDAS!"

Saí bufando pela rua, batendo meu tornozelo no pedal da bicicleta a cada dois passos, tentei chegar ao fundo da minha raiva. Rita tinha sido uma boa amiga, uma das poucas com quem eu mantive contato desde os meus dias de secretária. Eu e ela passamos pela mesma evolução depois daquele infame encontro na Câmara Municipal. Então me senti abandonada, este era um aspecto das coisas.

Rita havia desistido de esperar pelas grandes mudanças que ela queria ver, assim como eu: mas da parte dela, isto significava que não havia motivo para fazer nada exceto as coisas que ela tinha que fazer para ser como todo mundo da sua classe. As calotas polares podem derreter, o mundo pode acabar, mas ela chegaria ao seu destino com ar-condicionado central, lançando poluentes no céu com o resto deles. Ela estava exatamente onde ela havia começado, onde ambas havíamos começado, onde eu estaria se eu não fosse tão imprática. Não é de se surpreender que eu tenha levado isso para o lado pessoal.



Você que não dança mais nas ruas
Que desistiu de vencer
Mas continua a ceder;
Você já está em paz com a guerra?
Eles o subornaram para trair
O seu desprezo por suborno e traição?
Você buscaria acomodação
Com quem partiu seu coração
E trocaria a amargura da luta
Pelos frutos azedos da derrota?

não desista da

Esperança

A Esperança como uma Arte Marcial

A esperança é um poder mágico que concede ainda mais poderes. Não é uma consequência da boa sorte, mas uma pré-condição para ela: não é uma conjectura sobre o futuro, mas uma força exercida no presente. Como qualquer um que tenha rompido as linhas policiais sabe, quando realmente importa a moral é mais importante que a organização, preparação ou até mesmo inteligência.

Isso não quer dizer que devemos aprender a nos iludir, mas simplesmente que o projeto revolucionário se dá fora dos domínios do cálculo e do senso comum. Ao decidir transformar o mundo, estamos tentando o impossível; fé sobrenatural pode ser mais adequada à tarefa do que o pragmatismo mundano. Um revolucionário busca segurar-se firmemente na realidade, mas não o contrário.

Aqueles que insistem que não há esperança estão pensando como cientistas: eles vêem a esperança como uma quantidade mensurável fora de sua individualidade, reduzindo-a a uma questão de se há ou não razão para acreditarmos que algo será verdade no futuro. E, por isso, eles são maus cientistas, especulando de uma posição estática ao invés de propor uma hipótese e conduzir um experimento! Nunca será possível responder tais questões precisamente; nunca teremos acesso a toda informação necessária, e a escolha de cada um influencia o resultado de maneiras imprevisíveis.

Ao reconhecermos a influência de nossas escolhas, podemos começar a formular outro conceito de esperança. Mesmo se fosse possível vermos o futuro sentados em uma poltrona, não seria tão satisfatório quanto ter conscientemente um papel na sua construção; ao lhe darmos outra definição, a esperança nos torna capazes de fazer isso, mesmo que não garanta os resultados.

Além do mais, por que medir o valor de qualquer empreitada só pelas suas conseqüências? Se um esforço revolucionário não obtém sucesso em modificar imediatamente o cosmos, isso não significa que foi uma perda de tempo. Avaliar as nossas atividades desta forma é ingenuidade, não há sentido em dar mais importância ao futuro do que ao presente e rejeitar tudo que existe em troca de coisas que não existem. O que importa é sempre o que está acontecendo: o processo, e não o produto, os meios e não o fim — o que importa é que, por alguns minutos ou anos, algo belo está acontecendo. O paraíso que merecemos não nos espera em um futuro que pode ou não se realizar; ele é feito desses momentos, sempre que eles ocorrem. De que lado você está, do futuro ou do presente?

A utopia é famosa por ser um destino inalcançável, mas igualmente famosa por inspirar viagens incríveis. Quando atingimos nossos objetivos eles já estão irreconhecíveis, ou então nós estaremos. Uma preocupação com a vida "depois da revolução" pode nos deixar tão impotentes como as notícias constantemente transmitidas de Brasília para nos distrair do que podemos fazer aqui onde estamos. Mas ao nos desligarmos do nosso vício em certezas e da nossa expectativa de sermos *pagos* por tudo, a prática da esperança como a arte de construir profecias que se autorrealizam — como uma *arte marcial* — nos oferece um enorme poder.

Se for este o caso, então a verdadeira questão é: por que as pessoas se incapacitam voluntariamente abraçando a resignação e o derrotismo? O cético não aceita os tristes fatos da vida, mas os impõe sobre si. Se ele realmente quiser descobrir se as coisas que deseja são impossíveis, ele tem que partir da premissa — não, *da convicção profundamente arraigada* — de que elas são possíveis, e agir de acordo.

A explosão do nosso caso amoroso transformou todos os outros relacionamentos ao seu redor em meras sombras. A primeira noite que passamos juntos, ainda estávamos acordados às nove da manhã olhando nos olhos um do outro. Naquele momento todo meu solipsismo caiu por terra e eu fui capaz de sentir a consciência de outra pessoa como uma presença palpável: outro ser humano estava lá comigo, devolvendo o meu olhar, com uma história de vida tão intrincada quanto a minha por trás. Uma idéia louca me ocorreu: em um outro mundo, será que seria possível olhar através dos telhados e ser grato pela existência de *todo mundo?* Este devaneio durou o tempo de caminhar até o metrô naquela manhã. Eu certamente não estava equipado para estabelecer laços com todas essas pessoas miseráveis; como descobri mais tarde, eu não estava nem mesmo preparado para proteger a frágil conexão que eu havia feito com ela. Eu não senti nada como aquele otimismo novamente até uma década mais tarde quando eu me vi fugindo de uma vidraça quebrada com uma multidão de vândalos mascarados.

O café estava praticamente vazio naquela tarde. Eu me sentei em uma pequena mesa perto da janela e esperei que ela viesse com o seu cappuccino. Não nos víamos há anos, mas Chloe ignorou as formalidades com sua indiferença de sempre: "Então o que você tem aprontado, estranho?"

Eu expliquei que eu tinha me tornado um revolucionário. Ela me lançou um olhar cheio de dúvidas. "E o que significa ser um revolucionário?"

"Eu não sei", admiti. "É um ato de fé."

"Como ser um escritor", ela arriscou.

Nós comparamos nossas anotações em nossos respectivos esforços

de escrita, o mercado para os textos comerciais, e o impacto das novas tecnologias na literatura. A especialidade de Chloe era ser crítica sem oferecer soluções. "Todo mundo lê e escreve em pequenos acessos irracionais no dia de hoje. Você consegue imaginar alguém escrevendo *Les Misérables* com novas mensagens de e-mail na sua caixa de entrada a cada cinco minutos e editores exigindo algo que venda em aeroportos? A novela, não o musical!"

"Orwell disse que o hábito de ler se popularizou muito entre os britânicos durante a Segunda Guerra Mundial — todos aqueles soldados em suas trincheiras e todas as famílias em abrigos antiaéreos com nada para fazer além de ler. Hoje em dia estamos em um tipo diferente de guerra" — Chloe fez uma carranca; ela odiava tudo que lhe soava como um exagero — "e ninguém lê livros de verdade exceto os editores e as pessoas que estão cumprindo longas sentenças na prisão. Mas a população prisional neste país é de vários milhões de pessoas; talvez você só precise trocar de público."

"Mas me diga, o que os revolucionários fazem hoje em dia?" Ela estava tentando deixar o assunto leve. "Vocês ainda atacam prisões e derrubam governos?"

Essa era uma pergunta difícil de responder. Como uma forma de realmente derrubar o governo e libertar prisioneiros, nossos esforços tinham sido tão ineficientes quanto o planador de Colditz; por outro lado, como um meio de *fuga* — de descobrir nosso caminho para outra vida em uma zona completamente ocupada — não estávamos indo tão mal. Eu tentei pensar em um jeito simples de colocar isso, mas o choro distante das sirenes de polícia quebraram a minha concentração. "Talvez neste momento nós sejamos mais como os monges da Idade Média, preservando um espaço sem prisioneiros ou governos, por mais limitado que seja. Mas isso não significa que não possamos expandí-lo, conectá-lo com outros..."

"Bem, você sabe o que dizem sobre a natureza humana." Pela janela atrás dela, eu podia ver uma fileira de viaturas da polícia passando correndo pelo cruzamento a uma quadra dali, com as luzes piscando.

"É?" Eu não consegui deixar essa passar. "O que você acha que dizem sobre ela?"

"Ah, peraí! Você realmente acha que as pessoas conseguem conviver sem essas coisas? Hoje em dia, neste mundo." Ela se segurou o máximo que pode. "Não vai haver uma revolução, não neste país. Você não pode estar falando sério."

"Ok, veja as coisas de um ângulo diferente. Com bilhões de pessoas no planeta, você mal pode falar sobre mudar o mundo sem soar autocrática. Mas essa é a escala que nós vemos no noticiário internacional — é como observar a vida pelo lado errado de um telescópio. É claro que tudo que você faz parece pateticamente pequeno no palco da história, mas se você inverter a perspectiva, a partir de você..."

Outra fileira de carros da polícia passou. O celular de Chloe estava vibrando dentro de sua bolsa. Distraidamente, ela tentou mudar de assunto. "Ok, o que você está fazendo, então?"

"Para começar, estou saindo do meu apartamento. Vou me mudar para um prédio com um monte de gente de vinte e poucos anos. É uma idéia louca, mas..."

Chloe finalmente fisgou o seu celular de dentro da bolsa apressadamente. "Desculpa, um minutinho. Alô? Sim, estou bem, por que? *Oh meu deus*. Sério? Ok, eu te ligo."

"O que está acontecendo?"

"Tem algo acontecendo no centro. Eu não sei o que é, vamos sair e dar uma olhada."

Da calçada podíamos ver uma nuvem negra de fumaça enchendo o céu atrás dos prédios à nossa frente. Um caminhão dos bombeiros passou, ensurdecedoramente perto, seguido por uma ambulância.

"Uau." Ficamos lado a lado em silêncio.

"Pablo, sinto muito, eu tenho que ir. Só deus sabe o que está acontecendo."

"Chloe..." eu segurei o seu braço sem pensar e então soltei. Ela não recuou. "Eu queria ver você para falar sobre o que aconteceu entre nós, para dizer todas as coisas que eu deveria ter dito antes. Eu..."

"Você não acha que é um pouco tarde para isso?" Um helicóptero saiu de entre dois prédios acima de nossas cabeças.

"Não, por causa da relação que tínhamos. Só porque você merece mais — porque todos merecem mais."

"Ah, eu já te perdoei por tudo isso. Quer dizer, de qualquer forma, eu nem penso mais a respeito disso."

"Podemos falar disso outra hora, se você preferir." Ficamos em silêncio. "Aqui, deixa eu acompanhar você até o seu carro."

Ela se virou para mim dentro da garagem. "Se cuide. Este não é um bom momento para ser..." Ela viu minha expressão e parou. "Não pense que vai ser fácil. Você pode esperar..."

"...resistência, eu sei" terminei. "Ah, eu sei!"

Ela fez outra pausa. "Se você precisar de qualquer coisa, entra em contato comigo, ok?"

"Ok, irei. O mesmo vale para ti."

Ela olhou para mim com uma ternura que eu não via há mais de década. "Para falar a verdade, eu fico feliz que um de nós esteja fazendo algo louco. Eu gostaria que você conseguisse me persuadir sobre a natureza humana. Eu sinto que todo o mundo está indo para o inferno."

"Podemos falar sobre isso outra hora, também." Ela estava entrando em seu carro. "Aposto que consigo persuadí-la — ou pelo menos argumentar até sua orelha cair."

"Tenho certeza que você pode." Ela deu ré no carro, e então abriu a janela. "Algo mais?"

"Acho que não. Só seja boa consigo mesma..."

"Claro."

"...e diga para Rachel que eu não troquei o livro dela por três feijões mágicos." Eu tinha pego emprestado de sua amiga uma cópia do livro *The Annotated Hunting of the Shark* em um jantar quando eu ainda era casado.

Ela riu. "Você tem o costume de trocar as coisas que pega emprestado por feijões mágicos?"

"Sim, eu tenho um silo inteiro cheio deles. A coisa vai pegar fogo quando todos aqueles pés-de-feijão começarem a brotar."

A História como a Vivemos

Sempre que a questão da natureza humana vem à tona, as pessoas programadas sempre nos mostram em seus livros de história que tudo que o ser humano sempre faz é lutar, comandar, obedecer. Antes de darmos uma olhada nesses livros, vamos ver a própria história um pouco mais de perto: quando eles dizem história, a qual história eles se referem? O tempo e o espaço são tão vastos que ninguém pode esperar registrá-los em sua totalidade: qualquer registro será inevitavelmente seletivo. Será que alguém poderia escrever a história das brincadeiras de crianças, dos beijos, dos piqueniques? E esses não são, proporcionalmente falando, uma parte muito maior da história humana do que tudo que encontramos nos livros de história?

Hoje estamos dentro da barriga de uma besta hierárquica, que naturalmente conta as histórias de outros impérios hierárquicos como sendo a história da espécie humana: lutas por poder político e econômico, livros de leis e racionalização filosófica, aspectos triviais da vida de "grandes homens". Mas a maior parte da história humana não se passou na Batalha de Hastings ou na travessia do Rubicon; na maior parte do tempo, os seres humanos estavam — e *estão* hoje, sempre que o chefe dá as costas — apenas preparando comida, paquerando, sonhando acordado, brincando ou trabalhando cooperativamente em projetos. Os períodos em que os senhores de escravos tomaram o poder e coagiram as massas de pessoas foram *exceções* — embora a civilização Ocidental tenha visto uma parcela desproporcional deles, para o seu descrédito. Lembre-se, a nossa espécie existe há centenas de milhares de anos, mas este tipo de controle social e poder centralizado que vemos hoje só existe há alguns milhares de anos — e só se globali-

zou nos últimos séculos.

Se alguns dos registros históricos mais antigos são de guerras e de conquistas é apenas porque os primeiros povos a pegar a doença da, assim chamada, civilização foram os primeiros a conquistar e manter registros. Inacreditavelmente, esses registros são os únicos levados a sério por historiadores, que descartam as tradições orais e o folclore comuns a todas comunidades humanas; mas, pela escassez de tais registros, podemos dizer que eles não são representativos do que todos os seres humanos estavam fazendo naqueles dias, muito menos antes — ou hoje.

Vamos falar novamente de proporções. A espécie humana existe há mais de um milhão de anos, mas o poder centralizado e o aparato de guerra como os conhecemos existem há menos de dez mil anos. Ao longo destes dez milênios, apenas uma pequena minoria das comunidades humanas foi tão belicosa e coerciva como esta aqui — e mesmo hoje, somente uma pequena fração das interações humanas expressam este tipo de violência e obediência. Logo, podemos ver que, em todos os níveis, lutar comandar e obedecer compreendem talvez um por cento da história humana. Mas então, e as brincadeiras, os beijos e os piqueniques? Não serão eles a herança da nossa espécie, que representam a nossa "natureza"?

Estamos Constantemente Dando à Luz aos Nossos Antepassados

A guerra para definir o passado é sem dúvida uma guerra para reivindicar a alma da humanidade. Os antigos demagogos nos brandiam a Vontade de Deus; os novos nos brandem a Natureza e a História. Quando queremos provar que outro mundo é possível, nós institivamente os disputamos com eles — mas temos que ser cuidadosos para não obtermos uma vitória pírrica, reconstruindo um passado melhor que qualquer presente ou futuro. Não custa nada lembrar que, assim como os resquícios devem ser interpretados para conseguirem ser lidos, a principal atividade de qualquer pessoa que observa o passado é sempre a *projeção* — historiadores costumam enxergar o que eles estão procurando, e não o que eles observam. As pessoas sempre moldam atrás de si o passado que elas precisam para acreditar que o que elas querem é possível. Beleza! Faremos o mesmo!

Então não vamos argumentar que as coisas eram melhores antes, mas que elas eram diferentes — *e que elas ainda são diferentes**. O passado é tão vasto que ele deve conter mais diferenças do que podemos imaginar, enormes quantidades de Atlântidas com moedas e cosmologias inimagináveis do nosso ponto de vista.† Escreva suas próprias histórias sobre o que seus ancestrais fizeram — provavelmente são verdadeiras — e use-as para atiçar a coragem que você precisa para viver as histórias que *você* quer. Conte essas fábulas em volta de uma fogueira antes da próxima grande aventura do seu clã, seja ela uma grande jornada ou uma empreitada perigosa; sussurre ela nos ouvidos de seu amante quando ele precisar ser tranqüilizado de que ele não está louco por desertar desta cidade global de canibais. Se algo é certo, é que os seus ancestrais fizeram o mesmo.

Não Há Futuro na Nostalgia

"Além de um horário menor e mais flexível e da segurança do compartilhamento de comida, a vida dos andarilhos era mais satisfatória que a maior parte do trabalho moderno. Nós acordamos com despertadores — eles dormiam muito, de noite e de dia. Nós somos sedentários dentro de prédios em nossas cidades poluídas; eles se moviam livremente, respirando o ar fresco do campo. Nós temos chefes — eles tinham companheiros. O nosso trabalho geralmente envolve quando muito uma, ou no máximo algumas habilidades hiperespecializadas; o seu combinava trabalho manual e mental em uma vasta gama de atividades, exatamente como os grandes utópicos

* Os políticos dizem: "Hoje as coisas são mais como elas são do que jamais foram", e os noticiários concordam com eles. Não caia nessa!

† No meu último verão eu fiquei acordado até mais tarde, explorando as dimensões desconhecidas da nossa cidade da mesma forma que eu tinha explorado tantas outras cidades e países. Às quatro da manhã, tudo parecia deserto; às cinco e quinze, pássaros caminhavam pelas ruas que os carros monopolizariam duas horas mais tarde. Eu caminhei nelas também — era uma terra de contos de fadas, um universo alternativo no qual este bairro tumultuado e fortemente policiado era meu próprio território, um paraíso silencioso tal como aquele em que Adão e Eva devem ter andado. Minha felicidade foi tão profunda que eu quase quis sair correndo e conceber uma nova raça de seres para povoá-lo.

Depois de apreciar esta solidão por meses, um amigo passou a me acompanhar, e depois alguns mais. Surpreendentemente, isso não estragou o meu prazer, mas o aumentou: agora eu tinha pessoas com quem compartilhar o meu mundo secreto!

Então tarde da noite, vagávamos pelo asfalto no qual carros passavam de dia. Nós não falávamos disso, mas sabíamos que, um dia, em que não houver mais carros, todos os habitantes desta terra seguiriam os nossos passos. Este era o nosso universo, se estendendo à nossa frente e às nossas costas através da eternidade, e o seu passado e o seu futuro eram tão reais para nós quanto a revolução industrial para os motoristas.

queriam. Quando nos locomovemos é um tempo perdido pelo qual não recebemos nada em troca — eles mal podiam deixar seus acampamentos sem participarem de algum tipo de aventura. A vida, para nós, é principalmente motivo de ansiedade, e um fornecedor de clientes para companhias de seguros; para eles, era um festival — ou talvez, às vezes, fome, mas uma fome mais nobre e mais sensível que os nossos maiores sofrimentos e feitos aqui no condomínio e no cubículo."

"Os povos primitivos que usavam ferramentas eram, na verdade, mais acostumados a exercitar sua inteligência do que nós. Eles tinham o costume de inventar suas ferramentas e soluções, enquanto nós, na maioria dos casos, simplesmente as recebemos. Da mesma forma, eles tinham mais prática na arte de apreciar a vida, já que não estavam constantemente lutando para ficar a par do progresso da sua civilização. Alegria, fascinação e amizade eram uma parte central da vida, não a sobrevivência. Somente hoje, em nosso mundo de escassez artificial forçada e mudança social selvagem, que a sobrevivência é o foco principal."

"Naquela época dourada, eles viviam como se fossem deuses, seus corações livres de toda tristeza. Quando eles morriam, era como se simplesmente fossem dormir. As terras férteis lhes davam sua produção de sua própria vontade — enquanto eles, a seu bel-prazer, cuidavam dos seus trabalhos, no meio de coisas boas."

Aqui vemos um antropólogo amador, um sociólogo profissional e um poeta grego (Hesíodo, em 700 a.C., para ser exato) celebrando o estilo de vida dos seres humanos que foi retirado deles pelo tempo e pelo espaço — mas você poderia facilmente substituir os andarilhos, povos primitivos e deuses dourados por protagonistas mais recentes para fazer as passagens se referirem aos dias atuais. Afinal, por que deixar os mortos com toda a diversão? Por que celebrar apenas os andarilhos da pré-história quando as pessoas estão andando pelos subúrbios neste exato momento? Não há sentido em glorificar o passado às custas das possibilidades do presente, a menos que você esteja tentando tirar a responsabilidade das suas próprias costas, fazendo a sua situação parecer desesperadora.

Aqueles que alegam que a liberdade existiu antes da civilização, e desapareceu com a sua chegada, têm mais em comum do que gostariam de admitir com aqueles que insistem que a liberdade, impossível

hoje, espera por nós depois da curva de alguma revolução milenária. Ambos colocam tudo que é precioso além de um horizonte impossível de se alcançar, seja antes ou depois do presente, sem se preocuparem em explicar como nós somos capazes de conceber tal perfeição sem exemplos reais ao nosso alcance. A velha linha Marxista que insiste que o mundo será um paraíso depois que o proletariado tomar o poder, e só pode ser um inferno até esse momento chegar, fica muda diante do paraíso descoberto por um casal fazendo amor; o primitivista linha-dura que escreve sobre como tudo era mágico antes de cairmos em desgraça fica igualmente desorientado quando se trata da questão do que importa *neste momento*.

É melhor orientarmos nossos valores em torno do que vivenciamos em nossas próprias vidas e o que pode ser possível nelas. Se não podemos começar nosso projeto de libertação baseado naquilo que conhecemos e almejar por algo que possamos alcançar, nunca poderemos começar ou dirigir nenhum projeto.

Um Milhão de Anos de Cultura do Faça-Você-Mesmo!

O Tempo dos Sonhos, de acordo com alguns Aborígenes, é um tempo que corre junto ao tempo mortal e existe junto com o princípio do universo. É o mundo no qual pessoas sonham novos mundos e os tornam realidade, e no qual mundos sonham de si mesmos através das pessoas. O Tempo dos Sonhos oferece um modelo para uma mitologia alternativa: uma herança tão antiga quanto nossa própria espécie que pode se tornar nova em um instante, uma história contínua em que participamos ao evocá-la, um espaço e tempo no qual é sempre o primeiro dia da Criação. Ao invocarmos essa história, a qualquer momento, em qualquer lugar, nós reingressamos no Jardim do Éden para inventar o nosso universo do zero. Neste espírito, para nos orientarmos olhando para frente, vamos olhar para trás:

Um milhão de anos de exploração e descoberta! O primeiro ser humano a escalar o Monte Everest chegou ao seu cume já há 20 mil anos. O quê, você não acredita? Você acha que Colombo, ou Leis Ericsson, ou os fenícios foram os primeiros a descobrir a América também? Você realmente acha que as pessoas passaram os primeiros novecentos e noventa milênios dentro de cavernas, imóveis e aterrorizados — foi

> Desde a sua juventude, Cavalo Doido sabia que o mundo em que os homens [sic] viviam era apenas uma sombra do mundo real. Para entrar no mundo real, ele tinha que sonhar, e quando ele estava no mundo real tudo parecia flutuar ou dançar. Neste mundo real o seu cavalo dançava como se ele fosse selvagem ou louco, e é por isso que ele chamava a si mesmo de Cavalo Doido. Ele sabia que se sonhasse que estava no mundo real antes de ir para uma batalha, ele poderia resistir a tudo.
>
> — Dee Brown, *Enterrem Meu Coração na Curva do Rio*

assim que os seres humanos chegaram à Groenlândia e ao Havaí saindo das florestas da África? Imagine todas as viagens que fizemos no último milhão de anos — expedições e fugas que seriam inacreditáveis para nossos historiadores mesmo se não fossem invisíveis para os seus instrumentos. Só restam vestígios deles nos nossos contos de fadas.

Na pré-história, a energia não gasta na sobrevivência deveria ser empregada como as crianças ainda a empregam hoje em acampamentos: para inventar e narrar histórias, explorar caminhos jamais pisados, planejar viagens impossíveis e às vezes realizá-las. Certamente, livres de seus financiamentos de apartamentos, polícia de fronteira e ingressos pagos, as pessoas se divertiriam mais viajando do que os executivos em suas pontes-aéreas; a aventura era a ordem do dia, e não algo imitado anualmente por turistas de férias. E imagine o que eles encontravam quando viajavam! Uma semana de caminhada os levava para dentro de outro ecossistema, em contato com culturas e criaturas desconhecidas — o extremo oposto dos aeroportos e hotéis idênticos que nossos infelizes homens de negócios tomam como seu ambiente natural. Nós ainda embarcamos nestas jornadas toda vez que um de nós sai do mapa; viajando de carona pela primeira vez de Amsterdã até Estocolmo, explorando o túnel de trem abandonado que passa pelas trevas abaixo de Providence, em Rhode Island, nossos caminhos cruzam com os da primeira mulher a escalar o Monte Everest.

Um milhão de anos de libertação das mulheres e motim dos sexos! Sabe-se que as sociedades matriarcais precederam as patriarcais — mas "matriarcado" é só uma abstração criada por homens sem imaginação para descrever algo que eles só conseguem ver como o oposto das relações entre os sexos de hoje. Naqueles dias os gêneros como os co-

nhecemos ainda iriam ser inventados e as mulheres eram reverenciadas como portadoras do mundo espiritual e *todos poderiam ser uma*.

As Amazonas eram apenas uma de centenas de tribos de mulheres poderosas que lutaram para manter estes mistérios vivos depois da ascensão do patriarcado. Impérios patriarcais construíram a Grande Muralha da China como uma defesa desesperada contra os Sármatas, uma nação de cavaleiras que viviam sem mestres e eram enterradas vestindo suas armaduras; de acordo com Heródoto, uma mulher desta tribo só teria um amante depois de ter matado um homem em batalha. As bruxas que existiram dezoito séculos mais tarde eram guardiãs dos mesmos segredos, assim como nós hoje quando organizamos serviços clandestinos de aborto e compartilhamos alternativas herbais para os dogmas médicos. Nós nos reunimos em espaços só para mulheres e trans– como nossas ancestrais faziam na aurora da humanidade e redescobrimos nossos poderes como elas descobriram os seus, guiadas por deusas que perderam seus nomes para receber novos. Ainda resistimos a todas as tentativas de nos definir ou calar, ainda inventamos e revemos nossos próprios gêneros, ainda abraçamos forte e sem medo umas às outras, com mãos cuidadosas. Como Safo declarou, nas palavras de Rita Mae Brown, *um exército de amantes não falhará*.

Um milhão de anos de ocupações, grafite e punk rock! Por mais de 50 mil gerações, nossos ancestrais não depilavam suas pernas ou sovacos nem usavam desodorante. Eles procuravam por comida como os catadores de lixo modernos o fazem hoje, viajavam como mochileiros cavalgando rios e pegando carona em correntes marítimas ao redor do mundo, celebravam a vida com música popular feita pelos seus amigos, e passavam adiante cultura popular que *eles* inventavam. Você pode apostar que alguns deles tinham dreadlocks, alguns tinham tatuagens, escarificações e alguns emblemas proclamando suas alianças.

Costumava haver tantos seres humanos no mundo quanto anarquistas confessos hoje. Onde antes havia tigres de dentes de sabre, agora há seguranças; quando tivemos que lutar contra mercenários Sumérios e legiões Romanas para proteger nossa liberdade, hoje nos deparamos com conglomerados corporativos e os chamados governos democráticos. Nós ocupávamos cavernas antes que eles erigissem prédios — nós fazíamos grafite nas paredes antes que o jato de areia fosse inventado — nós compúnhamos nossas próprias canções antes das ondas de rádio serem invadidas — nos encontrávamos para chegar ao consenso muito antes de brincarem com a primeira urna! Quando al-

FIRST NAT'L BANK

guns de nós se reúnem em qualquer local comunitário libertado para compartilhar canções, histórias e estratégias, estamos participando da mesma tradição que nossos ancestrais praticavam com seus vizinhos há mil gerações atrás. Podemos reivindicar um milhão de anos de resistência e cultura do faça-você-mesmo como nossa herança; os tiranos só podem reivindicar algumas guerras absurdas, invenções idiotas, tratados inúteis e impérios de vida curta — os quais nós, mais cedo ou mais tarde, sempre derrubamos! As ruínas de suas nações fracassadas, templos destroçados sobre morros onde algumas metrópoles estavam apenas há alguns séculos, encobrem o fim que eles sabem que os espera — já o nosso caminho se estende infinitamente à nossa frente, através de todo o futuro da nossa espécie: pois enquanto as instituições desumanas forem feitas de vidas humanas, haverá resistência, e depois haverá comemorações, assim como existem hoje. Nós nunca poderemos ser completamente derrotados; eles nunca poderão vencer.

Um milhão de anos de ciência popular, medicina popular, tudo popular! Você sabia que as pessoas dois mil anos atrás tomavam anticoncepcionais? Eles os faziam fervendo a urina de porcas. Os primeiros Egípcios, e aqueles que os precederam na China e no Oriente Médio, que não haviam inventado um processo para fabricar ferro, confeccionavam ferramentas de ferro com fragmentos de ferro que chegavam em meteoros que caíam do céu — havia um hieróglifo egípcio representando o "ferro dos céus". Os povos do noroeste da Groenlândia ainda faziam isso há um século — eles mostraram para o explorador polar R. E. Peary meteoritos enormes que eles visitavam há séculos para obter pontas para os seus arpões.* Como Thor Heyerdahl de-

* Eis as más notícias: em troca da confiança daqueles que compartilharam esta maravilha com ele, Peary roubou os meteoritos e vendeu-os ao Museu Americano de História Natural em Nova Iorque — dizimando modos de vida tradicionais para o lucro pessoal, como os exploradores europeus sempre fizeram. Depois que os meteoritos foram levados, Knud Rasmussen montou uma loja nas proximidades para vender aos locais o que antes eles pegavam de graça — isso é que é o progresso!

Peary também levou seis indígenas a Nova Iorque, inclusive um pai e seu pequeno filho, exibindo-os a dezenas de milhares de pessoas a um ingresso de 25 centavos de dólar. Mais tarde, eles foram encerrados em um porão úmido do Museu; dentro de meses, todos exceto dois deles tinham morrido de tuberculose. Antropólogos proeminentes os "estudaram" mesmo quando eles estavam morrendo, mas ninguém lhes ofereceu tratamento médico adequado.

A criança, um dos sobreviventes, implorou para que permitissem que ele enterrasse seu pai de acordo com os costumes do seu povo, mas o Museu considerou que o corpo do pai era sua propriedade, então a equipe do Museu encenou um enterro falso para acalmar o garoto. Os quatro cadáveres foram mandados ao hospital de Bellevue para serem dissecados. Mais tarde, o menino ficou extremamente triste ao descobrir os ossos limpos de seu pai em exposição.

E isso foi há menos de um século, não é o passado bárbaro de nossa civilização, mas essa selvageria *sempre* acontece quando capitalistas interagem com os assim chamados povos não-civilizados. O Museu Americano de História Nacional só foi devolver os restos mortais das quatro vítimas em 1993. Da próxima vez que você visitar um museu, lembre-se da brutalidade, fraude e roubo sobre os quais a sua ciência institucionalizada é construída.

monstrou, dezenas de milhares de anos antes do Império Romano, seres humanos foram capazes de circunavegar o globo em balsas vazadas com dezenas de metros de comprimento; desde que os barcos de casco sólido se tornaram comuns, a habilidade de confeccionar tais objetos só não se perdeu em alguns grupos isolados, mas a evidência sugere que o modelo vazado poderia estar mais bem adaptado para viajar os oceanos do que o seu sucessor.

Ainda existem provas em Stonehenge e na Ilha da Páscoa de que a tecnologia não é uma força singular que evolui em linha reta, que diferentes tecnologias estão sempre evoluindo e desaparecendo — aqueles que insistem que tais maravilhas devem ser trabalho de extraterrestres apenas mostram como as suas imaginações estão colonizadas pela doutrinação modernista. O método científico popular, familiar a todo adolescente astrônomo com um telescópio barato e um caderno de descobertas pessoais, tem mais em comum com a ciência que a maioria dos seres humanos praticou do que qualquer coisa que os livros nos dizem sobre Arquimedes ou Einstein. A propaganda cultural onipresente insiste que o presente é muito diferente do passado, glorificando o "progresso sem precedentes" dos dias de hoje ao mesmo tempo em que retrata o passado como uma era dourada para a qual não há retorno — mas as tecnologias, remédios e artes de hoje têm análogos datando talvez do próprio começo de nossa espécie. Não há necessidade de se agarrar com medo à "tecnologia moderna" e os confortos precários que ela provê — *esta* é a Idade das Trevas, se já existiu uma!

Então como fazemos o nosso próprio Iluminismo? Como seguimos os passos daqueles das últimas cinqüenta gerações que desertaram para construir seus próprios caminhos pelo mundo, deixando apenas mensagens enigmáticas riscadas nos troncos de árvores que deixaram para trás: *Fomos para Croatã...*

Correspondências: Thor Heyerdahl e Outros Cientistas Populares, Cantores Populares, Guerreiros Populares

Quando seus colegas insistiram, por causa das grandes distâncias envolvidas, que as semelhanças entre as tecnologias e o folclore dos povos antigos do Mediterrâneo, das Américas e das ilhas da Polinésia deveriam ser coincidências, o norueguês Thor Heyerdahl deixou a torre de marfim para testar sua teoria. Ele contratou construtores de barcos de junco do Lago Titicaca no Peru, um dos únicos povos no mundo que ainda compreende as complexidades deste modelo, para confeccionar o tipo de balsa que esses povos antigos usavam, e partiu com uma tripulação internacional ("um russo, um africano, um mexi-

cano, um egípcio, um americano, um italiano e um macaco") para descobrir até onde eles poderiam navegar sem afundar. Neste barco, o Rá II, eles navegaram do Marrocos até Barbados em apenas cinqüenta e sete dias.

Podemos interpretar o projeto de Heyerdahl no contexto de evolução supostamente linear do conhecimento e da tecnologia da Civilização Ocidental — ele estava simplesmente colaborando com "o" conjunto de conhecimento humano, retornando à sabedoria perdida do passado. Mas o próprio Heyerdahl conta de uma forma diferente: ao redescobrir uma forma pré-histórica de viagem marítima, ele sentiu um forte vínculo com os seres humanos que fizeram esta mesma viagem em barcos similares. Fora da linha do tempo linear, os homens no barco de Heyerdahl ficaram ao lado de marinheiros em barcos talvez há quatro mil anos atrás, olhando para as mesmas estrelas. Falando proporcionalmente, mais uma vez: mesmo em excursões deste tipo que acabam em livros de história, menos de um por cento do que acontece é registrado. Os restantes noventa e nove por cento estão escondidos dos historiadores, mas são familiares para o resto de nós.

Tais correspondências entre atividades humanas do passado e do presente podem ser encontradas por tudo: Uma mulher ajusta uma receita que sua mãe lhe passou como seus ancestrais fizeram há seis mil anos. Um grupo de espanhóis que ocupou um prédio decora e defende seus muros com cacos de vidro como seus antecessores se prepararam para os ataques Romanos. Voluntários nômades aram fazendas orgânicas como os povos celtas fizeram antes deles. Um adolescente fugindo de casa observa Paris com os mesmos olhos arregalados que Rimbaud um século antes, assim como os primeiros seres humanos a chegar naquele local devem ter feito no princípio dos tempos. Uma cantora e compositora descobre que pode criar sua própria linguagem, assim como o fez Percy Shelley; ambos partilham a mesma sensação de assombro vivenciado pelos seres humanos que inventaram as primeiras palavras. Sabendo que podem negar-lhe o acesso legal, um anarquista com o rosto cheio de tatuagens cruza em um trem de carga a fronteira entre dois países para lutar nas ruas contra seus inimigos quando eles se reúnem para discutir um novo acordo de "livre comércio": isto é guerra tribal.

"À noite, quando as estrelas tropicais brilhavam no céu negro e uma miríade de plâncton fosforescente brilhava de volta do mar, nós também nos sentíamos como deuses em um tapete voador no universo. Não havia nada além de nós na balsa, cercados por escuridão e estrelas. Nós podíamos entender bem os artistas pré-incas que retrataram Kon Tiki e outras divindades barbudas e de narizes curvos como viajantes em serpentes ondulantes entre as estrelas, simbolicamente puxados por homens com cabeças de pássaros enquanto eles próprios se divertiam puxando linhas de pesca que traziam arraias, tubarões ou monstros marinhos. Nós também puxávamos peixes gigantes. A bordo de nossa balsa, a vida real se tornou um conto de fadas. Afinal, esta vida real era um conto de fadas. De que outra forma poderíamos descrever o fato de que o plâncton brilhante no mar à nossa volta eram os ancestrais dos seis de nós, que sentávamos sobre a água e os fitávamos de cima?"

— Thor Heyerdahl em *Na Trilha de Adão*

Então lá estávamos nós no parque, sentados em círculo, como nos velhos dias — nossos próprios velhos dias, e os velhos dias de nossos ancestrais — tentando negociar os termos de nossa nova aliança. Nós éramos os escravos que se rebelaram com Spartacus, a assim chamada nação Iroquesa, os heróis da Guerra Civil Espanhola. E como os escravos, como os assim chamados iroqueses, os anarquistas catalães, não podíamos superar nossas diferenças, e portanto estávamos condenados.

Depois do atentado, a coalizão liberal local se dividiu em dois; a facção mais jovem e mais militante acusava o governo de colocar a população em perigo ao provocar ataques terroristas, e convocou uma manifestação para tornar essa acusação pública. Isso marcou uma mudança dramática: os mesmos liberais de outras localidades tinham respondido aos ataques com braços cruzados e paralisia, condenando uma guerra após a outra sem fazer a conexão entre guerra e ocupação aos ciclos que produzem terrorismo. Essa manifestação iria coincidir com um protesto sobre mudanças climáticas, então os dois se juntaram sob uma bandeira "Aproprie-se do Fim do Mundo".

Graças aos esforços de Pablo, nosso novo grupo havia sido convidado para dar garras ao evento. Só precisávamos acertar os detalhes entre nós mesmos, mas isso estava se mostrando impossível.

Enquanto a conversa se arrastava, cada um de nós brincava com qualquer objeto que estivesse à mão. Marshall estava construindo pequenos fortes com gravetos caídos dos galhos acima; Diego pegava os gravetos e quebrava-os em pedaços cada vez menores, sem prestar atenção, para depois os arremessar por cima do ombro; eu me descobri rasgando meticulosamente as folhas da grama em tiras cada vez mais finas. Um antropólogo de alguma sociedade futura, observando sem entender o que dizemos, poderia ter concluído que essas brincadeiras eram nossa atividade principal. Talvez seja isso que os nossos antropólogos modernos queiram dizer quando dizem que nossos ancestrais passavam tanto tempo brincando: eles estão apenas reconhecendo que não podem descobrir o que nossos antecessores estavam fazendo mais do que os antigos antropólogos que interpretavam essas mesmas atividades como trabalho.

"Ok, amigos, não estamos indo a lugar algum." Kate havia esperado pacientemente pela sua vez para dizer o óbvio. "Nossa única esperança é nos dividirmos em grupos menores. De outra forma ainda estaremos aqui amanhã de manhã."

Olhamos cheios de dúvidas uns para os outros. Fazia quase duas

horas que estávamos evitando falar disso: todos nós queríamos desesperadamente voltar à ação, mas nossas relações estavam fraturadas, nossa confiança rompida. Kate continuou com a coragem silenciosa que a distinguia do resto de nós. "Cada pessoa deve ter um parceiro. Pablo, quer tentar trabalhar comigo?"

Este foi um gesto cheio de significados; Kate e Marshall trabalhavam juntos em tudo desde o fim da ocupação, pelo menos até que Marshall lhe contou sobre seu relacionamento comigo. Pablo hesitou. "Acho que sim. Quer dizer, eu não sou muito qualificado..." disse, se esquivando.

Diego quebrou o silêncio. "Tá certo, eu vou trabalhar com o Marshall, mas só com ele."

Eu olhei para Marshall desesperadamente. Ele tentou se desvencilhar de Diego: "Diego, se..."

Diego se dirigiu ao círculo. "Escutem, eu acabo de cumprir dois anos de prisão e no final desse tempo ninguém me escrevia a não ser o Marsh. Eu estou com a sentença suspensa, eu não deveria nem estar envolvido nesta merda — eu não posso confiar em ninguém que não tenha um passado como esse comigo. Eu sei que todos precisam de parceiros, mas isto é o que eu preciso, senão eu caio fora."

O outro lado do círculo era composto de garotos novos, que observavam esse desastre com desconforto. Eles ainda eram jovens demais para terem posto suas amizades à prova; não teriam problemas para encontrar parceiros. Apesar disso, eu não conhecia nenhum deles bem o suficiente para trabalhar junto. "E como eu fico, então?"

Diego saltou. "Bem, onde estão os seus amigos? Onde está Rita? Ela não deveria estar aqui? E a Floco, ou Floco-de-Neve ou qualquer que fosse o seu nome, e todos aqueles jovens viajantes com quem você fugiu? Eles se derreteram?"

Eu não sabia o que dizer. Já não tínhamos passado por isso há anos atrás? Marshall sussurrava algo no ouvido de Diego, bravo. Meus lábios tremiam e o meu rosto estava quente.

Kate não ajudou quando tentou mudar de assunto. "Lembrem-se, temos que montar o Centro hoje à noite Se não conseguirmos..."

"Ótimo, eu vou fazer isso. Vocês podem resolver isso sozinhos."

"Samia..."

Eu estava fora de alcance antes que ela pudesse terminar a frase.

Era doloroso retornar ao nosso espaço justamente porque eu estava muito empolgada com isso. Se eu apenas conseguisse me desapontar com tudo, eu conseguiria desistir e parar de me magoar — e eis que tínhamos conseguido um prédio de dois andares com uma cozinha industrial e espaço para acomodar mais de cem pessoas.

Eu passei pela fachada lacrada e entrei pela porta lateral. A sala principal ainda estava uma bagunça: mesas e cadeiras da universidade empilhadas contra a parede, caixas de livros da biblioteca, latas de tintas misturadas, sacos de pães. Pelo menos os congeladores estavam funcionando então o programa de alimentos poderia se expandir sem sobrecarregar a casa apertada que o havia abrigado. Quando este espaço estiver pronto — quando as paredes estiverem pintadas, as prateleiras cheias de livros, o laboratório de informática funcionando, o palco construído — será maravilhoso.

Mas como era horrível estar comprometida com um projeto tão maravilhoso com pessoas tão problemáticas! Tudo em que eu estava envolvida dependia de pessoas como Diego — era vulnerável aos seus caprichos, aos seus ressentimentos e vendetas, à sua recusa egoísta de levar as necessidades dos outros a sério. Como eu poderia ir rumo à decepção ao me comprometer com coisas com eles quando eles não estavam comprometidos em cuidar de mim?

Ao mesmo tempo, como eu poderia deixar para trás tudo que eu trabalhei tão duro para construir? Se eu estava presa aqui da mesma forma que eu estava presa naquele prédio de escritórios anos atrás, era ainda pior o fato de que eram os meus próprios desejos e aspirações que me prendiam ao invés de simples medo e inércia. Era como um casamento abusivo onde eram os meus projetos que estavam servindo de refém ao invés dos meus filhos. Eu larguei uma leva de caixas na despensa e fui buscar mais.

E por falar em dinâmicas de poder, não era óbvio que, como a única mulher de cor no grupo, aqui estava eu limpando enquanto todos os outros brincavam de heróis? Era muito conveniente que eles pudessem enxergar isso como um conflito pessoal entre Diego e eu. Pessoas brancas sempre têm medo de se envolver quando pessoas de cor estão brigando. E quanto à Kate, ela não deveria ter me acolhido se Marshall e eu não pudéssemos ficar juntos? Por que é tão difícil para as pessoas lidar com mudanças nos seus relacionamentos?

Eu removi uma pilha de cartazes de divulgação do protesto de uma caixa e carreguei-os junto ao peito. Por que diabos estávamos protestando contra o terrorismo e as mudanças climáticas? Com certeza, eles estavam nos matando, mas nenhum protesto iria pará-los. Um grupo passou pela cidade há algumas semanas em uma turnê para palestrar sobre aquecimento global. Ouvi eles contarem que, dentro de algumas gerações, nossa espécie teria o mesmo destino que todas as espécies que nós já levamos à extinção.

Nossa própria mortalidade já é assustadora o suficiente: se todo momento que passa é irrecuperável, como possivelmente podemos viver de acordo? O que seria necessário para aumentar o desafio e realmente tirar o máximo da vida? Certamente eu não estava fazendo isso ao arrastar caixas pelo pó.

Mas a extinção da espécie humana — isto é impensável. Faz você tremer só de pensar, apesar de todos saberem que, com aquecimento global, inverno nuclear ou não, todas as espécies morrem mais cedo ou mais tarde. Se já é doloroso confrontar nossos fracassos individuais em aproveitar cada dia face a nossas mortes iminentes, multiplique isso por seis bilhões.

Larguei outra pilha de caixas e desisti de limpar o piso. Todo dia, cada um de nós aceita inumeráveis indignidades e adiamentos da felicidade com fé de que um dia não será mais assim. Quer ou não você acredite no paraíso, o futuro está sempre aí para redimir o potencial desperdiçado do presente — e o futuro de nossa espécie é a maior das políticas de seguro, a maior das eternidades. Quando nos negamos a viver os nossos sonhos, nós depositamos esta responsabilidade sobre os ombros da próxima geração; se não conquistarmos a libertação em nossas próprias vidas, sempre há o futuro, luzindo à distância, quando todas nossas profecias deverão tornar-se realidade.

Mas se o futuro é só uma ilusão, uma projeção, como fica? E se nunca houver um felizes-para-sempre, uma redenção, uma revolução?

O amanhã chegará tão terrível como o hoje, e as pessoas irão adiar tudo novamente até que cada um de nós tenha se tornado um cadáver — e se torne claro que nós éramos cadáveres o tempo todo.

Eu tinha chegado no topo da escadaria; agora eu comecei a subir a pequena escada que levava até o telhado. Mesmo que conseguíssemos fechar todas as fábricas, mesmo que conseguíssemos desfazer as centenas de anos de poluição que causaram o aquecimento global, mesmo que desarmássemos todas as ogivas, derrubássemos todos os governos e incendiássemos todas as prisões, ainda estaríamos condenados: como indivíduos, como sociedade, como espécie. O mundo que viria era um grande cemitério.

A vista do telhado me tirou desses pensamentos sombrios. A noite estava caindo e as primeiras estrelas brilhavam no céu. Em algum lugar sob estas mesmas estrelas havia estradas pelas quais eu nunca tinha viajado, litorais em que nunca pisei, pessoas bonitas que eu nunca encontrei. Se tanto o presente quanto o futuro eram inescapáveis e irrecuperáveis, isso não me tirava todo o peso, todos os débitos e me deixava livre? Eu não deveria estar lá fora viajando por essas estradas, caminhando por esses litorais e conhecendo essas pessoas? O que é que eu estou fazendo neste lugar deprimente, mesmo?

Eu voltei a mim em um sobressalto. Este era exatamente o jeito que eu começava a pensar toda a vez antes de começar a pular de cidade em cidade. E não era tão distante da corrente de pensamento de Rita na época em que ela voltou atrás e renunciou às suas antigas crenças. Se eu queria parar de andar em círculos, eu tinha que fazer as coisas darem certo com Marshall e Kate, até mesmo com Diego. Talvez fosse impossível, mas eu tinha que descobrir do jeito mais difícil.

Logo mais eu seria pó, talvez junto com toda minha civilização. Todos os rebeldes e heróis do passado — todos os escravos fugitivos e guerreiros indígenas, todo Cavalo Doido e Durruti — já eram pó ao lado dos mercenários que os mataram, as massas anônimas que ficaram olhando, e os covardes que quiseram juntar-se a eles mas sempre encontravam desculpas para não o fazer. Isso não os afastou dos seus feitos. Agir quando tudo um dia será nada, arriscar a sua breve vida em uma rebelião dos mortos — esta é uma forma de pular para fora da esteira da história, de parar de ser um cadáver em espera.

Se Daniel houvesse vivido o suficiente para ficar comigo naquele telhado, eu imagino que ele teria ficado para lutar. Eu desci a escada e fui procurar material para fazer uma faixa.

Você se lembra do futuro? Aquela nave dourada na qual investimos toda nossa criatividade, todas nossas vontades, fantasias e fé? Era para ser o nosso momento especial, nossa justificativa, nosso programa de aposentadoria. Agora não podemos nos aposentar. Bem, melhor assim. Olhando para trás, podemos dizer que isso nos dava uma paciência que era indecente.

Isso não quer dizer que estamos felizes em vê-lo ir. Pelo contrário, nos lembramos do futuro com carinho e amor, um belo e perdido poema que traz um sorriso de gratidão aos nossos lábios e um brilho melancólico aos nossos olhos. Mas não devemos nos prender ao futuro, não devemos ser sentimentais, por mais tentador que seja — pois precisam de nós aqui, agora.

Em Calcutá, as pessoas estavam recém começando a acordar do lado de fora da estação de trem. Os seus corpos enfileirados nas calçadas por várias quadras, amontoados sobre as pedras imundas. Alguns eram viajantes esperando para partir, outros eram famílias sem um tostão que viviam ali há meses. Dois séculos atrás, carrinhos de mão atravessavam essas ruas carregando o ópio com o qual a Companhia das Índias Britânicas Orientais costumava viciar toda China; naqueles dias, Calcutá era dividida em Cidade Branca e Cidade Negra.

A algumas quadras de distância, guardas uniformizados ficavam à frente dos portões fechados de um hotel caro. Dentro dos seus muros, uma vasta e vazia área de grama irrigada se estendia em grande contraste com as ruas marrons da cidade, garantindo a homens de negócios estrangeiros que era seguro investir na Índia oriental. Calcutá estava se tornando um centro de serviços de tecnologia da informação; os jornais falavam de renascimentos econômicos e mercados emergentes.

Do lado de fora dos muros brancos do hotel, a primeira luz da manhã caía sobre os outdoors onipresentes, iluminando belos modelos de pele tão pálida e de aparência tão caucasiana que um estrangeiro jamais diria que eles são bengalis. Seus rostos brancos olhavam para baixo, emitindo um julgamento silencioso sobre as pessoas sem ambição, fracassadas e anacrônicas.

Do outro lado do mundo, perto de outdoors que anunciavam os mesmos cosméticos, refrigerantes e telefones celulares com aparentemente as mesmas faces brancas, um organizador trabalhista em Bogo-

tá ficava até tarde em seu escritório para conversar com um estudante de jornalismo que visitava. Ele estava se esforçando para expressar como a guerra fria da competição e da luta de classes que aconteciam invisivelmente no país do estudante eram uma guerra quente ali: florestas estavam sendo dizimadas, sindicalistas militantes eram abduzidos e assassinados, vilas inteiras eram exterminadas por paramilitares. Ele falava de uma classe cúmplice supervisionando a pilhagem por atacado de sua terra natal e a redução de seus compatriotas a mercenários, escravos assalariados e prisioneiros. O estudante assentia, tomando notas para o seu trabalho escolar.

Em um assento da primeira classe de um avião de passageiros moderno alguns milhares de quilômetros a noroeste, um executivo mudava sua atenção entre uma planilha eletrônica e um arquivo de texto no seu computador portátil. Do outro lado da cortina da sua janela o pôr-do-sol iluminava nuvens prateadas e projetava sombras com quilômetros de comprimento através da paisagem que se escurecia; mas o mundo real não era composto de tarefas, dados, proporções e negócios, não as nuvens ou as florestas tropicais. Havia oportunidades para negócios em Calcutá, ou seja lá como fosse que eles chamassem aquele lugar agora, e na Colômbia também, apesar de toda maldita agitação.

Quilômetros abaixo, Samia e eu observávamos o horizonte de nosso posto em cima do arranha-céu. Parados lá em trêmula expectativa, já tontos de vertigem e suspense, eu vivenciei o pôr-do-sol como um movimento físico através do espaço, um salto para trás a dezenas-de-milhares-de-quilômetros-por-hora. Eu tive que me arrancar à força de tudo que eu conhecia e romper todos meus velhos compromissos para chegar lá — mas finalmente, como os pioneiros antes de mim, eu estava voando.

Nós estávamos com a faixa esticada ao longo da beirada do telhado, pronto para jogá-la e desdobrá-la assim que a marcha chegasse ali; eles já estavam atrasados mais de meia hora. Se alguém aparecesse aqui em cima, pareceríamos terrivelmente suspeitos com 13 metros de tecido e correntes esticados. Eu andava em círculos, brincando com o cadeado que eu trouxera para trancar o alçapão depois que saíssemos. Finalmente, reverberando no prédio atrás de nós de forma que parecia que eles estavam vindo do lado oposto, nós os ouvimos. Primeiro era apenas um distante ritmo grave, sutil o suficiente para eu achar ser a minha imaginação; e então aquele pulso se transformou num rugido, até que nos parecia inacreditável estarmos ouvindo um som tão alto e

ainda estarmos olhando para uma rua vazia.

Ele recém estava na metade do seu trabalho, mas o vôo estava chegando ao fim. As aeromoças mecanicamente recitavam instruções no sistema de som: "Por favor desliguem todos aparelhos eletrônicos e retornem os seus assentos à posição vertical." Ele já tinha ouvido essas palavras tantas vezes que ele podia praticamente recitá-las junto como um católico devoto numa missa.

Irritado, ele fechou seu computador e impulsivamente abriu sua cortina como ele fez há muitos anos atrás, durante sua infância. Na crescente escuridão, não se podia mais enxergar as árvores ou rios restantes abaixo — somente as ruas iluminadas, os carros na rodovia, a rede elétrica. A cidade se espalhava à sua frente como um circuito integrado de um computador, pura arquitetura de poder e transmissão. Toda aquela magnífica ordem era reconfortante, como os intermináveis campos de milho no Iowa, as ondas de rádio vendidas e divididas, os rígidos cronogramas do Guia de TV. Aqueles pobres coitados, invisíveis e substituíveis abaixo dele — eles não tinham a menor idéia do grande contexto no qual existiam. Somente homens como ele, com habilidades especializadas que ele levou décadas para reunir e o que a corporação Rand chamava de "visão geral", poderia assumir tudo e agir decisivamente. Era um trabalho estressante — longos turnos, a separação entre ele e os outros que não compreendiam — mas alguém tinha que fazê-lo.

De repente ele estava olhando para uma escuridão impenetrável — tudo que ele podia ver era o seu próprio reflexo fantasmagórico na janela do avião. As luzes da cidade haviam se apagado.

Do nosso telhado, sem fôlego de tão ansiosos, nós observávamos a passeata entrar no nosso campo de visão, dobrando a esquina. O cruzamento se inundava de pessoas, se enchia, e continuava rua abaixo enquanto mais e mais pessoas apareciam na esquina atrás delas. Eu não via tamanha multidão desde o nosso apogeu. Isso dava àquele momento um ar irreal.

O momento havia chegado. Nós verificamos novamente os grampões que prendiam a faixa a um cano que percorria o telhado, então Samia assumiu sua posição de um lado e eu fui para o outro. Cada um de nós levantou o que conseguia do material e, juntos, o arremessamos no ar. O tecido que permanecia sobre o telhado entre nós foi arrastado, então a corrente se esticou e a nossa faixa se desenrolou quatorze metros abaixo do prédio para todos verem, nela lia-se

Trevas.

O Futuro

O mundo está chegando ao fim. Não se engane, os dias estão contados. De onde você está, você não pode nem imaginar como será quando o chão nos atingir.

Ou, colocando de maneira diferente, o mundo está *sempre* acabando. O que vem a seguir depende de nós. Todas as manhãs acordamos, suamos, sangramos para criar uma duplicata exata do mundo como ele era ontem. Nós não precisamos fazer isso, mas fazemos, por medo, ou por desespero, ou iludidos por uma ambição psicótica, ou por pura teimosia e falta de imaginação. A qualquer momento podemos parar de pagar o aluguel e de ir ao trabalho — nada pode nos impedir se pararmos todos juntos — e reconstruir a sociedade do zero sem senhorios e parcelas de empréstimo a pagar. Todos tivemos este sonho pelo menos uma vez. Não é a polícia ou os políticos que mantém as engrenagens girando e os corpos queimando, é o nosso consentimento e complacência, para não mencionar, a falta de fé nos outros.

Mas mesmos que queiramos insistir em mantê-lo funcionando, o Desastre não é sustentável. O capitalismo como o conhecemos não vai durar mais cinco gerações — qualquer cientista ambiental pode lhe dizer isso. Da mesma forma, ninguém precisa lutar pela destruição da classe média — ela já está destruída: é uma classe de pessoas descartadas pelo seu próprio materialismo e duplicidade, sofrendo conseqüências emocionais e psicológicas verificáveis por qualquer psiquiatra. Não é mais uma questão de se o sistema em que crescemos criou o melhor dos mundos possíveis — a esta altura todos sabem a resposta para esta pergunta — mas de como vamos lidar com a bagunça da próxima vez que os terroristas passarem pela polícia, que as reservas de combustíveis secarem, que os computadores e usinas de geração de energia elétrica pararem. Considerar outras opções, testá-las, isso não é ser radical — é senso comum quando as coisas não estão dando certo.

Mas nós realmente estaremos vivos para ver algo diferente? Vamos ficar esperando por outro mundo?

Apesar da seriedade da nossa situação, não estamos condenados a aceitar o futuro. Existem diversos futuros à nossa frente, assim como hoje existem pessoas que moram lado a lado mas vivem em mundos diferentes; qual deles você viverá para testemunhar vai depender principalmente do que você fará até ele chegar. Este pesadelo existe exatamente até onde deixarmos ele existir — todo dia trabalhamos para ele, compramos dele, investimos nossas vidas nele, estamos pagando os nossos opressores para nos protegerem deles mesmos. Da

mesma forma, o mundo dos nossos sonhos irá existir o tanto quanto agirmos como se já estivéssemos nele — não existe outra maneira dele vir a existir. O momento decisivo para cada indivíduo é o momento decisivo da sociedade, em miniatura. Não fique perguntando quando o momento decisivo chegará, mas como você pode atingir o seu; se você pode chegar lá sozinho, todo mundo pode.

Quando você decidir agir, quando as suas ações abrirem precedentes para outro modo de vida, outro sairão de seus esconderijos e se juntarão a você. O quê, você achava que era o único que estava ficando maluco? É preciso toda uma nação subjugada para manter as coisas funcionando, e existem muitos outros no meio que sabem que estão ganhando muito pouco em troca. Existem milhões de pessoas que não são consultadas para as pesquisas de opinião, que podem lhe dar uma carona mas nunca aparecem na televisão. Dezenas de milhares de células adormecidas esperam a massa crítica chegar, prontas para entrar em ação com suas próprias vontades de respirar livremente e contas a acertar, desesperadas para lutar em uma guerra que realmente importe, uma paixão para atrair sua atenção — matando o tempo e a si mesmos enquanto esperam com anorexia, alcoolismo, casamentos mortos e empregos sem futuro. A cada dia que adiamos os riscos que sabemos que precisamos correr — esperando pelo momento certo chegar ou por outra pessoa dar o primeiro passo, ou apenas nos sentindo muito derrotados para tentar — temos em nossas mãos o sangue de todo suicida que não conseguiu agüentar mais um instante, de todo amor arruinado que não resistiu no vácuo, de todo artista sensível soterrado sob o cadáver de um miserável empregado da indústria de serviços.

Da próxima vez que o fim do mundo chegar, não estaremos paralisados o assistindo pela televisão. Estaremos lá na rua decidindo o que virá a seguir, derrubando as antenas com motosserras se isso for necessário para fazer os outros se juntarem a nós.

Não é tarde demais para se viver como se não houvesse amanhã — toda esperança para o futuro depende disso. Diga agora as suas últimas palavras, e comece neste instante com quem mais se juntar a você. Os sonhos se rebelam e se tornam realidade.

"Os porcos estão lá na frente!" Estávamos no Centro, na escuridão total, e a polícia estava do lado de fora. Eu não sabia quantos havia ou a que distância; eles vieram depois que cheguei, e eu ainda não tinha arranjado um caminho através dos corpos espremidos em torno da porta lateral para dar uma olhada nas coisas.

"Algum dos locatários vai lá falar com eles! Diz pra eles que este lugar não tem nada a ver com o protesto! Tentem descobrir o que eles vão fazer!"

Eu havia tentado encontrar Pablo ou qualquer pessoa ligada ao espaço sem sucesso desde que eu chegara. Eu já tinha muita sorte por ainda estar com a lanterna que eu usava quando ia acampar com Kate na fazenda de seu pai; todos outros estavam tateando lentamente através da escuridão tumultuada com seus celulares abertos, procurando rostos familiares na luz fantasmagórica.

Os policiais que acompanhavam o protesto entraram em pânico no momento que a luz apagou. A maioria deles recuou e pediu instruções pelo rádio, mas o oficial perto de nós entrou na confusão e começou a usar seu spray de pimenta em todos à sua volta. A multidão recuou em pânico e fúria, e um segundo mais tarde janelas estavam sendo quebradas rua acima. Apesar de toda minha experiência, eu perdi o rastro do Diego; na escuridão era impossível diferenciar um corredor mascarado do outro. Eu segurei o braço de uma mulher que tinha sido atingida pelo spray de pimenta e tirei-a do meio da confusão.

"Você pode me ver?"

"Sim, quero dizer, não." Ela era pequena, pouco mais velha que eu, usando um vestido floral. Uma viatura da polícia empurrou a multi-

dão atrás de nós e ela se virou às cegas: "*Fodam-se, seus* FILHOS-DA-PUTA!" Para alguém que eu presumi que nunca havia estado neste tipo de situação antes, ela parecia bem composta.

"Meu nome é Marshall. Vamos para um beco, vou ajudá-la com seus olhos. Levante" — eu coloquei meu braço em torno dos seus ombros para firmá-la e levantei-a um pouco contra o meu quadril — "*agora*. Ei, alguém me consegue um pouco d'água?"

Alguém me alcançou uma garrafa d'água e encontrei a escada de uma saída de emergência, onde eu abri os seus olhos e virei água neles. Se eu fizesse alguma idéia de que as coisas iriam acontecer desta forma, eu teria dito que precisaríamos de médicos, sentinelas, advogados, e cartazes reforçados como nos velhos tempos. Eu estava perdendo a prática.

Nós saímos do beco e encontramos grupos de dez e vinte pessoas vagando pelas ruas, tentando evitar a polícia. À frente, eu podia ver as luzes piscantes de suas viaturas, agourentas e ofuscantes, nos muros escuros da cidade. Essa nova geração não sabia nada sobre dispersão. Eu gritava para as pessoas não nos seguirem, mas um pequeno exército nos acompanhava ao que eles devem ter pensado que era uma distância respeitosa. Depois que chegamos no Centro mais e mais pessoas chegavam atrás de nós até que a escuridão estava cheia de vozes excitadas e energia nervosa.

A luz da minha lanterna caiu sobre alguém que eu reconheci das reuniões de planejamento. Ele não tinha um celular para iluminar o seu caminho, e isso instantaneamente me cativou; eu o imaginei como sendo do tipo que não tinha telefone ou carro porque ele tinha se atrasado nos pagamentos, não por razões ideológicas. "Você viu Diego? Ou Kate? Quem você viu? Você está bem?"

"Alto, quem está aí? Eu ouvi dizer que eles prenderam um monte de gente. Eu estou bem."

De algum lugar atrás de mim surgiu uma voz: "Marsh! Estou aqui!" Era Diego.

Aquilo foi um puta dum alívio. "Você deveria sair daqui — isso é uma má idéia, todo mundo vir aqui deste jeito."

"Ah, é difícil para mim levar isso a sério. É como, ah sim, eu me lembro, esta é a parte onde nós estamos encurralados no centro de convergência — isto é muito realista!"

"É, seria preciso muito esforço para conseguirmos um treinamento como esse de propósito! Mas espero que isso sirva como experiência para esse pessoal novo..."

"Atenção todos!" Era a voz de Samia. Ela estava de pé em cima de algo, segurando uma lanterna de forma que seu rosto era uma pequena estrela no meio da escuridão. "Ouvimos no rádio que a polícia prendeu quatro pessoas. Ainda não sabemos os seus nomes. Se alguém viu pessoas sendo presas, venha até aqui."

Pessoas gritavam perguntas por toda sala: "E os policiais? Eles vão invadir?"

"Nem pensar," Diego gritou. "De forma alguma eles vão arriscar fazer isso sem saber como este prédio é por dentro, eles não sabem quantas pessoas estão aqui, eles não podem ver nada, e todo bairro está às escuras — eles estão muito ocupados."

O seu tom me fez lembrar. "Diego, assim que as coisas esfriarem, temos que conversar sobre essa merda com você, Samia e todos outros. Falo sério."

"Ok, tá certo." Ele não parecia interessado.

Agora Pablo estava de pé na cadeira com a lanterna. "Se alguém aqui foi agredido ou atingido pelo spray de pimenta, eu estarei na sala de trás fazendo um vídeo. Podemos usá-lo em processos judiciais. É extremamente importante que caso você tenha sido ferido ou borrifado você dê o seu depoimento agora mesmo enquanto sua memória ainda está fresca."

Eu voltei à cozinha, onde vi pela última vez a mulher que chegou comigo. Havia duas velas sobre o balcão, e na luz trêmula ela e algumas outras pessoas haviam se despido e estavam usando a torneira para se lavar. Eles estavam molhando todo o piso, mas nas circunstâncias isso parecia insignificante. "Vocês ouviram sobre o vídeo? Se vocês quiserem dar o seu depoimento, eles estarão gravando aqui em cinco minutos." Alguém na sala da frente estava falando sobre o tratamento adequado para quem tinha sido atingido com pimenta.

Onde estava Kate? Eu sabia que ela sabia como se cuidar, mas era impossível não se preocupar. Outra pessoa estava de pé na cadeira? "Então se vocês realmente precisarem sair, saiam em pequenos grupos, um grupo de cada vez, e avisem assim que estiverem em segurança!"

"Peraí, meu celular não tá funcionando! Alguém aqui tá recebendo sinal?" Um clamor de vozes.

Alguém subiu em uma cadeira do outro lado da sala, usando seu celular como iluminação. "Olha só, todas a região está sem luz, quem quer sair e *botar pra quebrar?*"

Este provavelmente era eu uns anos atrás, mas agora eu só achava

isso um incômodo e um risco a mais. "Não apenas quebrem vitrines," eu gritei. "Vão aos supermercados. Vocês fazem idéia de quanta comida eles vão jogar fora hoje? Se tudo isso vier para cá, toda a cidade irá comer de graça por uma semana. Podemos precisar, se isso continuar!"

Ouvi Pablo ao meu lado. "Você está bem? Viu a Kate?"

"Sim, estou bem, não, não vi. Ela está aqui, ela está bem? A propósito, obrigado por ir com a Samia. Aquilo foi incrível."

"Kate está lá na frente, negociando com a polícia. O que você acha, foi um dos nossos ou foram eles?"

"A energia elétrica? Puta merda, você acha que isso é aquela merda terrorista de novo? Eu achei que fosse só um acidente."

"É possível que seja um acidente, ou mesmo um de nós, mas também é possível que eles tenham roubado o nosso espetáculo. Temos que pensar sobre como lidar com isso. Se as ações deles superarem as nossas, então eles que vão ditar as regras e tudo o que as pessoas vão ver será governo contra terroristas, sem nenhum espaço para libertação."

As coisas estavam chegando num estágio crítico, estivéssemos prontos ou não. Alguém apertou meu braço. Era Kate.

"Você está bem?"

"Sim. E você?"

"Tô. Vem comigo, tem alguém aqui que quer te ver." Ela me levou através da multidão pela porta lateral; comparado com a escuridão total lá dentro, aqui fora havia um pouco de luz.

Era Walter. Ele era a última pessoa que eu imaginaria, especialmente no meio de tudo isso. "Cara, vocês aprontaram uma puta confusão! Eu achava que as coisas estavam loucas onde nós estamos!"

"Walt! O que você conta? O que te traz aqui?"

"Vou resumir, pois posso ver que vocês estão ocupados. Você sabe que eles estavam ameaçando despejar a Ethel, e parece que eles vão fazer isso amanhã. Nós pensamos se vocês não podiam levar alguns amigos para nos ajudar a desencorajá-los, você sabe o que eu quero dizer."

"Ah, sim, hmmm..." eu olhei para Kate iluminada pelas luzes distantes dos carros de polícia; ela ergueu as sobrancelhas e assentiu. "Você quer falar a respeito? Você é a oradora."

"Não, esse é o seu pessoal. Você deveria dizer."

"Bem..." eu hesitei. "Ok, venham comigo." Atravessamos a multidão na escuridão. Justamente Ethel! Aqueles filhos-da-mãe!

"Você sabe que hora será? Devemos ficar lá o dia todo?"

"Acho que sim. A gente nunca sabe, eles podem nem aparecer se o

blecaute continuar." Walter pôs sua mão sobre o meu ombro. "Você sabe que se isso der certo, o pessoal do nosso bairro vai estar muito menos disposto a pagar aluguel."

Eu subi na cadeira e apontei a lanterna para o meu rosto. "Atenção todos!" Muitas pessoas ainda falavam; eu comecei com a voz estrondosa que eu usei na reunião da Câmara Municipal há muito tempo atrás. "ATENÇÃO TODOS! Minha amiga Ethel morou na mesma casa por mais ou menos vinte anos! Eu a visitava toda quinta-feira pelos últimos cinco anos, e ela é a pessoa mais hospitaleira e generosa que conheço! Alguns de vocês podem se lembrar da Ethel da greve na universidade alguns anos atrás — talvez vocês pensassem que tínhamos ganhado aquela batalha, mas ela perdeu o emprego alguns anos depois e agora os filhos-da-puta da imobiliária querem tirá-la da sua casa!"

Um silêncio respeitoso tomou conta da sala. "Eu sei que alguns de vocês têm que estar no trabalho ou na escola pela manhã, mas eu quero saber quantos de vocês irão comigo amanhã até a casa da Ethel para garantir que ninguém vai tirá-la de lá!"

Houve um brado rouco de todos os cantos; me surpreendeu. "Sério, quantos de vocês vão?"

"Eu estou falando sério!" uma voz gritou. "É isso aí!" outra ecoou.

Alguém encontrou uma lamparina a óleo e a estava levando ao centro da sala; sombras imensas corriam pelas paredes altas enquanto ela se deslocava pela multidão. Eu desci da cadeira. Pela primeira vez desde que eu tinha chegado, eu podia ver os rostos das pessoas ao meu redor; todos espremidos, prontamente fazendo perguntas e sugerindo estratégias. Eu podia ver Walter, Kate, Samia, Diego e uma dúzia de pessoas mais novas; Pablo estava na sala de trás, filmando.

Só então que me ocorreu que a idéia de me matar não passava pela minha cabeça há semanas. Meus olhos encontraram os de Kate e encheram-se de lágrimas. Nós sobrevivemos.

Deixando o Século 21...

Quando nossos ancestrais, pela primeira vez, cortaram as florestas que os abrigavam desde tempos imemoriais para construir cercas, eles lançaram as bases para o mundo onde vivemos hoje. No lugar de presentes e compartilhamento, temos competição e escassez imposta — corporações projetam e fabricam mais e mais produtos para que ainda exista alguma coisa escassa por que lutar enquanto os lixões transbordam com excedentes. No lugar da fé de que a natureza irá nos sustentar, temos as defesas que a ciência nos dá enquanto transforma nossos últimos recursos naturais em máquinas de guerra e lixo tóxico. No lugar da alegria de vagar por paisagens novas e em constante mudança, temos cidades estéreis como parques temáticos ligadas por rotas de turismo e de transporte urbano — enquanto os últimos aspectos da existência são reduzidos a código binário para uma realidade virtual.

Talvez este mundo nunca será livre de infelicidades — as pessoas sempre morrerão antes de estarem prontas, assim como incríveis casos amorosos terminarão em ruínas, aventuras serão cortadas por catástrofes e momentos mágicos serão esquecidos. Mas o que é mais triste é o modo como fugimos dessas verdades inevitáveis para encontrar coisas ainda mais horríveis. Pode ser verdade que estamos fundamentalmente sozinhos, que a vida é caprichosa e cruel — mas não precisa ser verdade que uns passam fome enquanto outros destróem comida ou compram mansões. Homens e mulheres não precisam ser forçados a jogar fora suas vidas trabalhando para servir à ambição vazia de uns poucos homens ricos, apenas para sobreviver; não precisamos deixar tradições e doutrinas inúteis nos guiarem para vazios desconcertantes. Não precisamos ter medo de dizer uns aos outros o que realmente queremos, de nos abrir honestamente, de usar nossos talentos e capacidades para tornar a vida mais tolerável — e mais bonita. Essas são tragédias *desnecessárias*, tragédias estúpidas, patéticas e sem sentido. Não é nem mesmo utópico exigirmos um fim para farsas como essas.

Nosso medo de fracassar nos impede de acreditar que podemos superar esses absurdos. Mas o medo, depois que é reconhecido pelo que realmente é, pode servir para outro fim: se praticarmos fazer o que mais tememos, nossos medos podem ser guias mais confiáveis do que qualquer bússola para nos levar além das fronteiras desnecessárias que construímos ao nosso redor e para nos levar a novos mundos.

Vamos ser corajosos o suficiente para segui-los para fora desta escuridão, para reconhecer e encarar as tragédias inescapáveis de nossas vidas e acabar com as outras sem hesitação ou dúvida. Será que pode ser verdade que as antigas florestas cheias de recompensas ainda nos esperam em algum lugar além dos limites desta granja industrial que chamamos de civilização, e tudo que precisamos fazer para ser livres é largarmos nossas ansiedades e ferramentas de controle e partir?

...Arrombando e Entrando em um Novo Mundo

Eu penso em você o tempo todo, caro leitor. Quem é você? Por que você leu até aqui? Qual é a sua história? Poderíamos conversar sobre tanta coisa, mas o tempo está ficando curto. É melhor começarmos a amarrar as pontas.

Você vai querer saber quanto disto é verdade. Todas essas coisas aconteceram, mas não precisamente como descritas. Sim, nós quebramos vitrines, mas não essas vitrines em particular. Nós invadimos o refeitório e ativamos o alarme de incêndio, mas talvez não ao mesmo tempo. Nós largamos os estudos, divorciamos de nossos esposos e abandonamos nossos empregos, mas volta e meia nós retornávamos para a escola, fazíamos entrevistas para outros empregos, voltávamos de joelhos para os nossos parceiros. Nós lutamos contra o desespero e a divergência, mas também tivemos que lidar com o vício, violência sexual, contra o nosso próprio racismo profundamente entranhado. Nós trocamos nossos sexos, brigamos com nossos pais, tivemos filhos e discutimos sobre como criá-los; têm muita coisa que não aparece aqui.

Seria melhor ter contado essas histórias do jeito que aconteceram, mas não podíamos correr esse risco quando nosso rastro ainda tinha que esfriar. Além disso, a realidade escapa de todas as redes: para ser fiel à vida, teríamos que ter contado a história de todo o mundo, se estendendo infinitamente em todas as direções. Tivemos que nos contentar com isso, incompleto como é. Pense nas histórias que seremos capazes contar ao redor da fogueira quando tudo isto tiver acabado e cada um de nós puder finalmente levar os créditos pelos seus feitos de coragem e inteligência!

Talvez você queira nos conhecer; infelizmente isso não é possível. Você nunca pode conhecer os personagens de um livro, mesmo que eles sejam pessoas reais. É melhor você nos conhecer aqui e as pessoas de verdade na vida real do que misturar os dois.

De qualquer forma o importante não é quem nós somos, mas quem você é... e o que você vai fazer.

Aonde Estamos Indo?

...embarque em navios sem leme, suba em trens que irrastreáveis; existem regiões desta terra que ainda não foram mapeadas, não importa o que digam seus atlas...

Sim, *estamos indo*.
"Pra frente"
é o nosso destino,
pois aqui, estamos
correndo sem sair do lugar.
Queime seus mapas e parta:
você vai se descobrir em
um mundo que ainda
não foi mapeado.
Recuse destinos,
e definições —
nós estamos *construindo*,
agora venha
e se torne.

um prédio sem planta-baixa,
uma festa sem pista de dança,
um experimento sem uma hipótese,
uma missão sem uma finalidade,
uma jornada sem um objetivo,
um desejo sem objeto

Quando insistem que você descreva o seu mundo alternativo, com toda possibilidade levada em conta e todo detalhe registrado, recuse-se. Esta não é uma tentativa de programar tudo e todos, ou uma nova fórmula que irá finalmente forçar toda complexidade orgânica da vida nos moldes de algum ideal teórico. Esta é uma maneira de fazer as coisas, não um novo padrão sob o qual devemos marchar, não é outro sistema — é uma forma de se olhar a vida, de se resolver os problemas que temos agora e depois resolver os que vierem a seguir. Ela já existe neste exato momento em alguns lugares, amanhã existirá em outros, e esperamos que um dia ela exista em todo lugar.

Eles se abraçariam a este presente esfarrapado que eles fizeram como uma prova de que nada mais é possível? É melhor descobrir o que mais é possível neste presente, e partir daí. Eles brandiriam as vastas incertezas do futuro como uma objeção às nossas fantasias de um mundo melhor? É melhor então jogar fora todos futuros planejados, o deles antes de tudo, e então só nos restará isto: o que fazemos agora, continuamos a andar em círculos ou nos mandamos daqui?

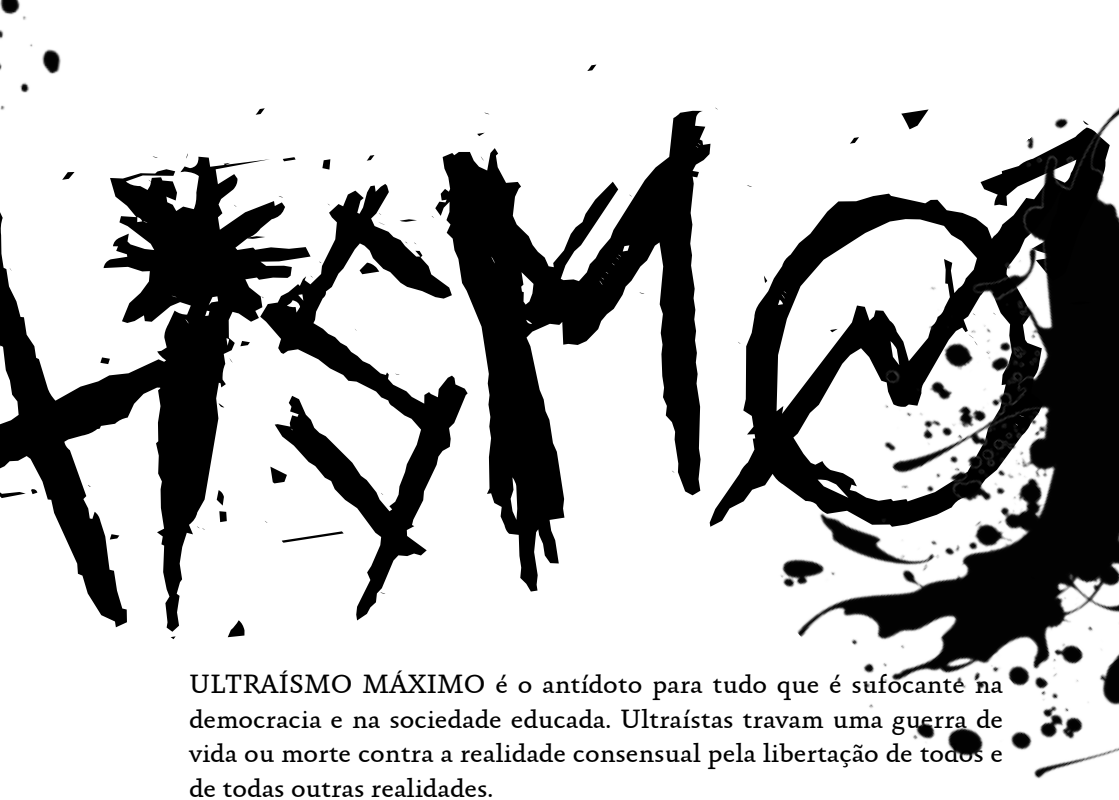
No meio do verão, quando, o sol moribundo verteu seu sangue tornando o céu laranja, o movimento começou. No começo não era nada mais que um tremor, mas gradualmente se transformou em um barulho, um levante, um terremoto, e todos correram para ver o que estava acontecendo.

III . Depois de Tudo

"Os sensatos se adaptam ao mundo; os insensatos lutam para modificá-lo: assim todo o progresso depende dos criativamente desajustados. Aquele que dá ouvidos à razão está perdido — a razão escraviza todas as mentes que não são fortes o suficiente para resistir."

ULTRA

TODOS NÃO ULTRAÍSTAS SERÃO LAÇADOS!



ULTRAÍSMO MÁXIMO é o antídoto para tudo que é sufocante na democracia e na sociedade educada. Ultraístas travam uma guerra de vida ou morte contra a realidade consensual pela libertação de todos e de todas outras realidades.

ULTRAÍSMO MÁXIMO é uma provocação, com certeza. Tanto o diabo, quanto seu advogado, são ultraístas, e eles fizeram mais pela liberdade e diversidade de pensamento do que Deus jamais fez.

ULTRAÍSMO MÁXIMO é a arte de seguir toda idéia até sua conclusão lógica. Significa nunca fazer nada pela metade. Os ultraístas humilham os políticos traiçoeiros ao colocar tudo sobre a mesa para que todos vejam. Mesmo — e especialmente — quando eles estão errados, os ultraístas fazem o grande favor de revelar as virtudes e fraquezas das teorias e estratégias na sua forma mais pura. Toda comunidade precisa de alguns ultraístas para testar novas possibilidades.

ULTRAÍSMO MÁXIMO abre horizontes: todo ultraísta é um pioneiro. O ultraísmo foge dos discípulos, e ainda assim, incita pessoas que nunca ousariam fazer coisas semelhantes às suas. O ultraísta abre um precedente, tornando possível para os abertamente menos radicais se darem a permissão de explorar o espaço que se abre entre o "moderado" e o radical.

ULTRAÍSMO MÁXIMO não é dogmático nem doutrinário. Ser um ultraísta não é render o seu ser ou seus sentidos; ortodoxia, fanatismo, essas são simplesmente marcas concorrentes do Padrão. O verdadeiro ultraísta inventa as suas próprias máximas e dá os seus próprios ultimatos.

ULTRAÍSMO MÁXIMO não quer convertidos; é um desafio para todos se estabelecerem nos seus próprios extremos.

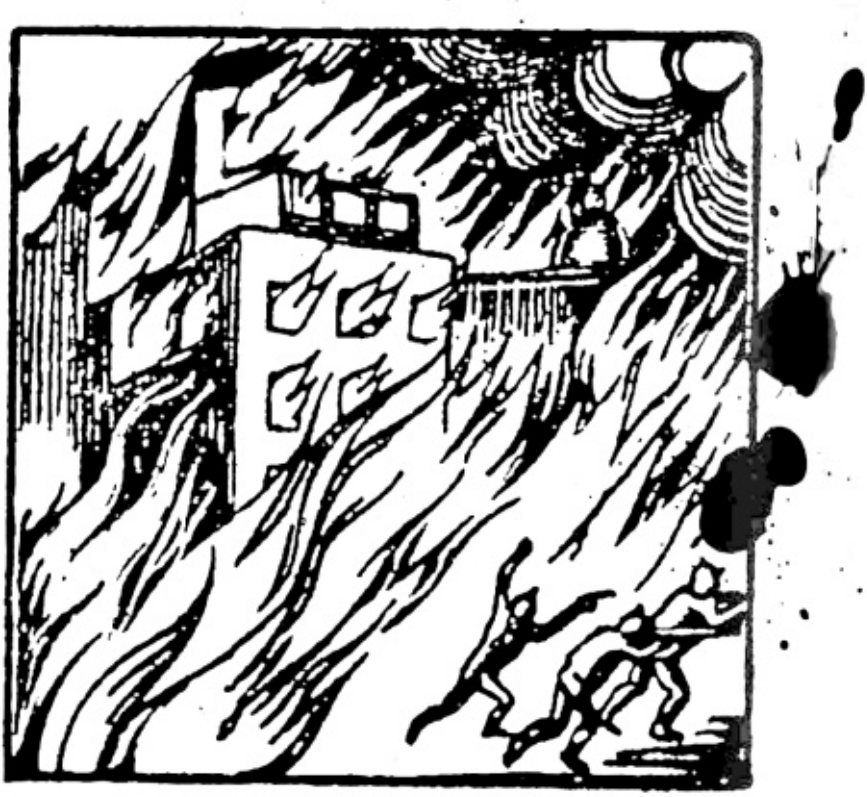
ULTRAÍSMO MÁXIMO não é uma competição ou um padrão de medida de uma nova elite. Mais-ultra-que-você é uma competição sem significado — existem extremos suficientes para todos. Além do mais, a prática de ultrapassar fronteiras e romper limites mostra que não há um "centro", e portanto também não há extremos.

Logo, ULTRAÍSMO MÁXIMO é não-hierárquico; nenhum ultraísta que se respeita olha outros como "menos ultra" que ele — fazer isso seria aceitar o mito conformista de que existe um padrão de normalidade. O verdadeiro ultraísta reconhece que *todos* são extremistas*, que o "normal" é um mito dos cordeiros e daqueles que se comportam como eles.

ULTRAÍSMO MÁXIMO não é sobre se travestir em terno e gravata para a administração, praticar dicção para as câmeras ou adotar costumes locais para seduzir recrutas. Insinceridade é a base desta sociedade doente; as pessoas aprenderam a sentir o seu cheiro a quilômetros de distância apenas para sobreviver. Você não está fazen-

* Se isso for verdade, então todos são Ultraístas, assumindo ou não o Ultraísmo Máximo. Neste caso, uma exultação do Ultraísmo, como esta, não deve ser lida como uma tentativa de persuadir as pessoas a escolherem uma determinada maneira de se comprometerem ao invés de outra, mas sim como

uma refutação dos álibis da moderação e deferência à opinião popular.



do um favor a ninguém ao reforçar esta onipresença em suas próprias atividades, nem ao insultar a sua inteligência e paixão assumindo que eles não estão prontos para serem tão radicais quanto você secretamente é. Da mesma forma, ultraístas não se disfarçam como moderados para trabalhar junto com outros tendo em vista objetivos moderados — um grupo comum de pessoas moderadas é apenas um bando de ultraístas enrustidos esperando por parceiros com quem entrar em ação.

ULTRAÍSMO MÁXIMO é uma *tentativa deliberada de alienar as massas* — pois quem é o maior inimigo da liberdade e da individualidade senão as massas? Além do mais, não vamos nos enganar: são essas "massas" que formam milícias, que se matam a tiros em agências do correio e em escolas, que se juntam a cultos que prometem a imortalidade através da autocastração — essas pessoas estão *desesperadas* por extremismo, elas *precisam* dele! Se tudo que elas precisassem para "se juntar ao movimento" fosse um radicalismo exatamente igual à política com que estão familiarizados, o Partido Verde ou o PCO teria ga-

nho as últimas eleições. Não, as pessoas estão se guardando para um *modo de vida diferente*. Se a sua posição radical o isolou, talvez seja porque você não foi longe o *suficiente*.

Entusiastas do ULTRAÍSMO MÁXIMO não têm medo de parecerem ser os radicais que são. Timidez, vergonha, diluição — nenhuma dessas formas de encobrimento se parecem com as nossas políticas. As posições dos ultraístas são mais atraentes por serem defendidas com confiança e sem desculpas; a longo prazo, tantos "termos de responsabilidade" e "avisos legais" terminam por alienar muito mais do que acalmar as pessoas.

ULTRAÍSMO MÁXIMO, de qualquer forma, é à prova de falhas. O ultraísta pode fazer as pessoas se virarem contra ele e suas idéias se ele causar mal a outras pessoas. Isso o torna menos perigoso à sociedade do que o 'moderado' – que pode causar muito mais dano através de práticas comuns e aceitáveis, sem chamar a atenção de ninguém.

ULTRAÍSMO MÁXIMO pode complementar posições e táticas aparentemente menos radicais. Alguns, que assumem posições que lhes parecem moderadas, acusam os ultraístas do mesmo campo de alienar o seu eleitorado — mas na verdade, tais ultraístas podem tornar essas posições atraentes para as pessoas e forçar os seus inimigos a fazer concessões ao fornecer uma alternativa menos palatável: "Converse conosco, ou você terá que lidar com... os ultraístas."

É claro que os associados ao ULTRAÍSMO MÁXIMO não elaboram pesquisas de opinião nem se preocupam com as estatísticas. Você é responsável pelas suas opiniões e escolhas; uma vislumbrada na história recente nos mostra que a maioria das pessoas só acerta por acaso. A vida não é algo que possa ser votado — você tem a sua própria, é tudo com que você pode trabalhar, ninguém pode saber melhor o que é certo para você. A paralisia do "esperar até que você aprenda o suficiente sobre o assunto" não faz bem a ninguém — tire algumas conclusões de suas experiências e aja! Aqueles que enxergarem suas ações como uma expressão de si mesmos, ou que se beneficiarem do que você fizer, vão se dar conta e se juntarão a você.

ULTRAÍSMO MÁXIMO não vai alienar os seus colegas — ele vai lhe dar o reconhecimento dos mais ousados e apaixonados entre eles.

Mas não vamos dizer que o ULTRAÍSMO MÁXIMO é interditado para os fracos do coração — o Ultraísmo é uma forma de desenvolver a *força* do coração. Movimentar-se diariamente em um mundo que contradiz e nega os seus valores, a sua própria existência, é forjar uma firmeza de caráter que não pode ser minada por pressão de colegas ou por modismos passageiros. Podemos contar com os ultraístas para dizer o que sentem e fazer o que pregam; eles não têm nada a perder e nada a esconder. Uma ultraísta, se ela pensa como você, é a aliada mais confiável que se pode encontrar.

ULTRAÍSMO MÁXIMO enterra tesouros para o futuro. Pense em todos os gênios e visionários que morreram marginalizados e desconhecidos! Se, pelo contrário, eles tivessem diluído as suas revelações e ajustado a sua visão para os seus tempos, eles teriam nos privado de todas essas riquezas. Devemos ser gratos que eles tiveram visão o suficiente para se isolarem de forma que pudessem se focar em ser o mundo que estava por vir. Reclusão, obscuridade, a máscara da insanidade — isso pode nos tornar capazes de descobrir verdades e possibilidades invisíveis para aqueles que estiverem cegos pelas expectativas e exigências de serem realistas. Nós todos podemos ser gênios, se tivermos confiança e seguirmos nossas próprias visões. Um compromisso com o Ultraísmo significa fé na infinita fertilidade da imaginação e nas infinitas possibilidades do universo.

ULTRAÍSMO MÁXIMO é um modo de vida holístico que casa a teoria com a prática. As crenças da ultraísta tem papel ativo na sua existência diária — não são um mero assunto para conversas de jantares festivos! Ao praticar os seus princípios e agir de acordo com eles, ao levar a sério a si mesma e ao seu destino o suficiente para recusar qualquer papel secundário no espetáculo de alguma Maioria Silenciada, ela garante um papel principal em uma vida de aventuras: altos riscos para correr, triunfos para alcançar, tragédias para sofrer. Tédio, sentimentos de insignificância e impotência, serão os menores dos seus problemas. Quando ela ri, ri até seu fôlego acabar; quando ela chora, derrama todas as suas lágrimas. Uma ultraísta pode levar uma vida de desespero, mas pode apostar que não será uma vida quieta.

ULTRAÍSMO MÁXIMO é o oposto da felicidade média promovida pela mídia feliz. É um desafio para quem se opõe aos campos de concentração em nome da moderação — controle moderado, liberdade moderada, vida moderada e uma morte moderada. Os ultraístas se opõem a isso com uma dedicação apaixonada à vida — pois aqueles que se dedicaram à morte já não estão mais conosco!

ULTRAÍSMO MÁXIMO é excepcional em cada uma de suas manifestações. ULTRAÍSMO MÁXIMO não pode ser cooptado. ULTRAÍSMO MÁXIMO é radicalmente

democrático. O ultraísmo individual é um ato de solidariedade com todos os outros que acreditam, sonham e agem fora das linhas.

Por uma revolução sem limites, contra restrições e controle!
Vida longa ao superlativo!

Alguns anos antes de tudo isto começar, o grupo ambientalista no qual trabalhei brevemente mandou seus voluntários por aí para conscientizar as pessoas sobre os perigos da usina nuclear que gera a energia elétrica de todo o nosso distrito. Um deles foi parar em frente a uma casa, nos limites da cidade — na casa do pai de Kate, como descobrimos mais tarde. O jovem ativista tocou a campainha e discursou para o senhor grisalho que atendeu à porta; este, ouviu tudo pacientemente, interrompendo apenas para soltar palavrões para expressar seu ultraje sobre os relatos de injustiça e contaminação. Concluindo sua apresentação, o jovem educadamente explicou que estava recolhendo contribuições, que eram dedutíveis do imposto de renda, e convidou o senhor para assinar uma petição. O senhor estava perplexo: "Você me diz que esses merdas estão destruindo a terra em que vivemos, e você quer que eu assine uma petição? Isso vai servir para quê?"

"Bem, senhor, nós..."

"Se o que você diz é verdade, deveríamos ir atrás desses filhos-da-puta com armas! Sério, isso é só um pedaço de papel — alguém vai fazer algo a respeito disso, ou o quê?"

"Sim, ãh, mas... temos que começar em algum lugar, e..."

"Filho, se você não vai ajudar, corre daqui — você está cumprindo horário agora, não? Eu vou cuidar disso eu mesmo."

O pai de Kate ligou para a companhia de energia elétrica e perguntou se o que havia ouvido a respeito da usina era verdade. Ele não se convenceu com as respostas evasivas, e exigiu que eles mandassem um funcionário para desligar a casa dele da rede. Eu só posso imaginar a perplexidade do representante do outro lado da linha:

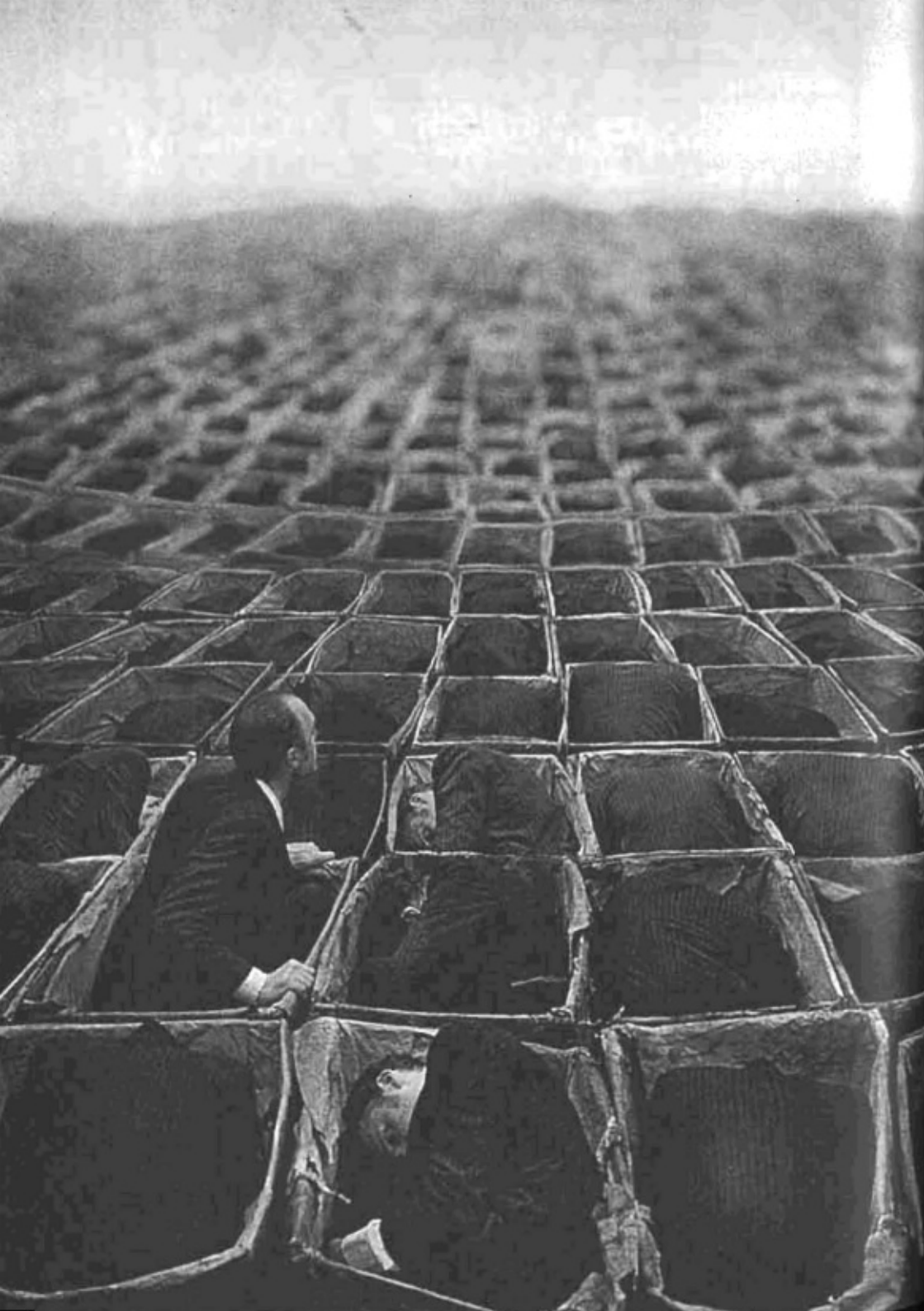
"Desculpa, senhor?"

"Isso mesmo, quero que você mande alguém aqui para desconectar a minha casa da rede elétrica. Já estamos cheios dos seus serviços."

"Perdão, senhor... eu não tenho certeza de que... quero dizer, nunca ouvi ninguém pedir para desligarem a sua eletricidade desse jeito..."

"Escuta, eu não estou apenas pedindo que cortem a eletricidade, estou avisando você que é melhor remover todos os equipamentos, fios e tudo, da minha propriedade, ou então farei eu mesmo! E não pensem que vocês podem se safar com esse monte de merda. Nós conhecemos os seus truques agora, seus vermes sugadores de bosta."

Foi por isso que a sua casa não tinha energia elétrica quando nós fomos lá, após aquele protesto. Nos dê uma centena de mulheres e homens como ele e nós acabamos com tudo isso agora mesmo.



O Que É Crimidéia?

Para chegar no Crimidéia saindo da estação de metrô, você precisa dar um ousado salto mortal duplo. Ele fica há apenas um mergulho insano do caixa do supermercado e a um mero arremesso de tijolo do banco das testemunhas no tribunal, mas é muito mais difícil de acessá-lo dos cercadinhos que são nossos lares, escolas, locais de trabalho e discotecas — você praticamente tem que ser a Joana D'Arc com o cabelo em chamas.

Crimidéia é o éter com o qual os burgueses são postos para dormir, e que com sorte eles sonham. Pessoas amargas, sonhos doces. Crimidéia não pode ser capturado pelas câmeras fotográficas dos jornalistas. Crimidéia é o slogan daqueles que morrem de pé ao invés de viver de estar de joelhos, mas é mais provável de ser encontrado no meio do caminho — como talvez, com você.

Crimidéia é o arbusto em chamas no deserto da sociedade industrial, que ainda pode ser encontrado entre as coxas dos mais impiedosamente livres e belos. Crimidéia é a vingança por aquela maldita bandeira que eles colocaram na lua*.

Crimidéia é a pátria dos sem-teto, do Übermensch e dos inferiores. Crimidéia não é um modo de dizer, mas de agir; ele só assume a forma de discurso quando falar é agir. Crimidéia explica tudo no mundo, caso a caso, parando logo antes do abismo da abstração — um processo que ainda não está bem finalizado, é claro. Crimidéia lhe diz: *Eu pus um feitiço em você, porque você é meu.*

Militantes e amantes, é bom que vocês invistam em crimidéia!† Pois o mercado gerencia os gerentes, a hierarquia manda nos chefes, o capitalismo é o dono dos proprietários, mas aqueles que têm suas próprias crimidéias são realmente livres e selvagens.

* Muito espertos, burocratas — finalmente uma bandeira que não podemos queimar.

† Invista em Crimidéia! Crimidéia é a única poupança que ainda paga juros depois da queda do capitalismo. As ações da Crimidéia sobem junto com os batimentos dos corações e com tijolos arremessados — mesmo e especialmente quando a bolsa de valores quebra. Crimidéia lhe dará uma fortuna que recompensa a coragem — desafiamos você a encontrar uma oferta melhor. A riqueza gerada pela Crimidéia aumenta de acordo com as leis da divisão celular. Crimidéia funciona no modelo da abundância — quanto mais você gastar o seu investimento, mais ele aumenta seu valor! Quando o crepúsculo dos velhos deuses chegar, você vai ficar feliz em ter trocado de moeda antes que fosse tarde.

O Que É CrimethInc.?

É preciso ser muito ousado para usar suas próprias crimidéias contra si mesmo. Crimidéia não é CrimethInc.; ela é sim o espírito lúdico de destruição que — esperamos — salve a CrimethInc. de si mesma.

CrimethInc. levanta contradições da mesma forma que os outros levantam cercas: para se proteger da ideologia, do atrofiamento. CrimethInc. é um segredo — e ainda assim faz um chamado por revolta que será ouvido em todos os cantos dos Territórios Ocupados assim que você terminar de ler esta frase.*

Escute o silêncio com atenção, e você ouvirá trovoadas lá dentro.

CrimethInc. é a intuição da moda de uma nova rebelião juvenil que vai muito além da juventude e da rebelião. CrimethInc. é uma organização sem profetas que não visa lucros. CrimethInc. é linda: é feia, quando a beleza está dividida em desfiles e tudo que é bonito foi patenteado, é uma investida no desconhecido para buscar novas fontes de alegria, antes que todos sufoquemos como fermento em nosso próprio excremento.

CrimethInc. é a cura para os cânceres com os quais eles se propõem a curar o câncer. CrimethInc. faz uma varredura pelas ruas com fogo e faixas e entra furtivamente na sala de aula na forma de xerox e sussurros. CrimethInc. pilota o navio sem leme que é o movimento do movimento, codificado nos caminhos daqueles que trocam servidão por vagabundagem; CrimethInc. esmaga o turismo e todas as outras fórmulas desprezíveis para se correr sem sair do lugar.

CrimethInc. é o Último Afrouxamento: está aqui sob as ordens dos desordenados, para que nada fique em ordem, ou sirva ordens, de novo. Oh, você, rebelde sem causa, CrimethInc. é o seu bilhete para sair daqui que você tanto esperou — se você estiver a fim de usá-lo, pois CrimethInc. é o que você mesmo faz, nada além disso.

CrimethInc. está atuando sempre que trabalhadores sonham acordados, sempre que um banco estiver sendo roubado, em aviões que passam sobre o litoral brasileiro ao nascer do sol. Ela mantém horários de trabalho em prédios sitiados pela tropa de choque, ocupados por rapazes e moças que escaparam dos seus condomínios para se

* Não acredita em nós? *Você* o escutou, não é?

apaixonar. Pegue o último trem da noite de La Plata para Buenos Aires, e se as portas estiverem abertas para que você possa sentar nos degraus do vagão escutando os jovens passageiros batucarem um samba nos assentos e cantarem juntos atrás de você, enquanto a noite argentina passa pela janela, e você se dá conta de que tem uma carta ou um livro que precisa escrever — e naquele momento, você terá chegado em um fronte avançado.

CrimethInc. está presente sempre que algo ou alguém esteja em chamas. O campo de operações da CrimethInc. se estende onde quer que existam crimidéias, e mais:

ele se acelera através das águas do Ártico no despertar de cometas caídos e engolidos pelo frio,

em cidades russas cercadas por vastos rios no fim do inverno — os estalos do gelo se derretendo ecoando na noite,

chegando no polos magnéticos onde as bússolas giram, e seguindo em frente*

no fundo do oceano onde jazem os cadáveres macios das baleias.

* É importante ressaltar que os polos magnéticos não são fixos — eles se deslocam sobre a superfície da terra. Este é, na verdade, exatamente o tipo de viagem sancionada e realizada pelos agentes da CrimethInc: invisível, detectável somente pelos efeitos registrados a milhares de quilômetros de distância, mas de impacto global...

Concluindo:

Obviamente, senhores, se vocês temem pela moralidade de suas esposas, pela educação de suas crianças, pela tranqüilidade de seus investidores, pela submissão de suas amantes e animais de estimação, pela solidez de suas poltronas, prisões privatizadas e granjas industriais, pela existência dos seus bordéis, e pela segurança do Estado... Então vocês estão certos.
Mas o que vocês podem fazer?

Vocês estão podres,
e o fogo foi aceso.

Mas e a vocês que querem ser revolucionários, radicais casados com uma licença sem limites, moças e rapazes que amam sem dar folga, nós lhe pedimos:

Mais rigor na sua imprudência!
Mais ambição no seu hedonismo!*

Quando você é jovem e parece que você é invencível, é porque você o é.
De agora em diante, ninguém jamais morrerá.

* E vice-versa.

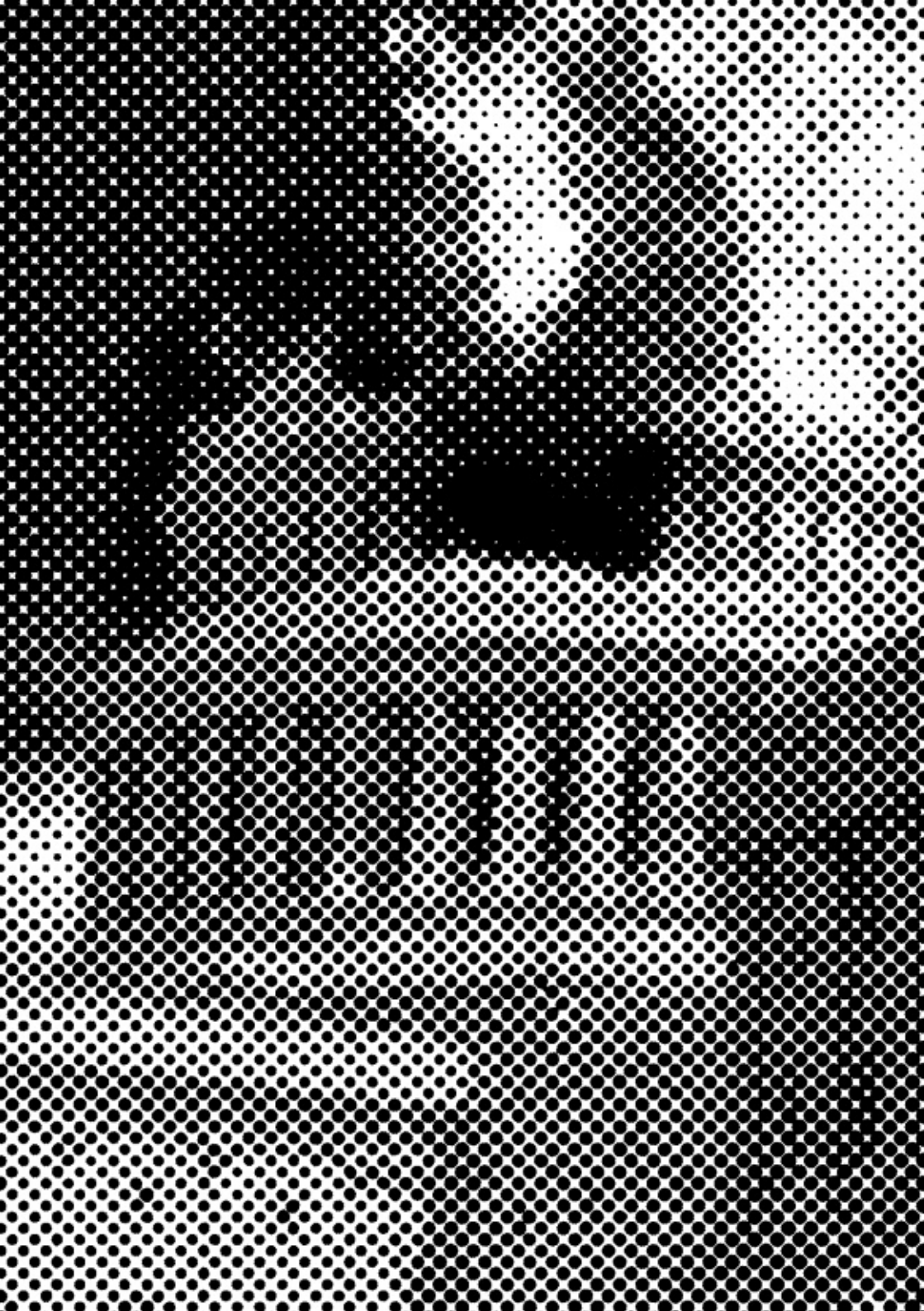
Quando eles mandarem a Força de Segurança Nacional, nós vamos cortar os postes telefônicos com motosserras para evitar que avancem — e eles vão largar suas armas quando enxergarem suas sobrinhas e sobrinhos do outro lado das barricadas. Nessa noite, vamos arrastar os móveis para fora dos escritórios e das lojas de departamentos para construir grandes fogueiras nos cruzamentos; vamos sentar ao redor delas, passando de mão em mão comida e bebida, contando as incríveis histórias de como chegamos lá.

Na manhã seguinte vamos nos aventurar um a um, depois em pares, para vasculhar os escombros — que talvez, depois do choque inicial, pareça com um grande parquinho. Vamos olhar as carcaças das máquinas mortas espantados que vivíamos em uma sociedade alimentada por forças além de nossa compreensão; a partir desse momento, o nosso entendimento será aguçado pelo desafio de construir tudo do zero.

Alguns ficarão bravos, alguns feridos; outros vão escalar grandes pilhas de destroços para olhar o sol nascer, tentando enxergar, além dele, o futuro, e sentar lá em silêncio por muito, muito tempo. Vamos passar nossos dedos pelas cicatrizes uns dos outros, apertar nossas mãos e sacudir nossas cabeças; talvez alguém cante suavemente.

Vamos ficar na frente de supermercados saqueados, arremessando latas de refrigerante e batendo nelas com cabos de machados para assistí-las explodir no ar, rodando como piões. Vamos decorar os postes de luz com cortinas de cetim, pintar nossos próprios nomes nas placas de nomes de ruas, jogar uns nos outros enfeites de Natal como se fossem bolas de neve. Vamos passar extensões elétricas em torno de velhos monumentos para derrubá-los como fizeram na Comuna de Paris; vamos esvaziar nossos congeladores de pratos pré-prontos e jogá-los de cima dos telhados enquanto comemos maçãs frescas de árvores novas. É isso que será preciso para redescobrirmos que somos os mestres das coisas e não elas nossos mestras. Usando véus de noiva e jaquetas de bombeiros, deixando uma trilha de cristais quebrados por onde passamos, vamos criar um atalho tão largo até os portões do paraíso que ninguém será capaz de fechá-lo novamente.

Vamos tatuar nossos rostos para comemorar que não existem mais fronteiras para serem cruzadas, que podemos encontrar nossos opressores em guerra aberta ao invés de termos que nos esconder nas alfândegas. Delegacias de polícia serão esvaziadas, policiais vão caminhar com medo de serem pegos e levados a prédios ocupados,



e da próxima vez que terroristas jogarem aviões em prédios institucionais, ninguém estará trabalhando neles.

A terra dará a luz a estrelas que humilharão os céus, e teremos hospitais sem pessoas doentes em vez de termos pessoas doentes sem hospitais, como temos hoje. Ferreiros mais uma vez levantarão seus martelos pesados no ar, forjando coroas grandes o suficiente para caberem em todas cabeças de uma vez. Dirigindo pela selva em estradas tapadas pelo mato com o último tanque de gasolina da espécie humana, veremos fogos de artifício subindo aos céus no horizonte — um sinalizador que diz "não me salve!"

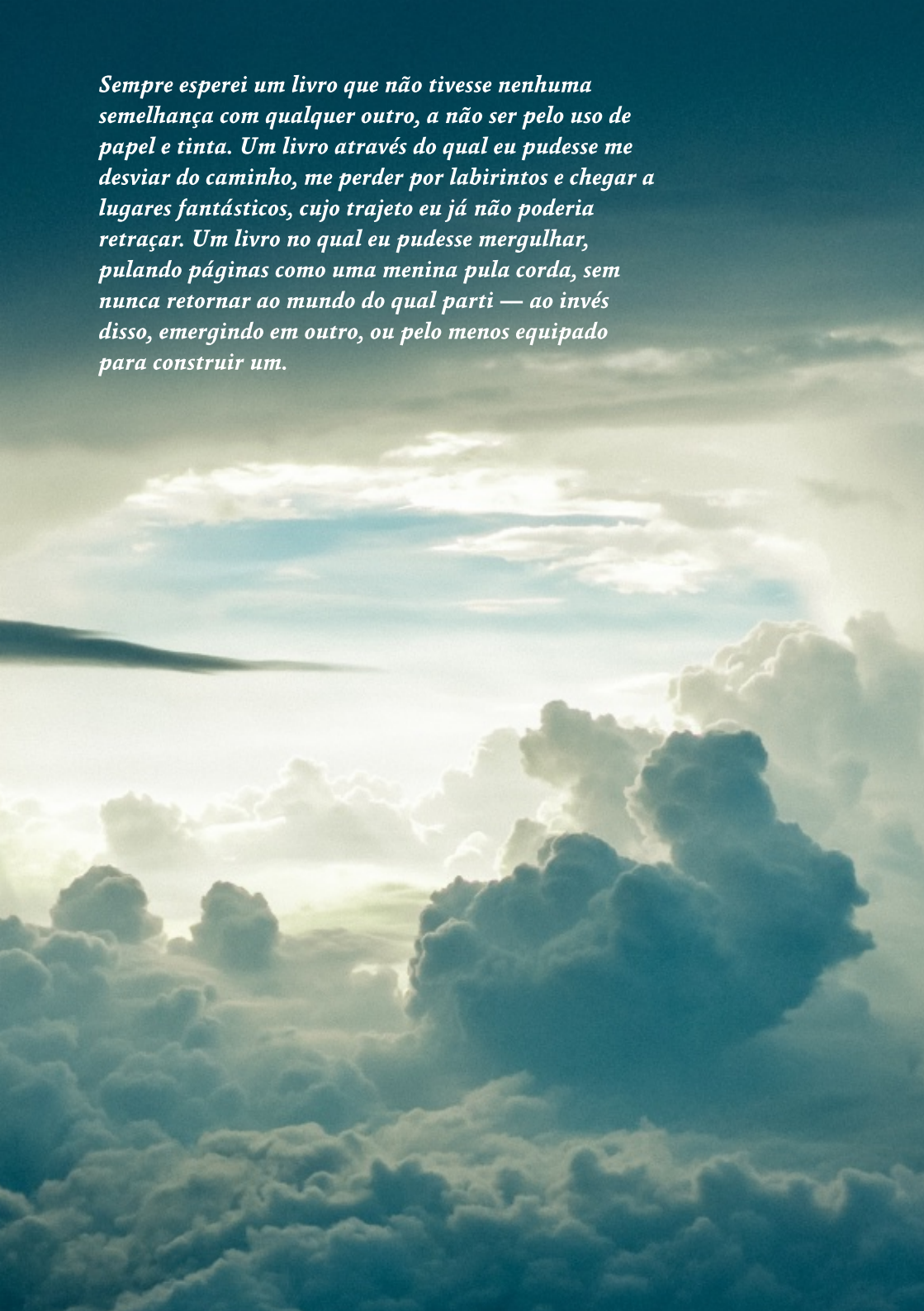
Uma década para conseguir encontrar técnicos capazes de desarmar ogivas e desativar usinas nucleares; uma geração para substituir mini-mercados por jardins e xarope por chás naturais; um século para vacas leiteiras e cães poodle voltarem a um estado feral; quinhentos anos para derreter canhões e transformá-los em taças de vinho, canos d'água e sinos; um milênio para que os dentes-de-leão que crescem na calçada se tornem uma floresta.

Ou então nada disso acontecerá, mas teremos a aventura de nossas vidas; e se nos encontrarmos novamente, construiremos outro castelo no céu.

Caro amigo
Onde
Eu termino
Você começa.

E isso não é nada comparado com o que serei capaz de te contar amanhã à noite se eu ainda estiver vivo.

a explosão das estrelas não é reservada para portadores de ingresso



Sempre esperei um livro que não tivesse nenhuma semelhança com qualquer outro, a não ser pelo uso de papel e tinta. Um livro através do qual eu pudesse me desviar do caminho, me perder por labirintos e chegar a lugares fantásticos, cujo trajeto eu já não poderia retraçar. Um livro no qual eu pudesse mergulhar, pulando páginas como uma menina pula corda, sem nunca retornar ao mundo do qual parti — ao invés disso, emergindo em outro, ou pelo menos equipado para construir um.